UNIVERSIDADE DE SÃO PAULO
MUSEU DE ARQUEOLOGIA E ETNOLOGIA
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM ARQUEOLOGIA

**A Ocupação Pré-Colonial na Fronteira Ocidental-Adaptabilidade Humana,
Territorialidade e Aspectos Geomorfológicos na Microrregião do Alto Guaporé, Mato
Grosso**

Volume I

Luiz Fernando Erig Lima

São Paulo
2010

UNIVERSIDADE DE SÃO PAULO
MUSEU DE ARQUEOLOGIA E ETNOLOGIA
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM ARQUEOLOGIA

**A Ocupação Pré-Colonial na Fronteira Ocidental-Adaptabilidade Humana,
Territorialidade e Aspectos Geomorfológicos na Microrregião do Alto Guaporé, Mato
Grosso**

Volume I

Luiz Fernando Erig Lima

**Tese de Doutorado, apresentada ao Programa
de Pós-Graduação em Arqueologia, do Museu
de Arqueologia e Etnologia da Universidade de
São Paulo.**

Orientadora: Profa. Dra. Marisa Coutinho Afonso
Linha de Pesquisa: Espaço e Organização Social

São Paulo
2010

Dedicatória:

Dedico este trabalho em memória de algumas pessoas queridas, as quais infelizmente no decorrer desta etapa partiram para outro plano. Deixaram entre nós saudades, mas também o conforto de suas agradáveis presenças ainda vivas em nossas lembranças:

Meu tio, Antônio Cleônio Lima

Meu Cunhado, Marcos Aurélio Chaiben

Joaquim das Neves, Rei do Congo de Vila Bela da Santíssima Trindade

James B. Petersen (Universidade de Vermont, EUA)

Fiquem com Deus....

“Mas tentador para um geógrafo es el Mato grosso, el estado brasileño que colinda com Bolívia. Allí todavía quedan importantes espacios sin explorar; se puede encontrar todavía algún que otro afluente de afluentes que ningún hombre blanco há navegado. (...) Em esta zona, también um etnógrafo tendría trabajo interminable.”

(Erland Nordenskiöld, 1914)

AGRADECIMENTOS

Entre a defesa de meu mestrado e a entrega deste doutorado, sete anos se passaram. Embora o início desta etapa corresponda oficialmente a Julho de 2006, posso afirmar que o meu primeiro contato com a região guaporeana via o Projeto Fronteira Ocidental ocorreu em Dezembro de 2003: o sonho de um projeto de doutorado começava a se formar.

Conforme a memória permitir, aproveito para manifestar meus agradecimentos.

Ao Museu de Arqueologia e Etnologia da Universidade de São Paulo (MAE-USP) por mais esta oportunidade oferecida; à minha orientadora Profa. Dra. Marisa Coutinho Afonso por seu apoio e orientação durante esses anos; à Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior (CAPES) pela bolsa de estudos a mim cedida; ao Prof. Dr. Paulo Zanettini, coordenador do Projeto Fronteira Ocidental, cujo convite a mim oferecido não apenas permitiu minha atuação neste projeto, bem como o usufruto de seus dados, sendo suas sugestões em nossas conversas de grande valia no esclarecer de algumas idéias.

Agradeço aos colegas e amigos Ângelo Alves Correa, Camila Azevedo Moraes, Luana Antoneto Alberto, Márcia Lika Hatori e Rute Pontim por suas sugestões bibliográficas e procedimentos em análises lito-cerâmicas; a Ione Aparecida M. Castilhos Pereira, Iberê Fernando de Oliveira Martins, Hendrigo Valenziano, Valéria C. F. e Silva e Paulo José de Lima pelo auxílio em algumas etapas de campo; à Marcel Lopes pelo trabalho de contabilização do acervo arqueológico depositado na reserva técnica do Museu Histórico e Arqueológico de Vila Bela da Santíssima Trindade Joaquim Marcelo Profeta da Cruz; a Juliano Meneghello pelo apoio em campo e o auxílio na elaboração de dados de georreferenciamento dos sítios arqueológicos estudados e, principalmente pelo auxílio na formatação e elaboração dos arquivos em PDF às vésperas das festas natalinas, cujo auxílio contei também com a ajuda dos colegas Breno Roberto Paiva e Tatiana Versieux Figueiredo. À arquiteta e desenhista Gabriela Ribeiro Farias pelo auxílio no preparo dos desenhos, mapas e fotografias durante o processo de elaboração das pranchas ilustrativas; a José Quintino da Silva Júnior e Louis Van Slouys (Zanettini Arqueologia) pelos seus auxílios em minhas dificuldades em computação e localização de arquivos digitais.

Aos Profs. Drs. Astolfo Gomes de Melo Araújo e Denise Maria Cavalcante Gomes por suas sugestões e críticas construtivas em meu exame de qualificação; ao Prof. Dr. Luis Cláudio Pereira Symanski por sua orientação no uso do Programa Systat, além de suas sugestões bibliográficas referentes às teorias arqueológicas e fenômenos de territorialidade; ao

Prof. Dr. Jorge Eremites de Oliveira pelo fornecimento de material bibliográfico e troca de idéias.

Ao fotógrafo, indigenista e documentarista Mário Maurício Caverni Friedländer e, ao arqueometrista Mendel Kahan, cujas companhias na longa etapa de campo da Serra da Borda tornaram esta memorável.

A Yamana/Santa Elina Desenvolvimento Mineral S/A pelo apoio logístico e aos seus auxiliares de campo José Carlos de Lima Martins, Homero Dominiciano Alves, Carlito Nascimento Pereira, Gilberto Constantino Vieira e Benedito de Moraes da Mota durante quatro meses de campanha na Serra da Borda (Projeto São Francisco).

Aos auxiliares de campo Adailton Correia Rodriguez, Adonilton Bernardo da Silveira, Adriano dos Santos Alves, João José de Lira, José Nascimento da Silva, Sérgio Marcos Correia Leite, Valdemiro Frauzino da Silva durante a etapa de resgate do Ramal de Distribuição Rural de 34,5 kV da Lavra de São Francisco.

Aos auxiliares de campo Divino Altair Villas Boas da Silva, Freire Martins de Souza, Samuel Alves de Souza, Tiago Bastiani, Vanclei Evandro Villas Boas, Isaías Francisco da Silva pela etapa de resgate do Sítio Capão do Canga, o primeiro se tornado um auxiliar constante de campo e de laboratório em etapas posteriores.

Aos motoristas Hélio da Silva, Antônio Carlos Bastiani e Uramildes (INCRA/VBST) pelo apoio de transporte nas etapas de campo.

Ao povo vilabelense cuja hospitalidade e espírito de amizade tornaram possível a continuidade de todas as etapas do Projeto Fronteira Ocidental: Sandra Maria Miranda da Cruz e Flávio Geraldês de Paula (Neguinho) do Hotel Cascata, nosso “centro de operações”; Elizeo Ferreira de Souza, Guido Profeta da Cruz (*em memória*), Joaquim das Neves (*em memória*), Leovigildo Fernandes de Brito e Zeferino Profeta da Cruz pelas histórias e relatos dos “tempos antigos”, a Aldir Moraes (Rei) pelos *shows* durante os churrascos e as peixadas, ao historiador Benildes do Carmo da Silva pelo seu auxílio e conhecimento quanto à existência de vestígios arqueológicos na região, aos funcionários do Museu Joaquim Marcelo Profeta da Cruz, Hoffman Said Coelho Dias (estagiário) pelo seu auxílio em algumas etapas de campo e nas etapas de laboratório; Eunice Fernandes de Brito (atendente) e Rosemar da Silva (administração do acervo).

As bibliotecárias do MAE Eleuza Gouveia e Eliana Rotolo no auxílio às buscas bibliográficas e a correção da bibliografia no corpo da tese.

Aos meus familiares por apoio e paciência em mais esta etapa.

Resumo

O Alto Guaporé por suas características e situação geográfica, contribuiu como uma região estratégica de convergência e/ou passagem de muitas populações indígenas pré-coloniais e etno-históricas oriundas de regiões vizinhas a esta porção peculiar do território sul americano, envolvendo desde possíveis grupos paleoíndios do Pleistoceno Superior a comprovados grupos pré-ceramistas arcaicos do Holoceno Antigo e Médio, ceramistas da Era Cristã, bem como grupos etno-históricos contemporâneos.

Levantamentos arqueológicos efetuados pelo Projeto Fronteira Ocidental nas duas últimas décadas em um raio de 100 km no entorno da cidade de Vila Bela da Santíssima Trindade, fronteira do estado do Mato Grosso e a República da Bolívia, levaram a um registro e estudo de 52 sítios arqueológicos distribuídos em cinco padrões de inserção dentro de três compartimentos geomorfológicos principais peculiares à região em estudo.

Entre as ocupações ceramistas, cada qual concentrada nos compartimentos geomorfológicos ali existentes, foi possível reconhecer uma indústria cerâmica ainda inédita na literatura arqueológica concernente à área do Alto Guaporé (Cerâmica Capão do Canga), além de prováveis fenômenos de territorialidade e de existência de redes de trocas.

Palavras-Chave: Arqueologia Regional, Territorialidade, Trocas, Cerâmica, Guaporé.

Abstract

The Upper Guaporé, due to its characteristics and geographical situation, acted as a strategic region of convergence and/or passage of many pre-colonial and ethno-historical indigenous populations from regions adjacent to this peculiar portion of the territory of South America, ranging from possible Pleistocene Paleo-Indians to confirmed pre-ceramic Old and Middle Holocene groups, ceramists of the Christian Era, as well as ethno-historical contemporary indian groups.

Archaeological surveys conducted by the *Projeto Fronteira Ocidental* in the last two decades within a 100 km radius around the city of Vila Bela da Santíssima Trindade, on the border between the Brazilian State of Mato Grosso and the Republic of Bolivia, led to record and study 52 archaeological sites distributed in five settlement patterns into three major geomorphological compartments peculiar to the region under study.

Among the ceramic occupations, each one concentrated on the geomorphological compartments that exist in the study area, it was possible to recognize a new ceramic industry still unknown in the archaeological literature concerning the Upper Guaporé area (Capão do Canga Ceramic), including probable phenomena of territoriality and the existence of exchange networks.

Key Words: Regional Archaeology, Territoriality, Exchanges, Ceramics, Guaporé.

Índice Geral

Volume I

	Página
1. INTRODUÇÃO	1
2. LOCALIZAÇÃO DA ÁREA DE PESQUISA	7
3.DADOS FISIOGRAFICOS	9
3.1. Geologia	9
3.2. Geomorfologia	9
3.2.1. Planície e Pantanal do Alto/Médio Guaporé	9
3.2.2. Planalto Residual Alto Guaporé	12
3.2.3. Depressão do Guaporé	13
3.3. Hidrologia	14
3.4. Clima	15
3.5. Vegetação	16
4. O QUADRO ARQUEOLÓGICO REGIONAL: ÁREAS CIRCUNVIZINHAS AO ALTO RIO GUAPORÉ	19
4.1. Os Primeiros Tempos: Caçadores–Coletores do Pleistoceno Superior ou “Paleoíndios”	19
4.2. Caçadores-coletores do Holoceno Antigo ao Recente	21
4.3. Os ceramistas: agricultores, coletores, pescadores	26
<i>O Estado de Rondônia</i>	30
<i>A Sub-Bacia do Rio Xingu</i>	32
<i>A Bacia Platina e o Pantanal</i>	40
<i>A Bacia Platina e o Planalto Central Brasileiro</i>	47
<i>O Território Amazônico Boliviano</i>	50
4.1. Os Primeiros Tempos: Caçadores–Coletores do Pleistoceno Superior ou “Paleoíndios”	19
4.2. Caçadores-coletores do Holoceno Antigo ao Recente	21
4.3. Os ceramistas: agricultores, coletores, pescadores	26
<i>O Estado de Rondônia</i>	30
<i>A Sub-Bacia do Rio Xingu</i>	32

<i>A Bacia Platina e o Pantanal</i>	40
<i>A Bacia Platina e o Planalto Central Brasileiro</i>	47
<i>O Território Amazônico Boliviano</i>	50
5. PAINEL ARQUEOLÓGICO PARA O VALE DO GUAPORÉ	60
5.1. Antecedentes de Pesquisa	60
5.2. O Vale do Guaporé e a Dispersão dos Povos Tupi	69
6. O QUADRO ETNO-HISTÓRICO E ETNOGRÁFICO REGIONAL	75
6.1. Tribos da Margem Direita do Guaporé (Brasil)	78
6.1.1. Paresi	78
6.1.2. Nambiquara	80
6. 2. Tribos da Margem Esquerda do Guaporé (Bolívia)	85
6. 2.1. O Oriente Boliviano: As Províncias de Chiquitos e de Mojos	85
6.2.2. Grupos do Troco Lingüístico Tupi-Guarani	90
6.3. O Quadro Indígena Atual	87
7. MÉTODOS DE CAMPO E DE LABORATÓRIO	94
7.1. Métodos de Levantamento de Campo	94
7.2. Métodos de Laboratório: a análise de materiais cerâmicos e líticos	102
Análise Cerâmica	104
A Ficha de Análise Cerâmica: Atributos e Variáveis	110
FICHA DE ANÁLISE CERÂMICA	110
Análise Lítica	128
A Ficha de Análise Lítica: Atributos e Variáveis	132
FICHA DE ANÁLISE LÍTICA	132
8. QUADRO GERAL DOS LEVANTAMENTOS DO PROJETO FRONTEIRA OCIDENTAL E DOS PROJETOS DE RESGATE ARQUEOLÓGICO ENVOLVIDOS	136
9. AFILIAÇÕES CRONOLÓGICO-CULTURAIS	140
9.1. Identificando a Cerâmica Capão do Canga	145
9.2. Aspectos Gerais da Cerâmica Capão do Canga	149
9.3. Aspectos gerais das Indústrias Cerâmicas da Micro-Bacia do Córrego Banhado (Depressão do Guaporé)	160

10. OS COMPARTIMENTOS GEOMORFOLÓGICOS E SEUS SÍTIOS	173
10.1. A Planície e Pantanal do Alto e Médio e Guaporé	173
10.1.1. Os sítios das Planícies Amplas (A.1)	175
10.1.1.1. Os Sítios dos Terrenos de Crostas Lateríticas	175
<i>Capão do Canga</i>	175
<i>Cascalheira da Manilha</i>	223
<i>Lixão</i>	225
<i>Monarelli</i>	228
<i>Morrinho</i>	234
<i>Terra Arada</i>	245
10.1.1.2. Os Sítios das Planícies de Baías do Rio Guaporé e/ou de Seus Afluentes	256
<i>Idamar</i>	256
<i>Ilha do Espinho</i>	261
<i>Pai e Filho</i>	266
<i>Santana do Guaporé</i>	273
<i>Dona Maria</i>	278
<i>Retiro I</i>	282
<i>Retiro II</i>	284
<i>Boa Esperança</i>	287
<i>Boqueirão I</i>	290
<i>Boqueirão II</i>	292
<i>Betânia</i>	294
<i>Calvarinho</i>	300
<i>Calvário</i>	305
<i>Campina</i>	309
<i>Canivete (ou Santa Isabel)</i>	313
10.1.2. Os sítios das Planícies Fluviais Restritas (A.2)	317
<i>Casalvasco I (Casalvasco Velho)</i>	317
<i>Casalvasco-II</i>	318

<i>Fazenda Auxiliadora</i>	331
<i>Fazenda Formosa</i>	341
<i>Comunidade Porto da Manga</i>	347
<i>Jardim Aeroporto</i>	349
<i>Carlos Augusto</i>	354
<i>Cubatão</i>	359
<i>Cachoeira do Vira Copo</i>	367
10. 1. 3. Doações Procedentes da Planície de Inundação do Alto /Médio Guaporé	369
<i>Doação 1-a (D 1-a)</i>	370
<i>Doação 1-b (D 1-b)</i>	371
<i>Doação 1-c (D 1-c)</i>	372
<i>Doação 2-a (D 2-a)</i>	373
<i>Doação 2-b (D 2-b)</i>	374
<i>Doação 4 (D 4)</i>	375
<i>Doação 5 (D 5)</i>	376
<i>Doação 8a-e (D 8a-e)</i>	377
<i>Doação 10 (D 10)</i>	379
<i>Doação 11 (D 11)</i>	381
<i>Doação 12 (D 12)</i>	382
<i>Doação 13 (D 13)</i>	383
<i>Doação 14 (D 14)</i>	384
<i>Doação 15 (D 15)</i>	385
<i>Doação 16 (D 16)</i>	386
<i>Doação 17 (D 17)</i>	387
<i>Doação 18 (D 18)</i>	388
<i>Doação 19 (D 19)</i>	389
<i>Doação 20 (D 20)</i>	390
<i>Doação 21 (D 21)</i>	391
<i>Doação 22 (D 22)</i>	392

<i>Doação 23-a (D 23-a)</i>	393
<i>Doação 23-b (D 23-b)</i>	395

Volume II

10. 2. Planalto Residual do Alto Guaporé	397
10.2.1. Os sítios do Planalto Residual do Alto Guaporé	397
<i>Longa Vira</i>	397
<i>Cabeceiras</i>	407
<i>Estrada Nova (Estrada 1)</i>	420
10. 2. 2. Ocorrências Líticas Procedentes dos Municípios de Porto Esperidião e de Pontes e Lacerda	425
<i>Ocorrência 31 (OC-31)</i>	425
<i>Ocorrência 32 (OC-32)</i>	425
10.3. Depressão do Guaporé	428
10.3.1. Os Sítios da Depressão do Guaporé	431
<i>São Paulo</i>	431
<i>Três Coqueiros (Estrada 2)</i>	432
<i>Travessão (Estrada 3)</i>	434
<i>Babaçual Grande (Estrada 4)</i>	436
<i>Sancara (Estrada 5)</i>	438
<i>São José</i>	440
<i>São Carlos</i>	441
<i>Subestação Galera</i>	442
<i>Campo Verde</i>	486
<i>Estrelinha</i>	489
<i>Fazenda Primavera</i>	492
<i>Franco de Amaral</i>	505
<i>Fazenda Conquista</i>	527
<i>Coopropol</i>	545

<i>Santa Rosa</i>	550
<i>Toca da Onça</i>	558
<i>Diamante</i>	564
<i>Pedra do Urubu</i>	566
<i>Cachoeira Uirapuru</i>	572
10.3.3. Análises Cerâmicas e Líticas a Partir de Ocorrências e Doações da Depressão do Guaporé.	576
<i>Ocorrência 10 (OC-10)</i>	576
<i>Ocorrência 11 (OC-11)</i>	579
<i>Ocorrência 29 (OC-29)</i>	579
<i>Doação (Peso de Fuso)</i>	579
11. DISCUSSÃO DOS DADOS	581
11. 1) As primeiras ocupações: caçadores coletores do Pleistoceno ao Holoceno Médio	581
11. 2) As Ocupações Ceramistas	585
11. 2. 1) A Tradição Una	585
11. 2. 2) As Indústrias Ceramistas da Micro-Bacia do Córrego Banhado	587
11. 2. 3) A Cerâmica Capão do Canga	594
11. 2. 4) A Cerâmica da Tradição Uru	603
11. 2. 5) A Cerâmica da Tradição Tupiguarani	606
11. 3) As Redes de Trocas na Área em Estudo	607
11. 4) As indústrias Líticas do Planalto Residual do Guaporé	616
11. 5) Os sítios Rupestres da Depressão do Guaporé	619
11. 6) Haveriam Fenômenos de Territorialidade no Alto Guaporé?	621
CONCLUSÕES FINAIS	626
BIBLIOGRAFIA	637
ANEXO 1: Caderno de Imagens Extras (CD-ROM anexo) .	

Lista de Mapas

Volume I

Mapa 1: Localização da Área de Pesquisa.	8
Mapa 2: Compartimentos Geomorfológicos da Micro-Região do Alto Guaporé e Respectiva Distribuição de Sítios Arqueológicos Levantados Durante o Projeto de Doutorado.	10
Mapa 3: Localização dos Sítios Arqueológicos Levantados na Área Abrangida Pelo Projeto de Doutorado.	96

Lista de Pranchas

Volume I

Prancha 1: Quadro Etnográfico da Área de Pesquisa	76
Prancha 2: Índios Nambiquara.	86
Prancha 3: Formas Gerais Para a Cerâmica Capão do Canga.	158
Prancha 4: Formas Gerais Para a Cerâmica Capão do Canga.	159
Prancha 5: Formas Reconstituídas Para as Indústrias Cerâmicas da Micro-Bacia do Córrego Banhado.	168
Prancha 6: Formas Reconstituídas Para as Indústrias Cerâmicas da Micro-Bacia do Córrego Banhado.	169
Prancha 7: Formas Reconstituídas Para as Indústrias Cerâmicas da Micro-Bacia do Córrego Banhado.	170
Prancha 8: Formas Reconstituídas Para as Indústrias Cerâmicas da Micro-Bacia do Córrego Banhado.	171
Prancha 9: Sítio Capão do Canga.	173
Prancha 10: Sondagens e Intervenções Realizadas no Sítio Capão do Canga.	176
Prancha 11: Sítio Capão do Canga. Tratamentos de Superfície.	189
Prancha 12: Sítio Capão do Canga. Tratamentos de Superfície e Decorações Plásticas.	199
Prancha 13: Sítio Capão do Canga. Decorações Plásticas.	200
Prancha 14: Sítio Capão do Canga. Decorações Plásticas.	201

Prancha 15: Sítio Capão do Canga. Decorações Plásticas Sobre Paredes.	202
Prancha 16: Sítio Capão do Canga. Decorações Plásticas Sobre Paredes.	203
Prancha 17: Sítio Capão do Canga. Decorações Plásticas Sobre Paredes.	204
Prancha 18: Sítio Capão do Canga. Decorações Plásticas Sobre Paredes.	205
Prancha 19: Sítio Capão do Canga. Decorações Plásticas Sobre Paredes.	206
Prancha 20: Sítio Capão do Canga. Decorações Plásticas Sobre Bordas.	207
Prancha 21: Sítio Capão do Canga. Decorações Pintadas.	208
Prancha 22: Sítio Capão do Canga. Decorações Pintadas.	209
Prancha 23: Sítio Capão do Canga. Artefatos Específicos, Material Histórico e Bases.	218
Prancha 24: Sítio Capão do Canga. Formas Reconstituídas.	219
Prancha 25: Sítio Capão do Canga. Formas Reconstituídas.	220
Prancha 26: Sítio Capão do Canga. Peças Líticas.	222
Prancha 27: Sítio Monarelli.	232
Prancha 28: Tratamento de Superfície e Decorações Plásticas.	233
Prancha 29: Sítio Idamar.	259
Prancha 30: Sítio Idamar. Material Cerâmico.	260
Prancha 31: Sítio Ilha do Espinho.	265
Prancha 32: Sítio Dona Maria.	281
Prancha 33: Sítio Calvarinho.	304
Prancha 34: Sítio Calvário.	308
Prancha 35: Sítio Campina.	312
Prancha 36: Sítio Canivete (ou Santa Isabel).	316
Prancha 37: Sítio Casalvasco II.	329
Prancha 38: Sítio Casalvasco II. Tratamentos de Superfície e Decoração.	330
Prancha 39: Sítio Fazenda Auxiliadora.	338
Prancha 40: Sítio Fazenda Auxiliadora. Material Cerâmico.	339
Prancha 41: Sítio Fazenda Auxiliadora. Material Lítico.	340
Prancha 42: Sítio Fazenda Formosa.	345
Prancha 43: Sítio Fazenda Formosa. Material Cerâmico.	346

Prancha 44: Sítio Carlos Augusto.	365
Prancha 45: Sítio Carlos Augusto. Material Lítico.	366

Volume II

Prancha 46: Sítio Longa Vira.	404
Prancha 47: Sítio Longa Vira. Material Lítico Associado à Ocupações Indígenas Etno-Históricas.	405
Prancha 48: Sítio Longa Vira: Material Lítico Associado à Ocupações Históricas	406
Prancha 49: Sítio Cabeceiras.	414
Prancha 50: Sítio Cabeceiras. Registro Topográfico.	415
Prancha 51: Sítio Cabeceiras. Bolsão de Lascamento Identificado na Área I.	416
Prancha 52: Sítio Cabeceiras. Unidades de Escavação Abertas na Área II.	417
Prancha 53: Sítio Cabeceiras: Peças Líticas Provavelmente Associadas a Ocupações de Grupos Indígenas Etno-Históricos.	418
Prancha 54: Sítio Cabeceiras: Peças Líticas Provavelmente Associadas a Ocupações de Grupos Indígenas Etno-Históricos.	419
Prancha 55: Sítio Estrada Nova (ou Estrada 1).	423
Prancha 56: Sítio Estrada Nova (ou Estrada 1). Peças Líticas Unipolares.	424
Prancha 57: Ocorrências 31 e 32.	427
Prancha 58: Imagem do Google Earth onde se observa a Depressão do Guaporé e as Cabeceiras do Córrego Banhado onde é possível observar uma grande concentração de sítios arqueológicos associados às Indústrias Cerâmicas da Micro-Bacia do Córrego Banhado (500-1400 AD).	430
Prancha 59: Sítio Subestação Galera.	443
Prancha 60: Sítio Subestação Galera. Primeira Etapa de Atividades.	447
Prancha 61: Sítio Subestação Galera. Segunda Etapa de Atividades.	448
Prancha 62: Sítio Subestação Galera: Gráficos Gerados Pelo Programa Systat .	452
Prancha 63: Sítio Subestação Galera. Material Cerâmico.	469
Prancha 64: Sítio Subestação Galera. Material Cerâmico.	470
Prancha 65: Sítio Subestação Galera. Material Cerâmico.	471

Prancha 66: Sítio Subestação Galera. Material Cerâmico.	472
Prancha 67: Sítio Subestação Galera. Formas Reconstituídas.	473
Prancha 68: Sítio Subestação Galera. Formas Reconstituídas.	474
Prancha 69: Sítio Subestação Galera. Formas Reconstituídas.	475
Prancha 70: Sítio Subestação Galera. Material Lítico.	483
Prancha 71: Sítio Subestação Galera. Material Lítico.	484
Prancha 72: Sítio Subestação Galera. Material Lítico.	485
Prancha 73: Sítio Campo Verde.	488
Prancha 74: Sítio Estrelinha.	491
Prancha 75: Sítio Franco do Amaral.	506
Prancha 76: Sítio Franco do Amaral. Sepultamento UE-4.	507
Prancha 77: Sítio Franco do Amaral. Sepultamento UE-4.	508
Prancha 78: Sítio Franco do Amaral. Material Cerâmico.	524
Prancha 79: Sítio Franco do Amaral. Material Lito-cerâmico.	525
Prancha 80: Sítio Franco do Amaral (Formas reconstituídas de vasilhames).	526
Prancha 81: Sítio Fazenda Conquista.	528
Prancha 82: Sítio Fazenda Conquista (Material Cerâmico).	542
Prancha 83: Sítio Fazenda Conquista (Material Lito-cerâmico).	543
Prancha 84: Sítio Fazenda Conquista (Formas Reconstituídas de Vasilhames).	544
Prancha 85: Sítio Coopropol.	546
Prancha 86: Sítio Coopropol (Material Lito-cerâmico).	549
Prancha 87: Sítio Santa Rosa.	551
Prancha 88: Sítio Santa Rosa: Forma de Sítio e Oferenda Funerária.	553
Prancha 89: Sítio Santa Rosa (Formas Reconstituídas de Vasilhames).	557
Prancha 90: Sítio Toca da Onça.	561
Prancha 91: Sítio Toca da Onça: Grafismos Rupestres e Oficinas Líticas.	562
Prancha 92: Sítio Toca da Onça: Material Cerâmico com Acabamento de Superfície Erodida.	563
Prancha 93: Sítio Pedra do Urubu.	570
Prancha 94: Sítio Pedra do Urubu: Grafismos Rupestres e Material Cerâmico.	571

Prancha 95: Sítio Cachoeira do Uirapuru.	574
Prancha 96: Sítio Cachoeira do Uirapuru: Grafismos Rupestres e Peças Líticas	575
Prancha 97: Depressão do Guaporé: Ocorrências e Doação	580
Prancha 98: Armações de Maças Líticas (Itaiçás) e Pesos de Fusos Cerâmicos Estrelados: Possíveis Correlação Andinas/Subandinas.	98

Lista de Figuras

Volume I

Figura 1: Pingente de granito polido encontrado na localidade de Palmarito, área da Baía Grande, Município de Vila Bela da Ssa. Trindade-MT.	6
Figura 2: Porcentual de Antiplástico. Fonte: Orton <i>et alli.</i> (1993).	116
Figura 3 : Tipos de queima cerâmica baseadas nos trabalhos Orton <i>et alli.</i> (1993: 134), Bicho (2006: 448) e Moraes (2007).	118
Figura 4: Padrões decorativos nos motivos plásticos incisos da Cerâmica Capão do Canga.	153
Figura 5: Doação 1-a (D 1-a): fragmento de base/ bojo, onde se observa decoração escovada e marcas de folhas de embaúba.	370
Figura 6: Doação 1-b (D 1-b): base em pedestal.	371
Figura 7: Doação 1-c (D 1-c): fragmento de lâmina de machado.	372
Figura 8: Doação 2-a (D 2-a): rodela de fuso.	373
Figura 9: Doação 2-b (D 2-b): fragmento de lâmina de machado.	374
Figura 10: Doação 4 (D 4): lâmina de machado.	375
Figura 11: Doação 5 (D 5): fragmento de borda.	376
Figura 12: Doação 8a (D 8a): fragmento de borda direta inclinada externa com tratamento de superfície por alisamento em ambas as faces.	378
Figura 13: Doação 8b (D 8b): fragmento de base convexa. Exibe erosão na superfície externa ocasionada pelo contato do fundo do vasilhame com o chão.	378
Figura 14: Doação 8c (D 8c): fragmento de parede com tratamento de alisamento em ambas as superfícies.	378

Figura 15: Doação 10 (D 10): o mesmo vasilhame visto sob três ângulos e a reconstituição de seu perfil. À direita ao centro: reprodução por decalque dos motivos pintados em seu bojo.	380
Figura 16: Doação 11 (D 11): lâmina de machado polido.	381
Figura 17: Doação 12 (D 12): lâmina de machado polido.	382
Figura 18: Doação 13 (D 13): quebra-coco multifacetado.	383
Figura 19: Doação 14 (D 14): lâmina de machado polido.	384
Figura 20: Doação 15 (D 15): lâmina de machado polido.	385
Figura 21: Doação 16 (D 16): lâmina de machado polido.	386
Figura 22: Doação 17 (D 17): lâmina de machado polido.	387
Figura 23: Doação 18 (D 18): rodela de fuso.	388
Figura 24: Doação 19 (D 19): rodela de fuso.	389
Figura 25: Doação 20 (D 20): lâmina de machado polido.	390
Figura 26: Doação 21 (D 21): mão-de- mó polida.	391
Figura 27: Doação 22 (D 22): mão-de- mó picoteada.	392
Figura 28: Doação 23-a (D 23-a): urna funerária proveniente da localidade da Ponta do Aterro, Vila Bela da Santíssima Trindade.	394
Figura 29: Doação 23-b (D 23-b): tigela componente como tampa da urna funerária proveniente da localidade da Ponta do Aterro, Vila Bela da Santíssima Trindade.	396

Volume II

Figura 30: Fragmentos cerâmicos procedentes do Sítio Diamante.	564
---	------------

Lista de Gráficos

Volume I

Gráfico 1: Categorias cerâmicas do sítio Capão do Canga.	181
Gráfico 2: Tipos de antiplásticos presentes no sítio Capão do Canga.	182
Gráfico 3: Espessura máxima dos antiplásticos presentes no sítio Capão do Canga.	182

Gráfico 4: Antiplásticos associados à espessura máxima no sítio Capão do Canga.	183
Gráfico 5: Frequência dos antiplásticos minerais presentes no sítio Capão do Canga.	183
Gráfico 6: Porcentual de antiplásticos nas pastas cerâmicas do sítio Capão do Canga.	184
Gráfico 7: Predominância dos tipos de queima nas pastas cerâmicas do sítio Capão do Canga.	185
Gráfico 8: Tratamento de superfície externo nas cerâmicas do sítio Capão do Canga.	186
Gráfico 9: Tratamento de superfície interno nas cerâmicas do sítio Capão do Canga.	186
Gráfico 10: Porcentual de decoração na face externa dos vasilhames do sítio Capão do Canga.	187
Gráfico 11: A decoração plástica incisa na cerâmica do sítio Capão do Canga e sua associação com o tratamento de superfície externo dos vasilhames.	188
Gráfico 12: Motivos plásticos incisos registrados na coleção cerâmica do Sítio Capão do Canga.	193
Gráfico 13: A decoração pintada na cerâmica do sítio Capão do Canga e sua associação com o tratamento de superfície externo dos vasilhames.	196
Gráfico 14: Motivos pintados registrados na coleção cerâmica do Sítio Capão do Canga.	197
Gráfico 15: Marcas de uso na cerâmica do Sítio Capão do Canga.	198
Gráfico 16: Formas de Vasilhas obtidas a partir de bordas com morfologia extrovertida na coleção do Sítio Capão do Canga.	211
Gráfico 17: Formas de Vasilhas obtidas a partir de bordas com morfologia direta na coleção do Sítio Capão do Canga.	214
Gráfico 18: Categorias cerâmicas do sítio Morrinho.	235
Gráfico 19: Tipos de antiplásticos presentes no sítio Morrinho.	236
Gráfico 20: Espessura máxima dos antiplásticos presentes no sítio Morrinho.	236
Gráfico 21: Frequência dos antiplásticos minerais presentes no sítio Morrinho.	237
Gráfico 22: Porcentual de antiplásticos nas pastas cerâmicas do sítio Morrinho.	238
Gráfico 23: Predomínio dos tipos de queima nas pastas cerâmicas do sítio Morrinho.	238
Gráfico 24: Tratamento de superfície externo nas cerâmicas do sítio Morrinho.	239
Gráfico 25: Tratamento de superfície interno nas cerâmicas do sítio Morrinho.	239
Gráfico 26: Porcentual de decoração na face externa dos vasilhames do sítio Morrinho.	240
Gráfico 27: Marcas de uso na cerâmica do Sítio Morrinho.	242
Gráfico 28: Categorias cerâmicas do sítio Terra Arada.	246

Gráfico 29: Tipos de antiplásticos presentes no sítio Terra Arada.	247
Gráfico 30: Espessura máxima dos antiplásticos presentes no sítio Terra Arada.	247
Gráfico 31: Porcentual de antiplásticos nas pastas cerâmicas do sítio Terra Arada.	248
Gráfico 32: Predomínio dos tipos de queima nas pastas cerâmicas do sítio Terra Arada.	249
Gráfico 33: Tratamento de superfície externo nas cerâmicas do sítio Terra Arada.	249
Gráfico 34: Tratamento de superfície interno nas cerâmicas do sítio Terra Arada.	250
Gráfico 35: Porcentual de decoração na face externa dos vasilhames do sítio Terra Arada.	251
Gráfico 36: A decoração plástica incisa na cerâmica do sítio Terra Arada e sua associação com o tratamento de superfície externo dos vasilhames.	252
Gráfico 37: Motivos plásticos incisos registrados na coleção cerâmica do Sítio Terra Arada.	253
Gráfico 38: Marcas de uso na cerâmica do Sítio Terra Arada.	254
Gráfico 39: Categorias cerâmicas do sítio Pai e Filho.	267
Gráfico 40: Tipos de antiplásticos presentes no sítio Pai e Filho.	268
Gráfico 41: Espessura máxima dos antiplásticos presentes no sítio Pai e Filho.	268
Gráfico 42: Tratamento de superfície externo nas cerâmicas do sítio Pai e Filho	269
Gráfico 43: Tratamento de superfície interno nas cerâmicas do sítio Pai e Filho	270
Gráfico 44: Tipos de antiplásticos presentes no sítio Santana do Guaporé.	274
Gráfico 45: Porcentual de antiplásticos nas pastas cerâmicas do sítio Santana do Guaporé.	275
Gráfico 46: Predominância dos tipos de queima nas pastas cerâmicas do sítio Santana do Guaporé.	275
Gráfico 47: Tratamento de superfície externo nas cerâmicas do sítio Santana do Guaporé.	276
Gráfico 48: Tratamento de superfície interno nas cerâmicas do sítio Santana do Guaporé.	276
Gráfico 49: Predomínio dos tipos de queima nas pastas cerâmicas do sítio Retiro II.	285
Gráfico 50: Categorias cerâmicas do sítio Betânia.	295
Gráfico 51: Tipos de antiplásticos presentes no sítio Betânia.	296
Gráfico 52: Espessura máxima dos antiplásticos presentes no sítio Betânia.	296
Gráfico 53: Porcentual de antiplásticos nas pastas cerâmicas do sítio Betânia.	297
Gráfico 54: Predomínio dos tipos de queima nas pastas cerâmicas do sítio Betânia.	297
Gráfico 55: Predomínio dos tipos de queima nas pastas cerâmicas do sítio Calvarinho.	301

Gráfico 56: Tipos de antiplásticos presentes no sítio Calvário.	306
Gráfico 57: Predominância dos tipos de queima nas pastas cerâmicas do sítio Calvário.	307
Gráfico 58: Categorias cerâmicas do Sítio Casalvasco II.	319
Gráfico 59: Tipos de antiplásticos presentes no sítio Casalvasco II.	319
Gráfico 60: Espessura máxima do antiplástico presente no sítio Casalvasco II.	320
Gráfico 61: Frequência dos antiplásticos minerais presentes no sítio Casalvasco II.	320
Gráfico 62: Predomínio dos tipos de queima nas pastas cerâmicas do sítio Casalvasco II.	321
Gráfico 63: Tratamento de superfície externo nas cerâmicas do sítio Casalvasco II.	322
Gráfico 64: Tratamento de superfície interno nas cerâmicas do sítio Casalvasco II.	322
Gráfico 65: Porcentual de decoração na face externa dos vasilhames do sítio Casalvasco II.	324
Gráfico 66: A decoração plástica incisa na cerâmica do sítio Casalvasco II e sua associação com o tratamento de superfície externo dos vasilhames.	324
Gráfico 67: Marcas de uso na cerâmica do Sítio Casalvasco II.	325
Gráfico 68: Categorias cerâmicas do Sítio Fazenda Auxiliadora.	332
Gráfico 69: Tipos de antiplásticos presentes no sítio Fazenda Auxiliadora.	333
Gráfico 70: Espessura máxima dos antiplásticos presentes no sítio Fazenda Auxiliadora.	333
Gráfico 71: Porcentual de antiplásticos nas pastas cerâmicas do sítio Fazenda Auxiliadora.	334
Gráfico 72: Tipos de queima nas pastas cerâmicas do sítio Fazenda Auxiliadora.	335
Gráfico 73: Tratamento de superfície Externo nas cerâmicas do sítio Fazenda Auxiliadora.	335
Gráfico 74: Tratamento de superfície Interno nas cerâmicas do sítio Fazenda Auxiliadora.	336
Gráfico 75: Tipos de antiplásticos presentes no sítio Fazenda Formosa.	342
Gráfico 76: Tipos de antiplásticos presentes no sítio Jardim Aeroporto.	350
Gráfico 77: Porcentual de antiplásticos nas pastas cerâmicas do sítio Jardim Aeroporto.	351
Gráfico 78: Tipos de queima nas pastas cerâmicas do sítio Jardim Aeroporto.	351
Gráfico 79: Tratamento de superfície Externo nas cerâmicas do sítio Jardim Aeroporto.	352
Gráfico 80: Tratamento de superfície Interno nas cerâmicas do sítio Jardim Aeroporto.	352
Gráfico 81: Predomínio dos tipos de queima nas pastas cerâmicas do sítio Carlos Augusto.	355
Gráfico 82: Categorias cerâmicas do sítio Cubatão.	360
Gráfico 83: Tipos de antiplásticos presentes no sítio Cubatão.	361

Gráfico 84: Espessura máxima dos antiplásticos presentes no sítio Cubatão.	361
Gráfico 85: Porcentual de antiplásticos nas pastas cerâmicas do sítio Cubatão.	362
Gráfico 86: Predomínio dos tipos de queima nas pastas cerâmicas do sítio Cubatão.	362
 Volume II	
Gráfico 87: Matéria prima utilizada entre as peças líticas pré-coloniais do Sítio Longa Vira.	400
Gráfico 88: Quantidade de córtex presente entre as peças líticas pré-coloniais do sítio Longa Vira.	400
Gráfico 89: Quantidade de córtex presente entre as peças lascadas do sítio Cabeceiras.	408
Gráfico 90: Tipos de lascamento presentes entre as peças lascadas do sítio Cabeceiras.	409
Gráfico 91: Categorias cerâmicas do sítio Subestação Galera.	454
Gráfico 92: Tipos de antiplásticos presentes no sítio Subestação Galera.	455
Gráfico 93: Espessura máxima dos antiplásticos presentes no sítio Subestação Galera.	455
Gráfico 94: Porcentual de antiplásticos nas pastas cerâmicas do sítio Subestação Galera.	456
Gráfico 95: Predominância dos tipos de queima nas pastas cerâmicas do sítio Subestação Galera.	456
Gráfico 96: Tratamento de superfície externo nas cerâmicas do sítio Subestação Galera.	457
Gráfico 97: Tratamento de superfície interno nas cerâmicas do sítio Subestação Galera.	457
Gráfico 98: Porcentual de decoração na face externa dos vasilhames do sítio Subestação Galera.	459
Gráfico 99: Marcas de uso na cerâmica do Sítio Subestação Galera.	461
Gráfico 100: Formas de Vasilhas obtidas a partir de bordas com morfologia direta na coleção do Sítio Subestação Galera.	462
Gráfico 101: Formas de Vasilhas obtidas a partir de bordas com morfologia extrovertida na coleção do Sítio Subestação Galera.	465
Gráfico 102: Matéria prima lítica presente no Sítio Subestação Galera.	476
Gráfico 103: Suportes presentes no Sítio Subestação Galera.	477
Gráfico 104: Porcentual de córtex presente nos suportes líticos do Sítio Subestação Galera.	477
Gráfico 105: Categorias líticas do Sítio Subestação Galera.	478
Gráfico 106: Categorias cerâmicas do sítio Fazenda Primavera.	493

Gráfico 107: Tipos de antiplásticos presentes no sítio Fazenda Primavera.	494
Gráfico 108: Espessura máxima dos antiplásticos presentes no sítio Fazenda Primavera.	495
Gráfico 109: Porcentual de antiplásticos nas pastas cerâmicas do sítio Fazenda Primavera.	495
Gráfico 110: Predominância dos tipos de queima nas pastas cerâmicas do sítio Fazenda Primavera.	496
Gráfico 111: Tratamento de superfície externo nas cerâmicas do sítio Fazenda Primavera.	497
Gráfico 112: Tratamento de superfície interno nas cerâmicas do sítio Fazenda Primavera.	497
Gráfico 113: Formas de Vasilhas obtidas a partir de bordas com morfologia direta na coleção do Sítio Fazenda Primavera.	500
Gráfico 114: Formas de Vasilhas obtidas a partir de bordas com morfologia extrovertida na coleção do Sítio Fazenda Primavera.	501
Gráfico 115: Categorias cerâmicas do sítio Franco de Amaral.	509
Gráfico 116: Tipos de antiplásticos presentes no sítio Franco de Amaral.	510
Gráfico 117: Espessura máxima dos antiplásticos presentes no sítio Franco de Amaral.	511
Gráfico 118: Porcentual de antiplásticos nas pastas cerâmicas do sítio Franco do Amaral.	511
Gráfico 119: Predominância dos tipos de queima nas pastas cerâmicas do sítio Franco do Amaral.	512
Gráfico 120: Tratamento de superfície externo nas cerâmicas do sítio Franco de Amaral.	513
Gráfico 121: Tratamento de superfície interno nas cerâmicas do sítio Franco de Amaral.	513
Gráfico 122: Porcentual de decoração na face externa dos vasilhames do sítio Franco de Amaral.	515
Gráfico 123: Formas de Vasilhas obtidas a partir de bordas com morfologia direta na coleção do Sítio Franco de Amaral.	517
Gráfico 124: Formas de Vasilhas obtidas a partir de bordas com morfologia extrovertida na coleção do Sítio Franco do Amaral.	520
Gráfico 125: Categorias cerâmicas do sítio Fazenda Conquista.	529
Gráfico 126: Tipos de antiplásticos presentes no sítio Fazenda Conquista.	530
Gráfico 127: Espessura máxima dos antiplásticos presentes no sítio Fazenda Conquista.	538
Gráfico 128: Porcentual de antiplásticos nas pastas cerâmicas do sítio Fazenda Conquista.	538
Gráfico 129: Predominância dos tipos de queima nas pastas cerâmicas do sítio Fazenda Conquista.	532

Gráfico 130: Tratamento de superfície externo nas cerâmicas do sítio Fazenda Conquista.	533
Gráfico 131: Tratamento de superfície interno nas cerâmicas do sítio Fazenda Conquista.	533
Gráfico 132: Porcentual de decoração na face externa dos vasilhames do sítio Fazenda Conquista.	534
Gráfico 133: Formas de Vasilhas obtidas a partir de bordas com morfologia direta na coleção do Sítio Fazenda Conquista.	537
Gráfico 134: Formas de Vasilhas obtidas a partir de bordas com morfologia extrovertida na coleção do Sítio Fazenda Conquista.	539

Lista de Tabelas

Volume I

Tabela 1: Quadro arqueológico preliminar para o Alto Xingu elaborado pelo PRONAPA.	33
Tabela 2: Aspectos das indústrias ceramistas para o Alto Xingu elaborado pelo PRONAPA.	34
Tabela 3: Seqüência Cronológico-cultural para o Alto Xingu.	38
Tabela 4: Aspectos das Indústrias Ceramistas para o Alto Xingu.	39
Tabela 5: Seqüência Cronológico-cultural para o Pantanal.	43
Tabela 6: Aspectos das Indústrias Ceramistas para o Pantanal.	44
Tabela 7: Quadro arqueológico para os Llanos de Mojos.	52
Tabela 8: Aspectos das indústrias ceramistas para os Llanos de Mojos.	53
Tabela 9: Sítios cadastrados pelo IPHAN para a micro-região do Alto Guaporé.	61
Tabela 10: Grupos étnicos Nambiquara e suas respectivas áreas culturais.	81
Tabela 11: Reservas indígenas existentes no entorno das áreas levantadas na presente tese.	92
Tabela 12: Quantificação de material arqueológico coletado e analisado de acordo com os sítios e seus respectivos compartimentos geomorfológicos da área estudada.	105
Tabela 13: Datações de termoluminescência efetuadas a partir de alguns sítios da Planície e Pantanal do Alto Médio Guaporé (Capão do Canga) e da Depressão do Guaporé (Franco do Amaral, Fazenda Conquista e Subestação Galera).	142
Tabela 14: Resultado das concentrações de Th (Tório), U (Urânio), K (Potássio) e dose anual a partir das amostras analisadas.	143
Tabela 15: Datações obtidas na área em estudo e algumas ocupações arqueológicas regionais.	144

Tabela 16: Sítios pré-coloniais e multicomponenciais da Planície e Pantanal do Alto/Médio Guaporé.	173
Tabela 17: Tratamento de superfície externo na cerâmica do sítio Capão do Canga e respectivas associações no tratamento de superfície interno dos vasilhames.	190
Tabela 18: Decoração na face externa e suas associações com respectivos tratamentos de superfície externos e categorias cerâmicas do sítio Capão do Canga.	191
Tabela 19: Decoração incisa de acordo com as categorias cerâmicas do Sítio Capão do Canga.	193
Tabela 20: Decoração pintada de acordo com as categorias cerâmicas do Sítio Capão do Canga.	196
Tabela 21: Bordas Extrovertidas do Sítio Capão do Canga e respectivas mensurações e percentuais.	211
Tabela 22: Bordas extrovertidas do Sítio Capão do Canga e respectivas formas de vasilhas.	212
Tabela 23: Bordas Diretas do Sítio Capão do Canga e respectivas mensurações e percentuais.	213
Tabela 24: Bordas diretas do Sítio Capão do Canga e respectivas formas de vasilhas.	215
Tabela 25: Tratamento de superfície externo na cerâmica do sítio Lixão e suas respectivas associações no tratamento de superfície interno dos vasilhames.	227
Tabela 26: Tratamento de superfície externo na cerâmica do sítio Monarelli e suas respectivas associações no tratamento de superfície interno dos vasilhames.	230
Tabela 27: Tratamento de superfície externo na cerâmica do sítio Morrinho e suas respectivas associações no tratamento de superfície interno dos vasilhames.	240
Tabela 28: Decoração na face externa e suas associações com respectivos tratamentos de superfície externos e categorias cerâmicas do sítio Morrinho.	241
Tabela 29: Tratamento de superfície externo na cerâmica do sítio Terra Arada e suas respectivas associações no tratamento de superfície interno dos vasilhames.	250
Tabela 30: Decoração na face externa e suas associações com respectivos tratamentos de superfície externos e categorias cerâmicas do sítio Terra Arada.	252
Tabela 31: Tratamento de superfície externo na cerâmica do sítio Pai e Filho e suas respectivas associações no tratamento de superfície interno dos vasilhames.	270
Tabela 32: Tratamento de superfície externo na cerâmica do sítio Santana do Guaporé e suas respectivas associações no tratamento de superfície interno dos vasilhames.	277
Tabela 33: Tratamento de superfície externo na cerâmica do sítio Calvarinho e suas respectivas associações no tratamento de superfície interno dos vasilhames.	302

Tabela 34: Tratamento de superfície externo na cerâmica do sítio Casalvasco II e suas respectivas associações no tratamento de superfície interno dos vasilhames.	323
Tabela 35: Decoração na face externa e suas associações com respectivos tratamentos de superfície externos e categorias cerâmicas do sítio Casalvasco II.	325
Tabela 36: Bordas do Sítio Casalvasco II e respectivas mensurações e porcentuais.	327
Tabela 37: Bordas do Sítio Casalvasco II e respectivas formas de vasilhas.	328
Tabela 38: Tratamento de superfície externo na cerâmica do sítio Fazenda Auxiliadora e suas respectivas associações no tratamento de superfície interno dos vasilhames.	336
Tabela 39: Tratamento de superfície externo na cerâmica do sítio Jardim Aeroporto e suas respectivas associações no tratamento de superfície interno dos vasilhames.	353
Tabela 40: Tratamento de superfície externo na cerâmica do sítio Carlos Augusto e suas respectivas associações no tratamento de superfície interno dos vasilhames.	356

Volume II

Tabela 41: Sítios indígenas e multicomponencias do Planalto Residual Alto Guaporé.	397
Tabela 42: Peças lascadas por percussão direta do sítio Cabeceiras.	410
Tabela 43: Sítios pré-coloniais e multicomponenciais da Depressão do Guaporé.	428
Tabela 44: Tratamento de superfície externo na cerâmica do sítio Subestação Galera e suas respectivas associações no tratamento de superfície interno dos vasilhames.	458
Tabela 45: Decoração na face externa e suas associações com respectivos tratamentos de superfície externos e categorias cerâmicas do sítio Subestação Galera.	459
Tabela 46: Bordas diretas do Sítio Subestação Galera e respectivas mensurações e porcentuais.	463
Tabela 47: Bordas Diretas do Sítio Subestação Galera e respectivas formas de vasilhas.	464
Tabela 48: Bordas extrovertidas do Sítio Subestação Galera e respectivas mensurações e porcentuais.	465
Tabela 49: Bordas extrovertidas do Sítio Subestação Galera e respectivas formas de vasilhas.	466
Tabela 50: Categorias líticas do Sítio Subestação Galera de acordo com suportes e quantidade de córtex.	478
Tabela 51: Tratamento de superfície externo na cerâmica do sítio Fazenda Primavera e suas respectivas associações no tratamento de superfície interno dos vasilhames.	498
Tabela 52: Bordas diretas do Sítio Fazenda Primavera e respectivas mensurações e porcentuais.	499

Tabela 53: Bordas Diretas do Sítio Fazenda Primavera e respectivas formas de vasilhas.	500
Tabela 54: Bordas extrovertidas do Sítio Fazenda Primavera e respectivas mensurações e percentuais.	501
Tabela 55: Bordas extrovertidas do Sítio Fazenda Primavera e respectivas formas de vasilhas.	502
Tabela 56: Tratamento de superfície externo na cerâmica do sítio Franco de Amaral e suas respectivas associações no tratamento de superfície interno dos vasilhames.	514
Tabela 57: Decoração na face externa e suas associações com respectivos tratamentos de superfície externos e categorias cerâmicas do sítio Franco de Amaral.	515
Tabela 58: Bordas diretas do Sítio Franco de Amaral e respectivas mensurações e percentuais.	517
Tabela 59: Bordas Diretas do Sítio Franco de Amaral e respectivas formas de vasilhas.	518
Tabela 60: Bordas extrovertidas do Sítio Franco de Amaral e respectivas mensurações e percentuais.	519
Tabela 61: Bordas extrovertidas do Sítio Franco do Amaral e respectivas formas de vasilhas.	520
Tabela 62: Tratamento de superfície externo na cerâmica do sítio Fazenda Conquista e suas respectivas associações no tratamento de superfície interno dos vasilhames.	534
Tabela 63: Decoração na face externa e suas associações com respectivos tratamentos de superfície externos e categorias cerâmicas do sítio Fazenda Conquista.	535
Tabela 64: Bordas diretas do Sítio Fazenda Conquista e respectivas mensurações e percentuais.	537
Tabela 65: Bordas Diretas do Sítio Fazenda Conquista e respectivas formas de vasilhas.	538
Tabela 66: Bordas extrovertidas do Sítio Fazenda Conquista e respectivas mensurações e percentuais.	538
Tabela 67: Bordas extrovertidas do Sítio Fazenda Conquista e respectivas formas de vasilhas.	539
Tabela 68: Ocorrências arqueológicas localizadas na área da Depressão do Guaporé.	577

1. INTRODUÇÃO

A presente tese é uma síntese dos resultados obtidos durante a fase exploratória de investigação de longo prazo desenvolvida no vale do Alto Guaporé, estado do Mato Grosso, e aprimorada com a conclusão deste doutoramento. A pesquisa constitui uma das frentes do Projeto Fronteira Ocidental em desenvolvimento pelo Governo do Estado do Mato Grosso na região guaporeana, tendo em vista a identificação, registro e preservação dos bens culturais para fins científicos e uso público.¹

Como objetivo, o projeto de doutorado visou contribuir para a resolução de três problemas de pesquisa na área em questão:

1-A definição de uma tipologia de sítios arqueológicos ali presentes e a organização de uma sequência cronológico-cultural do espaço alto guaporeano, testando suas possíveis correlações, em um âmbito regional, com áreas circunvizinhas, aferindo ou não a presença de processos de territorialidade.

2- A presença de uma nova indústria cerâmica, ainda inédita em bibliografia arqueológica para o ambiente de várzea do Alto Guaporé, sendo esta denominada no corpo da tese de *Cerâmica Capão do Canga*, bem como, a existência de um processo de territorialidade por parte dos grupos pré-coloniais a ela correlacionados, através da distribuição de seus respectivos sítios arqueológicos na paisagem da área estudada, ou, pela presença de exemplos identificados desta cerâmica entre as outras ocupações cerâmicas identificadas, apontando também para a presença de antigas redes de trocas na região.

3- Modelos de adaptação humana nos distintos compartimentos geomorfológicos englobados na área em período pré-colonial.

O quadro apresentado a seguir, sobre a ocupação indígena da região, dos períodos pré-coloniais aos dias atuais, envolve dados publicados e inéditos, tendo como ponto de partida os levantamentos no município de Vila Bela da Santíssima Trindade, que abriga a

¹ O Projeto Fronteira Ocidental vem sendo desenvolvido sob a coordenação geral do arqueólogo Dr. Paulo Zanettini, com verbas da Lei de Incentivo à Cultura do Mato Grosso, constituindo um dos projetos prioritários da Secretaria de Estado de Cultura do MT.

primeira capital da Capitania do Mato Grosso, erguida em 1752.

Por suas características e situação geográfica o Alto Guaporé contribuiu como uma região estratégica de convergência e/ou passagem de múltiplas populações indígenas pré-coloniais e etno-históricas oriundas de regiões vizinhas a esta porção peculiar do território sul americano; entre estas, podemos citar o Planalto Central Brasileiro, a Amazônia Central e Ocidental, a Bacia do Alto Paraguai/Pantanal e as terras baixas orientais da Bolívia.

Miller (2000: 333-334) menciona que o Sudoeste Amazônico é palco de ocupações desde o Pleistoceno por paleoíndios, pré-ceramistas arcaicos a remanescentes (agricultores não ceramistas), sendo que estes últimos compartilhariam o espaço geográfico e cronológico com as culturas ceramistas:

“Essas tradições, subtradições e fases culturais, algumas panamazônicas, outras microrregionais, foram tão diversas e numerosas quão numerosos e diversos foram os ecossistemas e nichos ecológicos, desde o Pleistoceno” (Miller 2000: 333-334).

Os levantamentos até agora efetuados pelo Projeto Fronteira Ocidental e a Zanettini Arqueologia nas últimas duas décadas têm englobado um raio aproximado de 100 km de área explorada, considerando a malha urbana de Vila Bela da Santíssima Trindade o seu epicentro. A cidade em si comporta um interessante patrimônio histórico e arquitetônico, desde a orientação de seus logradouros e praças conforme os planejamentos coloniais ibéricos para construções de cidades, bem como edificações de adobe sobre alicerces de blocos lateríticos, localmente conhecido como “pedra-canga”.

Entre essas edificações, destacam-se a monumental ruína da Igreja da Matriz e o Palácio dos Capitães Generais, este sede do governo colonial e imperial no Mato Grosso até o ano de 1820, quando Vila Bela passa a dividir com Cuiabá a administração Provincial, perdendo definitivamente para esta em 1835 a titulação de sede da capital mato-grossense (Ferreira 2001: 44). Este edifício funcionou como a sede da prefeitura municipal até alguns anos, posteriormente sendo utilizado como biblioteca pública e museu.

Com o advento do Projeto Fronteira Ocidental em 2002, uma atenção foi dada ao acervo deste palácio para fins de registro fotográfico e catalogação: objetos de arte sacra,

móveis antigos e peças doadas pelos cidadãos locais, muitas vezes encontradas nos quintais de suas próprias casas, roçados de fazendas na zona rural ou mesmo trazidas de áreas mais distantes, como as Serras de Borda e de São Vicente, riquíssimas em ruínas de arraiais e faisqueiras de ouro coloniais, fortuitamente exploradas por garimpeiros e curiosos nos dias de hoje.

Porém, além de peças cerâmicas, metálicas ou de madeira históricas, eram chamativas de atenção peças líticas polidas: lâminas de machados, mãos de mós, além de um curioso pingente de granito (**Figura 1**), confeccionado em uma grande plaqueta delgada e oblonga, lembrando um peitoral. Sem contar que eram numerosos os relatos dos vilabelenses concernentes a achados de “grandes potes com ossos” ou de lugares com “muitos pedaços de pote dos índios ou pedras-de-raio”. Assim, cabia ao Projeto Fronteira Ocidental escrever outro capítulo além da ocupação luso-africana na região em estudo: a história indígena de períodos pré-coloniais aos dias atuais.

Os levantamentos regionais até agora disponíveis são restritos a pequenas áreas, visto que são decorrentes das etapas de campo pelo Projeto Fronteira Ocidental, ou, da execução de projetos de arqueologia de resgate pela Zanettini Arqueologia em empreendimentos na região, em geral voltados a obras de infra-estrutura no município ou a atividades de mineração da empresa Serra da Borda Mineração e Metalurgia S.A.

Considerando o fator de disponibilidade de tempo e de recursos de pesquisas, muitas vezes os levantamentos arqueológicos são efetuados de forma oportunista, em grande parte contando com a informação oral dos habitantes locais ou com áreas permissíveis a uma melhor observação dos terrenos em superfície ou subsuperfície: cortes e leitos de estradas ou acessos secundários, barrancos de rios, terrenos recém arados, minerados ou terraplanados, visitas a áreas topo-morfológicamente propícias para a existência de sítios arqueológicos.

Entre os projetos de resgate arqueológico, o quadro tende a ser diferente, visto que as áreas a serem direta ou indiretamente impactadas pelo empreendimento (ADA e AID) devem ser devidamente levantadas com métodos de prospecção sistemática. Outro ponto a salientar é que, durante a fase de obtenção de licença prévia (EIA/RIMA), de acordo com o segundo artigo da Portaria IPHAN Nº 230/2002, todos os compartimentos ambientais significativos no contexto geral do empreendimento (ao menos na AID) deverão prever levantamento prospectivo de subsuperfície (Bastos & Souza 2008: 75). Todavia, o levantamento restringe-

se ao empreendimento em si, obedecendo aos recursos disponíveis de logística e tempo de acordo com o cronograma de obras do empreendimento, não permitindo um maior levantamento regional.

Dentro da arqueologia de resgate ou de contrato, uma crítica postulada por Adrian Chadwick (2003: 106-107) chama a atenção quanto ao problema do fator “tempo” versus “cronograma de obras”:

“The current pursuit of ever more hierarchical, decontextualized and reductive strategies within contract field archaeology not only stifles creativity and enjoyment, but also dangerously limits the scope of our endeavours. If we continue to excavate and record the minimum amount of archaeology in the least time, with too little thought given to context, materiality or landscape, then we have betrayed both those carrying out the work and also the people in the past”².

Conforme alertado por Araújo (2001) no capítulo introdutório de sua tese de doutoramento, o quadro supracitado não foge à justificativa comumente atribuída ao que tange à carência de estudos regionais sistemáticos no Brasil, resultando em grandes áreas desconhecidas do ponto de vista arqueológico, cujo acúmulo de dados de pesquisa muitas vezes é efetuado de maneira assistemática, restritos a pequenas áreas ou sítios arqueológicos isolados e afastados entre si, situação esta também conceituada por Martin (1997: 89) como *enclaves arqueológicos*:

“Chamamos enclave arqueológico a um espaço menor do desenvolvimento de uma pesquisa arqueológica sistemática na qual ainda não foram fixados os limites culturais. (...)”

² “A busca atual por estratégias cada vez mais hierarquizadas, descontextualizadas e redutivas dentro da arqueologia de campo de contrato não só sufocam a criatividade e o prazer, mas também limitam perigosamente o âmbito de nossos esforços. Se continuarmos a escavar e registrar a menor quantidade de arqueologia no menor tempo, com pouca reflexão dada ao contexto, materialidade ou paisagem, então traremos tanto aqueles que realizam o trabalho bem como as pessoas no passado”.

Os enclaves arqueológicos podem também ser considerados como indicadores prévios de uma área arqueológica, onde a frequência de sítios arqueológicos, com horizonte cultural semelhante, indica que, com a continuidade das pesquisas, será possível a delimitação da área. (...)”

Em suma, a despeito destes problemas, os levantamentos utilizados nesta tese fornecem, mesmo assim, um quadro extremamente estimulante de investigação, considerando o ineditismo de alguns achados efetuados. Mesmo que os trabalhos venham sendo conduzidos rumo aos estudos de sítios arqueológicos isolados, as pesquisas devotadas ao passado pré-colonial para a região apontam para um passado riquíssimo e complexo.

O acervo gerado durante todos os levantamentos e projetos de resgate ficou depositado na reserva técnica e laboratório do Palácio dos Capitães Gerais em Vila Bela, na condição de fiel depositário. Posteriormente, foi juridicamente instituído como museu pela Lei Municipal 729/2006 oficialmente denominado *Museu Histórico e Arqueológico Joaquim Marcelo Profeta da Cruz*.

A partir dos sítios pré-coloniais levantados, foi possível definir previamente 5 padrões de instalação, estes ocupando três grandes feições geomorfológicas dominantes na região, estas fundamentadas pelo Projeto Radam nas décadas de 1970 e 1980, e recentemente aprimoradas pelos levantamentos promovidos pelo SPVS (1997 a, 1997 b): a Planície e Pantanal do Alto/ Médio Guaporé; o Planalto Residual Alto Guaporé e a Depressão do Guaporé.

Serei obrigado a me furtar de maiores reflexões sobre os sítios históricos não-indígenas da área de pesquisa, embora não menos importantes, sendo estes alvos de maiores abordagens pelo Projeto Fronteira Ocidental ou de projetos de pós-graduação por parte de alguns colegas (Rosa 2008; Zanettini, 2002, 2004a, 2004b e 2005) não cabendo, portanto, no escopo da presente tese, cujo enfoque principal e/ou recorte cronológico diz respeito às ocupações pré-coloniais, seus processos adaptativos humanos *versus* os compartimentos geomorfológicos, bem como a avaliação de processos de territorialidade entre suas populações nesta porção peculiar do vale do Guaporé e da Amazônia mato-grossense.

Figura 1 – Pingente de granito polido encontrado pela Sra. Berenice Santos na localidade de Palmarito, área da Baía Grande, Município de Vila Bela da Santíssima Trindade-MT.

2. LOCALIZAÇÃO DA ÁREA DE PESQUISA

A área de pesquisa engloba um raio de leitura geral de 100 km, tendo como o seu epicentro e maior número de dados levantados o município de Vila Bela da Santíssima Trindade, localizado na Mesorregião Homogênea Sudoeste Mato-grossense, Microrregião do Alto Guaporé; na altura das coordenadas 15° 00' 28" latitude sul e 59° 57' 06", distanciada cerca de 521 km de Cuiabá, apresentando uma extensão territorial de 12.179,43 km².

Por outro lado, de modo *latu sensu*, considerando a calha do rio Guaporé como um dos eixos do levantamento arqueológico efetuado da região, podemos considerar os Paralelos de 14° e 16° S como os recortes limites da configuração de um espaço *alto guaporeano* estudado presente tese.

Entre os municípios componentes da Microrregião do Alto Guaporé, além de Vila Bela da Santíssima Trindade, contamos com: Conquista d'Oeste; Nova Lacerda; Pontes e Lacerda; Vale de São Domingos. Com exceção do último, Vila Bela mantém limites com todos os demais municípios de sua Microrregião. Ainda ao N e a E, mantém limite com os municípios de Comodoro e de Porto Espiridião, respectivamente pertencentes às Microrregiões de Parecis e Jauru; a W e ao S mantém uma *fronteira seca* com o território boliviano. Como principal via de acesso conta com a BR-174 e uma série de estradas vicinais conducentes à zona rural do município, algumas asfaltadas, outras cobertas de cascalhos ou macadame (**Mapa 1**).

MAPA 01 - LOCALIZAÇÃO DA ÁREA DE PESQUISA

LOCALIZAÇÃO DO ESTADO

LEGENDA:

- Rodovia pavimentada
- Rio Permanente; Intermitente
- Lago
- Cidade

ESCALA GRÁFICA:

3. DADOS FISIOGRAFICOS

3.1. Geologia

A área em estudo localiza-se na Região Cratônica de Guaporé, na porção meridional da Plataforma Amazônica, cujo embasamento é representado pelo Complexo Xingu com idade aproximada de 1.800 MA (Pré-Cambriano Médio a Superior). É formado por gnaisses, anfibolitos, cataclasitos, filonitos, granitos anatóticos, migmatitos, milonitos, quartzitos e encraves de xistos. Subordinamente há granulitos (granoblastitos) e intrusões de magmas básico-ultrabásicos e ácidos (SPVS 1997 a: 53).

Sobre o embasamento há sedimentos pré-cambrianos do Grupo Aguapeí com uma espessura de 800-850 metros e uma idade presumível de 1.400-1300 MA; apresentam baixo grau de metamorfismo sendo preservadas suas estruturas primárias de deposição. Na Serra da Borda foram mapeadas cinco unidades litológicas diferenciadas, cujos pacotes apresentam intercalações de metapelitos, metassiltitos, metarenitos e metaconglomerados, com granulações finas a grossas, sendo algumas de cor arroxeada (Arielo 1994).

3.2. Geomorfologia

A região em questão apresenta três grandes compartimentos geomorfológicos, cuja organização e descrição foram compiladas dos *Estudos Ecológicos Rápidos* para a criação e implantação das Unidades de Conservação das Serras de Ricardo Franco e Santa Bárbara, promovidos pela SPVS (1997a , 1997 b), além dos mapas geomorfológicos do Projeto Radam (1979, 1982, 1982 a), os quais serviram de base para o **Mapa 2**.

3.2.1. Planície e Pantanal do Alto/ Médio Guaporé

Também é classificada na unidade de relevo “Planícies e Pantanaís” (Miranda e Amorim 2001:7) ou “Conjunto das Terras Baixas: Planícies e Pantanaís do Alto Guaporé” (SPVS, 1997 a: 43; 1997 b: 44).

MAPA 02 - Compartimentos Geomorfológicos da Micro-Região do Alto Guaporé e Respectiva Distribuição de Sítios Arqueológicos Levantados Durante o Projeto de Doutorado

LEGENDA:

Apf	Planície e Pantanal do Alto e Médio Guaporé
Aai	
Epi, Etf	Depressão do Guaporé
c t	
Et, St Spt	
a c t	Planalto Residual Alto Guaporé
Ep, Epi St, Spt	
a c t	
Ep, Et St, Spt	Planalto (Chapada) dos Parecis
a c t	
Ep, Et Etf	
a c t	
•	Sítios arqueológicos

FORMAS DE DISSECAÇÃO

a - Formas aguçadas. Relevos de topo contínuo e aguçado, com diferentes ordens de grandeza e de aprofundamento de drenagem, separados geralmente por vales em "V".

c - Formas convexas. Relevo de topo convexo, com diferentes ordens de grandeza e de aprofundamento de drenagem, separados por vales de fundo plano.

t - Formas tabulares. Relevos de topo aplanado, com diferentes ordens de grandeza e aprofundamento de drenagem, separados por vales de fundo plano.

ESCALA GRÁFICA:

FORMAS ESTRUTURAIS

St - Superfície estrutural tabular. Superfície aplanada, de topo parcial ou totalmente coincidente com a estrutura geológica, limitada por escarpas e retrabalhada por processos de pediplanação.

Spt - Patamares estruturais. Relevos escalonados, comportando degraus topográficos, resultantes de erosão diferencial.

FORMAS EROSIVAS

Ep - Superfície pediplanada. Superfície de aplanamento elaborada por processo de pediplanação, cortando litologias pré-cambrianas do Complexo Basal, Grupo Cuiabá, Grupo Alto Paraguai e terciárias dos Planaltos dos Parecis e dos Guimarães

Epd - Pedimento. Forma de relevo efetuada por recuo de vertentes, resultando encosta de declive fraco, ligando dois planos altimétricos diferentes, geralmente retrabalhada por drenagem de 1ª ordem, em entalhe incipiente.

Epi - Pediplano inulado. Superfície de aplanamento elaborada por processos de pediplanação, posteriormente recoberta por sedimentos quaternários.

Et - Superfície erosiva tabular. Relevo residual de topo aplanado, provavelmente testemunho de superfície aplanada, geralmente limitado por escarpas erosivas.

Etf - Terraço erosivo fluvial. Patamar esculpido pelo rio, com declive fraco voltado para o leito fluvial, geralmente com cobertura aluvial.

FORMAS DE ACUMULAÇÃO

Aai - Áreas de acumulação inundáveis. Áreas aplanadas com ou sem cobertura arenosa, periódica ou permanentemente alagadas, precariamente incorporadas à rede de drenagem

Aai1 - Áreas de acumulação inundáveis com alagamento fraco.

Apf - Planície fluvial. Área aplanada resultante de acumulação fluvial, periódica ou permanentemente alagada.

Aptf - Planície e terraço fluvial. Área aplanada, resultante de acumulação fluvial, geralmente sujeita a inundações periódicas comportando meandros abandonados, eventualmente alagada, unida com ou sem ruptura a patamar mais elevado.

Apfl - Planície fluvio-lacustre. Área plana resultante da combinação de processos de acumulação fluvial e lacustre geralmente comportando canais anastomosados.

Atf - Terraço fluvial. Patamar esculpido pelo rio com declive fraco voltado para o leito fluvial, com cobertura aluvial.

Ad - Dunas. Depósitos de origem continental remodelados por ventos.

São áreas de acumulação, caracterizadas por apresentarem na margem direita do Guaporé áreas sujeitas à inundação temporária (campos e pantanais), com altitudes inferiores a 120 metros, ricas em sedimentos do Quaternário e presença de solos lateríticos hidromórficos (Ferreira 2001:247-252). Dividem-se em dois sub-compartimentos:

A) Planícies Fluviais do Alto Guaporé (Terras Baixas): Tratam-se de “Áreas Tipo Igapó”, junto aos canais dos principais rios, com exceção dos segmentos que atravessam a Planície Baixa. Caracterizam-se pelos inúmeros canais meandantes, e meandros abandonados (“baías”), particularmente ao longo do rio Guaporé. A morfodinâmica as subdivide em duas unidades, originadas pelo processo decorrente da perda de capacidade de transporte pelos rios que atravessam estas áreas praticamente sem gradiente. A carga sólida obstrui os canais de seus afluentes, represando esses tributários e originando grande quantidade de lagoas que contribuem para o aumento das superfícies permanentemente alagadas.

A.1) Planícies Amplas: localizadas no Pantanal e ao longo do Guaporé; nessa unidade encontram-se lagos (baías), meandros abandonados e outras feições fluviais como barras de meandros e restingas fluviais.

A.2) Planícies Fluviais Restritas: a montante do Pantanal, em afluentes dos rios Guaporé e Barbado junto à região da Serra Ricardo Franco. Apresentam sedimentação diferenciada daquela das Planícies amplas, devido à maior velocidade de vazão. Além da planície aluvial, são incluídas nessa unidade as superfícies de baixa encosta ou baixas rampas colúvio-aluviais, terraços baixos, os quais, mesmo que anteriores a tais planícies, ainda sofrem forte influência da dinâmica fluvial atual.

B) Planície do “Pantanal Alto Guaporé” (Pantanal):

B.1) Baixo Pantanal- (Unidade I): constitui o compartimento mais baixo do “Pantanal do Alto Guaporé”, localizado na porção ocidental delimitado pelo rio Barbado com altitude média em torno de 205 metros a.n.m.

B.2) Médio Pantanal- (Unidade II): apresenta altitudes de aproximadamente 205 a 230 metros

a.n.m. e em média até 10 metros acima do nível da Unidade I. Originadas por oscilações climáticas secas e úmidas em um passado geológico recente (Quaternário).

B.3) Alto Pantanal- (Unidade III): é composto por superfícies relacionadas a prováveis depósitos correlativos de natureza colúvio-aluvial, comportando antigas rampas e terraços resultantes de processos de pedimentação, e por superfícies remanescentes residuais muito rebaixadas de pedimento. Esse compartimento geomorfológico é resultante de pedimentação posterior à elaboração das superfícies pediplanadas situadas no conjunto intermediário mais elevado.

Um ponto chamativo de atenção é que não se deve confundir o *Pantanal Alto Guaporé* com o *Pantanal do Guaporé* do município de Costa Marques (Rondônia), ou seja, na porção do *Médio Guaporé*. Este segundo é legalmente protegido como a Reserva Biológica do Guaporé, sendo uma área de florestas e campos inundáveis com características específicas, sendo também uma zona de transição entre a Amazônia, o Cerrado e o Pantanal Matogrossense (Neto 2009: 27).

3.2.2. Planalto Residual Alto Guaporé

Também é classificado na unidade de relevo “Planaltos em Intrusões e Coberturas Residuais de Plataforma: Planaltos e Serras Residuais do Guaporé-Jauru” (Miranda e Amorim 2001:7) ou “Conjunto das Terras Elevadas: Serras ou Planaltos Residuais” (SPVS, 1997 a: 44; 1997 b: 46). São terrenos com feições cuestiformes (ex: Serras Ricardo Franco, São Vicente, Santa Bárbara) com prolongamentos em formas de cristas (Ferreira 2001:247-252). Geralmente formados por rochas cristalinas do Grupo Xingu ou metassedimentares do Grupo Aguapeí, com idades respectivas 1.800 MA e 1400-1300 MA. Apresentam as seguintes características:

A) *Compartimento superior*: apresentam grande parte da rede de drenagem ajustadas aos planos de fraqueza específicos locais, exibindo em muitos casos, vales com corredeiras e morfologia de *canyons*.

A disposição sub-horizontal das rochas constituintes dos referidos conjuntos é ligeiramente mais inclinada nas escarpas, favorecendo a formação de degraus estruturais, os quais, por vezes são suavizados por superfícies de pedimentação, ou ainda, recortados por profundos vales junto aos cursos fluviais maiores. Em seus limites, essas unidades escarpadas, quando profundamente dissecadas, exibem superfície com muitas ravinas, ombreiras e cristas estruturais.

Além do perímetro cuestiforme, as unidades serranas exibem, com frequência, afloramentos rochosos que, associados a solos de pequeno desenvolvimento, limitam o grau de desenvolvimento da cobertura arbórea nessa unidade. Apresentam altitudes oscilando entre 600 a 1120 metros a.n.m., as serras constituem conjunto de blocos elevados, bordejados por superfícies pediplanadas, intercalados por planícies e pantanais do “Alto Guaporé”, que se localizam junto aos vales do rio Guaporé e de seu afluente, o rio Barbado.

B) Mesocompartimento: apresenta altitudes entre 450 e 600 metros a.n.m., essa subunidade desenvolve-se na faixa ocidental e meridional da Serra de Santa Bárbara e constitui serras isoladas (Serra da Borda e do Cágado). A ocorrência de níveis de pedimentos e escarpas erosivas são marcantes nessa unidade de topos aplainados, e por vezes angulosos, que sugerem dissecação mais intensa dessa superfície cortada pelos cursos, geralmente de primeira ordem, oriundos de escarpa a montante.

Face às diferenças no grau de rebaixamento e dissecação, esse compartimento é subdividido em três subcompartimentos denominados intermediário inferior, intermediário superior e muito dissecado. Ocorrem relevos residuais em forma de cristas associadas ao compartimento.

C) Compartimento inferior: Esta característica é comum no caso da Serra Ricardo Franco, onde apresenta altitudes entre 300 e 400 metros a.n.m., constituída pelas formas dissecadas de topo Plano. Essas formas estão relacionadas a níveis embutidos de pedimentos ao longo do vale do rio Verde e afluentes, compondo a porção noroeste da Serra Ricardo Franco.

3.2.3. Depressão do Guaporé

Também é classificada na unidade de relevo “Depressões Periféricas e Marginais”

(Miranda e Amorim 2001:7) ou “Conjunto das Terras Intermediárias” (SPVS, 1997 a: 49; 1997 b: 51), trata-se de compartimentos de superfície plana, com predomínio de pediplanos e também relevos residuais dissecados em forma de topos arredondados e aguçados, quase sempre encostas abruptas. (Ferreira 2001:247-252).

Originalmente apresenta maior estabilidade morfodinâmica natural e melhor desenvolvimento de solos. Hoje em dia encontra-se bem antropizada, sujeita à grande degradação face aos agentes climáticos, à fragilidade dos solos e à natureza inconsolidada de seus materiais originários. Sobre a dominante superfície desse conjunto ocorrem, isoladamente ou em grupos, topos residuais de litologias diversas, identificados como *inselbergs*, o que permite individualizar duas unidades morfológicas:

A) Superfícies Pediplanadas: Constituem superfícies contínuas, dissecadas pela Sub-bacia do rio Galera junto à região das serras da Borda e de São Vicente, podendo ser classificadas como um pediplano; em sua maior parte inundado e recoberto por sedimentos quaternários. As áreas de acumulação atuais das planícies fluviais permeiam esta unidade em níveis topográficos muito próximos.

B) Relevos Residuais: na região das Serras da Borda e de São Vicente, eventualmente ocorrem *inselbergs* residuais dissecados, isolados ou em pequenos grupos, que estão associados a superfícies bastante rebaixadas e dissecadas, identificadas como residuais de pediplano.

3.3. Hidrologia

A hidrografia da região é predominantemente sistematizada pela Bacia Amazônica e a Sub-Bacia do Guaporé, com duas características distintas: o *Sistema da Planície ou Pantanal do Guaporé* e o *Sistema das Terras Elevadas ou Planaltos* (SPVS 1987 a: 67). O primeiro é caracterizado pela presença de rede de drenagem rarefeita, mas com inúmeras lagoas e baías colmatadas e/ou em processo de colmatção; e particularizado, ainda, pela convivência, no período das águas, com a superfície da planície permanentemente inundada, praticamente transformada em baía, com suas águas em movimento praticamente imperceptível. Quanto ao segundo sistema, este abriga os cursos d'água localizados sobre as

superfícies residuais das serras da região, suas encostas e terrenos limítrofes. Suas características básicas são a alta densidade de drenagem e o fato de estar muito encaixada e orientada pelas estruturas geológicas.

O principal rio da região é o Guaporé, o qual nasce a 1800m de altitude na Chapada dos Parecis, percorrendo ao todo um extensão de 1716 km, dos quais, 1500 km são navegáveis; na cidade de Guajará-Mirim, estado de Rondônia conflui com o rio Mamoré, conformando a divisa natural entre este estado brasileiro e a Bolívia³. Sua profundidade varia entre 2 e 10 m, enquanto a largura é de 150 a 712 metros aproximadamente (Ambiente Brasil, 2010). Como seus principais afluentes, na região em estudo, conta com os rios Galera, Sararé e Barbado com suas micro-bacias associadas.

Quanto a Serra da Borda, esta é entrecortada por uma rede de drenagem de padrão dendrítico, representado por córregos de pequeno porte, como o Areias e o Cabeceiras, bem como por outros de maior monta, entre estes o Longa Vira (ou Longa Vida), o Água Suja e o Banhado, este último contributário do rio Galera.

3.4. Clima

Segundo Ferreira (2001: 654) o clima da região de Vila Bela é do tipo Tropical quente e sub-úmido, com 4 meses de seca, de junho a setembro; precipitação anual de 1500 mm, com intensidade máxima em dezembro, janeiro e fevereiro e temperatura média anual de 24° C, maior máxima 38° C, menor 0° C.

Por outro lado, de acordo com SPVS (1997 b: 41), uma das maiores limitações aos estudos e interpretações de climatologia, aplicados à Amazônia e ao Centro-Oeste brasileiro, é a carência de dados. O estado do Mato Grosso apresenta céu limpo de maio a junho e nebulosidade progressiva até atingir as condições máximas de novembro a fevereiro. A umidade do ar apresenta valores médios mensais máximos de 84-86% ao longo do período chuvoso (outubro-abril). A partir de maio diminui ligeiramente, definindo valores médios mensais mínimos de 58 e 70% no período de julho-setembro.

³ Na altura do paralelo N 14° o rio Guaporé inicia antes a fronteira natural com a Bolívia, ainda no estado do Mato Grosso. A partir do momento em que conflui com o rio Mamoré, passando a ter este nome, até confluir com o rio Beni, formando finalmente as cabeceiras do rio Madeira (Miranda e Amorim 2001: 13; Neto 2009: 27).

A região apresenta uma distribuição sazonal de pluviosidade com oferta extremamente baixa no outono-inverno e uma concentração substancial das chuvas no período de primavera-verão. Observa-se para a região em estudo uma pluviosidade de 1300 a 1500 mm.

As temperaturas médias anuais do estado variam de 16° a 23° C. As mínimas absolutas indicam que a partir de abril-maio a agosto-setembro são comuns os resfriamentos até abaixo de 10° C. As temperaturas máximas ocorrem no período de outubro-março. A diversidade de ambientes e a amplitude altimétrica regional permitem inferir que é possível a existência de fenômenos microclimáticos, especialmente nas zonas de tensão ecológica representadas pelas encostas das serras e campos de altitude (acima de 1.000 metros a.n.m.).

3.5. Vegetação

Quanto aos aspectos fitogeográficos da área em estudo podemos afirmar que estes são representados pela Floresta Amazônica Estacional Semidecidual, o Cerrado (Savana) e, as Áreas de Tensão Ecológica (contato entre tipos de vegetação), segundo Miranda e Amorim (2001:19). Para um melhor detalhamento das formações florísticas, utilizarei de forma sucinta o sistema explanado por Ferreira (2001:265-276), o qual foi consagrado nas décadas de 1970 e 1980 pelo Projeto RADAMBRASIL.

A Floresta Amazônica Estacional Semidecidual, de acordo com Ferreira (2001: 271) aparece com três fisionomias distintas no Mato Grosso: aluvial (Fa), terras baixas (Fb) e submontana (Fs). A floresta aluvial ocorre em terrenos de inundação sazonal, com solos Gley Pouco Húmico. O porte arbóreo é mais baixo que as demais formações semidecíduais, a flora tende a se especializar como uma adaptação às constantes cheias. Na área de estudo, localiza-se ao longo de alguns formadores do rio Guaporé. A floresta de terras baixas ocupa áreas de interflúvios tabulares e superfícies pediplanadas com solos do tipo Latossolo Amarelo (bacia do Guaporé), apresenta uma flora heterogênea, podendo ocorrer agrupamentos de palmeiras nos substratos mais úmidos; a submata é bastante irregular, variando de média a densa, constituída de elementos herbáceos, arbustivos e espécies em regeneração. A floresta estacional submontana, na área em estudo, ocorre da Depressão do Guaporé, em relevos residuais, e nas encostas do Planalto dos Parecis, em superfícies conservadas, compondo uma faixa quase contínua; nos vales há agrupamentos de palmeiras, mas ocorrem também

reboleiras de cipó e bambu.

Quanto ao Cerrado (ou Savana), este é descrito como uma vegetação xeromorfa, preferencialmente de clima estacional (cerca de seis meses secos), embora também possa ser encontrada em clima ombrófilo. No estado do Mato Grosso, ocorre principalmente em unidades de relevo das Depressões do Alto Paraguai-Guaporé, das Planícies e Pantanaís Matogrossenses e do Planalto dos Parecis (nos trechos sul e sudeste).

De acordo com o Projeto RADAMBRASIL ocorrem quatro subgrupos de formações vegetais: Savana Arbórea Densa, Savana Arbórea Aberta, Savana-Parque e a Savana Gramíneo-Lenhosa, de modo que matas de galeria podem ocorrer em algumas áreas dos dois últimos sub-grupos (Ferreira 2001: 266).

A Savana Arbórea Densa (Cerradão) pode ser observada em diferentes tipos de solo e de relevo, em contato com a Floresta Ombrófila e Estacional ou ocupando áreas de solos melhores em meio à Savana Arbórea. De acordo com a proximidade da área de estudo, ocorre ainda no Planalto dos Parecis em relevos dissecados, em cristas e colinas com solos concrecionários e Areias Quartzosas, e em áreas pontuais na Serra Ricardo Franco.

A Savana Arbórea Aberta (Campo Cerrado) ocupa grandes áreas com solos e relevo bastante diferenciados, novamente, de acordo com a proximidade da área de interesse deste doutorado, sobre relevo tabular com solos de Areias quartzosas no Planalto dos Parecis, em terrenos terciários com solos do tipo Latossolo Vermelho e Areias Quartzosas. Na planície do Guaporé, é observada sua ocorrência na Serra Ricardo Franco, Planaltos Residuais e em áreas do quaternário recente (acumulação inundável). Constitui-se em uma formação campestre, com origem natural ou antrópica (caráter secundário), possuindo estrutura mais aberta e mais baixa que o cerradão. É caracterizada por um tapete gramíneo lenhoso contínuo e pela presença de árvores gregárias de troncos e galhos retorcidos, casca espessa e folhas grandes. Ocorre sobre relevos tabulares ou ondulados e dissecados, com capeamentos areníticos.

A Savana Parque (Parque de Cerrado) é representada por proximidade da área em estudo por uma subformação com floresta de galeria (Spf), a qual domina a borda sudoeste da Chapada dos Parecis, podendo também ser observada ao norte da Serra de Santa Bárbara, onde ocorrem solos do tipo Litólico e às vezes afloramentos rochosos ou cascalhos na superfície. É constituída de um estrato graminoso-crepitoso, formando tufos e emaranhados, entremeado de elementos arbóreos com distribuição rarefeita.

A Savana Gramíneo-Lenhosa (Campo) ocorre em áreas pouco expressivas nas áreas

de acumulação inundável nas planícies do Guaporé. Pode também revestir cristas e patamares da Serra Ricardo Franco, em terrenos do Pré-Cambriano. Nas áreas onde a ação do fogo é constante o tapete graminoso torna-se mais alto do que o do campo natural e aparecem agrupamentos de taboquinha.

As Áreas de Tensão Ecológica ou Vegetação de Transição ocorrem em grande parte do Estado do Mato Grosso: a área em estudo não foge à regra. Estas áreas são constituídas pelas comunidades indiferenciadas, formadas pela interpenetração entre dois ou mais tipos de vegetação, resultando em uma confusa zona de contato. Pode ocorrer na forma de encaves (mosaico de áreas edáficas) ou ecótonos (mosaico específico), ou seja, no primeiro, a vegetação preserva sua identidade ecológica sem se misturar, enquanto no segundo, os diferentes tipos de vegetação se misturam e a identidade ecológica se retrata de acordo com a composição específica resultante (Ferreira 2001: 272).

4. O QUADRO ARQUEOLÓGICO REGIONAL: ÁREAS CIRCUNVIZINHAS AO ALTO RIO GUAPORÉ

Neste capítulo será abordado o quadro arqueológico regional em etapas cronológico-culturais já conhecidas para o estado do Mato-Grosso *latu sensu*, bem como o quadro arqueológico das áreas vizinhas à Microrregião do Alto Guaporé, considerando suas possíveis contribuições ou ligações para a área foco em estudo da presente tese.

4.1. Os Primeiros Tempos: Caçadores–Coletores do Pleistoceno Superior ou “Paleoíndios”

As primeiras ondas de povoação humana no Mato-Grosso se relacionam a um intervalo de tempo circunscrito entre as primeiras evidências da presença humana no continente americano até o final do Pleistoceno, há cerca de 10.000 ou 12.000 anos (Oliveira e Viana, 1999/2000: 149). Estudos apontam que se contava à época com um clima bastante distinto do atual, com temperaturas oscilando em torno de 5° C. No lugar da floresta quente e úmida, contava-se com uma vegetação de savana. As florestas restringiam-se às galerias existentes ao longo das grandes drenagens. A fauna era similar à atual, mas entre os animais que conhecemos vagavam espécies hoje extintas, representadas por mamíferos de grande porte como preguiças gigantes, mastodontes, toxodontes, gliptodontes, tigres dentes-de-sabre, entre outros (Cartelle 1994; Couto 1953).

Os vestígios desses primeiros povoadores são raríssimos, pois muitos sítios devem apresentar-se hoje submersos sob as águas dos grandes rios ou desaparecidos ante os impactos das chuvas torrenciais do início do Holoceno (Prous 1992: 127). Naqueles tempos os rios apresentavam um nível mais baixo que o atual, de modo que os antigos terraços fluviais onde homens montaram seus acampamentos e habitações sucumbiram. A umidade também foi implacável com os vestígios orgânicos deixados por esses grupos, os quais se valiam de fibras, folhas e madeiras para a confecção de suas cabanas e demais utensílios como canoas, arcos, cestas que se deterioram facilmente, conservando-se raramente nos sítios arqueológicos. Restam, via de regra, apenas seus instrumentos de pedra lascada. Contudo, interessantes achados têm ocorrido em cavernas, planícies de cabeceiras de rios na área de terra firme (menos sujeitas aos efeitos das cheias periódicas), e mesmo em descobertas

ocasionais feitas por garimpeiros no leito dos rios (ossos fósseis de fauna extinta e até pontas de flechas triangulares de pedra primorosamente lascadas).

Entre os exemplos de sítios arqueológicos relacionados à presença do paleoíndio no Mato Grosso, temos os níveis mais antigos do Abrigo do Sol (19.400 ± 1100 AP e 14.470 ± 140 AP) em Vila Bela da Santíssima Trindade e o de Santa Elina (23.320 ± 1000 e 22.500 ± 500 AP) em Jangada (Puttkamer 1979; Miller 1987; Vilhena Vialou e Vialou 1989, 1994; Oliveira e Viana 1999/ 2000: 149; Siqueira 2002: 11).

Miller (op. cit.) descreve para o Abrigo do Sol uma indústria lítica rudimentar a partir de lascas e blocos de arenito e basalto. Entretanto, opiniões de outros pesquisadores divergem quanto a esta indústria, cujas peças podem ter sido formadas por processos naturais⁴; a estratigrafia do abrigo é complexa, ocasionada por quedas de blocos ou por níveis duvidosos intercalados por camadas de blocos, sendo que as datações não coincidem com a estratigrafia (Vilhena Vialou 2007: 179).

O período mais antigo de ocupação do sítio Santa Elina é caracterizado por lascas, plaquetas retocadas de calcário detrítico, pequenas plaquetas de sílex, além de lascas e estilhas oriundas de técnica de lascamento de retoque. Pode se afirmar que é o primeiro e único sítio no Brasil onde se evidenciou a coexistência entre o homem e os mamíferos extintos do Pleistoceno, ao julgar pelos restos ósseos de uma preguiça gigante (*Glossoterium letsomii*), cuja datação pelo método Urânio/Tório sobre uma de suas osteodermas forneceu uma datação de 27000 ± 2000 BP (Vilhena Vialou et. alli. 1999: 13; Vilhena Vialou 2005: 10-11; 2007: 181-182).

Para o Alto-Madeira, Rondônia, há o *Complexo Cultural Periquitos*, o qual consiste de grandes artefatos bifaciais, ossos fósseis de mamíferos pleistocênicos e crânios humanos, um destes seria pouco mongolizado, com osso occipital semelhante com o exemplo de Lagoa Santa, Minas Gerais (Miller 1992b: 221; Prous 1992: 432). Porém, é necessário cautela com esses materiais, visto tratar-se de vestígios recuperados por atividades de dragagem de garimpo, onde antigos canais (datados de 11.940 e 42.000 anos AP) preenchidos por sedimentos são explorados sem acompanhamento arqueológico, de modo que, não raro, há perturbação da

⁴ Segundo comunicação pessoal de Walter Neves, este material teria sido formado por quedas de blocos do teto do abrigo, não apresentando quaisquer sinais de menor modificação ou trabalho humano, conforme suas observações efetuadas sobre as coleções líticas deste sítio, depositadas na reserva técnica do MARSUL, Rio Grande do Sul.

estratificação e mistura de vestígios e sedimentos por ação dos maquinários, bem como da própria dinâmica e deposição fluvial.

O tamanho dos sítios indica a organização em pequenos grupos de indivíduos conhecidos por *bandos*, ou seja, sociedades de pequena escala de caçadores e coletores com menos de 100 pessoas, que se deslocam sazonalmente para explorar os recursos alimentícios silvestres, sem domesticá-los, seus membros apresentam em geral parentesco por matrimônio ou descendência, não há entre estes diferenciações econômicas ou de hierarquia social (Renfrew & Bahn 1998: 162 e 164).

4.2. Caçadores-coletores do Holoceno Antigo ao Recente

Posteriormente, entre 11 mil e 8 mil anos atrás o homem já havia ocupado plenamente boa parte do território brasileiro e igualmente a área circunjacente ao vale do Alto Guaporé. A partir de 5 mil anos, observa-se a multiplicação de sítios arqueológicos, o que parece indicar o incremento da população, certamente favorecido pela melhoria e facilitação na obtenção de recursos alimentares, com a multiplicação das espécies da flora e fauna que se estabilizavam em função da regularidade climática, como exemplo, podemos citar um máximo de aquecimento e umidade denominado *optimum climático* ocorrido entre 7.000 e 4.000 AP (Prous 1992: 145 e 146).

Passamos a contar com diversos sítios arqueológicos relacionados a grupos caçadores-coletores e agricultores incipientes.

Cabe destacar que o termo “caçadores-coletores” conforme Renfrew e Bahn (1998: 510) é uma denominação coletiva atribuída às sociedades nômades ou semi-sedentárias de pequena escala, cuja economia é baseada em atividades de caça, pesca e coleta de plantas e frutos silvestres, sendo a forma de sua organização social baseada em *bandos* com forte laço de parentesco entre seus membros, conforme anteriormente mencionado.

O termo “caçador-coletor” aqui empregado também se refere aos sistemas de assentamento postulados por Binford (1980) a partir de seus estudos com grupos étnicos contemporâneos Kung/San do Deserto do Kalahari e Nunamiut do Ártico, sendo atribuída respectivamente a estes a designação de *forrageadores* e *coletores*. Uma característica marcante da estratégia de forrageamento é que seus praticantes comumente não armazenam alimentos, mas os obtêm diariamente; há também entre estes uma considerável variação

quanto ao tamanho do grupo nômade, bem como ao número de movimentos habitacionais feitos em um ciclo anual (Binford 1980: 5-7). Por outro lado, o modelo generalizado para os coletores se caracteriza pela armazenagem de alimento pelo menos uma parte do ano e a existência de grupos logicamente organizados pela busca de alimento (1980:10). Dois exemplos etnográficos de grupos *caçadores-coletores* para o teatro ecológico do Pantanal/Chaco encontraremos entre os *Siriono* (Holmberg 1969) e os *Guayaki* (Clastres, 1982:71-89). Todavia, um cuidado a se tomar é que há uma grande revisão em estudos posteriores, os quais indicam que estes grupos nem sempre foram o que podemos cunhar de “caçadores-coletores”, mas sim populações agrícolas mais estáveis, por sinal, afiliadas a famílias linguísticas de Tronco Tupi-Guarani, impactadas por processos depopulacionais e de regressão agrícola, acarretados pelo advento da colonização (Ballé 1995, Isaac 1977, Mann 2007: 6-12).

Utilizamos o termo “agricultores incipientes” para designar grupos que realizam o manejo de espécies vegetais, além da caça, pesca e coleta. Cabe destacar que a agricultura é o resultado do manejo bem sucedido de inúmeras espécies vegetais por povos caçadores-coletores, através da domesticação de plantas:

“Um processo co-evolucionário em que a seleção humana nos fenótipos de plantas em populações promovidas, manejadas ou cultivadas muda as frequências genotípicas das populações, tornando as plantas mais úteis e melhor adaptadas à intervenção humana da paisagem” (Clement 2006: 100).

Este processo se vale de duas “ferramentas” conhecidas como *seleção* e *propagação*, a primeira sendo baseada na escolha humana e, a segunda em qualquer prática propícia ao aumento de probabilidade de reprodução das progênes da matriz selecionada (Clement 2006: 100). Isto certamente acarretou na construção de muitas matas de origem antropogênica, dentro de uma verdadeira domesticação de paisagens:

“Um processo inconsciente e consciente de manipulação de componentes de paisagens que resulta em mudança na demografia de suas populações de plantas e animais, fazendo a paisagem mais produtiva e segura para humanos” (Clement 2006: 98).

Não podemos esquecer também que um recurso que poderia estar sendo praticado neste período, ainda que muito antigo, é o manejo de florestas antropogênicas, tema de estudo bastante abordado para a Amazônia em geral, poderia também estar sendo praticado na área do Alto Guaporé. Segundo Viveiros de Castro (1996: 183) algumas formações vegetais em ambientes de terra-firme revelam ocupação intensa e prolongada. Dentre estas formações destacam-se florestas antropogênicas manejadas de palmeiras, castanheiras e outras variedades botânicas, que além de corresponderem a 12% da terra firme, são o produto de milênios de ocupação humana, ou seja, florestas sucessivas relacionadas a sítios arqueológicos e correspondem a antigos locais de coivara (corte-queima), campos e assentamentos.

O registro arqueológico, muitas vezes, tem demonstrado o uso desenfreado do desmatamento em grandes áreas no Panamá e na Bacia Amazônica durante grande parte do Holoceno. As queimadas seriam o principal recurso para a remoção de árvores e vegetação de menor porte, objetivando o manejo da paisagem para o plantio, bem como a obtenção de recursos para combustível (lenha), construção e manufatura de instrumentos em geral. É grande a antiguidade e ocorrência geográfica das plantas geneticamente modificadas pelos ameríndios, cujas produções e expansões foram intensificadas não apenas por manipulação genética, mas também pela adoção de sofisticadas técnicas agrícolas (Piperno 1990; Stahl 1996: 114-115).

Pesquisas efetuadas por Cavelier *et al.* (1995) e Morcote Rios *et al.* (1998: 58) no jazimento arqueológico de Peña Roja, na região de Araracuara, médio rio Caquetá, Colômbia, revelaram a prática de manipulação de palmáceas por grupos pré-ceramistas de 9000 anos AP. O costume é ainda hoje observado entre os nômades *Nukak* da província de Guaviare (Morcote Rios 1998). Para a região do Pantanal, Oliveira (2000) menciona entre os *Guató* o manejo tradicional para a palmeira Acuri.

Podemos destacar aqui duas grandes tradições arqueológicas para este período vinculadas a um contexto *latu sensu* do Planalto Central Brasileiro. A primeira, conhecida como *Tradição Itaparica* teve sua presença registrada no sudeste de Mato-Grosso. É famosa por seus famosos “fósseis-guias”, ou seja, artefatos líticos plano-convexos genericamente denominados por *lesmas*; esta tradição foi a princípio definida nos anos 1960 por Valentin Calderón, sendo bastante difundida nos horizontes de ocupação caçador-coletor do Agreste e Semi-Árido Nordestino, sendo alvo de exaustivos estudos, de modo *lato sensu* podemos

estabelecer para esta tradição um intervalo cronológico de 11000 a 8000 anos AP (Schmitz 1987, Dillehay *et alli.* 1992, Oliveira & Viana, 1999/2000: 149; Etchevarne 1999/2000: 119; Barbosa 2002). Para a Sub-Bacia do Rio Vermelho, datações procedentes de um abrigo sob-rocha (Sítio MT-SL-31) apontam uma datação de 10.080 ± 80 AP (Wüst 1998: 664). Esta tradição foi também registrada no nordeste do Mato Grosso do Sul, no Alto Rio Sucuriú, com uma datação de 10.340 ± 110 AP (Beber 1994; Veroneze 1993).

Para o estado de Goiás, o horizonte mais antigo da Tradição Itaparica, ou seja, a Fase Paranaíba, foi considerada paleoindígena durante as pesquisas encabeçadas entre as décadas de 1970 e 1980 pelo jesuíta Pedro Ignácio Schmitz (Mello e Viana 2006: 30).

Por outro lado, a segunda tradição, conhecida como *Serranópolis*, mais tardia (cerca de 9000 a 7000 anos AP) foi registrada no Mato Grosso na Chapada dos Parecis. Sua origem é correlacionada com a expansão de vegetação de matas beneficiada com a mudança de um clima mais quente e úmido (Oliveira & Viana 1999/2000: 149). Para a região do Alto Sucuriú, nordeste do Mato Grosso do Sul, são descritos sítios em abrigos rochosos associados à arte rupestre e indústrias líticas com presença de lesmas: estariam associadas a caçadores-coletores do cerrado da Tradição Itaparica, ou a remanescentes de um sistema de debitage mais aprimorado, o qual teria sido posteriormente modificado; na região do Planalto de Maracaju há também uma indústria lítica sobre arenito silicificado caracterizada por raspadores e outros artefatos de semelhante função (Beber 1994: 4-5; Martins 1996; Veroneze 1992; Viana 2006: 394).

Entre outros grupos caçadores-coletores do Holoceno do Mato Grosso, contamos com o *Complexo Dourados* no Vale do Guaporé entre 8.930 e 10.600 AP (níveis aceramistas pós-pleistocênicos do Abrigo do Sol: 10.405 ± 100 AP e 9.370 ± 70); as ocupações aceramistas posteriores do Sítio Santa Elina (10.120 ± 120 a 2350 ± 60 AP, contendo maior variabilidade de instrumentos lascados de calcário e sílex entre 7 e 10 mil anos) em Jangada; o sítio Morro da Janela (10.080 ± 80 AP) e Ferraz Igreja (4.610 ± 60 AP e 2110 ± 120 AP) em Rondonópolis. (Siqueira 2002: 15, Oliveira e Viana 1999/2000: 149, 154; Vilhena Vialou 2005: 10-11).

Pesquisas efetuadas na área da Usina Hidrelétrica de Manso revelaram a presença de indústrias líticas do tipo arcaico datadas em torno de 6000 AP. Ocorreram alguns artefatos plano-convexos tipo *lesmas*, quiçá intrusivos da Tradição Itaparica mais antiga, ou, seriam artefatos oriundos de uma técnica de debitage reliquiar aprimorada, a qual, sofreu posteriores modificações (Viana 2006: 394).

Para a Sub-Bacia do Alto Juruena, Mato Grosso, há dois sítios a céu aberto

englobados na Fase Jatobá: o sítio Usina (MT-GU-20) e, o sítio Formiga I (MT-AJ-04) cujo início de ocupação dataria de 2000 AC. (Miller 1983: 273; Wüst 2001: 271).

No estado de Rondônia, na área de inundação da UHE de Samuel, no Alto Rio Jamari, Miller *et al.* (1992a: 35-37) menciona sítios arqueológicos de caçadores-coletores (Fases Itapipoca e Pacatuba) e agricultores incipientes (Fase Massagana), localizados sobre terraços fluviais, com datas oscilando entre 8320±100 e 2640±60 AP. Contamos também neste estado com sítios da Fase Vilhena, datada entre 2500 e 2000 AP (Miller 1983: 273; Prous 1992: 430; Simões & Costa 1978; Wüst 2001: 271). Para o Alto Madeira contamos também com o *Complexo Girau* de 9000-6000 AP (Cruz 2008: 35).

Miller (1983: 273) propõe que o padrão de assentamento das Fases Vilhena e Jatobá seria constituído por acampamentos ao ar livre, junto a igarapés adjacentes às *cuestas* e patamares da Chapada dos Parecis, com predomínio de savanas arbóreas densas associadas a florestas ombrófilas estacionais, possivelmente se estendendo à Depressão do Guaporé.

Para o Pantanal de Corumbá, contamos com a tradição homônima, subdividida nas fases Corumbá I (8180±80 AP a 8220±60 AP) e Corumbá II (2750±50 AP a 4140±60 AP), cujos sítios correlacionam-se a grupos de pescadores-caçadores-coletores instalados sobre aterros juntos a lagoas ou barrancos fluviais (Schmitz *et alli.* 1998:31-32).

Com os exemplos acima, observamos que certamente existem consideráveis variações culturais entre os chamados “caçadores e coletores” e entre os “agricultores incipientes”, resultando em um grande número de grupos que, ao longo do tempo, ocuparam a região. É bem possível que tenham coexistido em alguns momentos, bem como participado de diferentes processos de interação cultural (Robrahn-González 1996). Neste ponto, é interessante chamar a atenção quanto aos apontamentos de Bailey *et alli.* (1989: 65-66), os quais, através de exemplos etnográficos e arqueológicos, questionam a possibilidade de existência de grupos exclusivamente caçadores-coletores em áreas de floresta tropical, sem a mínima relação com a agricultura, ou pelo menos, com grupos vizinhos que a praticam: os *Maku* (caçadores-coletores) *versus* os *Tukano* (agricultores) do Alto Rio Negro, por exemplo.

Enquanto alguns grupos mantiveram sua economia baseada na caça, pesca e coleta (ex: aterros da tradição Corumbá, segundo Schmitz *et alli.* 1998) ou no manejo de algumas espécies vegetais, outras populações se dedicaram à coleta de moluscos e crustáceos, inclusive ensaiando os “primeiros passos” do que seriam as futuras indústrias ceramistas do Formativo da Bacia Amazônica (ex: tradições Mina e Guará no Baixo Xingu, segundo Perota e Botelho 1987; Perota 1992).

4.3. Os ceramistas: agricultores, coletores, pescadores

Um conceito existente para a Pré-História do Velho Mundo é que após as Eras Glaciárias o homem foi capaz de desenvolver um controle sobre o abastecimento de sua alimentação, com uma acentuada transformação da economia conhecida por *Revolução Neolítica*, onde a domesticação de espécies vegetais e animais estiveram interligados com as tendências tecnológicas e demográficas das populações humanas (Childe 1978, Hoppes 1994: 4; Harris 1989); por outro lado, dentro desta idéia, Clark (1969:111) anteriormente já propunha ser mais adequada a terminologia *Transformação* ao invés de *Revolução*, visto as novas descobertas e adoções tecnológicas terem sido efetuadas em um processo lento e gradual desde o Paleolítico. Este conceito já contava com um embasamento teórico nas idéias de Vere Gordon Childe existentes em suas clássicas obras *Mans Make Himself* (1936) e *What Happened in History* (1942), bem como com a de Carl O. Sauer *Agricultural Origins and Dispersal* (1952).

O Novo Mundo não fugiu à regra. É sabido que outras “revoluções neolíticas” teriam ocorrido em pontos esparsos do continente americano, a julgar por vestígios de antigas práticas de plantio, como o da abóbora (*Lagenaria siceraria*), seja no México (Serra Madre: 10000-8000 AP), Peru (costa norte: 8000-6000 AP; Talara: 6000 AP; Pikimachay: 13000 AP) ou na costa do Equador onde, por volta de 2003, descobriu-se ao sopé da Cordilheira dos Andes, a evidência de plantio deste cultígeno, quiçá tão antiga quanto qualquer vestígio agrícola na Mesoamérica (Lathrap 1977: 721-722; Mann 2007:19).

Esta “revolução” ou *Período Formativo* também teria ocorrido por intensificação de um sistema de cultivo de mandioca amarga (*Manihot esculenta* sp.) nas planícies aluviais amazônicas, norte da Colômbia e noroeste da Venezuela, surgido entre 6000 e 7000 AP e intensificado por volta de 5000 AP. (Lathrap 1977: 717, 735, 739-740). Este processo teria envolvido uma forma de plantio denominada *House Garden* (Denevan 1988: 56), uma das formas de plantio existentes para o ambiente de terra firme ou de interflúvio amazônico. Consistem de canteiros contíguos às casas, não exigem freqüentes atividades de limpeza, salvo o controle de ervas daninhas e a fertilização com refugos orgânicos (cinzas, restos de alimentos, etc..). Latharp (1977: 731, 733) defende que esta forma de plantio seria a mais antiga existente ao longo ou próximo dos rios amazônicos, como um “laboratório” experimental de manejo de espécies vegetais durante o Formativo.

Além dessas inovações agrícolas, ocorrerá o advento de um importante elemento tecnológico: a cerâmica, mas não necessariamente em consequência da produção agrícola, conforme veremos a seguir. Junto aos artefatos líticos, os artefatos cerâmicos oferecem relativa resistência aos processos destrutivos do ambiente úmido dos Trópicos e, considerando sua fragilidade para ser transportada, conforma um indicador seguro de vida sedentária⁵ (Meggers 1985: 54; Meggers *et alli.* 1988: 275); podendo ser considerado um importante veículo de informação, visto que os elementos empregados em sua composição estão onipresentes em todo ambiente (Hoppes 1994: 5).

“The adoption of ceramics has frequently been interpreted as an important step toward the emergence complex society (...) Ceramics are thoroughly “cultural” in that the variables of their manufacture, form, and decoration are almost completely dependent on the ideas of the potter for their expression” (Hoppes 1994: 2,5).

A origem da tecnologia cerâmica na América tem sido alvo de profundos debates. O modelo proposto por Ford, Meggers e Evans, defende uma origem através de migrações via o Oceano Pacífico a partir da cultura japonesa Jomon, dado as suas similaridades plásticas decorativas com a cerâmica Valdívía da costa do Equador; seguindo um modelo difusionista, a cerâmica teria se espalhado por diversas culturas tipo sambaqui ou concheiro, há não mais que 5000 anos AP: Puerto Hormiga (Colômbia), fase Alaka (Guiana), fase Mina (Pará), Monagrillo (Panamá), Puerto Marquez (México), Stallings Island (Flórida e Geórgia, EUA), entre outras (Meggers e Evans 1983; Meggers 1985:54-59; Hoppes 1994:3).

Porém, uma crítica a este modelo foi encabeçada por Donald Lathrap, o qual defendia a existência de similaridades entre a cerâmica Valdívía e antigas cerâmicas procedentes do flanco leste dos Andes, bem como a presença de elementos de fauna amazônica (jacarés) em símbolos religiosos da cultura andina de Chavín de Huántar: esses elementos apontavam as terras baixas sul-americanas como o berço da tecnologia cerâmica

⁵ Esta informação deve ser considerada com ressalva, pelo menos para os grupos ceramistas do Formativo Tardio, visto que as primeiras manifestações cerâmicas estão antes associadas a grupos forrageadores não sedentários, conforme veremos a seguir.

(Lathrap 1977:741; Hoppes 1994: 4).

Uma revisão crítica elaborada por Hoppes (1994) aponta que a origem da tecnologia cerâmica no Novo Mundo ocorreu em pelo menos oito centros independentes muito antigos, com origens e evoluções peculiares de seus contextos culturais, apresentando variações cerâmicas bem marcantes. Um detalhe importante: não apontam necessariamente para um vínculo com práticas agrícolas no Formativo Antigo, ou seja, seriam elaboradas por forrageadores sazonalmente móveis, os quais não apresentam quaisquer evidências seguras de associação com a agricultura. As cerâmicas mais antigas datadas seriam temperadas com areia e estariam associadas com culturas semi-sedentárias de sambaquis fluviais no baixo Amazonas (vide parágrafo abaixo) entre 6000 e 8000 a.C; entre 5000-4500 AC surgiria no norte da Colômbia um complexo cerâmico cujos sítios estariam associados a ocupações sazonais interioranas e, sua cerâmica seria temperada com fibras vegetais.

Pesquisas efetuadas por Anna C. Roosevelt no Sambaqui da Taperinha e na Caverna da Pedra Pintada revelaram resultados surpreendentes, como as mais antigas e contínuas ocupações na região central da Amazônia. O sambaqui da Taperinha, perto de Santarém, Pará, apresenta datações entre 7080±80 e 5705±80 AP (Roosevelt 1991: 1623; 1995:121-126); enquanto a Caverna da Pedra Pintada, situada na região de Monte Alegre, oposta ao Sítio Taperinha, indicou a presença de sete depósitos estratificados, do Pleistoceno superior ao Holoceno, datados entre 11200-430 AP (Roosevelt 1995: 126-128; Roosevelt *et alli.* 1996: 380-381).

O ecótono formado pela Bacia e pantanais do Guaporé entre a Amazônia, o Brasil Central, e as terras baixas da Bolívia tornou essa região particularmente interessante dada a sua biodiversidade, favorecendo a convergência de um volumoso contingente populacional, organizado em sistemas culturais, estes beneficiados com a pluralidade de ambientes gerados pelas mudanças climáticas ocorridas no Holoceno em todo território nacional (Stahl 1996: 110; Schmitz 2001/2002).

“As populações que neles se instalaram, adaptaram as suas estruturas econômicas sociais e ideológicas originais de maneira a serem reconhecidas as conseqüentes formações como culturas arqueológicas novas” (Schmitz 2001/2002: 88)

Dentro deste raciocínio, sob uma ótica difusionista e o processo de “revolução neolítica” do Formativo, um grande fluxo de povos agricultores-ceramistas oriundos da Amazônia teria se instalado na Sub-Bacia do Guaporé e áreas circunvizinhas, baseando-se nas idéias de Lathrap (1970: 80), Susnik (1994: 55) e Heckenberger (2002). Os padrões de produção alimentar na Amazônia Central, certamente acarretaram em um aumento demográfico, à medida que se aperfeiçoavam, condicionando múltiplos fluxos migratórios pelos principais afluentes do Amazonas. Entre esses povos, se destacarão os Proto-Aruak ou Proto-Maipurano, os quais a partir de 1000 e 500 a. C. seriam os responsáveis mais ativos pela difusão de uma Cultura de Floresta Tropical, inclusive tendo alcançado as terras baixas dos Llanos de Moxos e o semi-árido do Chaco; as línguas Aruak ou Maipurano eram as mais difundidas no continente sul-americano, quicá em toda a América (Lathrap 1970:80; Heckenberger 2002: 1; Migliacio 2006: 47).

De acordo com Heckenberger (2002: 111-112, 115) as principais feições trazidas por esta *Diáspora Aruak* incluem grandes aldeias permanentes, densamente distribuídas e interligadas por rotas de comunicação (e.g.: estradas e trilhas), com distribuição concêntrica das casas em torno das *plazas* (espaços de funções públicas ou sagradas); economia baseada em agricultura intensiva (principalmente mandioca) e recursos aquáticos; integração sociopolítica baseada em padrões formalizados de intercâmbio (troca de bens artesanais, casamentos exogâmicos, etc.); sociabilidade regional definida por hereditariedade e territorialidade, com divisão de valores culturais em comum e, proibições ideológicas e sociais contra “endo-guerras” ; estratégias militares defensivas, incluindo estruturas de defesas aprimoradas (paliçadas, valas, monturos); hierarquias sociais e chefias hereditárias organizadas em cacicados (mais por mudanças ideológicas e relações sociais, do que por meios de produção), os quais muitas vezes integravam em escala regional outros grupos culturalmente diferenciados, autônomos e socialmente igualitários.

É importante salientar que, para a formação dos múltiplos sistemas culturais da região em estudo, bem como de seu entorno, migrações associadas a outros troncos lingüísticos (Proto-Tupi, Proto-Caribe, Proto-Gê) também contribuíram, de modo não menos importante, para a conformação deste processo, não sendo uma exclusividade da *Diáspora Aruak*, haja vista a pluralidade etnológica existente nesta porção peculiar do território sul-americano.

Muitas vezes, os vestígios das aldeias dos agricultores ceramistas são hoje representados por imensas áreas de Antrosolos (Lepsch 2002: 118), ou seja, solos ricos em

matéria orgânica, muito férteis, e popularmente denominados *terra preta* ou *terra preta de índio*. Na região amazônica, ocorrem como “ilhas” inseridas em paisagens predominantemente formadas por solos altamente inférteis e intemperizados, genericamente conhecidos por Oxisolos. A alta ocorrência de carvões em sua matriz aponta que o elemento Carbono é o responsável pela estabilidade da matéria orgânica nesses solos (Glaser *et alli*. 2000). Apresentam uma quantidade incalculável de fragmentos de cerâmica, artefatos líticos e restos orgânicos descartados em atividades cotidianas ou sepultados em ritos funerários, resultantes da permanência de grandes populações por longos períodos (Denevan 1996: 665). Alguns autores defendem que essas gigantescas áreas de terra preta, na verdade seriam palimpsestos de múltiplas reocupações de menor porte em períodos pré-coloniais (Meggers *et alli*. 1988: 291; Miller *et al*. 1992 a: 65).

Devido à grande variedade de tradições, fases e complexos ceramistas já estudados regionalmente, essas ocupações serão abordadas de acordo com determinadas regiões vizinhas à área de pesquisa, sejam estas comuns ao estado do Mato Grosso ou estados vizinhos, bem como o território boliviano.

O Estado de Rondônia

Miller (1992c: 334) menciona para o Alto rio Madeira e o Baixo rio Mamoré a existência de tradições ceramistas regionais cuja cerâmica exhibe decoração plástica e aplicada, associada a alguma pintura bicroma sobre engobo branco ou simples. O tempero predominante é o cauxí ou o cariapé, dependendo da fase. No baixo curso dos afluentes ocorrem tradições microrregionais, com pouca ou nenhuma decoração, seja plástica ou pintada, o cauxí é predominante em sítios de águas transparentes, algum cariapé ocorre em sítios de águas turvas.

A Tradição Policroma é representada por sítios existentes na fronteira norte-ocidental do Mato Grosso/ Bolívia, para os quais E. Th. Miller descreve a presença da Subtradição Guarita. Esses sítios geralmente situam-se nas margens dos rios, sempre na altura das cachoeiras, o que serviria de ponto para armadilhas pesqueiras, com presença de petróglifos e amoladores de lâminas de machado nos afloramentos rochosos. Os sítios apresentam muros delimitando círculos de até mais de 100 m de diâmetro, 1 m de largura e 1,50 m de altura. Entre os artefatos líticos destacam-se lâminas de machado em forma de “T” (Prous 1992: 463).

A Subtradição Jatuarana, vinculada à tradição Policroma Amazônica, ocupou as margens do Médio-Madeira e do baixo Alto-Madeira, por uma extensão aproximada de 550 km, sendo seus sítios de habitação associados às áreas de terra-preta, ou, sítios-cemitérios afastados das áreas de habitação sem presença de terra-preta. A cerâmica exhibe combinações de temperos de cariapé, cauixí, carvão e areia fina, sendo o acabamento de superfície bem elaborado, em alguns casos ocorrendo impermeabilização com resina de jatobá; há uma grande variedade de decoração plástica ou policroma, em alguns casos lembrando a subtradição Guarita (presença de flanges mesiais); as formas implicam em raros assadores, tigelas de contorno simples a composto, vasos raros, hemisféricos, cilíndricos, carenados e compostos. Suas datações mais antigas são 2.730 ± 75 AP e 2340 ± 90 AP (Miller 1992b: 223-224).

A Tradição Jamari ocupou o Baixo-Jamarí e o baixo curso de seus afluentes, por uma extensão aproximada de 340 km, com sítios de habitação associados às áreas de terra-preta, ou sítios-oficina líticos em afloramentos graníticos em drenagens. A cerâmica exhibe temperos de areia, cariapé e cauixí, sendo o acabamento de superfície bem simples, com pouquíssima decoração plástica ou pintada, predominando o banho e o engobo vermelho. As formas mais abundantes são assadores, tigelas rasas e vasos rasos, globulares, cônicos e carenados, há também pequenas tigelas geminadas. Suas datações vão de 2500 ± 90 AP a 1723 AD. (Miller 1992b: 224-225).

Ocorrem ainda outras fases ceramistas, sem tradição ou datação afiliada para a bacia do Alto-Madeira, entre estas citamos a *fase Cupuí* (Médio-Jamarí e Alto Baixo-Jamarí) cujos sítios-habitação apresentariam contato intercultural com a Tradição Jamari; a *fase Jaciparaná* (Baixo-Jaciparaná, afluente do Médio-Madeira) também representada por sítios-habitação e a *fase Pederneiras* (Baixo-Abunã, afluente do Alto-Madeira), a qual, além de apresentar sítios-habitação, conjuntamente exhibe sítios oficina e de arte rupestre. A arte rupestre no Baixo-Abunã e no médio Alto-Madeira é caracterizada pelas técnicas picoteadas e alisadas ou por técnica de incisão fina sobre afloramentos graníticos: os motivos da primeira são representados por figuras geométricas, linhas, círculos, espirais, zoomorfas, antropomorfas ou máscaras; já a segunda, exhibe motivos de linhas retas, curvas, zig-zags, pontos alinhados, máscaras ou rostos antropomorfos triangulares. Há também registros quanto à existência de construções de irregulares muralhas baixas e subcirculares no topo de intrusões graníticas, com um perímetro de até 380 m, onde foram evidenciadas duas ocupações, a mais recente contendo cerâmica simples: 2.275 ± 65 a.P e 1290 ± 60 AP. (Miller 1992 b: 225-227).

Para a Bacia do Rio Ji-Paraná projetos de arqueologia de resgate organizados pela empresa *Scientia* ainda se encontram em andamento, cujos resultados contribuíram para os estudos de origem e migração dos antigos povos Tupi, conforme recentemente abordado nas dissertações de mestrado de Cruz (2008) e de Neto (2009).

A Sub-Bacia do Rio Xingu

As primeiras notícias quanto à arqueologia do Alto Xingu remontam ao ano de 1897 com a Expedição Paula Castro, onde foram encontradas urnas funerárias em uma gruta situada nas cabeceiras do rio Culiseiu. Mais tarde algumas pesquisas foram efetuadas por Eduardo Galvão (Museu Nacional) e os norte-americanos Robert Carneiro e Gertrude Dole, estes na ocasião de suas pesquisas entre os *Kuikúro* (Simões 1967: 133).

Dole (1961-1962) já demonstrava em seu trabalho uma preocupação em desmembrar e compreender as origens da pré-história xinguana, especialmente entre o grupo *Kuikúro* de língua Caribe, considerando a homogeneidade para a bacia do Alto Xingu em termos de organização social e de cultura material, a despeito da diversidade lingüística entre nove tribos ali conhecidas: a área seria uma zona de refúgio, onde povos de diferentes origens se aculturaram mutuamente criando uma cultura comum.

Através de coleções cerâmicas oriundas de coletas de superfície e de poços-teste (efetuados em sítios à época considerados pelos *Kuikúro* como ocupações de seus ancestrais diretos), houve uma tentativa de classificar este material em três tipos correspondentes a “tradições ou sub-tradições” diferenciadas: 1) painéis com bordas expandidas sem incisão, 2) borda incisa com linhas concêntricas e, 3) bordas planas com linhas diagonais incisadas. Como tempero se observou a utilização de minerais, cauixi e algum cariapé. Considerou-se uma indústria cerâmica (creditada os antigos grupos *Kuikúro*) diferenciada da moderna praticada pelo grupo ceramista *Waurá* (língua Aruak), atualmente único produtor e fornecedor de cerâmica para os demais grupos xinguanos. As vasilhas originais dos antigos *Kuikúro* seriam grandes tigelas com bordas planas e linhas diagonais incisadas, utilizadas para o processamento da mandioca-brava ou amarga (*Manihot esculenta* sp.), a julgar pelas marcas no lábio das vasilhames ocasionadas pelas armações das peneiras e o peso da massa de mandioca exercido sobre estas, detalhe ainda hoje observado nas modernas vasilhas xinguanas empregadas nesta atividade. Com o decorrer do tempo teriam adotado as grandes vasilhas *Waurá*, mais aptas para esta tarefa, porém, não exibem decoração incisa, senão pintada. Outras formas curiosas

foram consideradas para os antigos *Kuikúro*, neste caso, vasilhas retangulares com decoração plástica modelada na face externa no motivo de sulcos horizontais ou em forma de crescente. Neste trabalho foi também documentada a presença de grandes trincheiras e de uma ampla estrada reta, cuja construção exigiria a existência de uma ampla base de subsistência e um controle político mais centralizado que o hoje existente entre esses grupos indígenas (Dole 1961-1962: 403-404; 412-413; 418-419).

Com o advento do Projeto Xingu, vinculado ao Programa Nacional de Pesquisas Arqueológicas (PRONAPA), foram localizados 12 sítios arqueológicos entre a foz do Manitsauá até o baixo Culuene: 7 no curso superior do Xingu e 5 nos arredores do baixo rio Culuene, cujas descrições preliminares, à época, dos sítios e suas indústrias cerâmicas são resumidas em ambas as tabelas abaixo:

Tabela 1 – Quadro arqueológico preliminar para o Alto Xingu elaborado pelo PRONAPA
Fonte: Simões, 1967, p. 134-139.

Sector	Sítios Arqueológicos	Datações	Descrição	Inserção dos Sítios na Paisagem
Curso Superior do Xingu	11 sítios levantados	—	Sítios habitacionais, com área circular de 80 a 200 m de diâmetro e espessura média de 70 cm. Ausência de sítios cemitérios, os sepultamentos seriam primários no espaço da aldeia.	Sítios situados próximos à água corrente (rios), em locais a salvo de inundações nas matas ciliares.
Curso inferior do Culuene	5 sítios levantados	—	Sítios habitacionais, com área circular de 100 a 150 m de diâmetro e espessura média de 50 cm. Sepultamento primário com vasilhas cobrindo o cadáver.	Sítios situados próximos à água corrente (lagoas ou pequenos tributários) em locais a salvo de inundações nas matas ciliares, ou em seus limites com o cerrado.

Tabela 2 – Aspectos das indústrias ceramistas para o Alto Xingu elaborado pelo PRONAPA.

Fonte: Simões, 1967, p. 134-139.

Setor	Tempero Cerâmico	Formas de Vasilhames	Acabamento de Superfície
Curso Superior do Xingu	Cariapé predominante, areia.	Vasilhames de boca ampliada, contorno simples arredondado, base circular plana. Assadeiras de beiju plano-circulares. Há também suportes de panelas tronco-cônicos e rodela de fusos.	Predomínio de acabamento de superfície simples, áspero, mal alisado. Decoração plástica: técnica unglada, acanalada, entalhada e modelada (alças e adornos biomorfos). Engobo vermelho e pintura vermelha sobre superfície branca.
Curso inferior do Culuene	Cauixí. Raros grãos de quartzo, mica e tecidos vegetais.	Vasilhames de boca ampliada, contorno arredondado, base plana ou em pedestal. Assadeiras de beiju plano-circulares.	Acabamento de superfície alisado regularmente, com sinais de raspagem, lixado ou polido. Predomínio de decoração plástica: técnica incisa, entalhada e modelada (alças e adornos biomorfos). Engobo vermelho, ora associado a engobo branco.

Este projeto relatou também a presença de valas defensivas ou de condução de embarcações da terra firme para a beira d'água (Simões 1967:139-140). Mas de modo controverso (e errôneo, conforme veremos a seguir) foi aventada a hipótese de se tratarem de leitos secos de canais de drenagem.

Para a região alto xinguana contamos também com as curiosas cerâmicas da Lagoa de Miararré (ou Lagoa das Onças) e de Ipavu. A cerâmica procedente da primeira é de caráter não utilitário com decoração plástica incisa, ponteadada e aplicada, contendo modelagens na forma de figuras zoomorfas, antropomorfas, falomorfas e geométricas, sendo-lhes atribuído um atributo “cerimonial” bem como uma afiliação à Tradição Inciso Ponteadada amazônica (Becquelin 1993; Prous 1992: 460 e 461; Oliveira e Viana 1999/2000: 161; Simonsen e Oliveira 1980). Quanto à cerâmica da Lagoa de Ipavu, esta apresenta vasilhames de função funerária cujo formato é bastante semelhante às formas cerâmicas dos atuais *Waurá* (Prous 1992: 460).

A partir do ano de 1996 trabalhos mais recentes desenvolvidos no Alto Xingu por iniciativa do arqueólogo Michael Heckenberger e, comprovaram que as trincheiras ou valas acima mencionadas na verdade faziam parte de um complexo de aldeias fortificadas (bem maiores que as de hoje lá existentes) de 3 a 5 km², com praças centrais interligadas por estradas, estando localizadas longe dos principais cursos d'água (por exemplo, os sítios Nokugu e Kuhikugu). Essas aldeias foram evidenciadas por sítios de terra preta, com amplos estratos adjacentes, apresentando considerável variabilidade em suas profundidades e composição, com depósitos acreacionais formados por deposição gradual e enriquecimento de sedimento, relacionados a ocupações humanas relativamente contínuas. As pesquisas revelaram seguramente uma seqüência cultural a qual se estende de 900 AD à atualidade, baseada nas análises da tecnologia cerâmica, da organização do espaço das aldeias, bem como da localização em si dos assentamentos dentro da bacia Alto xinguana. As mais antigas ocupações ceramistas datam de 900-1500 AD, estando estas associadas a grupos Aruak oriundos do oeste. Há 500 anos ou mais, outros grupos (entre estes os *Kuikúro*, ou ao menos seus ancestrais Caribe) adentraram a bacia, vindo a compartilhar e compor esta cultura pan xinguana, sob a forma de populações densas e sedentárias, sustentadas sob uma economia de produção de derivados de mandioca brava ou amarga (*Manihot esculenta sp.*) e pesca, complementada por coleta e caça de elementos silvestres (Silva 1993; Heckenberger 1998: 634, 645; Heckenberger *et al.*, 1999: 355-357, 364 e 370).

Os resultados dessas pesquisas hoje em dia são valorizados e aproveitados pelos próprios membros da nação *Kuikúro*, principalmente através da figura de seu cacique, Afukaka, principal participante indígena nas pesquisas ali desenvolvidas por Heckenberger a partir de 1996. Um interessante projeto seu em andamento é a documentação da cultura indígena local (cânticos, danças, rituais, cotidiano, etc...), além dos vestígios arqueológicos estudados, através de recursos vídeo e cinema, no intuito de elaborar uma memória filmográfica, mantendo vivas as tradições locais para as futuras gerações indígenas do Xingu (Arini 2009).

Ao se referir à cerâmica contemporânea dos grupos indígenas xiguanos, Latharp (1970:137-138) refere-se ao comércio inter-tribal praticado entre diversos grupos

lingüísticamente distintos, porém, com especializações artesanais próprias, associando os produtores de cerâmica (*Waurá*) à língua maipurano (Grupo Arawak), cuja origem seria a tradição Barrancóide da Amazônia Central, visto que sua indústria cerâmica tem como características grandes vasos atarracados (*mapukúlo*) para função de armazenagem, além de taças biomorfas, cujas cabeças são adornos modelados-incisos, internos e virados para dentro, conforme podemos atestar por detalhada descrição efetuada por Lima (1950) durante expedição organizada em 1947 pelo Museu Nacional e a Fundação Brasil Central.

A tradição Barrancóide é também conhecida como Borda Incisa (Meggers e Evans 1983) ou Incisa Modelada (Lathrap 1970: 123; Heckenberger *et alli.* 1999:70) e, teria uma origem circum-caribe, a qual teria ocorrido na desembocadura do rio Orinoco por volta de 1000 AC (Meggers 1985: 128) ou, segundo Lathrap (1970: 123) por volta de 700 a 800 AC com a expulsão de um grupo ceramista mais antigo conhecido como *Estilo Saladero*. De acordo com a classificação de Rouse e Cruxent (1963: 84) corresponderia aos estilos Los Barrancos (300-1000 AD) e Barrancas (1000 AC-300 AD) das séries Barrancóides, período II e III da época Neo-Índia venezuelana.

Entretanto, desde essas primeiras considerações até os últimos dados publicados para esta tradição, novos dados levantados e algumas questões foram reavaliados, mostrando que há para essas indústrias cerâmicas um panorama bem mais complexo, envolvendo datações (por sinal, mais antigas), especulações quanto às suas origens, além de sua diáspora pela bacia amazônica, conforme é possível atestar pelos trabalhos de Roosevelt (1980, 1997), Zucchi *et alli.* (1984), Heckenberger (2002), Heckenberger *et alli.* (1999), Petersen *et alli.* (2001), entre outros.

Gomes (2008: 175, 177) explica os problemas existentes quanto à classificação e o uso das nomenclaturas “Barrancóide” e “Borda Incisa”. Sucintamente podemos associar a primeira às cerâmicas do Baixo Orinoco e a segunda à Bacia Amazônica: ambas são diferentes em termos comparativos. Dentro dos estilos amazônicos, nem todos os complexos portadores de cerâmica Incisa Modelada/Borda Incisa manifestam traços Barrancóides, e, quando estes ocorrem genericamente em determinados estilos cerâmicos, apresentam também diferenças marcantes entre si.

Pesquisas efetuadas na área da Comunidade de Parauá, Pará, revelaram a existência de uma variabilidade cronológica e estilística entre grupos associados à tradição Borda Incisa, cujas datações apontam um início de ocupação em 3800 e 3600 AP estendendo-se posteriormente até 1320-910 AP, integrando-se com os complexos cerâmicos mais tardios e marcantes na região, neste caso as cerâmicas Santarém e Konduri. Foram também observados elementos que permitem comparações com as cerâmicas do Brasil Central, neste caso a tradição Uru e a fase Ipavu do Alto Xingu (Gomes 2008: 174, 178).

Para a região do baixo Xingu, Pará, trabalhos desenvolvidos durante o PRONAPABA definiram a presença de uma adaptação agrícola na região entre 3200 a 300 AP, arqueologicamente definida pela presença da Tradição Policroma, com as Fases Independência, Cacarapí e Criajó (havia uma quarta fase vinculada à Tradição Policroma, sendo esta denominada *Primavera*); a Tradição Mina (Fase Macapá); a Tradição Incisa Ponteadada (Fase Curuá); a Tradição Itacaiúnas (Fases Pacajá e Arara); a Tradição Guará e a Fase Salvaterra. A estruturação das áreas de pesquisa foi escolhida tendo como embasamento a teoria dos “refúgios florestais” propostos por Haffer (Perota e Botelho 1987, Perota 1992).

Os artefatos cerâmicos recuperados, de acordo com cada fase supracitada, indicam a presença do plantio ou uso do algodão, ao julgar pelas rodela de fuso (Tradição Guará, Fases Cacarapí e Curuá) e, principalmente, o plantio da mandioca, visto a grande variedade de vasilhames e assadores empregados no preparo do beiju e de farinha, bem como na armazenagem de líquidos gerados neste processo (tucupí). Um pormenor curioso é a presença de raladores na Tradição Guará, ou seja, cacos cerâmicos com saliências e reentrâncias na face interna, cujas irregularidades aprimorariam o atrito no ato de ralar a mandioca. (Perota 1992: 212, 215 e 216).

As tabelas a seguir resumem de forma sucinta a seqüência cronológico-cultural e as principais características das indústrias ceramistas para o Baixo Xingu pré-colonial.

Perota (1987: 488-489) menciona também para o Baixo Xingu a existência de dois sambaquis fluviais no Igarapé do Guará, afluente esquerdo do rio Xingu, cujas datações oscilavam entre 2255 $\pm$ 55AP e 610 $\pm$ 55 AP. O material recolhido era notadamente cerâmico.

Tabela 3 – Sequência Cronológico-cultural para o Alto Xingu. Fonte: Perota e Botelho, 1987; Perota, 1992.

Tradição	Fase	Datações	Inserção dos Sítios na Paisagem
Incisa Ponteadada	Curuá	275±75 a 175±55 AP	Sítios cerâmicos sobre terraços fluviais arenosos, próximos ou em frete de uma cachoeira ou pequeno conjunto de ilhas.
Itacaiúnas	Pacajás	690±90 e 400±90 AP	Sítios cerâmicos sobre terrenos acidentados; terraços fluviais areno-argilosos; platôs de solos arenosos.
	Arara	?	Sítios cerâmicos em terraços fluviais arenosos ou em elevações divisoras de micro-bacias (cabeceiras dos igarapés).
Policroma	Cacarapí	910±60 a 365±60 AP	Sítios cerâmicos sobre terraços fluviais do Grupo Barreiras.
	Criajó	910±60 a 770±80 AP	
	Primavera	980±70 a 830±80 AP	
	Independência	1050 ±50 a 300±60 AP	Sítios cerâmicos sobre terraços fluviais arenosos.
Guará		1485±75 a 840±60 AP e 2255±55 AP	Sambaquis em terraços coluviais (erosão do Grupo Barreiras) ou depósitos aluvionais quaternários.
	Salvaterra	2400±70 AP	Sítios cerâmicos sobre terraços fluviais argilo-arenosos.
Mina	Macapá	3170±120 e 1650±70 AP	Sambaquis em terraços fluviais argilo-arenosos.

Tabela 4 – Aspectos das indústrias ceramistas para o Alto Xingu. Fonte: Perota e Botelho, 1987; Perota, 1992.

Tradição	Fase	Tempero cerâmico	Formas de vasilhames	Acabamento de Superfície
Incisa Ponteadada	Curuá	Areia e cauixí	Esféricos em meia calota ou carenados.	Decoração plástica incisa, ponteadada, aplicada, borda entalhada, marcada com cordas ou tecidos e apliques modelados. Engobo (?) vermelho e decoração pintada.
Itacaiúnas	Pacajás	Quartzo triturado e areia.	Pratos, vasos de meia calota ou de boca constricta.	Decoração plástica incisa, corrugada, aplicada. Engobo (?) vermelho e decoração pintada.
	Arara	Quartzo triturado.		Decoração plástica incisa, corrugada, borda entalhada, alguns apliques. Engobo (?) vermelho e decoração pintada.
Policroma	Cacarapí	Areia, cauixí e cariapé.	Pratos rasos ou esféricos, ambos em meia calota; vasos de contorno constricto ou em meia esfera de contorno composto.	Decoração plástica incisa, raspada e marcada com corda. Decoração pintada.
	Criajó			
	Primavera			
	Independência	Areia e cariapé.	Esféricos de meia calota ou ovóides.	Predomínio de acabamento de superfície simples, decoração representada por incisões ou pinturas sobre engobo branco.

Guará		Areia, cariapé e concha triturada.	Pratos de meia calota esféricos, vasos cônicos, de contorno simples a compostos carenados ou com bordas extrovertidas, além de urnas de bordas extrovertidas.	Alisamento incipiente no acabamento de superfície simples, melhor alisamento na cerâmica decorada. Polimento no engobo vermelho. Decoração plástica incisa, ponteadada, pseudo excisa, incisa hachurada, ponteadada arrastada, raspada, escovada, apliques modelados. Há pesos de rede, rodela de fuso e raladores.
	Salvaterra	Areia		Muito erodido. Decoração plástica incisa e ponteadada arrastada.
Mina	Macapá	Areia e conchas moídas.	Formas rasas e simples.	Áspera ao toque, decoração plástica incisa, corrugada. Engobo (?) vermelho.

Através de uma análise parcial foi diagnosticado de modo preliminar duas fases: Guará e Guarabira, sendo que a primeira foi posteriormente considerada uma tradição (Perota 1992:216), sendo seus aspectos tecnológicos cerâmicos resumidos na Tabela 4. Quanto à fase Guarabira há menções quanto ao emprego de tempero de cariapé, sendo o acabamento de superfície dos vasilhames simples, há banho ou engobo vermelho, rara presença de pintura, decoração plástica incisa fina (ora aplicada á borda, ora com engobo ou banho vermelho), incisa ponteadada, incisa hachurada (com engobo ou banho vermelho), raspada e escovada. Há também raladores, pesos de redes, sendo as bases dos vasilhames planas ou côncavas (Perota e Botelho 1987: 489).

A Bacia Platina e o Pantanal

Conhecemos como *Pantanal* uma grande planície aluvial formada entre o Planalto do Mato Grosso, o Chaco Boreal do Paraguai e a Planície de Guaraíes da Bolívia, a qual conta com o rio Paraguai e afluentes como sua drenagem principal, configurando uma paisagem de rios, canais e córregos de cursos incertos, lagoas permanentes a sazonais, de modo que, durante as estações chuvosas os campos tendem a se transformar em um imenso mar interior

e, nas estações secas em ricas áreas de pastagens (Schmitz *et alli*. 1998: 21). Esta imensidão de águas já era mencionada nas crônicas e cartografia quinhentistas como *Laguna de los Xarayés* (Maack 1959; Costa 1999; Migliácio 2006: 67; Oliveira 2004: 25).

A variedade de ambientes existentes em seu entorno, tais como a Amazônia ao norte, as planícies de inundação do rio Paraguai ao sul, os cerrados do Planalto Central Brasileiro ao leste e, o semi-árido do Chaco paraguaio e boliviano ao oeste, condicionou ao Pantanal uma situação ideal para a multiplicidade de micro ambientes distintos e de variadas culturas indígenas ali registradas nos primórdios da colonização, cujos relatos descrevem a presença de grandes populações, territorialmente pressionadas por grupos Guaraní ao Leste e por grupos *Quéchua* e *Aymara* (englobados pelo Império Inca) ao Oeste. Entre esses grupos citamos os *Xarayé* e os *Orejones* e, vários grupos canoeiros, como os *Matsubehe*, os *Yacaré* e os *Artanese* (Migliácio 2006: 48-49; Robrahn-González & Zanettini, 2000: 50).

Pesquisas arqueológicas neste ecótono de *terras baixas* remontam do final do Séc. XIX através de algumas expedições etnográficas, com os trabalhos desenvolvidos por Richard Rohde, Julio Koslowsky, Maria do Carmo Mello Rego e Hermann Meyer; embora de cunho exploratório, essas pesquisas objetivavam formar *coleções museológicas* a partir de escavações em sítios arqueológicos de *aterros*, bem conhecidos neste ambiente. Com o início do Séc. XX as pesquisas de Max Schmidt demonstram uma maior preocupação quanto aos aspectos de gênese, composição e estratigrafia desses sítios, configurando o papel de pioneiro na arqueologia do Pantanal (Oliveira & Viana 1999-2000:178; Migliácio 2006:71-72). Durante os anos de 1930, o pesquisador norte-americano Vincent Petrullo efetuou o levantamento e a escavação de alguns sítios na região do Pantanal de Cáceres, na área da Fazenda Descalvados, recuperando uma rica coleção de urnas funerárias, além de outras peças cerâmicas, ósseas, conchíferas e líticas, entre estas últimas destacando-se adornos e contas polidas. Após este trabalho, a arqueologia na região ficou esquecida por quase seis décadas (Migliacio 2006: 73-74 e 76).

Um *renascimento* da arqueologia pantaneira *lato sensu* ocorrerá principalmente nos idos de 1990, através de projetos de arqueologia de resgate e de pesquisas acadêmicas. No primeiro caso, podemos citar como alguns exemplos, as pesquisas desenvolvidas no âmbito do Gasoduto San Matias-Cuiabá (Funari e Oliveira 1998, 2000 a), o salvamento do Aterro Jatobá (Funari e Oliveira 2000 b), o Gasoduto Bolívia-Mato Grosso (Martins e Kashimoto 1999), bem como, os estudos de EIA/RIMA para o Projeto de Implantação do Porto de

Morrinhos alusivos ao patrimônio arqueológico, histórico e etnológico (Robrahn-González & Zanettini, 2000). Entre os projetos acadêmicos podemos citar o Projeto Corumbá promovido pela UNISINOS e a UFMS (Schmitz *et alli.* 1998), bem como as dissertações de mestrado e teses de doutorado de Migliácio (2000, 2006), Oliveira (1995, 1996, 2002) e Peixoto (1995, 1998).

Podemos afirmar que dentre as áreas circunvizinhas à área alvo do presente doutorado, esta é a mais complexa em termos arqueológicos e etnográficos, visto englobar desde grupos não-ceramistas arcaicos a grupos de agricultores ceramistas, alguns quiçá organizados em regime de cacicados, no caso da Tradição Descalvados, cujos sítios, bastante comuns no Pantanal de Cáceres e nos rios Paraguai e Jauru, se caracterizam por sítios de aterro e ribeirinhos, em geral datados dos Sécs. IX- XVIII AD, embora existam datações mais antigas (Migliaccio 2000, 2001, 2001/2002: 185; Oliveira e Viana 1999/2000: 176, 187). Porém, outros grupos, embora empregassem a cerâmica, mantiveram uma economia predominante de caça-pesca-coleta, como pode ser observado na Tradição Pantanal, cujos sítios se caracterizam por pequenos aterros ou assentamentos em margens de rios e lagos, possivelmente produziam também gravuras e pinturas em rochas (Morro do Cará-Cará, por exemplo), provavelmente seus últimos remanescentes seriam os *Guató* etnográficos, cujo ambiente geográfico era disputado com outros grupos etno-históricos, muitas vezes de forma conflituosa, sendo seus tradicionais inimigos os *Mbaiá-Guaicuru*, *Payaguá* e *Guarani-Itatim* (Girelli 1994; Oliveira 1995: 52, 63-64; Oliveira & Viana 1999-2000; Siqueira 2002: 16).

Para a região do Maciço do Urucum, situado na borda oeste do Pantanal Sul-Mato-Grossense, próximo à cidade de Corumbá, é registrada a presença de 23 sítios arqueológicos afiliados à Tradição Tupiguarani, ou Sub-Tradição Corrugada comum ao sul do Brasil. Embora não haja datações absolutas para esses sítios, é estimado que pertençam a um período anterior ao contato com os europeus (embora não se descarte absolutamente a possibilidade de alguns deles serem de período colonial), considerando os relatos etno-históricos para a região de entorno e a cultura material abundante e bem acabada, afiliada às existentes em outras áreas. Esses fatores apontam que os grupos indígenas já estariam ali estabelecidos de modo estável e, até manteriam contatos com os grupos da Tradição Pantanal, a julgar pela presença de alguns fragmentos cerâmicos desta tradição coletados juntos a três sítios Tupiguarani. (Oliveira & Viana 1999/2000: 178-179; Peixoto 1995, 1998: 83-84; Peixoto *et alli.* 2009).

As Tabelas 5 e 6 resumem os principais aspectos das afiliações cronológico-culturais e seus vestígios de cultura material para o ambiente do Pantanal.

Tabela 5 – Seqüência Cronológico-cultural para o Pantanal. Fonte: Schmitz et alli, 1998, p. 31 e 32; Oliveira e Viana, 1999, 2000, p. 170-172; Migliácio, 2000, 2001, 2002, p. 185, 2006, p. 332; Peixoto, 1995, 1998; Peixoto et alli, 2009.

Tradição	Fase	Datações	Inserção dos Sítios na Paisagem
Tupiguarani (Subtradição Corrugada)	—	Sécs. X-XV (possivelmente anterior ao contato com os europeus).	Sítios de grupos agricultores ceramistas instalados nas encostas e, em patamares baixos e altos de morrarias no Planalto Residual de Urucum (borda oriental do Pantanal), próximos às nascentes de córregos, em encostas planas com solos férteis.
Pantanal	Jacadigo	Séc. XIX (provavelmente)	Sítios não estratificados, não pertencentes a aterros, situados em baixas encostas de morros. Provavelmente associam-se a acampamentos de grupos etno-
	Pantanal	1700±50 AP a 2160±50 AP	Sítios de grupos pescadores-caçadores- coletores ceramistas instalados sobre aterros. Sítios de arte rupestre (Morro do Caracará e Lagoa Gaíva) com predomínio de motivos geométricos, seguidos de sulcos sinuosos, poucas figuras na forma de pés humanos ou
Descalvados	—	200±20 a 2300±300 AP	Sítios de grupos agricultores ceramistas instalados sobre aterros ou terraços fluviais no Pantanal de Cáceres, Rios Paraguai e Jauru.
Corumbá	Corumbá II	2750±50 AP a 4140±60 AP	Sítios de grupos pescadores-caçadores- coletores aceramistas instalados sobre aterros juntos à lagoa Jacadigo, diques marginais do Rio Verde e do Córrego Mutum.
	Corumbá I	8180±80 AP a 8220±60 AP	Sítio de grupos pescadores-caçadores- coletores aceramistas instalado diretamente sobre a alta barranca do Rio Paraguai.

Tabela 6 – Aspectos das indústrias ceramistas para o Pantanal. Fonte: Schmitz et alli, 1998, p. 222-227; Oliveira e Viana, 1999, 2000, p. 174 e 181; Migliácio, 2006, p. 209, 213, 220, 244 e 263.

Tradição	Fase	Tempero Cerâmico	Formas de vasilhames	Acabamento de superfície
Tupiguarani (Subtradição Corrugada)	—	Areia grossa e fina, caco moído.	Foram definidas quatro formas principais, comparadas às existentes da Subtradição Corrugada no Sul do Brasil. Destacam-se urnas e panelas com carena (ora dupla) e inflexão, bordas extrovertidas a cambadas, além de tigelas e vasilhames menores de contorno simples e bordas	Alisado, quando decorado plasticamente apresenta as técnicas corrugada, corrugada-ungulada, ungulada, incisa, serrungulada, beliscada, digitada, ponteadas e roletada, escovada; podem se associar a pintura branca e vermelha. A decoração pintada envolve as cores
Pantanal	Jacadigo	Grãos de quartzo.	Tigelas e pratos de contornos simples ou infletido não-restringido, panelas de bordas simples, infletida, ou composta, às vezes fortemente carenada, lembrando a Tradição Tupiguarani.	Alisado, quando decorado plasticamente apresenta as técnicas do marcado com corda, borda de unha impressa, inciso, beliscado, serrungulado e o aplicado, com apêndices na forma de botões e alças. Como resultado da manufatura há
	Pantanal	Caco moído, areia, mineral, concha moída.	Simples e utilitários, pequenos em formato de meia esfera, meia calota, esférica e esférica com pescoço. Tigelas não restringidas de contorno simples ou infletido, panelas de contorno simples, infletido ou composto e bilhas de gargalo estreito e	Alisado, corrugado, marcado com corda e engobo vermelho.

Descalvados	–	Caco moído, mineral e concha moída.	Vasilhames de formas e tamanhos variados: jarros, panelas, potes, pratos planos, tigelas rasas e urnas. Cachimbos tubulares, ocarinas, flautas, apitos, adornos de suspensão, rodela de fuso, estatuetas	Engobo vermelho (predominante), preto e branco (ora se combinam), polimento, pintura geométrica vermelha.
Corumbá	Corumbá II	Não existente- sítios não-ceramistas.	Não existente- sítios não-ceramistas.	Não existente- sítios não-ceramistas.
	Corumbá I	Não existente- sítios não-ceramistas.	Não existente- sítios não-ceramistas.	Não existente- sítios não-ceramistas.

No que tange às indústrias líticas dos povos pré-coloniais pantaneiros, vamos encontrar uma clara distinção definida para os sítios das tradições Pantanal e Descalvados do Pantanal de Cáceres. Para a Tradição Pantanal é observado um grande uso de peças brutas de caráter prático modificadas pelo uso (alisadores, almofarizes, amoladores, maceradores, percutores e bigornas/quebra-côcos), corantes de caráter simbólico, lâminas de machado, lascas e raspadores.

Já a indústria lítica das ocupações Descalvados apresenta grande utilização de rochas silicosas microcristalinas, utilizadas e reduzidas ao máximo (indicativo de pouca disponibilidade de matéria prima) a partir de lascamento (técnica bipolar bem recorrente) das suas massas iniciais: seriam empregadas na produção de raspadores, micropontas (brocas) e de adornos por uma *tecnologia de curadoria*, entre estes se destacam belos exemplos de pingentes, tembetás e contas. A partir de blocos e fragmentos de arenito, eram também elaborados pelo uso almofarizes, amoladores de gumes, bigornas, maceradores, percutores entre outros artefatos brutos (Migliacio 2006: 170, 195-197, 201).

Para o Pantanal de Corumbá, Mato Grosso do Sul, a indústria lítica correlata à Tradição/Fase Pantanal é caracterizada por peças brutas (percutores, suportes planos ou com depressão; mãos, mós/almofarizes, alisadores) originadas a partir seixos, plaquetas e colunas utilizados; peças lascadas (talhadores, lascas, fragmentos e núcleos) por técnica bipolar (rara a unipolar); adornos de seixos perfurados, ora polidos ou picoteados e, peças polidas (lâminas

de machados e fragmentos destas); a matéria-prima utilizada é diversificada: anfibólito, arenito silicificado, arenito grosso, calcário, calcedônia, canga (laterita), granitóide, hematita, manganês, xisto. Quanto às ocupações pré-ceramistas mais antigas, ou seja, a Tradição Corumbá, estas têm sua indústria lítica estudada basicamente por uma abundante coleção procedente do sítio MS-CP-22, sendo o calcário diaclasado a litologia predominante; as categorias definidas são: núcleos, lascas, talhadores, percutores, blocos com pequenas depressões polidas ou superfícies deprimidas, mãos, bolas, lâminas e seixos com faces e gumes polidos, pingentes. Ambas as tradições contam também com abundante material ósseo e conchífero representado por pontas de projéteis, espátulas, anzóis e ornamentos de contas e dentes perfurados (Schmitz *et alli*. 1998: 196-197, 201-206).

Para a ocupação Tupiguarani da borda do Pantanal, Peixoto (1998:80-83) agrupa os artefatos líticos nas seguintes modalidades: percutores (arenito arcoseano, quartzito, quartzo, conglomerado, hematita), esmagadores (arenito), plaquetas disciformes (arenito e conglomerado), alisadores passivos (arenito arcoseano, arenito fino, conglomerado, criptomelano, diorito, hematita) lâminas e talões de machados (gnaisse e rocha vulcânica), mãos-de-pilão (arenito arcoseano), enxós plano-convexas (diorito), bastões polidos (diorito, conglomerado, criptomelano), raspadores plano-convexos (hematita), talhadores (hematita), unifaces (calcário, jaspilito), núcleos bipolares (calcário, quartzo), lascas uni (conglomerado, hematita, jaspilito) e bipolares (calcário, quartzo), fragmentos de instrumentos (diorito, rocha vulcânica) ou com percussão (hematita, jaspilito, quartzo, quartzito).

Schmitz (2001/2002: 90) descreve sucintamente o quadro etnográfico do pantanal sul- matogrossense em período colonial:

“No período colonial, viviam na região canoeiros como os Paiguás e os Guatós, que poderiam ser os descendentes das populações arqueológicas do Pantanal propriamente dito. Caçadores, criadores de cavalos, como os Guaicurus, em tempos mais recentes, oriundos do Chaco, ocuparam espaços abandonados por moradores mais antigos. Cultivadores de certa eficiência, como os Guaranis vindos do sul e os Terenas vindos do Chaco, tinham estabelecido suas aldeias em terras menos úmidas e mais férteis ao redor dos terrenos alagadiços”.

Oliveira (2009:105-106) descreve também para as terras baixas do Pantanal e para o sítio Cayman I, município de Porto Murtinho, a presença de outra tradição ceramista: a *Tradição Chaquenha*, denominada pela primeira vez pelo arqueólogo Gordon R. Willey, sendo também conhecida como Tradição Serra da Bodoquena. Não se dispõe até o momento de datações, porém, esta cerâmica apresenta técnica de construção acordelada, decoração plástica incisa ou impressa com corda, ora associada à pintura vermelha e preta, lembrando a cerâmica dos índios *Kadiwéu*, podendo estar mais associada a povos agrícolas do que pescadores-caçadores-coletores.

A Bacia Platina e o Planalto Central Brasileiro

Entre as ocupações ceramistas da Bacia Platina, à exceção do Pantanal, há tradições fortemente vinculadas ao Planalto Central Brasileiro, entre estas, encontramos a Una, Uru, Aratu, Tupiguarani e Bororo. Os achados de seus sítios se destacam com as pesquisas desenvolvidas na Sub-Bacia do Rio Vermelho por Wüst (1990, 1998) e Vilhena-Vialou e Vialou (1989), bem como no vale do Rio Manso por Viana (2006).

Os grupos ceramistas mais antigos da sub-Bacia do Rio Vermelho estão associados à Tradição Una, uma datação procedente do sítio MT-SL-72 atingiu 2390 ± 60 AP (Wüst 1998: 664). Seus sítios são encontrados quase que exclusivamente em abrigos rochosos nos estados de Goiás e Mato Grosso com datações entre 500 AC-1200 AD, embora possam ocorrer em sítios a céu aberto; sua cerâmica consiste de pequenos vasilhames de paredes finas, contorno simples ou infletido, em geral sem decoração e com tratamento de superfície enegrecido, às vezes polido, há pequenas placas com engobo branco ou vermelho, a decoração plástica é rara, envolvendo o inciso e o pontado. O tempero predominante é o mineral, seguido do cariapé. A localização de seus sítios e suas baixas concentrações cerâmicas indica um padrão de assentamento nômade, mas com alguma prática agrícola (Wüst e Barreto 1999: 5). Não há evidências de que a cerâmica Una no Rio Vermelho tenha sido uma invenção local, o acabamento bem aprimorado dos vasilhames aponta que a introdução desta tecnologia na região seja procedente de outro local (Wüst 1998: 664-665). Por outro lado, não se descarta a possibilidade de que grupos caçadores-coletores tardios, nesta região, tenham passado por um processo gradativo de prática de cultivo seguido da produção cerâmica da Tradição Una (Wüst 1990, Oliveira e Viana 1999/2000: 157, 161-162, 164).

A Tradição Una também foi identificada nos níveis de ocupação ceramista do Sítio Ferraz Igreja, Rondonópolis, com datações entre 1.340 ± 50 AP a 1700 ± 50 AP (Vilhena-Vialou e Vialou 1994; Oliveira e Viana 1999/ 2000: 154, 160).

Por volta de 800 AD, contemporânea à Tradição Una, surge a tradição ceramista Uru, cuja gênese é creditada a uma origem amazônica, bem como uma afiliação ao tronco lingüístico Macro-Gê. Sua presença no Brasil Central teria durado até 1700 AD, em pleno período de contato com os colonizadores luso-brasílicos. Na área do Rio Manso, Mato Grosso, seus sítios englobam uma faixa cronológica de 300 a 2000 AP (Viana 2006: 395). Adaptada a um ambiente de cerrado ou em zona de tensão entre cerrado e floresta amazônica, os sítios desta tradição se caracterizam por grandes aldeias lineares, circulares a elípticas com diâmetros superiores a 500 m, cujas casas estão dispostas de um até três anéis concêntricos, abrigando populações de até 1000 indivíduos. A princípio, a origem dessas grandes aldeias estaria associada a pressões demográficas oriundas da Amazônia ou do Nordeste Brasileiro; por outro lado, evidências apontam que, suas origens seriam um fenômeno local, quiçá provocado por interação com grupos vizinhos ou por guerras, acarretando uma organização rápida das populações em comunidades melhores estruturadas. Sua cerâmica é caracterizada por grandes assadeiras, jarros com gargalos e vasilhames empregados no processamento de mandioca, neste caso, tigelas rasas com bases planas e bordas extrovertidas ou reforçadas externas, ocorrem cuscuzeiros, carimbos cilíndricos e pesos de fuso modelados, a decoração plástica limita-se às incisões elípticas e motivos circulares ponteados nas bordas de vasilhames, além de alças, bordas acasteladas e de apêndices modelados. Há pintura preta sobre vermelha. O tempero característico é o cariapé. Esta tradição teria mantido no Rio Vermelho uma continuidade cultural até o Séc. XVII, quando foi suplantada pelo grupo etnográfico Bororo (Oliveira e Viana 1999/ 2000: 164; Wüst 1998: 665; Wüst e Barreto 1999: 6, 8, 10).

Para a região do Rio Vermelho, 26 sítios foram associados à Tradição Bororo, embora suas antigas aldeias se encontrassem perturbadas ou em áreas de floresta densa, com baixa visibilidade, pode ser assegurado para a maioria dos sítios que sua planta seria circular. A cerâmica desta tradição é predominantemente utilitária, sendo caracterizada por tigelas de bases convexas e bordas diretas, introvertidas e extrovertidas além de vasilhames globulares com gargalos. O tempero são as cinzas e os carvões de diversas árvores, a superfície tende a

apresentar as cores preta, marrom ou cinza escuro, ocasionadas por queima redutora e o emprego de determinado suco vegetal (Wüst 1998: 669-670).

Contemporânea à Tradição Uru, encontraremos a Tradição Aratu datada de 800 a 1500 AD, é também caracterizada por sítios de grandes aldeias circulares nos ambientes de cerrado do Brasil Central, implantados nas cabeceiras e pequenos tributários dos rios Araguaia, Paranaíba e Tocantins (Siqueira 2002: 15; Wüst e Barreto 1999: 8). Sua gênese seria o Nordeste Brasileiro, sendo seus sítios muito difundidos nesta região (Calderón 1968; Etchevarne 1999/2000: 121; Martin 1996). Sua cerâmica é caracterizada por grandes vasos cônicos, piriformes, esféricos ou elipsóides de paredes espessas para funções de armazenagem ou práticas funerárias, além de vasilhames globulares a semi-globulares com bordas diretas ou extrovertidas. Há formas de tigelas duplas geminadas. Ocorrem carimbos, rodela de fuso e cachimbos tubulares. A decoração plástica envolve incisões unitárias ou duplas acima da borda ou digitações, entalhado, unglado, pontado, além de bordas acasteladas, pequenos nódulos aplicados e alças modeladas, o engobo vermelho ou preto é raro. O tempero predominante é o mineral, embora o cariapé seja também empregado (Oliveira e Viana 1999/2000: 164; Wüst e Barreto 1999: 8-9). Para a região do Brasil Central uma expansão da ocupação Uru a partir do Séc. XII AD em direção ao leste teria contribuído com o desaparecimento da Tradição Aratu (Wüst e Barreto *op. cit.*: 6, 8).

Wüst (1990, 1998: 664, 672) aponta evidências na Sub-bacia do Rio Vermelho, dentro do território tradicional dos *Bororo* de que, diferentes tradições cerâmicas (Uru, Tupiguarani) em processos de fusão e de continuidade étnica e cultural, participaram da formação deste grupo etnográfico, ao julgar pela mescla de tecnologias cerâmicas, por exemplo: vasilhames de formas características Uru e Bororo contendo o típico tempero de caco-móido da Tradição Tupiguarani, ou, vasilhames cerâmicos policromos vinculados à esta tradição, temperados com o cariapé comum às cerâmicas Uru e Bororo.

A Tradição Tupiguarani ocorre timidamente com assentamentos esparsos e aparenta ser mais recente que a ocupação Uru, ou seja, teria aparecido no Brasil Central por volta do Séc. XIV AD, caracterizados por unidades residenciais (cabanas longas) plurifamiliares. A presença de sua cerâmica policroma nos sítios de grandes aldeias circulares Uru e Aratu sugere a prática de relações inter-étnicas (Wüst 1998: 665; Wüst e Barreto 1999: 10-11).

O nosso foco de interesse nesta área vizinha à região em estudo diz respeito às terras baixas dos Departamentos de Beni e de Santa Cruz, localizados na região Oriental da Bolívia. Os principais rios são o Beni, o Madre de Dios, o Mamoré e o Guaporé. Todos convergem para o rio Madeira. O Guaporé é conhecido naquele país por *Iténez*, e, ao lado do Madeira conforma grande parte da linha fronteira do território nacional com o boliviano.

A arqueologia do Departamento de Beni ou dos *Llanos de Moxos* (Mojos) remonta desde os trabalhos de Nordenskiöld entre 1908 e 1909 nos *mounds* Velarde, Hernmarck e Masicito, próximos à cidade de Trinidad, entre os rios Mamoré e Ivari. O Mound Velarde apresentou duas camadas de ocupações, a inferior continha material, ao qual, foi atribuída uma semelhança e contemporaneidade ao Período Tiahuanaco de Cochabamba e Mizque. Quanto ao nível de ocupação superior do Mound Velarde e o Mound Hernmarck, embora apresentassem materiais diferentes, foi englobado em outra cultura, cujo principal traço era o uso de certos artefatos cerâmicos: vasilhames trípedes, trituradores cilíndricos, travessas de ralar, bancos trípedes, estatuetas, além de peças líticas e ósseas; alguns vasilhames perfurados foram atribuídos aos *Mojo* etno-históricos, que as empregariam no preparo de chicha (Metráux 1948: 410-411; Plafker 1963: 375).

Mais tarde, entre os anos de 1940 e 1950, outros pesquisadores atuaram na região, efetuando breves escavações e descrições das indústrias cerâmicas e de seus sítios associados, entre estes citamos Stig Rydén, Wanda Hanke, Heinz Kelm e Etta Becker-Donner (Erickson 1980: 733; 2000 b: 209).

Uma maior atenção será dada à arqueologia local entre os anos de 1958 e 1961, durante os trabalhos de cobertura fotográficos aéreos promovidos pela *Bolivia California Petroleum Company* e a *Cia. Petrolera Boliviana Shell, Ltd.*, foi acusada a existência de campos cultivados elevados e obras de terra, distribuídos por uma área de 15 mil milhas quadradas (Plafker *op. cit.*: 372). Neste período, teremos também a atuação do geógrafo William Denevan, o qual também efetuou análises fotogramétricas em 1963, resultando em sua tese de doutorado em 1966, a qual contém uma recapitulação de todos os dados arqueológicos, etnográficos, etno-históricos e geográficos até então conhecidos à época para a região (Denevan 1966; Erickson 1980: 733-734; 1995: 71). É importante salientar que a descoberta via fotogrametria dessas feições monumentais foram efetuadas de modo independente por ambos estudiosos (Erickson 1995: 75).

Visto ser uma região muito plana, composta quase totalmente de aluviões e repleta

de savanas, essas feições artificiais tendem a se destacar na paisagem nos períodos de inundações ou queimadas. Genericamente denominadas de *camellones* (camalhões: diques de terra [Lepsch 2002:163]), essas estruturas do período Formativo se caracterizam por terraplenos, aterros de solo, caminhos e canais, cujas funções seriam o represamento e o controle de água ou mesmo transporte. Exibem variadas formas e combinações: campos lineares, elevados, com valas, com camalhões, etc.; suas dimensões atingem um comprimento de dezenas a algumas centenas de metros, sendo a altura de 1 a 16 m. (Michel López 2000: 271 e 273).

Estruturas semelhantes também foram documentadas na Colômbia (Savanas de San Jorge), Equador (Guayaquil), Guiana, Suriname, Guiana Francesa, Brasil (estado do Amapá) e Venezuela (Barinas, Llanos do Orinoco). Para a área de Barinas há trilhas de terra (*calzadas*) associadas a aterros em áreas de planícies sazonalmente inundadas, a maioria dessas construções está correlacionada a ocupações ceramistas das Séries Tierróide (Estilo Caño Del Oso) do período IV da época Neo-Índia (1000-1500 AD) (Denevan 1998: 54; Rouse & Cruxent 1963: 10, 74, 145; Portugal Ortiz 1978: 29-30).

Erickson (2001 a: 26) seguramente afirma que esses assentamentos interligados por canais e caminhos artificiais são partes de um grande universo político, como símbolos de poder das comunidades indígenas e de suas habilidades de mobilização de trabalho. Esses canais ainda hoje são utilizados nos períodos de inundação na área leste de Mojos, como vias de navegação, aprimorando rápida e fácil comunicação, formando uma trama em toda a superfície da savana (Calandra & Salceda 2004: 159).

Estima-se que para a região de Mojos haveria uma população indígena de pelo menos 100.000 pessoas pelos idos de 1690, englobando as tribos *Mojo*, *Baure*, *Cayubaba*, *Itonama*, *Movima* e *Canichana*; desde o primeiro contato dessa população com os exploradores espanhóis em 1580, passaram-se pelo menos 100 anos de contatos diretos ou indiretos, até que o primeiro assentamento colonial na área foi instalado em 1682: a missão jesuítica de Loreto. Não fica difícil imaginar que este processo acarretou grande fenômeno de depopulação, devido principalmente a uma grande epidemia de varíola em registro datado de 1670 (Denevan 1978: 211). Segundo Myers (1992:84) os primeiros informes sobre os Llanos de Mojos teriam ocorrido em data anterior, ou seja, em 1539, quase vinte anos antes da destruição completa dos cacicados Circum-Caribe e das populações indígenas das Antilhas; cita também para a região, as avaliações baseadas em relatos coloniais, efetuadas por Alfred Métraux, as quais corroboram para as culturas dali a classificação de cacicados.

Segundo Calandra & Salceda (*op. cit.*: 155 e 157) entre os anos de 1970 e 1980, uma

missão do *Museu de La Plata* (Argentina) dirigida por B. Dougherty, em parceria com o *Instituto de Arqueologia de La Paz* (Bolívia) e o *Amazonian Ecosystem Research* (EUA), efetuou uma série de pesquisas sistemáticas com apoio de numerosas datações radiocarbônicas, demonstrando uma variabilidade cultural e cronológica mais complexa que a proposta nos primeiros anos de pesquisa na região, estabelecendo assim, três setores ecológico-culturais: 1) Oeste de Mojos (Bacia do Rio Beni); 2) Mojos Central; 3) Leste de Mojos (Iténez). Neste período se destacaram os pesquisadores Bernardo Dougherty, Horacio Calandra, Victor Bustos e Juan Faldín (Erickson 2000 b: 209).

Tabela 7 – Quadro arqueológico para os Llanos de Mojos. Fonte: Calandra e Salceda, 2004, p. 158 e 159; Erickson, 2000b, p. 215.

Setor	Sítios Arqueológicos	Datações	Descrição	Inserção dos Sítios na Paisagem
Oeste de Mojos	11 sítios levantados.		Assentamentos não apresentam destaque na paisagem tal como as obras de terra do Mojos Central. Assentamentos semelhantes aos do Iténez Norte na foz do Rio Madre de Dios. Caminhos incaicos no Alto Rio Beni.	Ambientes de savana ou de selva amazônica.
Mojos Central	20 sítios levantados.	Loma Mary (810 AC.±160; 245-1310 AD) Loma Alta de Casarabe (735 AC±145; 300-1200 AD) Loma Salvatierra (500-1200 AD) Loma Kiusu (550-1200 AD). Isla de Los Aceites (825 AC ±80).	Sítios em <i>lomas</i> (aterros) multicomponenciais. Alguns com valas defensivas em ilhas a oeste do Rio Mamoré.	Lomas em ambientes ribeirinhos ou sítios em ilhas de savanas.

Leste de Mojos	25 sítios levantados		Sítios em geral unicomponenciais, rasos, pouco densos, sem obras de terra expressivas como no Mojos Central. Valas delimitando aldeias de 10 há; canais lineares adjacentes a terraplenos.	Ambientes ribeirinhos, ilhas e selvas marginais.
-----------------------	----------------------	--	--	--

Tabela 8 – Aspectos das indústrias ceramistas para os Llanos de Mojos. Fonte: Calandra e Salceda, 2004, p. 158 e 159.

Setor	Tempero Cerâmico	Formas de Vasilhames	Acabamento de Superfície
Oeste de Mojos			Alto Rio Beni: cerâmicas incaicas. Foz do Rio Madre de Dios: cerâmicas semelhantes às do Iténez Norte.
Mojos Central	Fases Casarabe e Mamoré: caco moído, pouco cauxí, concha (pós 1000 AD).	Pratos discóides, levemente côncavos (alguns como raladores), vasilhames de bases trípodas a tetrápodes, pedestais altos, suportes de vasilhames. Trituradores modelados.	Estrias paralelas e cruzadas (raladores). Técnica puntiforme e incisa nos trituradores modelados.
Leste de Mojos	Predomínio de cauxí e caulim, pouco caco moído.	Ausência de raladores, trituradores e de apoio para vasilhames.	Técnica incisa predominante, pouco aplique, adorno e pintura.

Embora as datações para os llanos centrais de Moxos se baseiem nos sítios especificados na Tabela 7 acima, alguns indícios associados a ocupações breves ou marcas de milho em fragmentos cerâmicos ampliam a antiguidade dessas ocupações na área de 200 a 300 AD (Michel López 2000: 275).

Contemporâneo à missão do Museu de La Plata, Portugal Ortiz (1978: 117-118, 121-125) define em sua tese, sob um cunho histórico-cultural, a *Cultura Beni* para o rio

homônimo, considerando-a como de tipo médio, não teria alcançado o nível de fase estatal. Sua cerâmica seria dividida em Incisa, Modelada, com aplicações e raramente pintada. Em seu trabalho é possível observar uma descrição detalhada (método indutivo-descritivo) de peças existentes em coleções de museus ou particulares, onde determinadas semelhanças estilísticas, teriam induzido a este pesquisador tecer correlações difusionistas com as culturas Barrancóide (estilo Barrancas, período II do rio Orinoco: 1000 AC-300 AD) e do Lago Valencia (estilo Valencia, períodos IV e V: 1000-1500 AD) da Venezuela, considerando também o fato que essas culturas ocupavam um ambiente de savana comum aos Llanos bolivianos e venezuelanos. No caso do estilo Valencia (Rouse & Cruxent 1963:96), baseando-se na comparação estilística de estatuetas antropomorfas modeladas, propõe também para o Alto Rio Beni a criação de uma *Cultura Valencióide*, enquanto para o Baixo Rio Beni haveria uma débil influência do estilo *Barrancas*. Seu trabalho também demonstra correlações das cerâmicas benianas com as do altiplano boliviano (Tiahuanaco, Mojocoya, Tupuraya, Yampara), bem como a presença de peças de origem incaica (“aribalo” ou jarra e uma lâmina de machado de bronze) e de possíveis grupos Guaraní tardios.

Correlações entre as culturas das terras baixas bolivianas e com as áreas andinas e dos altiplanos conterrâneas já haviam sido postuladas por Bennett (1936, em muitos pontos considerando as observações antes efetuadas por Nordenskiöld) e Grasso (1973). Montículos existentes na região de Cochabamba apresentavam duas ocupações cerâmicas diferenciadas, uma associada ao período *Tiahuanaco Expansivo* e, a segunda com acabamento de superfície avermelhada e sem pintura: a princípio chegou a ser considerada por Bennett como de origem *Guaraní (Chiriguano)* ou de origem dos Aruak amazônicos (Grasso *op. cit.*: 91-92). Todavia, esta idéia foi posteriormente desconsiderada.

Por outro lado, para a região de Potosí e seus arredores, foi reconhecido que teriam ocorrido influências de povos de “cerâmica pintada”, aparentemente procedentes da região de Chiquitos. Embora exibissem formas aparentadas à da cultura Tupuraya (comum à região de Chuquisaca e Cochabamba), alguns de seus traços eram amazônicos; produtos dessa influência seriam as culturas Huruquillas, Yuras e a dos *Chichas* históricos. Vasilhames das culturas Huruquillas e Yuras exibiam algumas formas, as quais foram associadas às existentes nas culturas Aruak de Mojos e Rurrenabaque. Os motivos principais dos desenhos eram triângulos contrapostos, com uma ou mais linha em *zig-zag* centralizadas, motivo à época reconhecido na cerâmica Chiriguana contemporânea, cuja origem era correlacionada aos

Aruak Chané (Grasso *op. cit.*: 335-336).

Segundo Del Pomar (1977: 99-100; 135) durante o reinado de Tupac Yupanqui, décimo imperador inca, houve uma tentativa de expandir as fronteiras dos domínios incaicos às terras baixas bolivianas. Organizou-se uma expedição militar com um contingente de dez mil homens, cujo deslocamento envolveu uma flotilha de balsas e canoas partindo pelo rio Madre de Dios em direção ao rio Beni, no intuito de promover guerra aos grupos *Chiriguano*, *Masco* e *Guarayo*. A campanha teria sido malograda, devido às adversidades das condições ambientais tropicais e à resistência dos grupos indígenas, forçando o imperador a uma frustrante retirada, visto que um terço de seus soldados já havia sucumbido. Durante o reinado de seu sucessor, Huaina Cápac, eram comuns ataques dos *Chiriguano* às povoações incas de Charcas, na Bolívia; essas incursões belicosas cruzavam o Chaco paraguaio no intuito de obter ferramentas de bronze e objetos de ouro ou prata, pressionando a retirada das tropas incaicas na região. Entre essas expedições se destaca a liderada pelo explorador espanhol Alejo García.

Trabalhos mais recentes promovidos por Alconini e Casanovas (2003: 172) sugerem alguma associação entre a cerâmica de tradição *Estampada e Incisa de Bordos Dobrados* (comum aos vales inter andinos, piemontes e zonas baixas do sudoeste boliviano) com as culturas arqueológicas da vertente leste e sudeste de afiliação amazônica (Arawak?), em períodos anteriores a chegada dos *Chiriguano*. Sua cerâmica se caracteriza por grandes vasilhames com função de armazenagem ou funerária, apresenta como decoração plástica, em alguns exemplos, a presença da técnica estampada com espiga de milho.

Investigações arqueológicas e etno-históricas desenvolvidas por Alconini (2004: 405, 413) em Oroonta e Cozcotuyo (Bolívia) têm revelado que a defesa da fronteira sudeste do Império Incaico contra o avanço dos *Chiriguano* teria se dado de forma tênue em termos militares, com a implantação de postos de observação e de centros administrativos minimamente envolvidos em relação aos processos sócio-econômicos locais, porém, mantendo estratégias políticas de integração e alianças bélicas com os grupos locais, como por exemplo, a cultura *Yampara* ou mesmo com facções *Chiriguano* já integradas à fronteira, as quais se opunham aos grupos externos.

O material cerâmico reconhecido como pertencente aos Guaraní (Chiriguano) teria sido identificado por Nordenskiöld na região dos rios Parapiti, Pilcomayo e Palácios: decoração plástica corrugada, além de urnas funerárias. Neste ponto, foi também considerado

que, as cerâmicas incisas de Mizque, Mojos e Beni seriam Guaraní, visto que, além da presença de urnas funerárias, haveria cerâmicas de acabamento simples, bases trípodas e decoração aplicada na forma de filetes (Bennett 1936: 390, 393, 405-406).

Para a região de Mojos, as cerâmicas procedentes dos Mounds Masicito e Velarde (nível inferior), apresentariam similaridades com as cerâmicas Tiahuanaco de Mizque e Cochabamba, ao julgar pelo padrão inciso e a decoração pintada na forma de espirais curtas; a presença de bases trípodas entre as cerâmicas de Mizque, bem como entre as cerâmicas atribuídas aos Guaraní da região de Santa Cruz, poderia ser uma influência indireta de grupos Aruak tardios (Bennett *op. cit.*: 389, 396).

Dougherty e Calandra (1981: 91-95) ao analisarem as variantes ambientais dos Llanos de Moxos e a sustentabilidade das populações humanas (350 mil habitantes em época pré-colonial, conforme estimativa de Denevan [1966]) a elas associadas, propuseram a divisão da área em dois nichos ambientais: o ambiente de várzea (*ribereño*) e o território interfluvial. O primeiro é caracterizado pelas margens do rio Mamoré e seus afluentes com matas de galeria, sendo seus sítios arqueológicos são os de “lomas”, cujos processos de formação envolviam a deposição alternada de sedimentos originados por erosão/transporte fluvial e por ocupações humanas, que tendiam a serem progressivamente maiores, conforme a cota da elevação do assentamento fosse sobrepondo a de inundação. O segundo nicho é representado pela savana com prolongada inundação sazonal, com certa distancia dos cursos d’água, sendo os sítios caracterizados por grandes lomas ou “ilhas” de pouca elevação em relação ao terreno circunjacente. As coleções estratigráficas e superficiais de ambos os ambientes não mostram grandes diferenças nas tipologias cerâmicas, mas sim uma variabilidade progressiva, indicativa de uma ocupação humana contínua, a qual soube não apenas explorar os recursos da savana, mas sim os da selva em suas imediações, objetivando uma maior exploração agrícola, a julgar pela presença de campos drenados ali registrados, além das redes de canais escavadas interligando as pampas baixas e os grandes cursos d’água, conforme o relevo relativo aos seus níveis assim o permitisse.

A partir de 1978, uma série de outros estudos foi encabeçada por Clark Erickson (à época, pela Universidade de Illinois, EUA) e o Instituto Nacional de Arqueologia da Bolívia (INAR) nas províncias de Mojos, Yacuma e Ballivián. A atuação deste pesquisador na região tem se destacado até mais recentemente, visto os projetos desenvolvidos até os anos de 1990, desde então, pela Universidade da Pensilvânia, EUA e o Instituto Nacional da Bolívia,

contando com a parceria do pesquisador boliviano J. Estevez. (Michel López 2000: 275).

Entre estes trabalhos, podemos citar o Proyecto Agro-arqueológico Integral Beni (Michel López op. cit.: 275), com escavações no sítio de El Villar, sendo empregadas uma topografia de detalhe, amostragem de solo e de elementos etno-botânicos, perfis estratigráficos, datações radiocarbônicas para os campos e caminhos elevados, além de sensoriamento remoto com imagens de satélite LANDSAT e georreferenciamento por GPS. Este projeto também empregou estudos arqueológicos experimentais, envolvendo construções de obras de terra, integrando a população nativa local em uma arqueologia aplicada à sua produção e sustentabilidade agrícola (Erickson 1995: 75, 79, 84, 92).

Enfim, os dados mais recentes apresentados por Erickson (2000 b: 210) permitiram criar classificações para o estudo desses aterros (*lomas*) ou obras de terras, bem como, tecer considerações sobre sua funcionalidade: as *lomas simples* apresentam pouca irregularidade, enquanto as *lomas complexas* são bem irregulares, sobrepostas ou múltiplas (interligadas por terraplenos). Pela classificação de tamanho, teremos: *lomas grandes* (muitos hectares de base e altura de 3 a 8 m); *lomas médias* (1 a 2 hectares de base e altura de 1 a 3 m) e *lomas pequenas* (também conhecidas por *ilhas*, possuem menos de 1 hectare de base e altura inferior a 1 m). Uma multifuncionalidade caracterizava essas construções, já se conhece a existência de *plazas* ou canchas de jogos delimitadas por lomas retangulares paralelas (Sítio de Cayalo) e pequenos aterros sobre plataformas, os quais teriam função ritual; também seriam utilizados como assentamentos humanos com pisos de argila ou solos selecionados, cemitérios, fortificações com valas, hortas, pontos de atração de caça ou mesmo marcos territoriais; nunca ocorrendo de forma isolada, senão em grupos ou complexos. (Erickson 2000 b: 211-212).

Baseando-se em cinco datações radiocarbônicas, alguns campos elevados teriam entre 800 e 2070 anos AP; no sítio de El Villar, havia evidências de ocupação doméstica de 800-120 AC em um nível abaixo da base de construção dos campos elevados (Erickson 1995: 71, 83). Contamos também com algumas datações obtidas a partir de 1991 para os seguintes sítios: Loma Esperanza II (920±45 AD e 1350±25 AD); Isla Rodeo (1035±25 AD) permitindo estabelecer para o Llano de Los Mojos um espectro temporal de mais de 2700 anos (Erickson 2000 b: 215).

Para as savanas do rio Baures, Erickson (2000 a: 191; 2001 b) menciona a existência de represas e tanques, além de estruturas sobrelevadas de terra em “zig-zag”, as quais teriam a função de condução e armazenagem de peixes vivos, os quais eram consumidos quando

necessário, provendo o fornecimento de proteína para o sustento de grandes populações, em uma verdadeira forma de aquíicultura intensiva. Estudos de arqueologia experimental têm demonstrado para o caso de Baures que essas represas teriam exigido 300.000 pessoas-dia de trabalho ou 1000 pessoas trabalhando 30 dias/ano por um período de 10 anos. Análises radiocarbônicas baseadas em amostras de madeiras procedentes de bases de calçamentos forneceram quatro datações confiáveis: 1490 AD, 1530 AD, 1560 AD e 1630 AD (Erickson 2000 a: 192-193).

Entre os artefatos cerâmicos mais comuns nesses sítios de aterros ou *lomas* destacamos: vasilhames para diversas funções (cozimento, armazenagem ou para servir), sendo as decoradas com pintura ou incisões para ocasiões especiais, as de maiores dimensões não apenas serviriam para armazenagem, mas também para fermentação de bebidas alcoólicas (chicha) ou sepultamento, estatuetas antropomorfas ou zoomorfas (Erickson 2000: 211). Chamativo também de atenção são as dimensões de alguns pratos-raladores recuperados nas escavações do rio Mamoré, cujos diâmetros variam de 0,50 a 2,00 m, os quais seriam utilizados para processamento da mandioca amarga (Erickson 1980: 741).

É proposto para estas ocupações correlações com a Tradição Inciso-Ponteadas e alguns vínculos com a Tradição Barrancóide ou Borda Incisa do Orinoco, no caso do sítio Masicito e, com Tradição Policroma Amazônica, no caso dos sítios Altos Velarde e Hernmarck; por outro lado, para o Mojos Central é atribuído uma Sub-tradição Policroma Regional (Meggers & Evans 1983; Calandra & Salceda 2004: 160-161).

Lathrap (1970: 134-137) atribuiu uma correlação entre as indústrias cerâmicas da estação de Chimay (rio Beni) e a camada de ocupação inferior do monte Velarde (*Velarde Inferior*), no rio Mamoré, considerando-as derivações da Tradição Barrancóide, ao julgar pela presença de suportes tetrápodes, recortes de flanges e adornos biomorfos virados para interior (modelados e incisos); porém, possuem pintura bi a policroma, as quais estariam relacionadas ao estilo Yampara (fundida com motivos Tiahuanaco, em Misque) com datações próximas de 600-700 AD; por outro lado, a camada de ocupação superior do monte Velarde (*Velarde Superior*), bem como o sítio Hernmarck, apresentam cerâmicas correlatas à Tradição Policroma Amazônica, as quais mantêm semelhanças estilísticas com a Amazônia Central: grande presença de motivos espiralados abertos e combinações de faixas largas e estreitas (Lathrap 1970: 174, Calandra & Salceda 2004: 160-161).

Outro pormenor importante é que a todos esses estilos tradicionais, há outras

ocupações sobrepostas portadoras de uma cerâmica pintada e de incisões muito finas, conformando motivos entrelaçados (Calandra & Salceda *op.cit.*: 160-161).

Enfim, não podemos esquecer que obras de terra são também conhecidas no Brasil para a porção oriental do Estado do Acre, sul do Estado do Amazonas e oeste de Rondônia. Esse tipo de sítio, ou *geoglifo*, foi consagrado entre 1977 e 1980 pelo PRONAPABA, sendo vinculado pelos arqueólogos Ondemar Ferreira Dias e Franklin Levy à Tradição Quinari; atualmente, estudos mais aprofundados vêm sendo efetuados através de um convênio entre as Universidades Federais do Acre e do Pará, além da Academia de Ciências da Finlândia, sob a coordenação de Denise Schaan e Martti Pärssinen, tendo sido registrado mais de 100 sítios do gênero. Esses geoglifos consistem de estruturas de terra com montículos, trincheiras circulares, elípticas ou quadrangulares, associadas com muretas de terra oriundas de suas escavações, há também muretas e plataformas retilíneas, cujas datações, em geral, são estimadas entre 800 e 1300 AD (Pärssinen & Korpisaari 2003: 161; Schaan *et alli.* 2007: 69-70, 75). Denevan (1998: 54) ao citar o trabalho “Les Champs Surélevés Amérindiens de la Guyane” da autoria de Stéphen Rostain (1991), menciona a existência de campos elevados agrícolas para o estado do Amapá.

Dados etno-históricos apontam que os *Paressí* teriam construído amplas trilhas e estradas as quais conectavam as aldeias, estas mencionadas como “*mui retas e largas*” de acordo com o bandeirante Antônio Pires de Campos em sua *Breve Notícia* ao explorar a Chapada dos Parecis em 1723 (Rondon 1946, Métraux 1948: 354, Portugal Ortiz 1978: 30).

5. PAINEL ARQUEOLÓGICO PARA O VALE DO GUAPORÉ

5.1. Antecedentes de Pesquisa

Levantamentos arqueológicos efetuados desde as décadas de 1950 e 1970 pelos pesquisadores Etta Becker-Donner e Eurico Theofilo Miller (Miller 1983), Miguel Gleiser e Oldemar Blasi nas Serras de Ricardo Franco e Santa Bárbara (SPVS 1997 a, 1997 b), Irmhild Wüst nas UHE-Guaporé 1 e 2 (Wüst 2001), além de um leque de trabalhos desenvolvidos pela empresa Zanettini Arqueologia⁶, têm revelado para a região um quadro de ocupação extremamente rico e diversificado, com evidências de grupos paleoindígenas do Pleistoceno Superior a arcaicos do Holoceno, agricultores ceramistas, além de um vastíssimo patrimônio histórico-arqueológico relacionado à consolidação do território luso-brasileiro do período colonial à modernidade, em uma amálgama de elementos ibéricos, africanos, indígenas e brasílicos.

De acordo com o Cadastro Nacional de Sítios Arqueológicos do IPHAN (CNSA-IPHAN), contava-se com 76 sítios conhecidos e cadastrados para a porção do alto/médio Guaporé, destes, apenas 47 situam-se no município de Vila Bela da Santíssima Trindade (CNSA 2003; Siqueira 2002: 17).

Estudos mais recentes, desenvolvidos no último biênio pela Zanettini Arqueologia (embora primordialmente focados na compreensão da ocupação da região no transcorrer dos sécs. XVIII e XX); com o estudo da primeira capital do Mato Grosso, arraiais de mineração, destacamentos militares e estruturas de defesa, fizeram essa lista crescer em mais 74 sítios, dos quais 32 são indígenas (pré-coloniais ou etno-históricos), 17 multicomponenciais e 23 históricos (Zanettini Arqueologia 2007 b: 4).

⁶ Projetos Fronteira Ocidental, São Francisco Xavier da Chapada, Nova Alça de Acesso de Vila Bela, Ernesto e Pau-a-Pique (Zanettini Arqueologia 2002, 2002b, 2004a, 2004b e 2005c, 2010 a, 2010 b, Zanettini & González, 2002b).

Tabela 9 – Sítios cadastros pelo IPHAN para a micro-região do Alto Guaporé. Fonte: Zanettini Arqueologia, 2007b.

Tipo	Sítio	Município	Categoria	Padrão de inserção
Indígena	Abrigo da Onça	Vila Bela	Cerâmica/ Gravura	Abrigo rochoso
Indígena	Abrigo do Chaminé	Vila Bela	Cerâmica/ Gravura	Abrigo rochoso
Indígena	Abrigo do Igarapé	Vila Bela	Cerâmico (Fase Aguapé)	Abrigo rochoso
Indígena	Abrigo do Lago	Vila Bela	Cerâmica/ Gravura	Abrigo rochoso
Indígena	Abrigo do Pajé	Vila Bela	Cerâmica/ Gravura	Céu aberto
Indígena	Abrigo do Sol	Vila Bela	Cerâmica/ Gravura	Abrigo rochoso
Indígena	Aguapé I	Vila Bela	Cerâmico (Fase Aguapé)	Céu aberto
Indígena	Aguapé II	Vila Bela	Cerâmico (Fase Aguapé)	Céu aberto
Indígena	Aguapé III	Vila Bela	Cerâmico (Fase Aguapé)	Céu aberto
Indígena	Aldeia Velha I	Vila Bela	Cerâmico (Fase Aguapé)	Céu aberto
Indígena	Aldeia Velha II	Vila Bela	Cerâmico (Fase Aguapé)	Céu aberto
Indígena	Alonsunkensu I	Vila Bela	Cerâmica/ Gravura	Abrigo rochoso
Indígena	Alonsunkensu II	Vila Bela	Cerâmica/ Gravura	Abrigo rochoso
Indígena	Areia Branca I	Vila Bela	Lítico	Céu aberto
Indígena	Areia Branca II	Vila Bela	Lítico	Céu aberto
Indígena	Betânia I	Vila Bela	Cerâmico (Fase Guaporé)	Céu aberto
Indígena	Betânia II	Vila Bela	Cerâmico (Fase Guaporé)	Céu aberto
Indígena	Bloco Testemunho Wassusu	Vila Bela	Gravura	Céu aberto
Indígena	Camarezinho	Comodoro	Cerâmico (Fase Camararé)	Céu aberto

Tipo	Sítio	Município	Categoria	Padrão de inserção
Indígena	Cerro Azul	Comodoro	Cerâmico (Fase Aguapé)	Céu aberto
Indígena	COFAP-03	Comodoro	Cerâmico	Céu aberto
Indígena	COFAP-04	Comodoro	Cerâmico	Céu aberto
Indígena	Complexo Usina Uirapuru	Vila Bela	Lítico/ Gravura	Abrigo rochoso
Indígena	Duas Moças	Vila Bela	Cerâmico (Fase Aguapé)	Céu aberto
Indígena	Formiga I (MT-AJ-004)	Comodoro	Lítico (Fase Jatobá)	Céu aberto
Indígena	Formiga I (MT-AJ-005)	Comodoro	Cerâmico	Céu aberto
Indígena	Galera I	Vila Bela	Cerâmico (Fase Galera)	Céu aberto
Indígena	Galera II	Vila Bela	Cerâmico (Fase Aguapé)	Céu aberto
Indígena	Kalutetho-Temala (Buraco da Luz)	Vila Bela	Cerâmica/ Gravura	Abrigo rochoso
Indígena	Montedam I	Vila Bela	Cerâmico (Fase Aguapé)	Céu aberto
Indígena	Montedam II	Vila Bela	Cerâmico (Fase Aguapé)	Céu aberto
Indígena	Montedam III	Vila Bela	Cerâmico (Fase Aguapé)	Céu aberto
Indígena	Nuheranukisu	Comodoro	Cerâmico	Céu aberto
Indígena	Painel Waitensu	Vila Bela	Gravura	Abrigo rochoso
Indígena	Posto Fritz	Comodoro	Cerâmico	Céu aberto
Indígena	Posto Indígena Wassusu	Vila Bela	Cerâmica	Céu aberto
Indígena	Rio Novo	Vila Bela	Cerâmico (Fase Aguapé)	Céu aberto
Indígena	Rio Verde I	Vila Bela	Cerâmico (Fase Tracajá)	Céu aberto
Indígena	Rio Verde II	Vila Bela	Cerâmico (Fase Tracajá)	Céu aberto
Indígena	Rio Verde III	Vila Bela	Cerâmico	Céu aberto

Tipo	Sítio	Município	Categoria	Padrão de inserção
Indígena	Sítio Cerâmico Taihantesu	Vila Bela	Cerâmico	Céu aberto
Indígena	Sítio Lítico Taihantesu	Vila Bela	Lítico	Céu aberto
Indígena	Sítio N°2	Vila Bela	Gravura	Abrigo rochoso
Indígena	Sítio N°3	Vila Bela	Gravura	Abrigo rochoso
Indígena	Sorona	Vila Bela	Cerâmico (Fase Caju)	Céu aberto
Indígena	Taihantesu I	Vila Bela	Cerâmica/ Gravura	Abrigo rochoso
Indígena	Taihantesu II	Vila Bela	Gravura	Abrigo rochoso
Indígena	UHE-Guaporé 1	Pontes e Lacerda	Cerâmico	Céu aberto
Indígena	UHE-Guaporé 2	Pontes e Lacerda	Cerâmico	Céu aberto
Indígena	UHE-Guaporé 3	Pontes e Lacerda	Cerâmico	Céu aberto
Indígena	Uirapuru	Vila Bela	Gravura	Abrigo rochoso
Indígena	Usina	Vila Bela	Lítico	Céu aberto
Indígena	Waicoco	Vila Bela	Cerâmica/ Gravura	Abrigo rochoso
Indígena	Yanalititsu (Caverna Sagrada dos Sararé)	Vila Bela	Gravura	Abrigo rochoso
Multicomponencial	CONFAP-02	Comodoro	Cerâmico	Céu aberto
Histórico	CONFAP-01	Comodoro	Cerâmico	Céu aberto
Histórico	MT-GU-045	Vila Bela	Sítio histórico de habitação e mineração	Céu aberto
Histórico	Sítio Histórico de Ricardo Franco	Vila Bela	Estruturas Habitacionais	Céu aberto

Embora o foco da tese se concentre na área do Alto Guaporé, é apresentado nos seguintes parágrafos um painel geral arqueológico para o vale deste rio como um todo.

Os vestígios arqueológicos mais antigos documentados para o vale do Guaporé dizem respeito a caçadores-coletores do Pleistoceno Superior ou Paleoíndios, tendo estes sido localizados nos níveis mais antigos do Abrigo do Sol (9.000-12.000 anos), situado no município de Vila Bela da Santíssima Trindade.

O Abrigo do Sol, localizado no rio Galera, afluente do Guaporé, foi pesquisado na década de 1970 pelo arqueólogo Eurico Th. Miller (Miller 1987; Puttkamer 1979). Seus achados forneceram datações de grande antiguidade (9.000-12.000 anos, embora duas datações tenham alcançado 14.470 ± 140 AP e 19.400 ± 1100 AP) e, se associam a um complexo arqueológico denominado *Dourado*, cujos tamanhos de seus sítios indicam a organização em pequenos grupos de indivíduos. Este abrigo revelou também sucessivas ocupações de grupos caçadores coletores e ceramistas de época posterior, além de conter um rico acervo de arte rupestre.

A indústria lítica do *Complexo Dourado* presente no abrigo é caracterizada por seixos, núcleos e lascas toscas prismáticas. Entre estas últimas, destacam-se lascas com retoque de pressão, lâminas bifaciais e raspadores com entalhes laterais; algumas lascas de basalto subcirculares⁷ podem ter sido utilizadas na confecção de baixos relevos. Barbosa (2001: 254) explica que, este complexo foi definido a partir de dois sítios arqueológicos distantes 150 km entre si, ressaltando que na região há inúmeros outros sítios similares, todavia, as gravações rupestres possivelmente estariam associadas com ocupações ceramistas que ocorrem nos níveis superiores da estratigrafia.

Nos blocos e paredes do Abrigo do Sol persistem ao tempo belíssimas gravuras e pinturas rupestres com representações geométricas, rostos humanos sorridentes, pés e, inclusive, a representação de figuras mascaradas dançantes. O abrigo encontra-se hoje em terras indígenas pertencentes aos Nhambikwara-Wasússu, considerado por estes como um local sagrado, assim como outras cavernas, reconhecidas em sua cultura como “a morada das almas dos mortos”, conforme apontamentos efetuados por Costa (2002: 59):

⁷ Ver discussão a respeito deste material lítico no Sub-capítulo 4.1, onde a perturbação da estratigrafia pode ter mesclado peças de origem natural (queda de teto) com peças líticas associadas a ocupações posteriores aceramistas do Holoceno Médio ou ceramistas da fase Aguapé.

“Taihãntesu, local onde se encontram as cavernas sagradas, é para o grupo Wasusu, a morada das almas após a morte.”

Os levantamentos efetuados por Miguel Gleiser e Oldemar Blasi (SPVS 1997 b: 86) para os estudos ecológicos rápidos das unidades de conservação das Serras Ricardo Franco e de Santa Bárbara revelaram a presença de 15 sítios arqueológicos⁸: MT-GU-01/96 a MT-GU-15/96. Todavia, um pormenor a se chamar atenção é que, apesar de o cadastro obedecer à codificação existente para os sítios do Estado do Mato Grosso, acrescentou-se nas grafias o sufixo /96, certamente no intuito de diferenciá-los dos sítios cadastrados no CNSA entre as décadas de 1970 e 1980 por Eurico T. Miller. Ambos os pesquisadores também apontam que a maioria dos sítios localizados da porção NW do Mato Grosso ao Alto Guaporé, encontram-se situados nas bordas ocidentais da Serra de São Vicente, entre o rio Guaporé e as Áreas Indígenas de Sararé, Pequizal e Vale do Guaporé, estas pertencentes a grupos *Nambiquara* em geral. Os sítios se caracterizam por abrigos sob rocha com gravuras rupestres associadas aos *Wasusu* (*Nambiquara*):

“Segundo documento/ofício da Fundação Nacional do Índio-FUNAI, de 31 de maio de 1988, esta região é de extrema importância para a comunidade indígena local, que a considera “sagrada”. Atualmente, os indígenas não utilizam práticas de subsistência nesta região, preservando a flora e a fauna, respeitando “o lugar da criação do mundo” dentro do seu universo cultural.” (SPVS 1997 b: 86).

Posteriormente, com o advento do *optimum climático* ocorrido entre 7.000 e 4.000 AP (Prous 1992: 145 e 146) ocorreu um máximo de aquecimento e umidade beneficiando a multiplicação dos recursos de flora e fauna, favorecendo a expansão demográfica das populações pré-coloniais e de seus assentamentos, não somente correlacionados a grupos caçadores-coletores, mas a agricultores incipientes e a pescadores-coletores de sambaquis fluviais. Assim, contamos na área guaporeana com os níveis concernentes de ocupação holocênica do Abrigo do Sol, ou seja, as ocupações mais tardias do *Complexo Dourado*.

⁸ Um destes corresponde ao sítio histórico de Casalvasco Velho.

Sambaquis fluviais no rio Guaporé ocorrem no Estado de Rondônia, os quais estão associados à Tradição Sinimbu e a uma fase pré-Sinimbu, além da fase ceramista Bacabal (Perota e Botelho 1987, Perota 1992; Miller 2000: 335).

A fase pré-Sinimbu é pouco conhecida, sendo caracterizada por restos ósseos mineralizados de caça, situados abaixo das camadas conchíferas dos sambaquis, cronologicamente estaria situada desde o início do Ótimo Climático e da formação do Pantanal do Guaporé, quiçá por volta de 7500 AP, quando a caça era mais abundante que os moluscos. Com a inversão climática, o aumento da oferta de moluscos propiciou a facilidade de sua coleta, surgindo então os sambaquis com a Tradição Sinimbu por volta de pouco mais de 6420 anos AP. (6315±105, SI-6850), ocupando a área por cerca de 2000 anos; entre sua cultura material ocorrem pontas de projétil ósseas. Posteriormente, com o advento fase Bacabal, demograficamente superior e talvez semi-sedentária, entre 3475 AP (3580±105, SI-6846) e 3835 AP (3920±85, SI-6847) além de intenso consumo de moluscos, há início de práticas agrícolas, atestadas por mós e almofarizes líticos, além da presença de cerâmica, sendo esta caracterizada por bases plano-circulares, bordas elípticas, extremos elevados, asas simples a elaboradas ou estilizadas, às vezes zoomorfas e raramente antropomorfas, engobo vermelho, decoração incisa e excisa, além de cachimbos. A cestaria seria praticada ao julgar pela presença de moldes em fragmentos cerâmicos, utilizavam pontas de projéteis ósseas idênticas à Tradição Sinimbu. A presença de buracos de estacas nos sambaquis indica a construção de casas. Práticas funerárias eram efetuadas com sepultamento primário dorsal estendido, com oferendas na forma de tigelas e cachimbos cerâmicos, peças líticas (lâminas de machado, mãos de pilão, mós e almofarizes) e adornos conchíferos (valvas perfuradas) ou ósseos (túbulos). Esses sambaquis possuem forma subcircular e atingem dimensões de 63 a 12800 m², visto que a área de dispersão contínua de cerâmica tende a circundá-los atingindo uma área de até 30.000 m². (Miller 2000: 335-336).

Miller (2000:334) menciona ao longo das planícies e terra firme do rio Guaporé dezenas de fases culturais de várias tradições microrregionais, sendo a decoração plástica de técnica aplicada, associada ao engobo vermelho e retoque branco, com alguma pintura monocromática e tempero de cauixí. No Pantanal do Guaporé e no sopé da encosta da Chapada dos Parecis, fases culturais concomitantes apresentam muita decoração plástica com retoque branco ou ausência de decoração; o engobo vermelho e a pintura monocromática podem ocorrer em qualquer fase, o cauixí como tempero é predominante. Quanto à cerâmica

dos abrigos-sob-rocha (dentro e fora destes) da chapada, dependendo da fase, pode apresentar recipientes antropomorfos ou, recipientes com decoração plástica de técnica aplicada associada a retoque branco, com superfícies enegrecidas e polidas. Alguns motivos incisos ou excisos assemelham-se aos motivos da arte rupestre dos abrigos locais, atribuídos aos *Wasúsu* contemporâneos.

As manifestações cerâmicas mais antigas existentes no vale do Guaporé, depois da fase Bacabal são representadas pelas cerâmicas das fases Poaia e Aguapé. Segundo Miller (2000: 336) a primeira é representada por uma cerâmica recuperada em sítios de abrigo-sob-rocha da cuesta da Chapada dos Parecis (MT-GU-01 e 08): contém tempero de cariapé, vasos globulares e tigelas rasas pequenas (calotas ovaladas) com bases planas a ovaladas, paredes verticais levemente encurvadas internamente ou expandidas direta com extremidade oposta em bico, há alisamento regular e decoração incisa com motivos formando linhas retas paralelas, curvas e em ziguezague; sua datação estaria entre 2500 a 1945±55 anos AP (SI-3744). Quanto à fase Aguapé, esta se encontra sobrejacente à fase Poaia, e possui uma data de 1.945 anos AP (AD 5) (Wüst 2001: 271), sendo registrada em 14 sítios a céu aberto e 5 em abrigos sob rocha. Segundo informação pessoal de E. Th. Miller é a ocorrência cerâmica mais comum na região, sendo também encontrada das nascentes do rio Juruena até a Chapada dos Parecis no lado rondoniense.

Para a região do Alto Rio Guaporé, flanco sudoeste da Chapada dos Parecis, no município de São Domingos, há a presença da Tradição Uru, com datações de 1.140±60 AP, a qual foi identificada por Wüst (2001) durante os trabalhos de resgate arqueológico dos sítios Guapé 1 e 2 na área das Obras Construtivas da Usina Hidrelétrica Guaporé. O tamanho de seus sítios tende a ser menor que o comumente encontrado no Planalto Central.

As pesquisas revelaram também a presença de uma belíssima cerâmica, então denominada *Guapé*, a qual apresenta motivos zonados na borda, representando linhas entrecruzadas, às vezes associadas com animais estilizados (batráquios), encontra-se cronologicamente situada entre 1.330 a 1.660 AD, sendo suas datações mais tardias correspondentes ao período em que os primeiros colonizadores espanhóis e luso-brasílicos começaram a se espalhar pelo vale do Guaporé e demais porções do território do Mato Grosso. Além da técnica de construção acordelada e modelada, há a utilização da técnica de “placas”. Semelhanças entre esta cerâmica e as estudadas por Miller (1983) indicam alguma correlação com os materiais cerâmicos das Fases Aguapé e Galera. Nesses sítios foi também

identificado um fragmento intrusivo associado à cerâmica policroma da Tradição Tupiguarani (Wüst 2001, Viana 2006: 38,40).

Posteriormente, esta área foi trabalhada por Fogaça, Sampaio e Moraes (2003, *apud* Viana 2006: 40), sendo que os resultados se concentraram em seis sítios levantados, revelando a presença de três grupos cerâmicos a partir das análises, além de uma primeira ocupação aceramista. Quanto ao material lítico, Fogaça *et alli.* (2005) informam que no sítio ceramista Guapé 14 foram recuperados pouco menos que 1200 fragmentos líticos, os instrumentos apresentavam pouco trabalho de modificação, sendo estes representados por blocos brutos, ora picoteados nas faces ou arestas. Ainda no caso do sítio Guapé 14, estudos de palinologia apontam para a abertura de clareiras em matas e registros de queimadas durante os períodos de ocupação pré-colonial, com reocupação de matas fechadas após o abandono da área (Ribeiro & Barbieri 2003).

Há fases mais recentes com certo parentesco com a Tradição Inciso-Ponteadas, mantendo afinidades com a cerâmica boliviana de Los Moxos, entre estas se destacam a fase Paraguá (antigo *Complejo Arqueológico de Los Gomales*), representada por vasos trípodas ou bases planas, com engobo vermelho, incisões e ponteados com tinta branca retocando eventualmente as linhas incisivas, datando do Séc. IX AD, bem como as fases Corumbiara e Pimenteira⁹ (Miller 1983); a fase Caju, com uma cerâmica incisa e com engobo vermelho, e urnas duplamente carenadas, datando do Séc. XIII AD; e a fase Limeira, com presença de urnas funerárias e bonecas de cerâmica onde se vê representações modeladas das nádegas, algumas de corpo globular representando personagens com braços dobrados, cabeça detalhada e figuração das mamas (Prous 1992: 464), curiosamente, tal descrição é bem semelhante com a de uma boneca de cerâmica oca recuperada em um aterro na localidade de Tono Largo, Mamoré boliviano (Nordenskiöld 2001: 130, lâmina 26).

Ao longo das pesquisas efetuadas nas últimas três décadas no vale do Guaporé encontramos algumas fases ainda não correlacionadas com Tradições, visto que sua análise ainda encontra-se em processo de elaboração, sendo então classificadas como cerâmicas ou fases “independentes” ou “flutuantes”. Entre estas citamos a Fase Galera (1.000 e 1.260 AD, ocorrente em dois abrigos e em um sítio a céu aberto), Tracajá, Camararé e Sucuri/ Guaporé. Contíguo e a NW sobre o rio Guaporé, entre os rios Colorado e Branco há a fase Mateguá,

⁹ Ver Sub Capítulo adiante onde é tratado com mais profundidade as fases Corumbiara, Pimenteira e o Complexo de Los Gomales/fase Paraguá.

com decoração incisa e ponteadas, associada ao branco retocado (Miller 1983: 269-270). Há uma cerâmica escavada no sítio Rio Verde 3 (MT-GU-24) a qual foi sequer denominada. (Wüst 2001: 271-272).

Ainda para a região do Alto Médio Guaporé são descritas de modo superficial mais cinco fases ceramistas, identificadas durante o Projeto de Avaliação do Potencial Arqueológico na BR-429, Costa Marques/Presidente Médici, cujos sítios foram identificados em rios afluentes da margem direita do Guaporé. Essas fases foram denominadas *Machupo*, *Timbó*, *Tariobá*, *Boiúna* e *Xiboi*, suas principais técnicas decorativas, meu modo geral, envolvem tratamento por engobo vermelho, bicromia e técnicas plásticas, algumas em motivos mamelonares (Cruz 2008: 58).

5.2. O Vale do Guaporé e a Dispersão dos Povos Tupi

Segundo Montserrat (1998: 95-96) o tronco Tupi é integrado pela numerosa família Tupi-Guarani, com grande representatividade no cenário sul-americano, distribuídas pelo Brasil¹⁰, Argentina, Paraguai, Bolívia, Peru, Colômbia, Venezuela e Guiana Francesa. Ocorrem outras seis famílias menores e algumas línguas isoladas geneticamente relacionadas à família Tupi-Guarani no território nacional: *Arikém*, *Mondé*, *Ramaráma* e *Tuparí* (Rondônia); *Mundurukú* (afluentes do Tapajós e do Madeira); *Jurúna* (Alto Xingu, esta representada por uma única língua homônima). Entre as línguas não afiliadas a qualquer família supracitada, mas correlacionadas ao tronco Tupi, contamos com as línguas *Aweti* (Alto Xingu), *Sateré-Mawé* (baixos Tapajós e Madeira, e o Amazonas) e o *Puruborá* (Rondônia).

Porém, qual a origem do tronco lingüístico Tupi e as rotas de dispersão de suas famílias e línguas? De que modos se associariam às tradições e fases consagradas na literatura arqueológica e, que papel teria o vale do Guaporé neste processo? Desde o Séc. XIX estas questões têm sido profundamente abordadas, desde o trabalho pioneiro de Von Martius datado de 1838 ou ao longo do Séc. XX com as propostas de Alfred Métraux em 1928 e do lingüista Ayrton Dalla Ignia Rodrigues em 1945. Porém, nas últimas quatro décadas contamos com exaustiva produção bibliográfica ou revisões de modelos concernentes à origem e dispersão deste tronco lingüístico, como importantes exemplos podemos citar Lathrap (1970: 81-84) ou

¹⁰ No Brasil contamos com 21 línguas vivas atualmente (Montserrat 1988).

Meggers e Evans (1973).

É importante esclarecer que, de acordo com o escopo da presente tese, não se tem por objetivo exaurir uma reflexão sobre os modelos de origem e dispersão dos grupos Tupi, sendo abordados alguns pontos nos parágrafos a seguir, principalmente referentes às áreas regionalmente circunjacentes ao Alto Guaporé.

Os últimos dezesseis anos no Brasil são representados por uma grande produção bibliográfica nos campos da Antropologia e da Arqueologia voltados para o tema supracitado, bem como a estudos de territorialidade e variabilidade artefactual da Tradição Tupiguarani. Em suma, os trabalhos mais detalhados são as revisões e debates efetuados por Noelli (1993, 1994, 1996) e Heckenberger et al. (1998), além de várias dissertações de mestrado ou teses de doutorado, cujos resultados vieram a complementar este quadro, em alguns casos, em áreas específicas do território brasileiro ainda carentes de levantamentos arqueológicos ou sobre estudos específicos de variabilidade estilística ou de fenômenos de fronteira, entre estas citamos: Rogge (2003), Moraes (2007), Almeida (2008), Corrêa (2009), Cruz (2008), Neto (2009).

O vale do Guaporé bem como a faixa territorial compreendida pela fronteira Brasil/Bolívia foram considerados a partir de dados lingüísticos, etnológicos e arqueológicos, como centros de origem e dispersão dos povos indígenas do tronco lingüístico Tupi. Sob uma ótica difusionista, Alfred Métraux em 1928 supôs para a *família lingüística* Tupi-Guarani uma origem situada em uma área limitada entre os rios Amazonas ao norte, Paraguai ao Sul, Madeira a Oeste e, Alto Tapajós a leste (Miller 1983: 84; Fausto 1992: 384; Moraes 2007: 6; Cruz 2008: 19).

Schmitz (2006: 35,56) ao descrever o mapa de Migliazza (1982), cuja orientação teórica envolvia as Migrações Lingüísticas *versus* os Refúgios Amazônicos, aponta a partir da distribuição geográfica das famílias de tronco Tupi que, a origem dos grupos falantes do *proto-Tupi* teria se dado há uns 5000 anos em um território compreendido entre os rios Ji-Paraná e Aripuanã, afluentes da margem direita do rio Madeira. A partir de 2000 anos seguintes esta área teria sido palco de uma expansão demográfica, associada a uma pluralidade lingüística, acarretando em uma expansão contínua em direção ao Médio e Alto Madeira, ao Guaporé ao sul e o Alto Xingu ao leste. Esta mesma área concentra todas as famílias atuais do tronco Tupi. Quanto aos *proto-Purubora* e os *proto-Tupari*, teriam respectivamente começado suas migrações em direção ao Médio-Guaporé em 4000 AP e

2900 AP (Miller 1983: 86).

Os trabalhos do lingüista Ayron Dalla Ignia Rodrigues (1964; 1984/1985, apud. Maldi 1991: 211) considera que a região entre os rios Guaporé e Ji-Paraná (ou Machado) foi um foco de concentração de todas as famílias de tronco Tupi reconhecidas, baseado no fato de que determinadas famílias foram encontradas exclusivamente nessa área, entre as quais se destacam a Arikê, Kanoé, Mondé, Ramaráma, Puruborá e Tupi-Guarani; avaliou também tanto para o tronco como para a família Tupi-Guarani datações respectivas de 5000 e 2500 anos (Miller *op. cit.*: 85). Um acentuado manancial de águas delimitado pelas nascentes dos rios Pimenta Bueno e Comemoração, seus respectivos afluentes, e, as nascentes dos rios Corumbiara, Mequéns, Branco, São Miguel e Cautuário (afluentes do Médio Guaporé), poderia ter sido um centro de migrações e dispersões de grupos falantes da família Tuparí. Uma de suas conclusões é que grupos Tupis, oriundos provavelmente da área do Aripuanã, teriam levado os falantes da família proto-Tupari a se fixarem no território entre as cabeceiras dos rios Branco e Colorado e os tributários sul do rio Ji-Paraná (Maldi *op.cit.*: 217, 261).

Uma proposta apresentada por Greg Urban (1992: 92) aponta que a área de dispersão geral dos povos Macro-Tupi pode ter ocorrido entre 3 e 5 mil anos atrás, nas redondezas dos tributários orientais do Madeira, em um padrão de adaptação ecológica mais próximo das áreas de cabeceira do Tapajós e do Xingu, do que as de várzeas dos grandes rios.

De acordo com o *Modelo Cardíaco* (Latharp 1975: 81-82; Heckenberger *et al.* 1998) o grupo lingüístico Tupi-Guarani seria o mais importante ao longo do curso inferior da bacia do Amazonas, especialmente ao longo da margem sul do rio homônimo; por outro lado, o grupo lingüístico Arawak seria o predominante no curso superior desta bacia. Provavelmente em uma época anteriormente situada à dispersão de ambos os grupos, haveria uma afinidade entre o proto-Tupi-Guarani e o proto-Arawak, sendo a origem do primeiro a margem sul do Amazonas, um pouco abaixo da confluência com o rio Madeira. A expansão Arawak teria bloqueado o acesso dos Tupi-Guarani ao longo do Amazonas, mas alguns grupos teriam alcançando o rio Madeira e seus afluentes direitos (Ji-Paraná e Aripuanã), em terrenos aluviais no sopé da Serra dos Parecis, originando cinco ou seis famílias divergentes. Porém, um pormenor curioso é que o pesquisador atribuiu que, a maioria dessas expansões teria ocorrido em época tardia, já com a chegada dos colonizadores europeus.

Seguindo a idéia deste *Modelo Cardíaco* e baseando-se em dados lingüísticos, Brochado (1984) em sua tese de doutoramento propõe que haveria dois movimentos

migratórios de orientações diversas: um representado pelos proto-Guarani e outro pelos proto-Tupinambá. Os primeiros teriam seguido em direção ao sul, via os rios Madeira-Guaporé, atingindo o rio Paraguai e espalhando-se por sua bacia desde o início da Era Cristã; quanto aos segundos, estes teriam descido o Amazonas e atingido o litoral em sentido O-L e N-S (Fausto 1992: 382; Moraes 2007: 9). Posteriormente o autor explica que antes deveria se ter a idéia de um “enxameamento” ou “colonização” do que realmente a de migração, visto que, suas áreas de origem não deixaram de ser ocupadas. O crescimento demográfico envolvia maior exploração dos recursos ambientais, logo, a necessidade de novas áreas para sua obtenção e a prática da coivara era uma constante, sendo dada preferência aos ricos solos aluviais da bacia amazônica (Brochado 1989: 79-80).

Miller (1983: 254-255; 260-262; 274; 283-285) define para o Alto Médio-Guaporé¹¹ a presença das fases Corumbiara e Pimenteira cujas datas atingiriam ao redor de 1.050 AP. (AD 900), coincidindo com o auge de uma elevação de temperatura e umidade entre 1.050 e 1.000 anos AP. (AD 900-950) a qual teria perdurando até meados do Séc. XVIII. Respectivamente estariam associadas aos grupos indígenas do Tronco Tupi-Tupari (os *Mekén* de língua *Guarategáya*) e do Tronco Tupi-Guarani (os *Pauserna* ou *Guarasu/Guarayu*), com uma cultura do tipo floresta tropical, mas, com alguns traços da área Mojos-Chiquitos. Entretanto, as características morfológicas e decorativas diferem daquelas comumente reconhecidas na tradição Tupiguarani (Wüst 2001: 269).

Um ponto chamativo de atenção apontado por Cruz (2008: 56) diz respeito à correlação conflituosa do registro arqueológico com o registro etno-histórico e respectivas afiliações lingüísticas. A presença dos *Pauserna* no Guaporé teria se dado em época tardia, através de migrações oriundas do Paraguai via expedições espanholas, logo, há possibilidade de a cerâmica da fase Pimenteira não pertencer a uma afiliação lingüística Tupi-Guarani.

A fase Corumbiara foi consagrada a partir de 12 sítios tipo habitação, sendo que 2 teriam sido identificados em território boliviano. Encontravam-se assentados em barrancos elevados a salvo de cheias sazonais¹², sendo o refugio arqueológico composto de terra-preta e

¹¹ O alto Médio-Guaporé é delimitado ao Sul pelo rio Piolho (Mato Grosso) e ao Norte pelo rio Mequéns (Rondônia) correspondendo, aproximadamente, aos paralelos de 13° e 14° S.

¹² Esta situação lembra o modelo *Bluff Model* definido por William Denevan (1996) para os sítios da Amazônia Central, onde haveria uma ocupação complementar dos ambientes de várzea e de terra firme, cujos assentamentos indígenas estariam concentrados em terraços escarpados de alturas variáveis, os quais separam

fragmentos cerâmicos, conformando uma área alongada paralela aos cursos d'água. As dimensões dos sítios variavam de 300 a 900 m de comprimento, 150 a 230 m de largura e, profundidades de 40 a 90 cm.

Quanto à fase Pimenteira, esta foi reconhecida a partir de 16 sítios tipo habitação e 1 sítio acampamento, sendo que 6 teriam sido identificados em território boliviano. Com exceção de 1 sítio, todos estariam assentados em zona não inundável de terra firme ou interflúvio, sendo o refugo arqueológico composto de terra-preta e fragmentos cerâmicos, cujas dimensões variavam de 250 a 600 m de comprimento, 80 a 200 m de largura e, profundidades de 20 a 50 cm.

Ambas as fases apresentam os seguintes traços diagnósticos em comum:

- Presença de valas defensivas muradas de terra, tal como ocorre em sítios da Amazônia Central e do Alto Xingu.

- Cerâmica associada ao preparo e armazenamento de alimentos à base de mandioca amarga e/ou doce, sendo reconhecidas formas como assadeiras, tigelas/bacias rasas e planas, vasos (panelas).

- Predomínio do antiplástico de cauixí, seguido de sua combinação com o cariapé, e em menor porcentual a areia e o cariapé, este último restrito à fase Pimenteira.

- Sepultamentos infantis a adultos no espaço da habitação, primários a secundários, sendo utilizada como urna ou tampa a maioria das formas cerâmicas, havendo pequenos vasilhames associados como oferendas.

- Presença de decoração plástica isolada ou combinada, sendo utilizada a técnica incisa, ponteadada e o filete aplicado e ocasionalmente a modelada (bonecos e apliques modelados), ora associados com pintura branca retocada, engobo vermelho e enegrecimento. Os padrões de desenhos compreendem figuras em ziguezague, losangular, triangular, quadrangular, circular concêntrica, espiral e raros grupos de linhas paralelas ou achuradas. Ocorrem na forma de campos decorados delimitados por linhas compostas verticais a horizontais. O

aluviões recentes da várzea dos solos mais pobres da terra firme.

motivo principal envolve figuras zoomorfas representando faces felinas ou humanas estilizadas. Ocorrem também pesos de fusos e calibradores (torneadores).

Os traços em comum, acima descritos, somados às datações de C-14, quase todas conflitantes com a estratigrafia dos sítios, em geral perturbada pela mescla de elementos históricos (cerâmica missioneira e *neo-brasileira*¹³) e pré-coloniais (quiçá pré-cerâmicos em alguns casos), não permitiram uma diferenciação clara entre as fases Corumbiara e Pimenteira, sendo estas inseridas em um mesmo complexo¹⁴, apesar de consideradas independentes, respectivamente ocupando as porções NO e SE do Alto Médio-Guaporé. Ao julgar por sua cronologia, os elementos diagnósticos de tratamento de superfície e, as técnicas decorativas incisa e ponteadas, essas fases tentativamente poderiam estar afiliadas à tradição Incisa-Ponteadas (Miller 1983: 255, 285).

¹³ Denominação adotada pelo PRONAPA para designar a cerâmica de origem histórica ou “cabocla” (Chmyz 1976: 145).

¹⁴ Entre essas duas fases, de modo intermediário, cultural e espacialmente, haveria uma terceira fase denominada *Paraguá*, a qual corresponderia ao *Complexo Arqueológico de Los Gomales* da Bolívia. Visto que, compartilhavam traços decorativos em comum, como o ponteadas arrastado e o branco retocado, considerou pertencerem a uma mesma tradição (Miller 1983: 268, 275; Cruz 2008: 55).

6. O QUADRO ETNO-HISTÓRICO E ETNOGRÁFICO REGIONAL

Assim como em períodos pré-coloniais, a região em estudo e seu entorno imediato foi uma das áreas mais diversificadas cultural e linguisticamente no cenário sul americano. Uma variedade muito grande de grupos indígenas já era registrada em fontes etno-históricas dos primeiros momentos da colonização com as incursões de Nuflo de Chaves e Domingos Martinez de Irala a partir de 1542. Em meados do século passado com os trabalhos da Comissão Rondon e as frentes de atração do SPI e da FUNAI os registros etnográficos efetuados demonstraram também serem numerosos e diversificados.

Para o escopo da presente tese foi necessário um recorte neste riquíssimo quadro, procurando ser mantida uma atenção nos grupos registrados para a Microrregião do Alto Rio Guaporé e da sua margem esquerda, ou seja, a Província de Chiquitos na Bolívia; breves apontamentos serão efetuados também para a Província de Mojos (Moxos) localizada em porções mais setentrionais à área em questão, sendo muitas referências ao longo do capítulo condensadas do *Handbook of South Americans Indians*.

De acordo com o *Mapa Etno-histórico de Curt Nimuendaju* contamos para a área em estudo e seu entorno imediato com os *Nambikwára*, *Paresí* e *Kozaríni*; para o território boliviano, os *Chiquitanos*, *Paikoneka*, *Kuruminaka* e *Saraveka*; os dois últimos também se distribuindo em pequena fração do território mato-grossense (IBGE 1987, **Prancha 1**).

Baseando-se em um critério de dicotomia geográfica entre as terras baixas bolivianas e as terras altas do oeste brasileiro, Lévi-Strauss (1950) desconsiderava o rio Guaporé como o eixo de uma área cultural homogênea, sendo este antes uma fronteira e não um elo entre as populações de ambas as margens, respectivamente representadas por padrões das culturas Mojo-Chiquito (da margem esquerda aos Andes) e Amazônica (margem direita), contando com grupos lingüísticos heterogêneos, em grande parte *Chapacura* e *Tupi*, seguidos pelos *Aricapu* e *Yabuti/ Japuti*, cuja afinidade lingüística se aproximaria aos dialetos Gê; os *Palmella*, os quais até fins do Séc. XIX seriam os representantes Caribe mais meridionais na América do Sul; e finalmente os *Nambikwara* do Sul (*Cabixi*).

Por outro lado, trabalhos posteriores apontam que esta assimetria nem sempre foi uma constante, e que contatos entre populações de ambas as margens e suas áreas concernentes seriam comuns, compartilhando alguns traços culturais (ex: presença de valas defensivas nas aldeias), inclusive envolvendo redes de trocas ou mesmo transmissão de idéias (Oliveira 2002: 236); ao menos, em algumas regiões de entorno da área alvo da presente tese, é possível contar com alguns exemplos.

Quadro Etnográfico da Área de Pesquisa

Prancha 1

Detalhe do mapa etno-histórico de Kurt Nimuendaju (IBGE 1981) onde se observa a área estudada circundada pela elipse vermelha, e os principais grupos etno-históricos documentados.

Índios *Paresi* durante os primeiros contatos com a Comissão Rondon. Acima, o Marechal Cândido Mariano da Silva Rondon distribue presentes entre estes, os quais foram muito prestativos na abertura e manutenção da linha telegráfica. Abaixo, urnas funerárias e restos ósseos humanos atribuídos aos Paresi (?) fotografadas em 1922. Ambas as imagens foram registradas pelo Major Luiz Thomas Reis, cinegrafista da Comissão das Linhas Telegráficas. Fonte: acervo do Museu do Índio, Rio de Janeiro.

Miller (1983: 264) aponta entre as cerâmicas das Fases Corumbiara e Pimenteira do Alto Médio-Guaporé a presença de traços sócio-religiosos da Área Mojos-Chiquitos, evidenciados nas decorações cerâmicas na forma de fisionomias de jaguares ou humanas, traços mitológicos do culto Mojo de padrão Subandino, descrito por Metráux (1948: 422) como *Culto do Jaguar*.

Carvalho (1992: 459) ao abordar a região do Chaco e suas relações com a bacia do Paraná e o Sul mato-grossense, aponta para esta como uma encruzilhada de povos e suas fusões culturais. Um exemplo citado em seu trabalho são os efeitos da expansão dos *Guarani* do rio Paraguai em direção ao oeste *versus* a expansão do Império Incaico ao leste: quanto ao segundo, embora nunca tenha mantido domínio nas zonas tropicais ou subtropicais, sua presença (bem como a pressão dos *Guarani*) provocou uma aglomeração étnica diversa, cujos grupos passaram a manter uma inter-relação cultural direta a indireta, inclusive estabelecendo territórios que aprimorassem as relações de contato com os Incas, no caso dos grupos mais periféricos. Lâminas de metal incaicas seriam intercambiadas pelos índios Arawak através do norte do Grande Chaco, através de uma estrada que interligaria os Andes e as terras baixas.

Oliveira (2002: 236) menciona um interessante registro efetuado por Cabeza de Vaca quanto à existência de objetos metálicos entre os indígenas *Guaxarapo*. Estes os teriam tomado dos *Guarani* (*Itatim*), os quais os obtinham através de excursões e contatos com grupos andinos e sub-andinos em período pré-colonial. Essas peças seriam adornos supostamente confeccionados de ouro e prata.

Migliacio (2006:66) ao citar Susnik (1990) aponta que haveria grupos *Chané* andinos (*Chané-Arawak*) mencionados como “troquistas viajantes”, cujas incursões pelo Chaco, o Alto Paraguai, ou mesmo o rio da Prata, resultariam na distribuição de plaquetas de metal incaicas. Essas peças saíam desde Samaypata (Bolívia) até os *Xarayés* do Alto Paraguai e pelo noroeste argentino, através dos rios Bermejo e Salado até o rio da Prata.

Porém, grande parte deste quadro passou a ser fortemente modificado, principalmente a partir do Séc. XVIII quando exploradores, missionários e seringueiros passaram a utilizar o rio Guaporé como via de acesso para a alta Amazônia, situação intensificada com o Ciclo da Borracha, onde centenas de seringueiros exploraram suas margens e demais tributários, certamente acarretando prejuízo às populações indígenas, talvez quase a ponto de extinção (Lévi-Strauss 1950). Porém, contatos mais antigos e não menos impactantes com exploradores e missionários ibéricos, já vinham influenciando esta região e suas circunjacências desde as primeiras incursões através da planura do Chaco ou dos rios da

Prata, Paraná ou Paraguai nos Sécs. 16 e 17 (Carvalho 1992:460-461).

Passemos agora a uma descrição dos principais grupos etno-históricos associados à região em estudo, obedecendo ao recorte da micro-região do Alto Guaporé e seus limites imediatos, destacando-se neste caso os grupos os *Paresi*, *Nambikwara* e *Chiquitano*, entre estes últimos não podemos esquecer que o etnônimo é uma denominação genérica dada a múltiplos grupos indígenas aldeados a partir do Séc. XVII em diversas missões do leste guaporeano, atual República da Bolívia (Ferreira 2001: 149), muitos de seus membros habitam a zona de fronteira com o Brasil.

6.1. Tribos da Margem Direita do Guaporé (Brasil)

6.1.1. Paresi

Os *Paresi* são um grupo afiliado ao Tronco Lingüístico Aruak, subgrupo Kozarini ou Paresi-Kabish, o qual se autodenomina *halíti* (gente, povo). Segundo Métraux (1948) estes seriam os representantes do ramo mais meridional do Aruak, ao lado dos *Chané* e *Mojo*, cuja distribuição pelo estado do Mato Grosso abrangeria uma área limitada a leste pelos rios Arinos e o Alto Paraguai, a oeste pelos rios Juruena e o Alto Guaporé e, ao sul pelo paralelo de 40° 30'.

Apresentariam uma subdivisão em três grupos afiliados cultural e linguisticamente: *Cashíniti*, *Waimaré*, *Cozaríni*, estes últimos, habitantes da bacia do Guaporé e outras circunjacentes, aparentavam ser um grupo tribal multi-étnico, formado por um núcleo de invasores *Paresi*, os quais teriam absorvido e assimilado índios de outras tribos, principalmente os *Nambikwara* (*Guayguakuré*), prática efetuada até as primeiras décadas do Séc. XX; eram considerados pelos demais *Paresi* como uma ramificação inferior da sua nação, sendo então denominados *Cabishí*, etnônimo também aplicado aos *Nambikwara* da Serra do Norte, bem como a múltiplos grupos indígenas da bacia do Guaporé, sendo então denominados *Paressí-Cabishí* na bibliografia antropológica (Métraux 1948: 349).

As primeiras notícias ao seu respeito estão associadas à bandeira de Antônio Pires Campos (1863, Rondon 1947: 3), o qual, em sua “*Breve Notícia*” descreve o “*Reino dos Parecis*” ao explorar a chapada homônima no ano de 1718, descrevendo uma grande contingente populacional de índios *Paresi* e *Uaimaré*. Suas aldeias compunham-se de 10 a 30 casas “*redondas, de feitio de um forno*”, muito altas, cujos diâmetros e com diâmetros de 10 a

13 m; por outro lado, no começo do Séc. XX suas aldeias consistiam de apenas duas casas comunais com planta oval. Praticariam o cultivo da mandioca, milho, feijão, batatas e ananazes, bem como a caça de veados, emas e outros animais. Embora não belicosos¹⁵, tinham como armas o arco e a flecha, lanças e “espadas” de madeira dura¹⁶. Possuíam ídolos que eram guardados em uma casa denominada “*Iamacá*”. O sertanista Pires de Campos, também menciona a existência de estradas “*mui diretas e largas*” as quais eram mantidas limpas, trabalhos de pedra “*como jaspe, em forma de cruz de Malta*”, e da perfeição com que tingiam penas na arte plumária.

Quanto à sua produção cerâmica, Métraux (1948: 354) atribui aos *Paresi* uma cerâmica muito grosseira, cuja pasta seria temperada com cinzas da casca de árvore *katipe* (cariapé) e um *pó ferruginoso* (laterita) comuns na região; todavia, não descarta a possibilidade de terem possuído uma cerâmica melhor elaborada no passado. Segundo Lima (1987: 207) faziam grandes potes de bases côncavas para a produção de chicha. Neste ponto, Rondon (1947: 5) nos dá uma curiosa informação quando de uma visita ao grupo *Caxiniti* (*Cashíniti*) no rio Anhanazá ou Água Verde em 1908:

“Os Caxiniti eram antigamente também denominados-“Mariá”. Soube disso casualmente, por ter encontrado, em uma maloca caxiniti uma bela panela com desenhos semelhantes aos da nossa “arte -nova”, guardada por um índio como lembrança de seus antepassados.

Perguntando pelo nome dêste utensílio, respondeu-me a índia denominar-se “Mariá-mataló”; e como eu insistisse no esclarecimento por que me empenhava, afirmou-me ela que “Mariá” é também nome de Caninití, usado outróra”.

Por volta de 1848 sua população já havia sofrido um forte declínio em decorrência de

¹⁵ A visão dos Paresi como “índios mansos” ou “dóceis” foi uma idéia construída deste o período colonial, quando das primeiras incursões pela Chapada (cujo nome atual é derivado deste etnônimo), sendo esta seguida pelo próprio Marechal Rondon (Canova 2003: 7, 12).

¹⁶ É na verdade um tipo de borduna, pois Pires Campos ao ser citado por Roquette-Pinto (1917), descreve tais “espadas” como “folhas largas” de “madeira muito rija”. Rondon (1947: 3) descrevia que tal objeto ainda seria usado pelos Paresi como um ornato nos dias de festa.

expedições escravagistas. Com o advento da *Comissão das Linhas Telegráficas e Estratégicas do Mato-Grosso ao Amazonas*, liderada pelo General Cândido Mariano da Silva Rondon, dá-se a partir de 1907 o contato com os *Paresi* (ver **Prancha 1**) e, em poucos anos, sob uma ótica positivista, alguns de seus membros seriam “trazidos à civilização”, instruídos pelo exército e usados como empregados da Comissão, inclusive como telegrafistas (Metraux 1948: 350; Lévi-Strauss 1957: 288; Canova 2003: 12, 32).

Canova (op. cit.: 12-13) em sua dissertação trabalha com a questão da imagem construída pelo colonizador português em relação ao *Paresi*: a de um indivíduo útil ao processo de colonização de identidade “dócil” e “receptiva” aproximada à do “civilizado”, conceito este reforçado pelo contraste e oposição em relação a outros grupos indígenas que apresentassem qualquer forma de resistência, sobretudo guerreira (ex: *Paiaguá*, *Guaicuru*), sendo assim, tomados por “arredios” ou “selvagens” mergulhados na barbárie.

6.1.2. Nambiquara

Segundo Lévi-Strauss (1948: 361) o conhecimento deste grupo étnico deu-se em um período relativamente recente, quando começaram a serem contatados pelas expedições da *Comissão das Linhas Telegráficas* em 1907, sendo conhecidos a partir de então por diversas grafias: *Nambicuara*, *Nambikuara*, *Manbyuara*, *Mahibarez*. Na verdade, este etnônimo é de origem Tupi significando “orelha furada”, sendo aplicado de modo genérico a grupos tribais pouco conhecidos nas porções norte e oeste da Serra dos Parecis, conhecidos por seringueiros e mineiros por “*Beijos de Pau*” devido ao uso de botoques auriculares e labiais.

Além de *Beijos de Pau*, encontraremos outros etnônimos atribuídos para os Nambiquara: *Camarés*, *Cavihis*, *Cabixis*, *Cabixi-u-a-jurury*, *Maimbarês*, *Nenê*, *Orelhudo*, *Tamarês*, *Tamararé*, *Tagnani*, *Tapahunas* (Canova 2003: 68). Os primeiros contatos com a sociedade colonial teriam ocorrido a partir de 1723, com a bandeira de Antônio Pires de Campos, quando passaram a serem conhecidos por *Cabixis*, *Cabixis bravos*, *Cavihis* e *Nhambiquaras* (Costa 2002: 42).

Durante os Sécs. 18 e 19, o vale do Guaporé foi palco de conflitos constantes entre quilombolas e *Nhambiquaras*: os primeiros, sob a condição de escravos fugitivos das minerações de ouro, sobreviviam de atacar as aldeias dos segundos no intuito de raptar mulheres e saquear suas roças. Mesmo os arraiais de mineração foram alvos de ataques dos

Nambiquara e *Cabixi*, entre estes, os de São Francisco Xavier da Chapada, Pilar, Santa Ana e de São Vicente, este último devastado em 1877 por um ataque dos *Cabixi* (Costa 2002: 43-45).

Sua distribuição geográfica abrangeria extensões a nordeste do rio Papagaio até a confluência dos rios Pimenta Bueno (ou Apediá) e Comemoração (ou Barão de Melgaço), formadores do rio Gi-Paraná (ou Machado) no Estado de Rondônia, limitando-se ao sul pelos tributários diretos do Rio Guaporé, mais a oeste por todo o rio Comemoração, sendo que o limite norte acompanharia aproximadamente o paralelo de 11° entre os rios Roosevelt e Papagaio (Lévi-Strauss op. cit.).

Baseando-se nos trabalhos de David Price efetuados ao longo da década de 1970, Costa (2002: 20-21) aponta que haveria mais de trinta grupos locais habitantes de três áreas principais: Serra do Norte, Chapada dos Parecis e Vale do Guaporé, cujas etnias se resumem na tabela abaixo.

Tabela 10 – Grupos étnicos Nambiquara e suas respectivas áreas culturais.

Área	Grupos Étnicos Nambiquara
Serra do Norte	Txawenté, Txawanté, Yalakuté (Lacondê), Yalakaloré, Latundê, Hinkatesu (Manduca), Mamaindê, Negarotê.
Chapada dos Parecis	Wakalitesu, Halotesu, Kithaulhu, Sawentesu.
Vale do Guaporé	Aikkutesu, Nantesu, Qalisattesu, Yxotxusu, Elahitxansu, Alantesu, Alaketesu, Waikatesu, Wasusu, Katitaulhu (este último composto por quatro grupos locais: Galitsu, Haluhwaisu, Waihlatisu e Sayulikisu).

Durante a construção do trecho da linha telegráfica de Cuiabá ao Madeira, tornaram-se célebres pelos ataques contínuos que promoviam ao avanço da Comissão Rondon, certamente amedrontados por conflitos anteriores com seringueiros. É famoso o episódio em que Rondon se safava de uma flecha, a qual atingiu sua bandoleira de couro posta a tiracolo, ferindo-o levemente no tórax. O processo de “pacificação” teria demorado cerca de dois anos, quando se deixaram fotografar e serem feitos os primeiros apontamentos, entre os quais, os mais chamativos para a Comissão, eram o uso de machados de pedra, a nudez completa e o

hábito de se deitarem diretamente ao chão ao repousarem (Botelho de Magalhães 1942: 329); este último fez Rondon tomá-los sob uma ótica racista e excludente como “menos civilizados” que os Paresi (Canova 2003: 68-69).

De certo modo depreciativo, Lévi-Strauss (1957: 291, 293) chama também a atenção para os aspectos acima mencionados, bem como para os aspectos da cultura material Nambiquara:

“Depois do esplendor dos palácios bororo, a miséria em que vivem os Nhambiquaras é quase inacreditável. Nenhum dos dois sexos usa qualquer roupa seu tipo físico, tanto quanto a pobreza da sua cultura, distingue-os das tribos vizinhas. (...)

(...) Êsses utensílios são rústicos e mal merecem o nome de objetos manufaturados. (...).

(...) Os Nhambiquaras dormem no chão e nus. Como as noites da estação seca são frias, esquentam-se encostando-se uns contra os outros, ou aproximando-se das fogueiras que se extinguem, a tal ponto que os indígenas acordam de madrugada chafurdados nas cinzas ainda mornas. Por essa razão, os Pareci designam-nos por um apelido: uaikoakorê, “os que dormem no chão”.

Coube ao antropólogo Edgard Roquette-Pinto (1917, 1938) em sua obra *Rondônia* a análise ergológica do material etnográfico recolhido pela de *Comissão Telegráfica*, bem como, a primeira tentativa de classificação dos *Nambiquara* em quatro grupos, alguns genericamente chamados de “Índios da Serra do Norte”:

-Grupo Sudeste: *Kôkôzú* ou *Kôkoçú*. Posteriormente considerados por Lévi-Strauss (1948: 361) como Nambiquaras Orientais.

-Grupo Nordeste: *Anunzê*. Posteriormente considerados por Lévi-Strauss (*op.cit.*) como Nambiquaras do Nordeste.

-Grupo Sudoeste: *Uaintaçú* (habitariam de Campos Novos até o Rio Guaporé).

-Grupo Noroeste: *Tagnanís, Tautitês, Salumás, Tarutês, Taschitês*.

Lévi-Strauss (*op. cit.*: 362) considerava os dois últimos grupos como um grupo centro- meridional no qual se incluíam os *Kabishi*, além da existência de Nambiquaras Orientais na bacia do Alto Rio Roosevelt, os quais seriam relacionados aos grupos centrais e meridionais, bem como, outro grupo de Nambiquaras Setentrionais com língua própria vivendo ao norte dos grupos centrais.

Sua economia oscilava conforme as estações: durante a seca, mulheres e crianças forrageavam por frutos, sementes e raízes, bem como por larvas, aranhas, pequenos mamíferos e répteis, enquanto os homens se dedicavam à caça grossa e a coleta de mel; na estação chuvosa, instalavam-se em pequenas aldeias, e pequenas clareiras eram abertas por queimadas e derrubadas de árvores com machados de pedra, sendo então cultivado a mandioca doce ou amarga, variedades de milho, feijões, cabaças, algodão, urucum e uma variedade de tabaco. Alguma pesca era também praticada com flechas, cestos e envenenamento. As habitações em geral seriam abrigos bem simples consistindo de uma trave coberta com folhas de palmáceas, as quais abrigavam uma família nuclear durante o pernoite, sendo uma fogueira acessa em sua abertura principal. Por outro lado, durante as estações chuvosas, conforme os grupos construíam-se desde abrigos mais reforçados a cabanas circulares mais elaboradas com diâmetros de 3 a 6 m (Lévi-Strauss 1948: 363-364; 1957: 290-291).

A produção cerâmica (desconhecida entre os *Kôkôzú*) não era bem elaborada, consistindo os vasilhames de dimensões variadas. A argila era temperada com cinzas, queimada em fogo aberto e, lavada ainda quente, visto que, era colocada em uma infusão de cascas resinosas (Lévi-Strauss *op. cit.*: 365; Lima 1987: 207). Roquette-Pinto (1938: 231, 275) apresenta duas ilustrações de vasilhames coletados entre os grupos *Nambiquara* da Serra do Norte: ambas as peças exibem bases planas, contornos infletido, pescoços constritos, bocas circulares ampliadas, sendo as bordas diretas inclinadas externas; uma das peças seria utilizada para armazenagem de resina de breu.

Há referências quanto ao emprego de instrumentos líticos, os quais eram guardados e transportados em seus cestos cargueiros, de modo que, Lévi-Strauss (1957: 293) nos descreve a presença de “*pedras grosseiramente talhadas*” ou de “*furadores compostos de um punctor de pedra ou ferro*”, além de machados de pedra, os quais teriam serventia quase exclusiva de

bigornas “para fabricação de objetos de concha e osso”, mós e polidores.

Nos dias de hoje, os *Nambiquara* apresentam a denominação autóctone geral *Anúnsu* (Ferreira 2001: 160) e não se afiliam a um Tronco Lingüístico, senão a uma Família dividida em três línguas: Nambiquara do Norte, Nambiquara do Sul e Sabanê, as quais são faladas através de dialetos. A língua Nambiquara do Norte engloba os dialetos *Tawandê*, *Lakondê*, *Latundê*, *Mamaindê* e *Nagarotú*; a Nambiquara do Sul os dialetos *Munduka*, *Galera*, *Kabixi* e *Nambikwara do Campo*; a língua *Sabanê* é classificada apenas como língua (Montserrat 1998: 101).

Entre os povos Nambiquara do Norte há também os *Tagnaní* e para o Guaporé os *Nambiquara do Sararé/Kabixi*. Há outros grupos correlatos com etnônimos variados: *Alantesu* (*Alotesú*), *Hahaintesu* (*Haháite*), *Katitauru* (*Kithaulú*, *Kitalawlú*), *Waikusu* (*Waykisú*) e *Wasúsu*. No município de Comodoro, aproximadamente nas áreas dos rios Cabixi e Piolho, afluentes do Guaporé, haveria ainda índios isolados, ou seja, sem contato direto com qualquer segmento da Sociedade Brasileira (Ferreira 2001: 161, 174, 649-650).

Na ocasião do bicentenário da cidade de Vila Bela da Ssa. Trindade em 1952, um trabalho de exumação dos restos mortais de Ricardo Franco foi promovido pelo Exército Brasileiro, sendo realizadas escavações na capela de Santo Antônio dos Militares, sob o comando do General Silveira de Melo (O Policial, 1980:71). Na ocasião a expedição efetuou registros fotográficos de *Nambiquaras* os quais, à época eventualmente visitavam a cidade, fato ainda presente na memória dos moradores vilabelenses mais antigos (**Prancha 2**). Relatos colhidos por Rosa (2008: 135) apontam que as relações entre indígenas e vilabelenses na virada do Séc. XIX para o Séc. XX tendiam a ser constantemente conflituosas.

Enfim obedecendo ao recorte da área de pesquisa, alguns grupos indígenas não foram alvos de reflexões, apesar de terem desempenhado importante papel na historiografia matogrossense, muitas vezes como opositores ferrenhos às rotas monçoneiras e demais tentativas de conquista do território ocidental lusitano. Neste caso, podemos nos referir aos *Payaguá* e *Mbaiá-Guaicuru* da Bacia do Paraguai. Os primeiros eram conhecidos por serem hábeis canoieiros e os segundos por exímios cavaleiros. Como costume, os *Payaguá* praticavam pirataria fluvial, aprisionamento de reféns para obtenção de produtos como resgate, sendo suas vítimas tradicionais os *Guarani*; quanto aos *Mbaiá-Guaicuru* teriam por costume a vassalagem ou simbiose de tribos vizinhas (*Guaná*, *Xamacoco*) que os temiam, mas também se valiam de sua proteção e de sua mobilidade equestre para obtenção de produtos de origem européia ou de

etnias indígenas mais distantes, fornecendo-lhes crianças para adoção e alimentos. Possuíam também uma estratificação social étnica de acordo com os grupos étnicos que assimilavam (Lévi-Strauss 1957: 188; Carvalho 1992:464-468; Moreira da Costa 2006: 86-87). Quanto aos aspectos gerais da cultura desses dois grupos étnicos e as formas de suas resistências quanto ao avanço ibérico em seus territórios, são profundamente abordados nas dissertações de Herberts (1998), Magalhães (1999) e Smaniotto (2003), bem como na tese de Sá Júnior (2008).

Do mesmo modo, não podemos deixar de citar os Bororo do Cabaçal e da Campanha descritos para a área dos atuais municípios de Jauru e de Cáceres, respectivamente situados a leste e sudoeste da área pesquisada, de acordo com a obra de João Severiano da Fonseca intitulada *Viagem ao Redor do Brasil-1875 a 1878*, bem como outras fontes da segunda metade do Séc. XIX (Meireles 1989: 14; Moreira da Costa 2006: 105-106).

6. 2. Tribos da Margem Esquerda do Guaporé (Bolívia)

6. 2.1. O Oriente Boliviano: As Províncias de Chiquitos e de Mojos

Como limitadores geográficos a Província de Chiquitos da Bolívia é delimitada ao sul pelo deserto do Chaco, ao norte pelo paralelo de 15° S (aproximadamente), ao leste pelo rio Paraguai e os pantanais de seu curso superior e, a oeste pelo rio Grande ou Guapay. O quadro lingüístico destes povos Chiquitano não é muito claro, as crônicas jesuíticas ou de demais autoridades coloniais, apesar de fartas, carecem de uma afiliação lingüística bem como de sua localização (Métraux 1948: 381).

O trabalho do jesuíta Hervás Y Panduro pode ser considerado o primeiro estudo lingüístico moderno sobre as línguas de Chiquitos e de Mojos. Assim, as tribos de línguas chiquitanas existentes nas missões, foram classificadas em quatro subgrupos, de acordo com seus dialetos: *Tao*, *Piñoco*, *Manasí*, *Peñoqui*. D'Orbigny em sua viagem à região em 1831, reconheceu a existência de dois grupos lingüísticos: Aruak e Otukeano, entre os primeiros, havia os *Saraveca*, *Paunaca* (*Pauna*) e *Paiconeca* (*Paicone*) os quais, seriam subtribos dos *Chané*, bastante mencionados na área; quanto aos segundos, havia os *Otuke*, *Coraveka* e *Curuminaca* os quais, poderiam ter relação com os *Bororo* (Métraux 1948: 381, 383; Meireles 1989: 57).

Índios Nambiquaras da Região de Vila Bela da Santíssima Trindade (década de 30/40?).

Fonte: Acervo Mario Friedländer/

Secretaria Municipal de Cultura de Vila Bela

Moreira de Costa (2006: 59) ao citar a obra de Branislava Susnik (*Los Aborígenes del Paraguay*) datada de 1978, menciona que a autora aponta os grupos Paiconeca, Paunaca, Jaramai e Pitiguari como afiliados a um “estrato étnico” dos Saravekas, e que estes seriam um “ramal” dos Paresí matogrossenses, então deslocados em direção a Bolívia por pressões dos Otuque-Bororo.

Em suma, em se tratando do termo *Chiquitano* pode se contar com dezenas de grupos étnicos generalizados sob este cunho (além do fato que nas missões também habitavam mestiços bem como os religiosos europeus das mais diversas nacionalidades), maiores detalhes quanto aos seus etnônimos, suas afiliações lingüísticas ou a que reduções jesuíticas estavam submetidas, podem ser vistos em Métraux (1948: 383), Moreira da Costa (*op. cit.*: 59, 109-110) e Charupá (2008: 239).

Os aspectos gerais da cultura *Chiquito* envolveriam a existência de aldeias protegidas por cercas espinhosas, estrepes envenenados e fortes paliçadas; as casas eram pequenas no formato de uma colméia, cuja entrada era pequena para evitar a entrada de mosquitos, dando falsas impressões aos espanhóis quanto à estatura dos índios, bem como ao aparente estado de abandono de suas aldeias, visto que, a princípio os habitantes se escondiam nas matas evitando qualquer contato (Menacho 1981 a: 205-206). Assim, a princípio foram acreditados serem pequeninos ou *chiquitos*:

“Las casas no son más que unas cabañas de paja dentro de los bosques, una junto a otra sin algún orden o distinción; y la puerta es tan baja que solo se puede entrar a gatas, causa porque los españoles les dieran el nombre de Chiquitos; y ellos no Dan otra razón de tener así las cosas, sino que lo hacen por librarse del enfado y molestia que lês causan las moscas y mosquitos, de que abunda extrañamente el país en tiempo de lluvias, y también porque sus enemigos no tengan por donde flecharlos de noche, lo cuál sería inevitable si fuese grande la puerta” (Gumucio 2003:38).

Uma segunda hipótese é apontada para a origem do termo “Chiquito”, o qual seria uma derivação empregada pelos *Chiriguano* que os alcunhavam de “pequenos inimigos” ou de “escravos da pequena casa”, originando então o termo em espanhol. É sugerido que

pudessem ter a autodenominação de “oñeica” ou “homens” (Silva 2008: 41-42).

A agricultura básica envolveria o cultivo da mandioca doce, além de outros cultígenos, como o milho, a mandioca amarga, amendoins, cabaças, abóboras, abacaxis e o tabaco. O arroz o cacau foram adotados depois da conquista. Ao contrário dos Mojo, os Chiquito não teriam desenvolvido a navegação, sendo seu deslocamento efetuado via terrestre, buscando áreas de florestas entre pequenas serras banhadas por riachos e, na falta de água permanente, construíam reservatórios denominados *paaros* (Meireles 1989: 53; Susnik 1978, *apud* Silva 2008: 54). A prática da cerâmica era bem descrita entre os *Manasí*, de modo que “soavam como metal” quando tocadas, além da presença de objetos de pedra, como por exemplo, pingentes (Métraux 1948: 384-385; 388-389).

Após conflitos com os espanhóis, algumas tribos chiquitanas aceitaram a catequese a partir de 1690, sendo então fundada a primeira missão em 1691, denominada San Francisco Xavier, desde então, das múltiplas missões que surgiram (oito), estas passaram a serem constantemente assoladas por ataques de mamelucos paulistas. Em suma, no território boliviano do Chaco à bacia do Beni, contamos com um total de 30 reduções jesuíticas fundadas entres os Sécs. 17 e 18, sendo Santa Ana, San Ignacio, San Miguel e San Rafael as mais próximas da fronteira com o Mato Grosso (Métraux 1948: 384; Gumucio 2003: 8, 14, 21). O intento missionário era evangelizar e preparar militarmente os indígenas, efetivando a posse da terra de acordo com os interesses da Coroa Espanhola, bem como barrar qualquer ataque que pudessem sofrer dos mamelucos paulistas ou das forças portuguesas da Capitania de Mato Grosso, bem como dos espanhóis *encomenderos* ou traficantes de escravos (Anzai 2008:137).

É importante salientar que após a expulsão dos jesuítas em 1767, muitos *Chiquito* abandonaram as missões espanholas em direção à Capitania do Mato-Grosso, atraídos por benefícios oferecidos pelos portugueses, os quais necessitavam ocupar o território fronteiriço o mais breve possível. A causa deste abandono seria a exploração da mão de obra indígena por parte do sistema de *encomiendas*, sob consentimento dos padres seculares, então responsáveis pela administração das missões (Moreira de Costa 2006: 98). De modo oposto muitos escravos negros fugitivos do Mato-Grosso procuravam abrigo no território espanhol, em alguns casos nas próprias missões (Rosa 2008: 125, 131).

Durante a guerra da independência boliviana houve um grande fluxo de indígenas *Chiquitano* para o Brasil entre 1814 e 1824, os quais se fixaram em Casalvasco, ainda por um breve período a Província de Chiquitos foi anexada ao Império Brasileiro sob a denominação

de Província Unida do Mato Grosso (Moreira da Costa 2008: 206-207).

Quanto à antiga Província de Mojos, esta envolveria uma vasta porção de terra da margem esquerda do médio e do Alto Guaporé ao sopé da Cordilheira dos Andes, sendo o seu *interland* banhado pelo rio Mamoré, cuja bacia englobaria uma grande população indígena. Do mesmo modo que a Província de Chiquitos há muita confusão em distinguir as afiliações lingüísticas entre os povos *Mojo* falantes do Aruak (*Mojo*, *Baure*) daqueles associados (*Canichana*, *Cayuvava*, *Movima*, *Itonama*) às demais famílias lingüísticas independentes ali existentes (Métraux 1948: 408, 425).

A partir de uma ótica Neo-evolucionista, também conhecida por *Evolucionismo Contemporâneo* (Kaplan & Manners 1975: 72) o antropólogo norte americano Julian Steward, durante os anos 40 do século passado, criou uma tipologia de classificação das sociedades indígenas sul-americanas, sendo os povos *Mojos* e *Baure* classificados como “Tribos da Floresta Tropical”; com a revisão de seu trabalho efetuada em 1959, estes como os demais grupos das terras baixas das savanas bolivianas, por apresentarem uma organização social mais avançada, receberam a designação de “Subandinos”, obedecendo a um dos padrões de subdivisão então revisto para as “Tribos da Floresta Tropical” (Meireles 1989: 50-51).

Um pormenor curioso é que, entre as populações *Mojo*, havia uma condição de subserviência ao imperador Inca de Cuzco, com uma rede de comércio estabelecida; de modo que, por intermédio de um povo de língua *Aymara* chamado *Mosetene* (mantinham contato com os *Aymará*) trocavam algodão e penas por objetos de metal e sal. Acredita-se que os primeiros contatos dos *Mojo* ou “*Musu*” com os incas ocorreram durante o reinado do imperador Tupac Yupanqui (1471-1493), passando estes a adotarem o culto do Sol, bem como enviar mulheres como presentes em respeito à sua autoridade (Meireles op. cit.: 28, 31).

A partir do Séc. XVII mantiveram relação amistosa com os espanhóis permitindo melhor acesso dos jesuítas ao seu território, sendo então fundadas as primeiras missões nos mesmos moldes das Guaraní existentes nas bacias do Uruguai, Paraná e Paraguai: Nossa Senhora de Loreto (1682), Trinidad (1687) e San Ignacio (1689), sendo que estas totalizavam 26 pelo Séc. XVIII, embora nem todas mantiveram-se atuantes; porém, este processo envolveu várias tentativas por parte das autoridades religiosas desde 1667, contando as esporádicas expedições de contato com membros missionários carmelitas, agostinianos, franciscanos, clero secular e por fim, jesuítas, os quais definitivamente conseguiram se instalar na região a partir de 1681 (Métraux 1948: 410; Menacho 1981 b: 192, Anzai 2008:141).

Entre os aspectos das culturas mojenas, havia a prática agrícola em grandes áreas de plantios, em geral atravessadas por largas estradas, cujos cultígenos envolviam a mandioca doce e amarga, batatas doces, abóboras, cabaças, feijões, amendoins, arracachas, pimentas, mamões, cana-de-açúcar, tabaco e algodão. As aldeias continham de 30 a 100 pessoas, poucas mais de 200, com as cheias periódicas procuravam zonas elevadas em bancos ribeirinhos ou próximos às lagoas, as quais eram gradativamente elevadas como aterros com acúmulo de solo, fragmentos cerâmicos e eventuais sepultamentos. As aldeias *Baure* eram cercadas com paliçadas munidas de seteiras e por um fosso, poços eram mantidos escondidos pelos acessos (Métraux 1948: 412, 414-416).

Métraux (1948: 414) cita entre os *Mojo* a presença de caminhos sobrelevados, os quais interligavam uma aldeia à outra durante as cheias; por outro lado, na estação seca, as trincheiras escavadas para retirada do solo utilizado na construção e aterro desses caminhos, formavam canais navegáveis por grandes extensões. Por outro lado, Denevan (1966: 40) chama a atenção de que estas construções poderiam ser mais antigas que os Mojos e Baures, além de já se encontrarem abandonadas quando da chegada dos jesuítas, possivelmente teriam pertencido ainda a uma cultura anterior desconhecida, suplantada quiçá pelos *Movima* (Meireles 1989:40).

Entre suas vestimentas, havia um tipo de túnica de algodão ou entrecasca de árvore desprovida de mangas (*cushma*), a qual cobriria as pernas até a altura do joelho, as quais seriam mais tarde transmitidas a outros grupos indígenas pelos jesuítas (Métraux 1948: 415; Meireles 1989: 26, 29). Enfeites de prata ou estanho (narigueiras, plaquetas, braceletes, tubos e contas) eram confeccionados a partir de tigelas e pratos reciclados, obtidos por trocas com os espanhóis. Um pormenor também curioso era o uso do propulsor de dardos (Métraux 1948: 416-418).

6.2.2. Grupos do Troco Lingüístico Tupi-Guarani

A presença de povos indígenas ligados às línguas Tupi-Guarani no Guaporé boliviano é representada pelos grupos *Guarayú*, *Pauserna* e *Sirionó*. Os dois primeiros seriam um mesmo grupo étnico separados pelas atividades missionárias, de modo que, apenas os *Pauserna* mantiveram-se independentes, sendo também conhecidos pelos etnônimos de *Guarayu-tá*, *Itatin*, *Carabere*, *Araibayba*, *Moterequoa*. Os *Guarayú*, do mesmo modo que os *Chiriguano* descendem dos *Guaraní* do Paraguai, os quais, na transição dos Sécs. XV e XVI

transpuseram o Chaco e a Província de Chiquitos para invadirem os limites do Império Incaico. Até o final do Séc. XVI mantiveram costumes similares aos dos *Guaraní*, como o uso de casas comunais, ausência de vestuário, tatuagens por escarificações, antropofagia e sepultamento em urnas. Os *Itatin* teriam chegado à província de Chiquitos acompanhando as expedições espanholas. Quanto aos aspectos da cultura material dos *Guaraýu* destaca-se o uso de túnicas de entrecasca de árvore, sua cerâmica não seria muito elaborada, consistindo de vasilhames para cocção, garrafas d'água e jarras, algumas de considerável tamanho. A cerâmica dos *Pauserna* seria temperada com caco moído (Métraux 1948:430, 432, 434).

Enfim, há o grupo *Sirionó* (*Mbia*) localizado na Província do Beni, o qual no passado teria ligação com os *Guaraýu* e *Pauserna*. Sua cultura foi alvo de opiniões controversas entre os pesquisadores que se dedicaram ao seu estudo. A princípio foram considerados como “atrasados”, relictos de uma população exterminada ou absorvida por invasões de grupos mais “civilizados (Maldi 1989: 46), exibindo uma organização social tipo caçador-coletor e, contrastando com as etnias vizinhas conforme as observações de Holmberg em sua obra *Nomads of The Long Bow*:

“We have been assured that their language is the Guarani, but corrupted to the extent that they cannot understand the Chiriguano perfectly. As to their personality, it differs essentially from that of the Guaraýos; they are so savage and hold so strongly to their primitive independence that they have never wanted to have contact with Christians” (Holmberg 1969: 14).

Suas habitações seriam muito simples, consistindo de varapaus amarrados às árvores e cobertos com folhas de palmeiras motacú, cujas sementes, quando calcinadas, eram mescladas como antiplástico de suas cerâmicas. Estas não seriam bem elaboradas, consistindo de cachimbos modelados ou vasilhames acordelados, cuja queima seria efetuada sobre um fogo aberto. Um pormenor curioso é que talvez utilizassem o arco mais longo conhecido no mundo, com comprimentos variando de 2,20 a 3,0 metros (Holmberg 1948: 457-458).

Todavia, um cuidado a se tomar é que há uma grande revisão em estudos posteriores sobre os *Sirionó*, indicando que estes grupos nem sempre foram o que podemos cunhar de “caçadores-coletores”, senão populações mais estáveis, impactadas por processos

depopulacionais e de regressão agrícola, acarretados pelo advento da colonização (Ballé 1995, Isaac 1977, Mann 2007: 6-12).

6.3. O Quadro Indígena Atual

A tabela abaixo resume o quadro étnico presente na área de estudo e seu entorno, de modo que, contamos com as etnias Paresí (Aruak) e principalmente com diversas outras vinculadas aos Nambiquaras *latu sensu*, com áreas de reservas já definidas ou em processo de homologação, em alguns casos, bastante próximas das áreas pesquisadas nos compartimentos geomorfológicos do *Planalto Residual Alto Guaporé* e da *Depressão do Guaporé*.

Tabela 11 – Reservas indígenas existentes no entorno das áreas levantadas na presente tese. Fonte: Ferreira, 2001; Miranda e Amorim, 2001, Moreira da Costa, 2003, p. 13; Santa Elina Desenvolvimento Mineral, 2005.

Reserva Indígena	Etnia	Extensão (ha)	População	Município
Capitão Marcos	Paresi	480	26	Comodoro
Figueiras	Paresi	9.858,93	16	Tangará da Serra/Pontes e Lacerda
Juininha	Paresi	7.0537, 5203	85	Pontes e Lacerda
Pequizal	Alantesu	9.886,82	*	Vila Bela da SS Trindade
Sararé	Katitauru	67.419, 5158	67	Pontes e Lacerda
Paukalirajausu	Katitauru	*	*	Vila Bela da SS Trindade
Taihantesú	Wasusu	5.362, 3344	*	Comodoro
Vale do Guaporé	Alentesu, Mamaindê, Hahaintesu, Negarotê, Waikusu, Wasusu	242.593	445	Comodoro
Chiquitano	Chiquitano	*	2500	Porto Espiridião, Cáceres, Pontes e Lacerda, Vila Bela da SS Trindade

Quanto aos povos *Chiquitano*, até o ano de 2000 contava-se com 31 comunidades existentes no Brasil espalhadas próximas à fronteira com a Bolívia, em geral designadas pelo nome de um santo ou por um topônimo, sendo variadas suas populações e, não raro, pejorativamente alcunhadas de *bugres* pelos regionais não índios (Fernandes Silva 2008: 26); a ação do processo de reconhecimento de suas terras pela FUNAI só foi iniciado recentemente a partir de 2006.

Por outro lado, o processo de mobilização dos *Chiquitano* pelo reconhecimento de suas terras é bem mais forte na Bolívia, movimento iniciado desde o ano de 1990, o qual culminou com a promulgação da lei do Instituto de Reforma Agrária em 1996 de acordo com o conceito de *Terras Comunitárias de Origem*:

“La Ley del Instituto de Reforma Agraria de 1996 define las tierras comunitarias de origen como los espacios geográficos que constituyen al hábitat de los pueblos y comunidades indígenas y originarias, a los cuales han tenido tradicionalmente acceso y donde mantienen y desarrollan sus propias formas de organización económica, social y cultural, de modo que aseguran su sobrevivencia y desarrollo. Son inalienables, indivisibles, irreversibles, colectivas, compuestas por comunidades y mancomunidades, inembargables e imprescritibles.” (Alarcón 2008: 287).

Em 1990 as antigas missões de Chiquitos foram declaradas pela UNESCO como Patrimônio Cultural da Humanidade (Gumucio: 2003; Moreira da Costa 2006: 186, Figura 16; Silva 2008: 45), sendo os antigos edifícios submetidos a processos de restauração, sendo dado também maior valorização aos conteúdos simbólico-culturais locais, como, as festas e procissões religiosas, além das orquestras musicais tradicionais.

7. MÉTODOS DE CAMPO E DE LABORATÓRIO

7.1. Métodos de Levantamento de Campo

Conforme explicado na Introdução desta tese, os sítios arqueológicos abordados são frutos das etapas de pesquisa de campo concernentes ao Projeto Fronteira Ocidental, bem como, de projetos de arqueologia de resgate desenvolvidos na região pela Zanettini Arqueologia, resultando no cadastro de 52 sítios e 32 ocorrências arqueológicas (**Mapa 3**).

Entre os trabalhos de campo do Projeto Fronteira Ocidental, há um predomínio do método de levantamento *oportunist*a, o qual conta com a informação oral por parte da população local, bem como de visitas a áreas propícias a existência de sítios arqueológicos (Evans e Meggers 1957, 1965; Viana 2006: 113), valendo-se o pesquisador não apenas do caminhar em si pela área a ser levantada, mas de intervenções porventura ali presentes, que venham a aperfeiçoar sua visualização em sub e superfície por vestígios arqueológicos: perfis e leitos de cortes de estradas, trilhas e drenagens, áreas aradas, mineradas, terraplanadas, com erosões ou cobertura vegetal rala. Bioturbações também deram suas contribuições, neste caso: sedimentos removidos por tocas de tatu ou grandes volumes de solo presos em raízes de árvores derrubadas por ação eólica, os quais revelaram também vestígios arqueológicos.

As entrevistas efetuadas em campo entre os moradores locais seguiram o método postulado por Malinowski (1978) onde a observação direta, a convivência e a participação nas atividades cotidianas¹⁷ da população local tendem a render bons resultados durante pesquisas de campo, conforme corroborado com os trabalhos de Parellada (1993, 1997) na área do Parque Estadual de Vila Rica del Espiritu Santo, Paraná.

Dentro do levantamento *oportunist*a efetuado nos levantamentos do Projeto Fronteira Ocidental, ao se identificar e cadastrar um sítio arqueológico, este era demarcado em cartas topográficas do IBGE/DSG do Exército em escala de 1: 100.000.

Além das anotações em geral (aspectos geomorfológicos, pedológicos, vegetação, etc...), efetuava-se registro fotográfico e de coordenadas UTM com aparelhos de GPS, obedecendo ao datum SAD 69. Em geral se efetuava uma coleta de superfície seletiva, em raros casos se efetuou quadras de raspagem de 2 x 2 ou um shovel teste de 0,50 x 0,50 m (ex:

¹⁷ Garimpo de ouro e agricultura.

Sítio Ilha do Espinho) no intuito de se obter uma amostragem adequada de material arqueológico, a qual, na visão de Redman (1987:260) é também um meio sistemático de redução de custos em uma investigação arqueológica. Esta amostragem de peças arqueológicas quando submetidas a uma análise intensiva, pode fornecer informações sobre os aspectos da cultura material e imaterial, bem como do comportamento cultural daqueles que produziram, porém, essas reconstruções muito dependem de como se procedeu a amostragem na etapa de campo (Rootenberg 1964).

Valendo-se do método *oportunist*a, vestígios e sítios arqueológicos não deixarão de ser encontrados, porém, o resultado alcançado tende a ser pontual, impossibilitando estabelecer uma estimativa da densidade dos vestígios culturais da área como um todo. Neste caso, o levantamento pode ser aprimorado, complementando-o com o método *probabilístico*, o qual emprega o uso de amostragens sistemáticas (Viana 2006: 113-114).

Baseando-se na estratificação ambiental de uma determinada região a ser prospectada, etapa previamente planejada a partir de cartas topográficas ou temáticas (ex: geologia, geomorfologia, vegetação, aptidão de solos, etc...), é possível efetuar uma amostragem geral de acordo com cada compartimento topográfico ou nicho ecológico. Uma vez escolhidas as áreas de amostragem, essas são sistematicamente prospectadas, contando-se com o fator de probabilidade para a detecção de vestígios arqueológicos.

Segundo Araújo (2001: 99) a amostragem probabilística tornou-se bastante difundida durante os anos de 1970 nos Estados Unidos, porém, não como uma contribuição científica da *Escola Processualista*, bem atuante no meio acadêmico daquele período, mas sim pelo surgimento de programas de arqueologia de resgate ou salvamento. Redman (1973: 63-64) propunha que, em uma determinada investigação arqueológica regional, através de múltiplas etapas (*multistage sampling design*), cabia ao pesquisador tratar de um universo amplo para nichos específicos, culminando nos sítios arqueológicos a serem escavados. Sob a visão de Binford (1964: 427-428) uma área a ser pesquisada pode ser considerada como um campo de estudo espacialmente limitado ou *universo*, por sua vez, este engloba unidades analíticas ou *população*, as quais são localizações definidas para uma dada unidade de tempo; o método de amostragem probabilística pressupõe que este *universo* possa ser dividido em unidades distintas e identificáveis ou *unidades de amostragem*, bem como, disponibilizar uma relação de todas as unidades potenciais deste universo.

MAPA 03 - LOCALIZAÇÃO DOS SÍTIOS ARQUEOLÓGICOS LEVANTADOS NA ÁREA ABRANGIDA PELO PROJETO DE DOUTORADO

Mesmo entre os atuais programas de resgate arqueológico, os pesquisadores comumente esbarram em questões de recursos financeiros e de tempo ao gerenciá-los, sendo o método probabilístico uma opção adequada a ser utilizada (Binford 1964: 427; Viana 2006: *op. cit.*).

“Although it is not commonly expressed, we may generalize that archaeologists want representative and reliable data within the bounds of their restricted time and monetary resources” (Binford 1964: 427).

“Considering the limited resources of most archaeologists and the increasing requirements of his work, the archaeologist must sample at these various points; that is, he must select only a portion of the total possible material available and hope that it accurately reflects the parameters of the total population” (Redman 1973: 62).

Considerando também que a micro-região do Alto Guaporé insere-se na realidade de um cenário sul americano de savanas e florestas tropicais, era previsível que os levantamentos efetuados poderiam resultar em dois tipos básicos de sítios arqueológicos comuns a este ambiente: sítios de habitação com múltiplas funções associados com campos agrícolas e fontes de caça e pesca, ou, sítios de atividade específica. Todavia, as atividades de levantamento não fugiram a algumas dificuldades comuns à pesquisa arqueológica neste meio (Erickson 1995: 67; Myers 1972: 543; Zeidler 1995: 11-12).

Entre os problemas mais comuns podem ser citados os acessos nas zonas rurais, os quais se tornam intransitáveis em períodos chuvosos, sendo necessário o emprego de veículos traçados; no caso de sítios ribeirinhos, o acesso pôde ser feito com alguma embarcação. A cobertura vegetal tende a dificultar a visualização de vestígios em superfície, seja em áreas de matas preservadas a secundárias (capoeiras) ou seringais, visto a queda constante de folhas no processo de formação de húmus ocultar a superfície do solo. As áreas de pastagens homogêneas oferecem obstáculo semelhante (Zeidler *op. cit.*: 11).

Algumas áreas não puderam ser visitadas, fosse por impedimento de seus proprietários ou por serem áreas de reservas indígenas da FUNAI. No segundo caso, o acesso exige paciente e demorado processo de negociação com as comunidades indígenas locais e os

agentes dos postos. Esses contratempos eram bem mais acentuados nos municípios de Nova Lacerda e Conquista D'oeste, onde demandas por propriedades rurais envolvendo fazendeiros, grileiros, madeireiros, garimpeiros e indígenas da etnia *Nhambikwara-Wasússu* são uma constante.

Em suma, no intuito de contornar esses obstáculos a estratégia adotada de prospecção foi a adoção do método da *Amostragem Probabilística* postulado por Redman (1973), porém, não em uma postura estanque tal qual adotada por muitos pesquisadores norte-americanos até os anos de 1980 (Araújo 2001: 99), porém calibrada com o consórcio de técnicas alternativas oferecidas pelo método *oportunista*¹⁸.

Vestígios superficiais foram detectados em terreiros de casas ou roçados, os quais são constantemente varridos ou carpidos e arados pelos moradores, ou, em leitos de acessos e trilhas. Em áreas de pastagens as linhas de cercas ofereciam uma boa saída: era comum ocorrerem peças cerâmicas ou líticas ao redor das bases dos esteios; durante a escavação dos buracos para a sua fixação, esses vestígios certamente procederam de um nível arqueológico em subsuperfície. O espaçamento regular dos esteios permite em alguns casos uma leitura sistemática em um ou mais eixos do sítio. Ainda entre as pastagens, trilhas de gado e coxos de sal complementam a atividade de visualização em superfície e, tanques escavados (açudes ou *buraras*) oferecem uma leitura estratigráfica de seus perfis e de eventual vestígio arqueológico associado.

A despeito dos grandes sítios comuns à Bacia Amazônica, procurou se coletar em alguns casos uma amostra mínima de material arqueológico, porém representativa dos sítios, fornecendo resultados apurados, significantes e estatisticamente representativos, conforme as propostas de amostragens arqueológicas de Rootenberg (1964: 181, 186).

No caso dos projetos de resgate, procurou se obedecer a levantamentos sistemáticos apoiados em prospecções interventivas, consoante à proposta da Portaria IPHAN Nº230/2002; todavia, os métodos de levantamento e de resgate nos sítios porventura identificados variavam de acordo com o escopo do empreendimento em questão, adequando-se às circunstâncias do cronograma de obras e a logística local. Em determinadas ocasiões, conforme já explanado acima, também eram calibrados com o método *oportunista*.

Um ponto chamativo de atenção para a portaria IPHAN Nº 230/2002 é que a

¹⁸ Em diversas ocasiões as comunidades locais forneciam valiosas informações, quando não guiavam a equipe a um sítio arqueológico de seu conhecimento ou a alguém que possuísse peças arqueológicas recolhidas a título de curiosidade.

prospecção a ser aplicada em todos os compartimentos ambientais significativos do empreendimento não foge à idéia da prospecção nos moldes de múltiplos estágios ou etapas, conforme postulado pelo método da amostragem *probabilística* (Binford 1964, Redman 1973).

Entre os empreendimentos contemplados, pode se citar os de tipo linear: acessos ou linhas de transmissão elétrica. No primeiro exemplo se observou que a maioria dos acessos já era existente, visto terem sido abertos por fazendeiros locais há alguns anos; neste caso, seus cortes revelaram vestígios arqueológicos em seus leitos e perfis, não exigindo maior esforço de prospecção interventiva, salvo no intuito de delimitar aos sítios para além do acesso em si. Em algumas situações, conforme o deslocamento era efetuado com veículo pela região, alguns sítios grandes e proeminentes foram detectados ao julgar pela ampla dispersão de fragmentos cerâmicos ao longo dos leitos e perfis de acessos que os cortavam. Esta situação, conforme as leis experimentais da Teoria de Recuperação (*Recovery Theory*) explanada por Schiffer (1988: 474) lembrou vagamente a técnica de busca com veículos em movimento ou “*windshield surveys*”; todavia, é importante salientar que uma vez reconhecidos, esses sítios eram devidamente dimensionados por cuidadoso caminhamento.

Quanto às linhas de transmissão elétrica, as prospecções se valeram da ação do empreendimento em si: antes da fixação dos postes de cimento, perfurações eram efetuadas através de cortes regulares de 50 x 50 cm, regularmente espaçados entre si e em profundidades médias de 2 m. Funcionando como verdadeiros *shovel tests*. Permitiram um levantamento sistemático e registro de sítios arqueológicos ao longo das linhas projetadas. Esta situação não muito difere do método empregado por Fry (1972) na Guatemala onde perfuradores de buracos de postes operados manualmente (*post hole diggers*) forneceram bons resultados em matéria de detectar grandes quantidades de refugos arqueológicos para datação de ocupação de *mounds*, bem como a presença de vestígios de construções em subsuperfície. No caso das LTs os operários quando entrevistados, informaram utilizar como ferramenta um ferro de cova.¹⁹

Nos empreendimentos de maior monta, priorizavam-se compartimentos topomorfológicos propícios à instalação de antigas aldeias, acampamentos ou áreas de atividades específicas, neste caso, represas, áreas destinadas a pilhas de rejeito de mineração ou a uma

¹⁹ Conforme a região do Brasil, esta ferramenta também é conhecida pela terminologia de *barra-mina*, *cavador*, *chibanca* ou *labanca*. Trata-se de um vergalhão de ferro de construção artesanalmente modificado, onde uma extremidade é achatada como uma talhadeira e, a oposta aguçada como um ponteiro.

subestação de energia elétrica exigiram a implantação de um polígono de malha de sondagens equidistantes, englobando a área diretamente afetada (ADA) e, projetando-se para a área de influência direta (AID) em um maior espaçamento entre as sondagens. Essas sondagens também eram efetuadas com ferramentas do tipo *trado* ou *boca-de-lobo*.

Em casos onde a visibilidade da superfície seja inferior a 25%, o caminhamento pode ser complementado com o emprego desta técnica, mesmo em situações onde a paisagem exiba dimensões muito amplas e sua malha de sondagens sistemáticas seja onerosa em termos de cronograma e recursos empregados, ou, se constate posteriormente a inexistência de quaisquer vestígios arqueológicos (Zeidler 1995: 18, 23).

Esta situação pode ser experimentada no resgate de um sítio submetido a processo de resgate (ver descrição do sítio *Capão do Canga*), o qual se encontrava em ambiente de floresta, sendo neste empregadas linhas de sondagens, quadra de raspagem, coletas pontuais e unidades de escavação.

Segundo Chartkoff (1978) prospecções em áreas florestadas, onde uma coleta de superfície é limitada, o emprego de linhas radiadas de sondagens (*transect interval sampling*) pode ser um método de grande valia, visto que, o peneiramento do volume total das sondagens permite mensurar a densidade e distribuição de artefatos através do espaço intra-sítio. No caso da região em estudo, nem sempre o tamanho real do sítio pode ser estimado com base na distribuição superficial dos vestígios arqueológicos, conforme postulado por Redman e Watson (1970).

Empreendimentos englobando grandes áreas podem ser acessados rapidamente por suas características ecológicas, geológicas e fitogeográficas, o que pode ser facilitado com o emprego de imagens de satélites ou fotografias aéreas (Erickson 1995: 74-75, 78; Zeidler 1995: 190). Mesmo na internet, pelo programa *Google Earth* é possível acessar uma imagem em uma escala satisfatória sem um grande ônus²⁰. Porém, nos períodos dos levantamentos efetuados, as imagens disponíveis não eram de qualidade satisfatória, o que frustrou algumas tentativas de leitura geomorfológica das áreas a serem afetadas, bem como o intuito de se identificar estruturas construtivas pré-coloniais marcantes na paisagem: aterros, valas, canais ou trilhas. A partir de 2009 uma atualização das imagens da região aprimorou este quadro, conforme pode se constatar nas pranchas descritivas dos sítios na presente tese.

²⁰ O Instituto Nacional de Pesquisas Espaciais (INPE), localizado em São José dos Campos, São Paulo, disponibiliza imagens de satélite LANDSAT, porém, a compra de uma imagem deste tipo tende a ser muito onerosa.

Caso se disponha de mapas temáticos ou de uma carta topográfica em escala satisfatória, é possível realizar uma avaliação de seus compartimentos topo-morfológicos, propícios a instalação de locais de habitação (ex: planícies ou terraços fluviais para aldeias) ou de atividades específicas no passado (ex: afloramentos rochosos, pavimentos detríticos e cascalheiras para oficinas líticas, depósitos de argila para produção cerâmica), áreas com evidências de manejo agro-florestal²¹: o que pode ser feito a princípio em um rápido reconhecimento com um veículo, através dos acessos locais da área diretamente afetada (ADA) ou de influência direta (AID). De acordo com Morais (1999: 4; 2000: 8) esses elementos compõem os *geoindicadores* ou *parâmetros do modelo locacional*, de caráter preditivo, úteis para o reconhecimento de áreas e levantamentos extensivos, e o conseqüente mapeamento de pontos favoráveis a localização de sítios, ocorrências e locais de interesse arqueológico.

Uma vez identificado e cadastrado algum sítio ou ocorrência arqueológica dentro dos programas de resgate efetuados, este era amostrado de acordo com o grau de impacto ou raio de influência a ser provocado por alguma intervenção dos quadros de obras. O procedimento variava de uma coleta geral de superfície (ora apoiada com estação total) a uma malha sistemática de sondagens com trado, quadras de raspagens de dimensões variadas, bem como unidades de escavação de 1 x 1 m ou realização de alguns “*shovel tests*” de 0.50 x 0.50 m. A aplicação de uma malha de tradagens (*test pit sampling*) é eficiente para a prospecção de sítios de grandes dimensões e densidades de materiais arqueológicos, porém, tende a falhar na detecção de sítios pequenos ou áreas de atividades específicas, principalmente se tendem a apresentar concentrações de vestígios bem afastadas uma das outras (Nance & Bell 1986: 457, 480); nesta situação, novamente o método *oportunist*a calibrava a prospecção, revelando algum vestígio exposto por alguma intervenção antrópica ou erosiva.

Um sítio cadastrado por *Subestação Galera* foi integralmente sondado com tradagens, permitiu através do método de interpolação linear definir a planta de uma aldeia, sendo empregado o programa SYSTAT (Zanettini Arqueologia 2007a); esta estratégia de amostragem tem sido usada com sucesso em análises distribucionais intra-sítio em sítios históricos (Souza e Symanski 1996) e pré-coloniais da Tradição Aratu (Viana 1996).

²¹ Neste item é interessante chamar a atenção aos processos de *Antropocória* descritos por Miller (1992: 221) e Neto (2009: 56), onde certas espécies vegetais teriam sido introduzidas na área de habitação dos sítios, sobretudo palmáceas. Ocorrem associadas a manchas de terra-preta antropogênica ou concentrações cerâmicas, sendo fito-indicadores de sítios-habitação em áreas não totalmente degradadas por ação d e desmatamento.

Amostras de carvões e de fragmentos cerâmicos associados a sedimentos foram recolhidos para fins de datações radiocarbônicas ou de termoluminescência (TL), bem como amostras de sedimentos para análises de fitólitos.

7.2. Métodos de Laboratório: a análise de materiais cerâmicos e líticos

O conjunto de atividades de campo resultou na coleta de 15.904 artefatos cerâmicos (1226 analisados) e 1.984 líticos (179 analisados) pré-coloniais (Tabela 12). Algumas análises preliminares foram efetuadas à medida que relatórios de andamento do Projeto Fronteira Ocidental e os de projetos de salvamento arqueológico eram emitidos, permitindo ensaiar algumas considerações sobre as indústrias lito-cerâmicas da região.

O termo *artefato* segundo Dunnell (2007:154) é entendido como qualquer ocorrência que exiba qualquer atributo físico que possa ser considerado como resultante da atividade humana; ou, conforme a proposição de Albert Spaulding, qualquer material resultante de um comportamento cultural, onde em um sentido *sensu strictu*, os artefatos são objetos sem atributos temporais, eles apenas existem, porém, implicam em eventos, os quais ocorrem em um tempo definido. Assim, atributos temporais de um artefato são inferências sobre algum evento ou processo, apontadas pelos atributos formais ou espaciais deste artefato, cuja descrição e a organização são as tarefas básicas para associações cronológicas. O termo *atributo* se refere como a menor unidade qualitativamente distintiva envolvida em uma classificação. Os artefatos conforme classes de fenômenos representam um número de diferentes tipos de populações (ou unidades analíticas) ou *tipos de populações de observação*. Essas populações se definem através de combinações de atributos espaciais e formais, cujas investigações variam de acordo com os meios apropriados para fornecer as informações necessárias para suas análises, consoante com suas naturezas (Binford 1964: 430).

No início da década de 1950, idéias desenvolvidas por Vere Gordon Childe envolviam estudos de relação entre pessoas e cultura material: se referiam ao termo “*tipos*” como os “*artefatos tipos*” que compunham culturas. Seriam invenções socialmente bem sucedidas como normas de comportamento para os membros de um grupo, modelos indicadores dos modos de se fazer coisas, como um conhecimento testado e coletivo passado de uma geração à outra; grupos de tipos indicariam pessoas (Hodder 1979: 3). De acordo com Dunnell (2007: 201) a maioria dos estudos arqueológicos tem sido conduzida no nível de objetos, visto a facilidade de identificação desta escala, cujas unidades são

empregadas como unidades de estudo ou como meios de definir unidades em escalas ainda maiores: temos então o **tipo**, o qual é mais utilizado como unidade de estudo do que um elemento de definição. Em um contexto sintético, o *tipo* é uma *classe paradigmática de objetos singulares definidos pelos modos*²² (nesta escala, pode se adotar o termo **modos** para especificar as unidades utilizadas para definição, descartando o adjetivo cultural para *tipo*); em um contexto analítico, o *tipo* é uma classe cultural intuitiva de objetos singulares. O *tipo* define o que é real ou não em um determinado estudo, sendo sua constituição definida por uma seleção de atributos, a partir dos quais é possível reconhecer as variabilidades e significados dos artefatos sob análise (Cruz 2008: 101).

De acordo com as propostas para as teorias de classificação na Arqueologia, entendemos como *análise* a discriminação de atributos dentro de um campo estipulado e seleção de critérios a partir de tais atributos, sendo o objeto da classificação a coleção de objetos singulares recuperados em uma área espacialmente restrita, neste caso, os sítios arqueológicos levantados. A análise no processo de classificação é constituída de agrupamentos de discriminações e seleções de atributos, quando efetuada em uma escala inferior à do campo fica fora dos limites da classificação formando então a sua base (Dunnell 2007: 75-76; 252).

Dentro do enfoque arqueológico regional desta tese, não se objetivou realizar uma análise integral do acervo, sendo empregados alguns recortes, a despeito do ineditismo de alguns achados. De um modo geral, entre os artefatos cerâmicos foram considerados fragmentos de bordas, bases, paredes decoradas ou com tratamentos de superfície alheios ao alisamento (ex: brunidura, enegrecimento, engobo vermelho, etc...), bolotas de pasta ou peças formais: formas completas, apliques, pingentes, rodela de fuso, calibradores, entre outras.

Foram descartados fragmentos inferiores a 2 cm (salvo se estes apresentassem alguma decoração ou tratamento de superfície indispensável à análise), bem como, fragmentos de paredes com tratamento de superfície por alisamento; este tipo de tratamento pôde ser registrado na superfície de fragmentos bordas, bases ou formas completas, evitando eventuais perdas de dados concernentes ao tratamento de superfície das coleções analisadas.

Porém, em caráter excepcional, sítios com coleções pequenas, em algumas situações apenas contendo fragmentos de paredes com tratamento de superfície de alisamento, foram integralmente analisados. Embora não fornecessem maiores informações quanto ao

²² *Modo* é um termo aplicado às classes, tanto analíticas quanto sintéticas, na escala do atributo do objeto singular. É uma classe paradigmática cultural de atributos de objetos singulares (Dunnell *op. cit.*: 201).

tratamento de superfície, o fizeram quanto à composição e queima da pasta, técnica construtiva dos vasilhames ou como marcadores cronológico-culturais.

Visto que um dos objetivos da tese foi a identificação de uma nova indústria cerâmica, esta denominada *Cerâmica Capão do Canga*, foi dada maior ênfase às coleções do compartimento geomorfológico da *Planície de Inundação do Alto-Médio Guaporé*, onde esta ocupação cerâmica é a predominante, provavelmente configurando um processo de territorialidade na região em período pré-colonial.

As coleções procedentes do compartimento geomorfológico do *Planalto Residual Alto Guaporé* foram também integralmente analisadas; por outro lado, as coleções do compartimento geomorfológico da *Depressão do Guaporé* são as mais numerosas entre o acervo resgatado: alguns de seus atributos observados entre os materiais cerâmicos analisados (ex: estilo da decoração plástica incisa, pesos de fusos estrelados) permitiram uma afiliação cronológico-cultural às fases Agupé e Pimenteiras (Miller 1983, Wüst 2001). Assim, suas coleções foram analisadas em caráter diagnóstico, sendo dada maior atenção à presença de fragmentos cerâmicos “intrusivos” da *Cerâmica Capão do Canga*, no intuito de averiguar a existência de redes de trocas e contemporaneidade entre essas populações ceramistas da *Planície de Inundação do Alto-Médio Guaporé* e as da *Depressão do Guaporé*, ou mesmo um avanço das primeiras em direção ao território das segundas.

Análise Cerâmica

De acordo com Prous (1992: 11, 14, 428, 429) o período compreendido entre os anos 1950-1965 foi marcado pela formação da pesquisa moderna na arqueologia brasileira; dentro deste quadro, a Amazônia foi pesquisada pelo casal Clifford Evans e Betty J. Meggers (Smithsonian Institution), cujas pesquisas concentraram-se na Ilha de Marajó e no Amapá entre 1949-1950, e mais tarde por Peter Paul Hilbert entre 1955-1961 na Amazônia Central. Baseando-se em análises de seriações cerâmicas, foram definidas cerca de 22 *fases*²³ onde era dada ênfase aos tipos decorativos, perfis de bordas e o antiplástico da composição da pasta dos vasilhames cerâmicos.

²³ Segundo a *Terminologia Arqueológica Brasileira Para a Cerâmica* organizada por Chmyz e outros colaboradores em 1976, entende-se por **fase** “qualquer complexo de cerâmica, lítico, padrões de habitação, etc., relacionado no tempo e no espaço, num ou mais sítios”, e por **complexo** como um “conjunto de elementos culturais associados entre si”.

Tabela 12 – Quantificação de material arqueológico coletado e analisado de acordo com os sítios e seus respectivos compartimentos geomorfológicos da área estudada.

Compartimento Geomorfológico				Sítio	Mat. Cerâmico		Mat. Lítico	
					Colet.	Analís.	Colet.	Analís.
PLANÍCIE E PANTANAL DO ALTO E MÉDIO GUAPORÉ	Planícies Fluviais do Alto Guaporé (Terras Baixas)	Planícies Fluviais Amplas (A-1)	Terrenos de Crostas Lateríticas	Capão do Canga	1.494	587	3	3
				Cascalheira da Manilha	0	0	0	0
				Lixão	7	7	0	0
				Monarelli	6	6	0	0
				Morrinho	108	22	4	4
				Terra Arada	105	38	2	2
			Planícies de Baías do rio Guaporé e/ou de seus afluentes	Idamar	12	12	0	0
				Ilha do Espinho	24	5	9	2
				Pai e Filho	12	1	12	1
				Santana do Guaporé	14	1	14	1
				Dona Maria	19	17	0	0
				Retiro I	4	4	0	0
				Retiro II	14	14	0	0
				Boa Esperança	12	12	0	0
				Boqueirão I	3	3	0	0
				Boqueirão II	2	2	0	0
				Betânia	21	21	0	0
				Calvarinho	11	11	2	2
				Calvário	13	13	0	0
				Campina	6	6	1	1
				Canivete (Santa Isabel)	11	11	1	1
		Planícies Fluviais Restritas (A-2)	Terraços Fluviais	Casalvasco I (Casalvasco Velho)	0	0	0	0
				Casalvasco II	76	27	0	0
				Fazenda Auxiliadora	17	11	7	7
				Fazenda Formosa	5	5	0	0
				Fazenda Porto da Manga	14	2	0	0
				Jardim Aeroporto	7	7	3	3
				Carlos Augusto	17	17	5	5
				Cubatão	22	22	1	1

				Cachoeira do Vira Copo	3	3	0	0
				DOAÇÕES	12	12	13	13
PLANALTO RESIDUAL DO GUAPORÉ				Longa Vira	51	0	21	21
				Cabeceiras	0	0	171	50
				Estrada Nova (Estrada 1)	0	0	7	7
DEPRESSÃO DO GUAPORÉ				São Paulo	0	0	0	0
				Três Coqueiros (Estrada 2)	30	11	1	1
				Travessão (Estrada 3)	17	8	0	0
				Babaçual Grande (Estrada 4)	69	13	2	2
				Sancara (Estrada 5)	30	15	0	0
				São José	0	0	0	0
				São Carlos	0	0	0	0
				Subestação Galera	10.197	93	1.527	21
				Campo Verde	167	0	22	0
				Estrelinha	660	0	57	0
				Fazenda Primavera	86	18	6	6
				Franco de Amaral	1.562	68	1'3	2
				Fazenda Conquista	860	52	46	2
				Coopropol	1	1	0	0
				Santa Rosa	7	7	2	2
				Toca da Onça	19	13	0	0
				Diamante	19	13	0	0
				Pedra do Urubu	8	8	7	7
				Cachoeira Uirapuru	0	0	13	8
				Ocorrências 1 a 30	49	6	10	2
				DOAÇÕES	1	1	0	0
				Ocorrência 31 (Pau-a-Pique)	0	0	1	1
				Ocorrência 32 (Ernesto)	0	0	1	1
				TOTAL	15.904	1.226	1.984	179

Essas fases foram agrupadas em quatro *horizontes*²⁴ caracterizados pelo tipo de decoração e alguma variedade de borda, dispostos na seguinte ordem cronológica: hachurado-zonado (início da Era Cristã); borda incisa (cerca de 500 AD); policromo (cerca de 1000 AD); e inciso-pontado (proto-histórico), sendo a elas admitida alguma contemporaneidade, se sucessivas e em período de transição entre si.

Todavia, cada um desses horizontes passou a ser chamado de *tradição*²⁵, visto que algumas datações obtidas em Marajó eram mais antigas do que se esperava para as fases determinadas, bem como a colocação relativa dos horizontes, que divergiam em alguns casos; mas mesmo assim a seqüência desses horizontes/ tradições foi mantida (Prous *op. cit.*: 249).

Sob o cunho da escola histórico-culturalista o termo *tradição* poderia tanto dizer respeito a um grupo cultural específico, como a uma tecnologia não exclusiva de um grupo cultural determinado e, pela falta de consenso na literatura arqueológica brasileira poderia ser conhecida como *tradição cultural*, *tradição tecnológica* ou *indústria tecnológica*, às vezes sendo associada a um processo de adaptações ecológicas²⁶ de determinados grupos culturais a um ambiente (Monteiro 2005: 37-38).

Entre os anos de 1965-1970 foi desenvolvido no Brasil o Programa Nacional de Pesquisas Arqueológicas (PRONAPA), criado em convênio com Smithsonian Institution, o Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional (IPHAN) e o Museu Paraense Emílio Goeldi. O trabalho envolveu diversos pesquisadores brasileiros sob a orientação de Clifford Evans e Betty J. Meggers: tinha como objetivo elaborar um quadro geral das culturas arqueológicas brasileiras através de prospecções e escavações rápidas. Com a descoberta de um grande número de sítios, aumentou o número de tradições e de fases, principalmente para as ocupações ceramistas. Com o término deste programa, o Museu Goeldi desenvolveu trabalhos na mesma linha de pesquisa durante os anos 80, organizados por Mário Ferreira Simões em um projeto denominado Programa Nacional de Pesquisas Arqueológicas na Bacia Amazônica (PRONAPABA), cujas atividades duraram até o início da década de 90.

²⁴ “Grupo de elementos ou técnicas que se distribuem espacialmente, em tempo relativamente curto” (Chmyz *et al.* 1976).

²⁵ “Grupo de elementos ou técnicas, com persistência temporal” (Chmyz *op. cit.* 1976)

²⁶ O determinismo ambiental tinha como embasamento teórico o neo-evolucionismo norte americano da década de 50 (Viveiros de Castro, 1996: 186), encabeçado por Leslie White (Kaplan & Manners 1975: 73), bem como pelas idéias apresentados por Lowie (1948) e Steward (1948) no *Handbook of South American Indians*.

De modo concomitante à década de 1980, linhas alternativas de pesquisas abordariam a cerâmica não apenas sob termos de descrição de pasta/antiplástico ou organização de seqüências seriadas e respectivas cronologias, mas, sobretudo estudando seus processos de produção e utilização ou mesmo o seu papel em processos de integração entre tradições arqueológicas distintas (Brochado 1980, La Salvia & Brochado 1989: 5, 9; Goulart 1982, Plog 1980 *apud* Monteiro 2005:38; 1983:133-135).

De acordo com a frase introdutória do segundo capítulo da obra “Cerâmica Guarani” de La Salvia & Brochado (1989: 9) a “produção cerâmica está numa dependência da necessidade”. Sob a *Visão Standard da Tecnologia*, o termo “necessidade” seria a mola mestra da invenção, onde tecnologia e cultura se moldam em resposta ao ambiente em que se inserem²⁷; por outro lado, Pfaffenberger (1992: 497, 513-514) defende que a atividade tecnológica humana deveria ser abordada sob o conceito de sistema tecnológico (*sociotechnical system*), ou seja, a associação de técnicas e de cultura material de uma sociedade, os quais são elementos indispensáveis para a *Antropologia da Tecnologia*.

Esta concepção, em oposição à *Visão Standard*, explica que as confecções dos artefatos englobam uma bagagem de conhecimento e de escolhas por parte dos artesãos, desde a coleta de matéria-prima, transformação, uso e descarte do objeto ao final de sua vida-útil. Essas ações se realizam dentro de uma matriz social sendo dotadas de significados. Uma vez reconstruídas essas seqüências de transformação de matéria-prima em objetos, têm-se as *cadeias operatórias* (Bueno 2007: 9, 16-17).

Em suma, a produção de um vasilhame cerâmico ou de qualquer artefato de diferente natureza (lítica, cestaria, tecelagem, etc...) é fruto de uma cadeia de decisões e gestos pré-concebidos, transmitidos e apreendidos social e culturalmente entre membros de uma sociedade em suas atividades cotidianas (Dias 1994:87; Silva 2000; Sackett 1982:63-65).

Escolhas e gestos refletem em uma variabilidade formal dos objetos, assim, se considerarmos a óptica do *modelo isocréstico*²⁸ de Sackett (1986, 1990) esta variabilidade pode ser considerada como *estilística*, conforme o *estilo tecnológico* é considerado existente dentro da cadeia operatória (Fagundes 2004: 128).

Estilo tecnológico pode ser entendido como uma maneira específica de se fazer algo

²⁷ Maiores detalhes em relação à *Visão Standard da Tecnologia* podem ser vistas em Bueno (2007: 10-11).

²⁸ Neologismo grego que significa “equivalente no uso”, “bom para uso”, “útil”, “usual”, “que sabe se servir de”, “habilitado para se servir de” (Bailly 1990, *apud* Dias & Silva 2001: 98; Sackett 1986: 630).

em determinado tempo e lugar (Sackett 1977, 1986: 630; Moraes 2007: 111) refletindo um diagnóstico de etnicidade. A noção de estilo deve ser vista como uma qualidade latente e inerente a qualquer variação dos artefatos, conforme suas formas derivem das escolhas efetuadas pelos artesãos, conscientemente ou não, a partir de múltiplas opções a sua disposição; essas escolhas são impostas pela tradição cultural da sociedade em que se inserem os artesãos (Dias & Silva 2001: 111).

Sem muito se aterem a discussões entre estilo e função, Schiffer & Skibo (1997) propõem através de detalhados exemplos que outros fatores são na verdade os responsáveis pela variabilidade dos artefatos nos contextos arqueológicos, entre os quais se destacam a experiência artífice dos artesãos, as características de performance²⁹ dos artefatos e componentes correlatos (ex: argila e tempero) ao longo de sua cadeia operatória, restrições tecnológicas (procura de matéria prima), além de processos sociais de conflito e negociação.

“The immense design variability in artifacts is not caused by inscrutable “cultural” factors, much less by style and function, but results from people trying to solve the problems of everyday existence_ conceptualized in terms of activity-specific interaction and performance_ in different behavioral, social, and natural environments”. (Schiffer & Skibo 1997: 45).

Tomando como exemplo a confecção da cerâmica, as escolhas podem afetar as características utilitárias de sua performance, conforme os ceramistas optem em acrescentar grandes percentuais de tempero em vasilhas destinadas à cocção para aprimorar a resistência ao choque térmico, reduzindo a chance de o vasilhame trincar sobre o fogo (Skibo & Schiffer 2008: 11).

Enfim, dado ao ineditismo do material cerâmico em alguns sítios³⁰ a preocupação na análise cerâmica foi reconhecimento da variabilidade formal existente entre as indústrias cerâmicas, porventura geradas através de escolhas tecnológicas e os demais fatores acima

²⁹ Entende-se por *performance* como uma série de capacidades de interação específicas de elementos envolvidos em uma atividade: mecânicas, térmicas, químicas, sensoriais: paladar, visão, tato, olfato, audição (Schiffer & Skibo 1997: 30).

³⁰ Ver Sub Capítulo 9.1. Definindo a Cerâmica Capão do Canga.

supracitados. Esta atividade envolveu uma classificação de suas propriedades físicas, morfológicas e decorativas, além da identificação de suas técnicas construtivas, formas de vasilhames e de quaisquer outros tipos de artefato cerâmico (ex: peso de fuso, pingente) associando-as as suas funções de uso cotidiano (Gomes 2008: 111; Corrêa 2009: 114).

A Ficha de Análise Cerâmica: Atributos e Variáveis

Para fins de análise do acervo cerâmico utilizou-se uma ficha de análise contendo 28 atributos com suas respectivas variáveis básicas, em geral considerando formas, acabamentos e decorações de superfícies, queima de pastas e antiplásticos. Segundo Dunnell (2007: 68-69, 74, 252) um *atributo* é a menor unidade qualitativamente distintiva envolvida na classificação: é discriminada para um campo de fenômenos em uma investigação. Por sua vez, entendemos classificação como a criação de unidades mediante a estipulação de redundâncias ou classes, ou seja, unidades de significado.

A ficha aqui adotada é baseada em um modelo utilizado para as análises das coleções cerâmicas do Programa de Resgate Arqueológico do Distrito Industrial de Jeceaba, estado de Minas Gerais (Zanettini Arqueologia 2009a). Entretanto, recebeu algumas adaptações e acréscimos, visando suprir de modo satisfatório uma compreensão geral das indústrias cerâmicas presentes na área estudada. No que tange à terminologia dos atributos e variáveis cerâmicas, bem como suas definições, o embasamento bibliográfico teve como referências: Araújo (2001), Bicho (2006), Chmyz (1976), Corrêa (2009), Gomes (2002, 2008), La Salvia e Brochado (1989), Lima (1977), Migliácio (2006), Moraes (2007), Oliveira (2005), Robrahn-González (1996).

FICHA DE ANÁLISE CERÂMICA

Sítio: Nome do sítio cadastrado durante os levantamentos de campo e devidamente registrado no CNSA-IPHAN.

Proveniência: Corresponde a qualquer intervenção efetuada no sítio, podendo variar de uma coleta geral de superfície, ou, ponto a ponto com georreferenciamento, bem como *shovel tests* de 50 x 50 cm, tradagens, quadras de raspagem, unidades de escavação em geral (unidades de

1 x 1 m, trincheiras) e seus respectivos níveis.

Nível: Corresponde ao nível artificial originário de qualquer intervenção efetuada (unidade de escavação, trincheira, tradagem, *shovel test*), o qual varia da superfície a sucessivos níveis regulares de 10 cm: 0-10 cm, 10-20 cm, 20-30 cm, 30-40 cm, etc...

Lote: No caso de vários fragmentos se tratarem de micro-cerâmicas ou pertencerem a um mesmo vasilhame.

1. Categoria: parte específica de um vasilhame (“Termo que abrange todas as peças de recipiente de cerâmica” [Ribeiro, 1977: 58]) possível de ser identificada através de um fragmento ou a um objeto específico em si. Entre estes encontramos:

1. Fragmento de borda	reciclado)
2. Fragmento de parede	19. Cachimbo
3. Fragmento de base	20. Carimbo
4. Parede com ponto angular	21. Trempe
5. Parede com ponto de inflexão	22. Figura modelada (estatueta, boneca, etc...)
6. Parede com applique	23. Peso de rede.
7. Parede perfurada	24. Borda com applique
8. Borda e base	99. Sem leitura
9. Forma completa (mais de 50% de integridade)	
10. Alça	
11. Apêndice (Flange)	
12. Apêndice (Asa)	
13. Apêndice (Applique)	
14. Bolota (ou pedaço de pasta cerâmica)	
15. Esfera	
16. Fuso (modelado)	
17. Fuso (fragmento cerâmico reciclado)	
18. Calibrador (fragmento cerâmico	

2. Espessura da peça: corresponde à medida numérica tomada em milímetros com auxílio de um paquímetro a partir da parte mais espessa da peça.

3. Antiplástico: Antiplásticos ou temperos são elementos acrescentados à argila (mas podem pré-existir dentro desta também), cuja função é tornar a argila mais estável, evitando que o vasilhame rache durante a queima. Podem ser de origem mineral (quartzo, hematita, feldspato, mica, etc...), antrópica (caco moído e bola de argila) ou orgânica (cauíxi, cariapé, carvão, etc...). Estes foram devidamente identificados com emprego de microscópio estereoscópico modelo SP LABOR com aumento de até 80X para fins de análise da composição da pasta. Entre estes, ocorreram:

Antiplásticos orgânicos:

De acordo com Skibo *et al.* (1989: 123, 131,140) os temperos orgânicos apresentam vantagem de conferir aos vasilhames menor densidade, facilitando seu transporte, maior maleabilidade de confecção e resistência a impactos, porém, maior suscetibilidade à abrasão. Testes experimentais demonstram que vasilhames de tempero orgânico são um pouco menos eficientes que os vasilhames de tempero mineral em matéria de aquecimento, embora apresentem igual resistência ao choque térmico. Sua efetividade ao aquecimento tende a aumentar conforme os poros da vasilha tornem-se obstruídos (migração iônica) depois de longos períodos de uso.

Cariapé: segundo Miller *et al.* (1992a: 88) é também denominado *caripé* ou *caraipé*, trata-se de uma árvore da família das Rosáceas, a qual engloba algumas espécies do gênero *Licania*. Sua casca é rica em sílica (SiO₂) e potassa (KOH), a qual depois de calcinada é macerada e misturada à argila. Sua aparência no microscópio é de cristais fibrosos, esbranquiçados a acinzentados.

Carvão: em geral ocorreu na forma de traços inframilimétricos, de modo que, sua presença na pasta é mais decorrente de um acidente do que um acréscimo premeditado em seu preparo.

Cauixi: corresponde a alguns gêneros e espécies de espongiários fluviais comuns na região amazônica, desenvolvem-se nos galhos de árvores e arbustos quando submersos no

período das cheias, formando massas esponjosas compostas de milhares de espículas silicosas (Hilbert, 1955: 33-35), as quais eram calcinadas e maceradas antes de serem misturadas à argila. Sua forma no microscópio é acicular, pouco curva, de cor hialina ou branca (dependendo do ângulo de refração da luz do microscópio).

Antiplásticos de origem antrópica:

Bola de Argila: pelotas de forma sub-arredondada, milimétricas, formadas por processo de floculação dos argilo-minerais durante o processo de mistura da pasta.

Caco Moído: antiplástico formado por cacos de cerâmica triturados em granulações variadas, os quais apresentam formato sub-anguloso e em geral uma cor de queima mais oxidada em relação a pasta envolvente. Também é conhecido pelo nome de *chamote* (La Salvia e Brochado 1989: 16).

Porém, nas coleções analisadas, os antiplásticos de modo muito raro ocorreram de forma isolada na pasta, senão combinados uns aos outros, conforme as variáveis abaixo:

1. Mineral.
2. Mineral e Caco Moído.
3. Mineral e Cariapé.
4. Mineral e Cauixi.
5. Mineral, Caco Moído e Cariapé.
6. Mineral, Caco Moído e Cauixi.
7. Mineral e bola de argila.
8. Mineral, Caco moído e bola de argila.
9. Mineral, Caco moído, bola de argila e cauixi.
10. Mineral, bola de argila e cauixi.
11. Mineral, bola de argila, cauixi e cariapé.
12. Mineral, caco moído, cauixi e cariapé.
13. Mineral, caco moído, bola de argila, cauixi e cariapé.
14. Mineral, cauixi e cariapé.
99. Sem leitura.

4. Mineral (Variável Binária): Corresponde aos antiplásticos ou temperos de origem mineral, podendo ocorrer em depósitos aluvionares, afloramentos rochosos ou terrenos de composição laterítica, comuns à região. Skibo *et al.* (1989: 131) demonstraram em estudos experimentais que, a cerâmica com tempero a base de areia apresenta maior efetividade de transmissão do calor em relação aos vasilhames com pastas de tempero orgânico ou com ausência de tempero. Logo, tendem a ferver a água em um espaço de tempo mais curto. Os vasilhames com este tipo de antiplástico apresentam também menor chance de rompimento (choque térmico quando postos ao fogo), quão menores sejam as dimensões dessas partículas (Skibo 1992 *apud* Neto 2009: 130).

Entre estes ocorrem:

Quartzo: mineral formado por sílica (SiO_2), comporta-se na forma de grãos de areia milimétricos. Sua origem está associada à lixiviação dos arenitos da região, pode ser de granulometria fina a grossa. Sua forma é prismática, sub-angulosa a sub-arredondada, cor hialina a leitosa.

Hematita: mineral de óxido do elemento Ferro (Fe_2O_3). Comporta-se na forma de grãos irregulares, milimétricos, com cor avermelhada. Sua origem associa-se aos depósitos quaternários de laterita, conhecidos na região como “pedra-canga”.

Feldspato: mineral formado por combinação de silicatos de quartzo, sódio, potássio e alumina, constituindo na Mineralogia um grupo homônimo. Ocorreram sob formas prismáticas com estrias nas faces dos cristais. Quando alterados exibiam processo de argilização. Suas cores variavam do esbranquiçado ao róseo.

Mica: mineral do grupo dos filossilicatos, formado em geral por combinação de aluminas-silicato ferromagnesianos cuja principal característica é a divisão basal perfeita, além do brilho vítreo a nacarado. Ocorria em alguns casos, sob a forma de múltiplos cristais lenticulares dourados a prateados.

Visto os minerais serem uma variável binária na análise, receberam apenas a classificação quanto à sua ausência ou presença:

0. Ausente

1. Presente

5. Espessura Máxima do Antiplástico: Corresponde à espessura máxima observada nos antiplásticos presentes nas pastas analisadas.

1. 0-1 mm

2. 1-3 mm

3. 3-5 mm

4. Maior que 5 mm

6. Porcentagem do Antiplástico: Este percentual é calculado através da seção de ruptura do fragmento cerâmico ou de alguma superfície intemperizada, observando a distribuição do antiplástico em meio à matriz argilosa, de acordo com o diagrama de Orton et alli. (1993).

1. Pouquíssimo antiplástico: pasta extremamente plástica com menos de 10% de antiplástico.

2. Pouco antiplástico: pasta muito plástica com cerca de 10% de antiplástico.

3. Presença mediana de antiplástico: pasta plástica com percentual de 10 a 30% de antiplástico.

4. Antiplástico abundante: pasta seca com percentual superior a 30% de antiplástico.

Figura 2 – Porcentual de Antiplástico. Fonte: Orton et alli, 1993.

7. Técnica de construção: corresponde às técnicas empregadas na elaboração dos objetos cerâmicos, entre estas encontramos:

1. Acordelado: “... consiste na preparação de cilindros de argila, os roletes, que são colocados um em cima do outro; uma pressão dos dedos realiza depois a junção entre cada linha. Esta técnica chama-se roletado ou anelado (Prous 1992: 91)”. A terminologia “acordelado” já era empregada por Chmyz et al. (1976:121).

2. Modelado: “... as formas são diretamente elaboradas a partir de uma bola de argila trabalhada pelos dedos. Esta técnica é particularmente utilizada para a obtenção de formas complexas, adornos, estatuetas e o fundo do vasilhame. (Prous, 1992: 91).”

8. Queima: Análise da queima é efetuada a partir da observação das seções dos fragmentos cerâmicos, cuja ausência ou presença de núcleos pode apontar a presença de uma queima completa ou não (Rye 1981).

“A presença ou ausência de oxigênio e carbono durante a queima afeta a coloração da pasta, uma vez que a argila reage quando aquecida, já que contém, entre outras substâncias, ferro e alumina. A grosso modo, se este aquecimento ocorre em atmosfera oxidante (rica em oxigênio), a cerâmica apresenta uma coloração nas gamas marrom, amarelo, laranja e vermelho; se ocorre em ambiente redutor (rico em monóxido de carbono), assumirá tonalidades entre o preto, cinza e branco (Lima 1987: 177).”

Segundo Bicho (2006: 449) a cor da cerâmica é uma consequência da atmosfera presente no ambiente de cozedura. Se esta for oxidante, o oxigênio combina-se com os elementos presentes na superfície dos potes (ex: Fe), visto que o carbono ali existente se queima transformando-se em dióxido de carbono. Uma atmosfera marcada pelo carbono ou por tempo de cozimento insuficiente, não desintegra totalmente o carbono, fornecendo pastas de cores escuras como o cinzento ou o preto.

A Figura 2 baseada nos trabalhos de Orton *et alli.* (1993: 134), Bicho (2006: 448) e Moraes (2007) mostra os diversos tipos de queima presentes nas coleções analisadas.

Queima 1 e 2- Oxidante. Os materiais orgânicos podem ter sido inexistentes, bem como podem ter estados presentes originalmente. Não exibem núcleos.

Queima 3- Oxidante. Os materiais orgânicos existiam originalmente, mas a queima não foi total, conformando um núcleo escuro.

Queima 4- Redutora. Os materiais orgânicos podem ter estado presente originalmente.

Queima 5- Redutora. Com arrefecimento lento ao ar da superfície externa do vasilhame.

Queima 6- Redutora. Com arrefecimento lento ao ar da superfície interna do vasilhame.

Queima 7- Redutora. Com arrefecimento rápido ao ar, fornecendo um núcleo mais escurecido.

Queima 8- Redutora. Com arrefecimento rápido ao ar seguido de um período de redução e de um novo arrefecimento rápido ao ar- núcleos bem definidos e por vezes duplos.

Figura 3 – Tipos de queima cerâmica. Fonte: Orton et alli, 1993; Bicho, 2006, p. 448; Moraes, 2007.

9. Tratamento de superfície interno: corresponde a técnicas de acabamento aplicadas à face interna de um vasilhame.

10. Tratamento de superfície externo: corresponde a técnicas de acabamento aplicadas à face externa de um vasilhame. Entre essas técnicas, encontramos:

1. Alisamento: é um processo de raspagem com a finalidade de regularizar a superfície e eliminar eventuais asperezas, estando o barro parcialmente seco. Poderia ter sido efetuado com conchas ou pedaços de cabaça (Lima 1987: 176). Entre os modos de acabamento explanados por La Salvia e Brochado (1989: 41) é também conhecido como *acabamento simples alisado*, produzido por um único tipo de instrumento e uma mesma técnica numa mesma direção, eliminando-se a rugosidade das paredes através do aplanamento deixando a superfície lisa.

2. Polimento: é efetuado geralmente com seixos rolados, cocos, palha de milho, frutos, sementes, conchas, cabaças, etc., deixando marcas bem visíveis (estrias), resultando em uma superfície bem polida, em alguns casos, brilhosa (Lima 1987: 176).

3. Enegrecimento: técnica de impermeabilização ou de decoração da superfície dos vasos, também conhecida por esfumaçamento, cujo efeito é conseguido com a cerâmica já queimada (visto que o enegrecimento não pode ser obtido com a queima oxidante), empregando repetidamente uma queima posterior, utilizando-se líquidos, cascas ou sementes vegetais adequados, até que uma boa impregnação da fuligem resultante esteja garantida (Lima, 1987: 178). Tende a ser mais opaca que a brunidura. Um pormenor a ressaltar é que, muitos exemplos classificados como *enegrecimento* nas coleções analisadas, podem se tratar de *bruniduras* submetidas à ação de intemperismo comum aos fenômenos sin e pós deposicionais dos sítios levantados.

4. Brunidura: Revestimento de cera e fuligem geralmente aplicado após a queima para dar uma cor preta ou melhorar a impermeabilidade (Prous, 1992: 92). Tende a ser mais brilhante que o enegrecimento.

5. Fuligem: ocorre quando a superfície da vasilha é chamuscada pela fumaça.
6. Marca de folha: Impressões na base externa provocadas pelo apoio do vasilhame sobre folhas durante sua confecção.
7. Marca de esteira/cestaria: Impressões na base externa provocadas pelo apoio do vasilhame sobre folhas durante sua confecção.
8. Marca de rede: Impressões na base externa provocadas pelo apoio do vasilhame sobre uma rede durante sua confecção.
9. Resina: Resinas de origem vegetal (ex: jutaica) seriam aplicadas à superfície do vasilhame para avivar cores (La Salvia e Brochado 1989: 98) ou mesmo objetivando proteção da superfície, tal qual um verniz.
10. Erodido: Desgaste provocado por ação da intempérie sobre a superfície do fragmento cerâmico expondo claramente o antiplástico. Este desgaste pode ser provocado pelo uso ou rolamento do fragmento por ação do arado (La Salvia e Brochado 1989: 37).
11. Engobo branco: “Tipo de tratamento que consiste em aplicar, antes da queima, uma camada de barro, mais espessa que o banho, com ou sem pigmentos minerais, na superfície do vasilhame (Chmyz *et al.* 1976: 130)”. Gomes (2002: 76) explica que o engobo também pode consistir de uma camada de substância vegetal, além da argila, aplicada à superfície cerâmica, cuja espessura é variável.
12. Engobo vermelho: vide engobo branco. Neste caso, o pigmento utilizado no engobo vermelho poderia ser obtido não apenas de argilas, mas também de óxidos de ferro procedentes de concreções lateríticas maceradas.
13. Engobo creme: vide engobo branco. Neste caso, o pigmento pode ter sido obtido de uma argila de cor creme.

14. Banho vermelho: Chmyz *et al.* (1976: 122) definem *banho* como uma camada superficial de pigmentos minerais, mais delgada que o engobo, a qual é aplicada na superfície do vasilhame antes da queima; Prous (1992: 92) explica que o *banho* é feito com uma argila de textura ou cor diferente da matéria utilizada na elaboração do vasilhame. Segundo La Salvia e Brochado (1989: 18) trata-se de um revestimento superficial, delgado, proveniente de um caldo ou nata de argila em suspensão na água, aplicado à superfície cerâmica antes da queima. Nas coleções analisadas o banho ocorreu na cor vermelha.

99. Sem leitura

11. Decoração plástica: Pode se considerar a decoração plástica como um tratamento complementar que é dado à superfície da cerâmica, envolvendo uma modificação do relevo da peça, em geral é feita antes da sua queima (Prous, 1992: 92; Chmyz *et al.* 1976). Há uma grande variedade de técnicas decorativas cujas definições podem ser encontradas na *Terminologia Arqueológica Brasileira Para a Cerâmica* (Chmyz *et al.* 1976); La Salvia e Brochado (1989); Miller *et al.* (1992a: 88-91); Prous (1992: 92-94); e Gomes (2002: 75-76). Entre as técnicas previstas para a cerâmica da área em estudo temos:

0. Ausente

1. Inciso: “Resultado da ação de apertar um instrumento na superfície da pasta ainda plástica, produzindo uma linha em baixo-relevo, que pode ter largura, comprimento e profundidade variáveis. (Gomes, 2002: 75)”. Segundo La Salvia e Brochado (1989: 36) este tipo de decoração tem como expressão o *corte*, o qual é ação de um instrumento de ponta aguda, ou não, que risca mais ou menos profundamente a superfície cerâmica, por pressão ou arraste.

2. Ponteador: “Tipo de decoração feito com um instrumento com ponta, que deixa marcas independentes que podem ser de várias formas, tamanhos e profundidades (Miller *et al.* 1992 a: 90)”. Tem como expressão decorativa o *ponto*, cuja ação é a de um instrumento de seção variada, aplicada pelo artesão, de forma impressa sobre a superfície cerâmica (La Salvia e Brochado 1989: 35).

3. Acanalado: “Tipo de decoração que consiste em marcar a superfície da cerâmica, com dedo ou instrumento largo e arredondado, formando sulcos alongados, largos, de seção rasa, em arco de meia-cana ou excepcionalmente trapezoidal. (Miller *et al.* 1992 a: 88)”. Tem como expressão decorativa a *canelura*, a qual é um pequeno sulco contínuo de fundo côncavo produzido pela polpa do dedo arrastado sobre a superfície cerâmica (La Salvia e Brochado 1989: 35).

4. Exciso: “Tipo de decoração que consiste em retirar da superfície da cerâmica, antes da queima, porções de vários tamanhos, formas e profundidades (Miller *et al.* 1992 a: 89)”. Segundo La Salvia e Brochado (1989: 36) teria como expressão decorativa a *excisão*, a qual consiste da retirada de uma parte da argila, através de um instrumento, buscando criar um motivo ou uma superfície áspera para aderir um aplique.

5. Escovado: “Tipo de decoração que consiste em passar na superfície ainda úmida do vasilhame, um instrumento com pontas múltiplas, ou outro objetos que deixam sulcos bem visíveis, guardando entre si certo paralelismo e proximidade (Chmyz *et al.*, 1976: 130). Prous (1992: 94) também a denomina *brossado* consistindo “em estrias deixadas intencionalmente, passando-se sabugos de milho sobre a pasta fresca”. Tem como expressão decorativa o sulco, cuja ação é produzida por um instrumento de múltiplas pontas arrastadas na superfície cerâmica ou sobre ela friccionada (La Salvia e Brochado 1989: 36).

6. Raspado: “Tipo de decoração que consiste em desbastar a superfície do vasilhame, com cacos, conchas, etc. Os sulcos resultantes são, geralmente, profundos e largos (Chmyz, 1976: 141)”.

7. Espatulado: Segundo La Salvia e Brochado (1989: 36) este tipo de decoração tem como expressão a *cavidade*, a qual é resultante da ação de uma espátula, agindo por pressão ou arraste, sobre a superfície cerâmica com a deposição de argila no seu entorno e apresentando lados angulares e fundo plano.

8. Roletado: “Tipo de decoração que consiste em conservar os roletes de confecção do vasilhame, sem pressionar e alisar a superfície externa (Chmyz *et al.*, 1976: 141)”. Tem como

expressão decorativa o *rolete*, o qual consiste de um cordel de argila utilizado na produção de vasilhas e não apresentando outra atividade produtiva sobre o mesmo (La Salvia e Brochado 1989: 36).

9. Ungulado: “Tipo de decoração que consiste em imprimir, com a ponta das unhas, marcas agrupadas em diversas posições, na superfície do vasilhame (Chmyz, 1976: 146)”. Tem como expressão decorativa a *ungulação*, a qual é ação frontal da unha, na forma de um arco, com sentido e formato de quem aplica (La Salvia e Brochado 1989: 35).

10. Estocado: Segundo La Salvia e Brochado (1989: 36) este tipo de decoração tem como expressão a *estocada*, ou seja, um corte produzido pela ação da ponta de uma lâmina reta, pressionada sobre uma superfície cerâmica, em uma única ação. É também conhecido por *Entalhado*: “Tipo de decoração que consiste em pequenos cortes executados no lábio do vasilhame ou em qualquer outra parte do mesmo (Chmyz *et al.*, 1976: 130)”.

11. Aplicado: “Tipo de decoração que consiste em fixar uma ou várias tiras ou bolas de pasta, na superfície da cerâmica, com efeitos de variadas formas e desenhos (Chmyz *et al.*, 1976: 121)”.

12. Digitado: “Tipo de decoração que consiste em imprimir a ponta do dedo na superfície do vasilhame (Chmyz *et al.*, 1976: 127)”. Tem como expressão decorativa a *depressão*, ou seja, é a impressão da polpa do dedo calcada verticalmente sobre a superfície cerâmica (La Salvia e Brochado 1989: 35).

13. Nodulado: “Tipo de decoração que consiste em repuxar, à mão, a superfície externa da pasta, ocasionando pequenos nós (Chmyz *et al.*, 1976: 137)”. Tem como expressão decorativa o nódulo, o qual consiste de uma porção de argila repuxada ou aplicada na superfície cerâmica, de forma cônica ou tronco-cônica (La Salvia e Brochado 1989: 36).

14. Modelado: “Implica a ação de construir formas cerâmicas à mão livre. Embora seja uma técnica de fabricação, esta é empregada também como técnica decorativa na produção de apêndices tridimensionais (Rye 1981; Gomes 2002:75)”.

12. Decoração pintada: Técnica que consiste em aplicar pigmentos minerais ou vegetais à superfície cerâmica, ou sobre engobo, antes ou depois da queima. Esta pode ser localizada tanto na superfície externa quanto na interna, distribuída de modo uniforme ou em padrões (Gomes, 2002: 76)''.

0. Ausente
1. Vermelho
2. Preto

13. Motivo da decoração

1. Linha unitária simples
2. Linhas compostas entrecruzadas
3. Linhas compostas onduladas
4. Linhas compostas verticais
5. Linhas compostas horizontais
6. Linhas compostas diagonais
7. Linhas compostas quebradas
8. Geométrico
9. Espiralados
10. Representação figurativa

Os itens a seguir correspondem ao formato dos vasilhames quanto à forma de borda (e sua posição), lábio e base. Os termos foram baseados na *Terminologia Arqueológica Brasileira Para a Cerâmica* (Chmyz *et al.* 1976), entre os quais destacamos:

- Borda: parte terminal da parede, junto à boca do vasilhame.
- Lábio: extremidade da borda.
- Base: parte inferior de sustentação do vasilhame.

14. Morfologia da Borda: De acordo com Robrahn-González (1996).

1. Direta
2. Extrovertida

3. Introvertida
4. Contraída
5. Cambada
6. Carenada
7. Forma Dupla
8. Borda Dupla
99. Não identificada

15. Inclinação da Borda: De acordo com Robrahn-González (1996).

1. Vertical
2. Inclínada Externa.
3. Inclínada Interna
99. Não identificada

16. Espessura do Lábio em relação à borda: De acordo com Robrahn-González (1996).

1. Normal
2. Reforçada Interna
3. Reforçada Externa
4. Expandida
5. Carenada
99. Não identificada

17. Diâmetro da Borda: Medido com o auxílio de um ábaco de círculos concêntricos graduados a cada 2 cm.

18. Porcentagem existente da Borda: De acordo com Rice (1987) é medido a partir de círculos concêntricos divididos em ângulos regulares de 9°, cada qual correspondendo a um percentual de 5%.

19. Tipo de lábio: De acordo com Chmyz *et al.* (1976).

1. Plano
2. Arredondado

3. Apontado
4. Biselado
5. Serrilhado ou dentado

20. Espessura do lábio: Corresponde à medida numérica tomada em milímetros com auxílio de um paquímetro a partir da parte mais espessa do lábio.

21. Tipo da Base: De acordo com Chmyz *et al.* (1976).

1. Plana
2. Convexa
3. Cônica
4. Em pedestal
5. Anelar
6. Côncava

22. Diâmetro da Base: tomado também com o auxílio do ábaco de círculos concêntricos graduados a cada 2 cm.

23. Porcentagem existente da base: Também de acordo com Rice (1987) para a porcentagem existente de borda.

24. Ângulo da Base

1. 0-30°
2. 30-60°
3. 60-90°
4. 90-120°
5. 120-150°
6. 150-180°

25. Forma da Vasilha: Esta foi apenas baseada no ângulo de inclinação da borda como característica indicadora da estrutura da vasilha, e não na proporção baseada na razão do diâmetro da boca em relação ao diâmetro do bojo do vasilhame, visto a quase ausência de formas completas entre os achados arqueológicos cerâmicos.

1. 0 a 40°-Muito fechada
2. 40° a 60°-Fechada
3. 60° a 90°-Ligeiramente fechada
4. 90° a 120°-Ligeiramente aberta
5. 120° a 140°-Aberta
6. 140° a 180°-Muito aberta
99. Desconhecido.

26. Marcas de uso

1. Marcas abrasivas: desgaste ocasionado por ação do uso do vasilhame, por seu contato com o solo áspero (bem acentuado na base) ou mesmo por rolamento dos fragmentos cerâmicos por maquinários agrícolas.
2. Depósitos de carbono na superfície interna: ocasionado por queima do alimento durante sua cocção, ou por deterioração de restos de alimentos impregnados na superfície de fragmentos descartados.
3. Fuligem na superfície externa: quando a superfície é chamuscada por ação do fogo, ocasionando a impregnação de fuligem.
4. Descamação da parte interna: processo de alteração ditado pela má queima, ação do tempo ou acidez do solo, o qual escama a superfície cerâmica.
5. 2 e 3 associados.

27. “Pátina”:

0. Ausente
1. Presente

28. Observações: Informações adicionais que possam vir a complementar a análise.

Quanto à função dos vasilhames, esta foi deduzida a partir de formas reconstruídas

por perfis de bordas e bases, além da presença de marcas de uso, o que pode também ser atestado a partir da proposta³¹ de Henrickson e McDonald (1983), onde a função e morfologia dos vasilhames cerâmicos correlacionam-se através de propriedades físicas e, em uma classe funcional são projetados e confeccionados de acordo com uma série de condições morfológicas limitantes.³²

Análise Lítica

Conforme apontado por Renfrew & Bahn (1998: 49) praticamente qualquer material arqueológico pode sobreviver sob circunstâncias excepcionais, sendo em geral o inorgânico muito mais resistente que o orgânico. Levando em consideração o cenário tropical da Microrregião do Alto Guaporé, resta-nos comumente ao lado da cerâmica apenas o vestígio lítico nos registros arqueológicos estudados, sendo muito pouco o ósseo e em raras ocasiões amostras botânicas ou antracológicas, em suma, as permanências concretas acabam ficando por conta dos materiais de suporte mineral (Morais 1999: 6).

Dentro da abordagem teórica proposta por Schiffer (1976: 30, 32; 1988: 472-473) para os processos pós-deposicionais do registro arqueológico, ou melhor, processos pós-deposicionais culturais (transformações-C) *versus* processos pós-deposicionais naturais (transformações-N)³³, é possível imaginar que a atividade de debitage ou lascamento de artefatos líticos certamente produziria um grande volume de refugo (envolvendo desde grandes lascas ou núcleos a diminutos detritos), também ocasionados por processos de sua manutenção ou reciclagem. O resultado seria a formação de um refugo residual primário (resultante do trabalho *in loco* ou de descarte fortuito de um artefato), ou, um refugo residual secundário (transportado e despejado em outro local).

³¹ Este estudo foi baseado em interpolação de análises formais e funcionais de cerâmicas de grupos etnográficos com a análise de material cerâmico procedente de dois sítios arqueológicos das Montanhas de Zagros, Irã.

³² O que muito não difere do quadro de discussões de Schiffer e Skibo (1992: 31, 37) envolvendo as relações entre escolhas técnicas, propriedades formais, características de performance e o uso de um vasilhame cerâmico.

³³ Segundo Renfrew & Bahn (1998: 46) os primeiros envolvem as atividades gerais dos seres humanos, desde o uso e descarte de artefatos, construção e abandono de áreas de ocupação, entre outros exemplos antropogênico. Já os segundos, englobam fenômenos naturais associados ao enterramento e sobrevivência do registro arqueológico.

Esta dinâmica comum ao comportamento humano se resumiria em cinco etapas dentro da “vida” ou *contexto sistêmico* de um artefato: aquisição de matéria prima, manufatura, uso, manutenção, abandono. Podem ocorrer também fenômenos de *reciclagem*³⁴ ou de *ciclo lateral*³⁵ (Schiffer 1972, Renfrew & Bahn *op.cit.*: 48) o que implicaria na repetição da segunda e da terceira etapa.

Enfim, nem sempre no contexto de um sítio podemos contar com a presença de artefatos, sendo sua existência apenas evidenciada pelos refugos de lascamento ou de bitagem. Todavia, não deixam de oferecer importantes informações quanto às etapas tecnológicas empregadas em sua produção³⁶, bem como, o tipo de atividades que poderiam ter sido exercidas no sítio, o que é evidenciado a partir do uso de uma sistemática de classificação (Binford 1979: 256; Corrêa 2009: 228).

É interessante esclarecer que na análise lítica foi considerado como *artefato* todo e qualquer suporte rochoso cuja forma inicial tenha sido modificada por técnica de lascamento, picoteamento e polimento, ou, ao menos exibisse sinais provocados por sua utilização, no caso de peças brutas, térmicas e lascas utilizadas.

Neste ponto, para os artefatos lascados adotaremos a definição apresentada por Bueno (2007: 56) onde há uma diferenciação de entre *artefatos formais* e *artefatos informais*: os primeiros teriam sofrido modificações secundárias em seu suporte alterando sua forma; quanto ao segundos, as modificações não foram o suficiente para modificar a forma do suporte. Em suma, a intensidade de redução é chave de diferenciação entre ambos. No caso dos *artefatos formais padronizados* contamos como exemplo com as peças plano-convexas em geral.

Isto nos remete também à proposta mais antiga de Binford (1979: 263, 267) baseada a partir de estudos etnográficos entre os *Nunamiut* do Ártico: os equipamentos de uso pessoal, submetidos à intensa manutenção, reutilização e reciclagem, poderiam ser classificados como

³⁴ É quando um artefato ao final de seu uso é destinado à manufatura de outro artefato semelhante ou diferente.

³⁵ É quando um artefato tem o seu uso finalizado em uma série de atividades para ser reutilizado em outra. Faz-se referência, mais especificamente em elementos que, em sistemas simples e complexos circulem entre as classes, as castas e as unidades sociais, em suma: um objeto passa de uma pessoa à outra (Schiffer 1972; 1976: 39).

³⁶ *Sistemas Tecnológicos de Produção*, segundo conceito de Lemonnier (1992) ou, também conhecido como *Cadeia Operatória*.

artefatos *de estratégia de curadoria*; contrastariam com os artefatos de *estratégia de circunstância* ou *expedientes*, confeccionados de forma imediata e pouco investimento na modificação do suporte, cujos bordos gerados seriam utilizados se adequados a alguma atividade, e, facilmente dispensáveis se as fontes de matéria-prima estivessem imediatamente disponíveis.

“Whereas the older and largely implicit model of tool design and production was that of a maker producing a tool to perform a task, I have suggested that tool production may be “future oriented,” and the manufacturer takes into consideration in the selection of raw material, design, and fabrication of the tool its intended role in the technology.” (Binford 1979: 271)

A partir desta dicotomia artefatural, Andrefsky (1994) postula que a disponibilidade da matéria-prima pode ser o fator mais importante na organização da tecnologia lítica de lascamento: quanto menor³⁷ for a oferta de matéria-prima lítica de *alta qualidade*, maior será o cuidado em se elaborar artefatos formais pela estratégia de curadoria; por outro lado, se a oferta é grande, tanto os artefatos formais quanto os informais/expedientes serão produzidos proporcionalmente. Enfim, uma matéria-prima lítica de *baixa qualidade* envolverá a produção de artefatos informais/expedientes, não importando se sua oferta seja grande ou pequena.

Todo este conjunto de escolhas, envolvendo desde a seleção de matéria-prima às técnicas de elaboração, o acabamento final do artefato e sua função destinada, é culturalmente transmitido através do *estilo tecnológico*³⁸, o qual aponta para a existência de identidades culturais e sociais (Dias e Silva 2001:101).

³⁷ Seja porque a oferta é baixa ou porque a jazida se encontra a uma longa distância.

³⁸ A definição de estilo para Wiessner (1983: 256) diz respeito a “*uma variação formal na cultura material que transmite informação sobre identidade social e pessoal*”; segundo Dias e Silva (Op. Cit: 97) para a “*arqueologia tradicional, o estilo é sempre um código diagnóstico de tempo, lugar e etnicidade*”. Conforme apontado por Fagundes (2004: 118) uma real definição de *estilo* e o seu emprego em estudos de tecnologias líticas ou quaisquer temas nas pesquisas arqueológicas, tem sido alvo de intenso debate há longo tempo entre arqueólogos e etnoarqueólogos, e não há um consenso quanto à maneira de ser empregado como ferramenta teórico-metodológica, haja vista a pluralidade de significados e de interpretações a seu respeito.

Complementando esta idéia, Reedy e Reedy (1994: 305) definem por *estilo* como um sistema de formas, bem como um modo sutil de comunicação que pode ser estudado como uma abordagem para compreender atividades, artesões e as culturas do passado. Quanto ao *estilo tecnológico*, entendemos como a forma que as pessoas levam adiante o seu trabalho, envolvendo as escolhas efetuadas pelos artesãos em relação aos materiais e técnicas de produção, e como essas escolhas se relacionam à aparência e funções dos produtos.

Estudos de variabilidade estilística sobre determinados artefatos ou mesmo refugos de lascamentos, demonstraram que variações na cultura material poderiam servir como “emblemas” de identidade social e pessoal dos artesãos que os produziam, conforme pode se atestar entre as pontas de projéteis dos povos *San* do Kalahari (Wiessner 1983: 257, 258). Estudos efetuados por Hayden *et alli.* (1996) no sítio Keatley Creek (Colúmbia Britânica) sobre a variabilidade de calcedônias e sílexitos empregados em atividades de lascamento, indicaram a existência de assentamentos ocupados em longos períodos por grupos residenciais associados e economicamente distintos, cada qual explorando uma área exclusiva de obtenção de matéria-prima lítica e de recursos naturais, possivelmente estabelecidos por uma hierarquia hereditária, conforme ocorre em alguns exemplos etnográficos a respeito de pontos de pesca do salmão.

De um modo geral, os sítios abordados nesta tese apresentaram uma quantidade relativamente baixa de peças líticas, principalmente aqueles levantados no compartimento da *Planície e Pantanal do Alto/ Médio Guaporé*. Porém, para os compartimentos do *Planalto Residual Alto Guaporé* e da *Depressão do Guaporé*, sítios submetidos a uma maior intervenção (programas de resgate) resultaram em um grande volume de material lítico, principalmente refugos de lascamento. Neste caso, efetuou-se uma amostragem diagnóstica para os sítios com grandes coleções líticas, sendo selecionados artefatos lascados formais ou informais, peças brutas, picoteadas ou polidas, bem como refugos de lascamentos que permitissem reconstruir os sistemas tecnológicos de suas indústrias líticas

Esses sistemas apresentaram uma variabilidade de acordo com os compartimentos geomorfológicos levantados, associando-se com horizontes de ocupação de grupos caçadores-coletores do Holoceno Médio, ceramistas pré-coloniais a grupos etno-históricos contemporâneos.

A Ficha de Análise Lítica: Atributos e Variáveis

Para fins de análise do acervo utilizou-se uma ficha de análise contendo 16 atributos com suas respectivas variáveis básicas, estabelecendo uma sistemática de classificação deste material, não apenas dos conjuntos de artefatos, mas de suas variações tecnológicas específicas inspirando-se no arcabouço teórico proposto de Andrefsky (1994: 31):

“I agree that specific technological variations are best explained in the full context of specific examples, and that every case may have unique conditions that contribute to the final organization of technology”.

A análise contou com também com o apoio de outras fontes bibliográficas para fins de descrição e o emprego de terminologias, entre estas, citamos: Araújo (2001), Chmyz et. alli. (1995), Prous (1992, 2004), Prous *et al.* (2000), Souza (2008), Tixier *et alli.* (1980).

A ficha adotada foi baseada nos modelos utilizados para as análises das coleções líticas do Programa de Resgate do Patrimônio Arqueológico, Histórico e Cultural da Ferrovia Transnordestina (Zanettini Arqueologia 2008) e do Programa de Resgate do Sítio Arqueológico Ceme 1 (2009 b). Entretanto, recebeu algumas adaptações e acréscimos, visando suprir de modo satisfatório uma compreensão geral das indústrias líticas presentes na área estudada.

FICHA DE ANÁLISE LÍTICA

1. Matéria-prima: Diz respeito à natureza mineral ou litológica do artefato.

1. Sílex	11. Arenito grosso
2. Quartzo hialino	12. Feldspato
3. Quartzo leitoso	13. Esteatita
4. Quartzito	14. Arenito fino
5. Basalto	15. Ocre
6. Granito	16. Mineralóide
7. Mica xisto	17. Andesito
8. Arenito silicificado	18. Quartzo policristalino
9. Gnaisse	19. Feno dacito basalto
10. Hematita	20. Diorito

- 21. Aplito
- 22. Metarenito
- 23. Metapelito ferruginoso

- 24. Brecha silicosa
- 25. Sienito

2. Suporte: Massa ou forma inicial rochosa a ser modificada ou utilizada.

- 1. Seixo
- 2. Bloco
- 3. Cristal
- 4. Plaqueta
- 5. Indefinido
- 6. Nódulo
- 7. Lasca

3. Quantidade de Córtex:

- 1. >50%
- 2. <50%
- 3. Ausente
- 4. Total

4. Número de Cicatrizes-Retiradas Anteriores:

- 99. Zero
- 1. Uma
- 2. Duas
- 3. Três
- 4. Quatro ou mais
- 5. Sem informação

5. Direção das cicatrizes (em relação ao eixo de debitagem):

- 99. Zero
- 1. Paralelos
- 2. Ortogonais
- 3. Centrípetos
- 4. Opostos
- 5. Sem informação

6. Classe:

1. Classe
2. Matéria-prima bruta
3. Núcleo
4. Artefato
5. Fragmento de artefato

7. Tipo de Lascamento:

1. Unipolar
2. Bipolar
3. Espatifamento
4. Fatiamento de seixo
5. Ultrapassante
6. Térmico

8. Tipo:

1. Lasca fragmentada	13. Fragmento de lasca utilizado e retocado
2. Fragmento de lasca	
3. Lasca	14. Lasca utilizada
4. Lasca siret	15. Lasca retocada utilizada
5. Lasca térmica	16. Núcleo utilizado
6. Lasca de retoque	17. Núcleo retocado
7. Lasca de descorticamento	18. Núcleo retocado utilizado
8. Matéria-prima bruta	19. Lasca cortical
9. Núcleo	20. Micro-lasca
10. Artefato bruto	21. Estilha
11. Fragmento de lasca retocado	22. Fragmento de artefato
12. Fragmento de lasca utilizado	23. Lasca preparada

9. Utilização:

1. Sim
2. Não

10. Retoque:

1. Sim
2. Não

11. Técnica utilizada

1. Lascado
2. Picoteado
3. Bruto
4. Polido

12. Número de faces trabalhadas

99. Não há
1. Unifacial
2. Bifacial
3. Mais de três

13. Função

1. Simples
2. Múltipla

14. Reavivagem

1. Presente
2. Ausente
3. Sobre Pátina

15. Sítios relacionados**16. Descrição**

8. QUADRO GERAL DOS LEVANTAMENTOS DO PROJETO FRONTEIRA OCIDENTAL E DOS PROJETOS DE RESGATE ARQUEOLÓGICO ENVOLVIDOS

No âmbito de uma Arqueologia Regional o conjunto de atividades efetuadas permitiu uma exploração dentro de um raio amostral de cerca de 100 km para uma região ainda carente de levantamentos arqueológicos, na maioria dos casos resultando em achados inéditos no que diz respeito ao passado indígena da bacia guaporeana. Contamos então com 52 sítios arqueológicos, sendo 34 pré-coloniais e 18 multicomponenciais.

Para a feição geomorfológica da *Planície e Pantanal do Alto/ Médio Guaporé* a maioria dos sítios pré-coloniais levantados foi decorrente da segunda e da quarta fase do Projeto Fronteira Ocidental (Zanettini 2004 a, 2007). Este projeto foi iniciado a partir de 2002 em convênio com o IPHAN e a Secretaria de Cultura do Estado do Mato-Grosso, e teve a princípio o objetivo de levantar e examinar o patrimônio histórico-arqueológico e arquitetônico da área urbana do município de Vila Bela; suas raízes remontam de um projeto mais antigo denominado *Etnoarqueologia do Negro do Mato do Mato Grosso* (Zanettini 1991).

A partir da segunda fase do projeto (dezembro de 2003), a área de atuação foi ampliada, abarcando um raio de 100 km a partir do núcleo urbano. Como principais resultados alcançados, podem ser citados: o levantamento de antigos arraiais de mineração de ouro (ex: São Francisco Xavier da Chapada), povoações (Casalvasco Velho), sedes de fazendas; e a complementação dos estudos no perímetro tombado de Vila Bela com prospecções no complexo de Santo Antonio dos Militares, a Olaria Real, a Igreja Matriz e residências. (Zanettini Arqueologia 2002, 2004 a, 2004 b; Zanettini & González, 2002a).

Entretanto, durante alguns trabalhos de ação educativa patrimonial, desenvolvidos entre a população local, foi possível colher uma série de referências e artefatos correlatos à ocupação pré-colonial indígena verificada na região, situação que se amplia com o avanço da fronteira agrícola ou a abertura de novos acessos: lâminas de machado, mós, um grande pingente plano de pedra polida procedente da localidade da Baía do Palmarito (Siqueira 2002: 18; **Figura 1**), e vasilhas de cerâmica. Isto conduziu ao achado de 10 sítios indígenas do período pré-colonial, 8 sítios históricos e 4 sítios com ambas ocupações associadas, atividade paralelamente efetuada com os trabalhos em curso na cidade (Zanettini 2004 a).

No segundo semestre de 2002, com a implantação do projeto da Nova Alça de Acesso na cidade de Vila Bela, obra encabeçada pela Construtora Sanches-Tripoloni e a prefeitura da cidade, outros oito bens culturais foram levantados em um diagnóstico efetuado pela equipe do Projeto Fronteira Ocidental; o qual envolveu não apenas o traçado da via como suas obras correlatas (jazida e área de empréstimo). Entre os bens levantados, há um sítio pré-colonial ceramista (Capão do Canga), 4 históricos e 3 olarias recentemente desativadas (Zanettini & González, 2002 b). Posteriormente elaborou-se um Programa de Documentação, Resgate e Registro do Patrimônio envolvido, cujas ações se iniciaram em janeiro de 2003, sendo então interrompidas e, retomadas e concluídas em janeiro de 2005 com o retorno da obra, conduzindo ao resgate do sítio Capão do Canga (Zanettini 2005 c, Erig Lima 2005). No corrente ano durante o mês de Novembro, houve o cadastro e registro do sítio Nossa Senhora do Pilar (arraial de mineração colonial) efetuado pelo fotógrafo e documentarista Mário M. C. Friedländer.

Na quarta fase do Projeto Fronteira Ocidental (Zanettini Arqueologia 2007: 18), durante duas etapas de levantamento de campo efetuadas em abril e maio de 2007 pelos arqueólogos Dr. Luiz Cláudio Pereira Symanski e o mestrando João Henrique Rosa, este quadro foi ampliando em mais 21 sítios cadastrados, na denominada *Expedição ao Território Quilombola no Vale do Guaporé* (Projeto Fronteira Ocidental-Fase 4), destes, 13 são indígenas ou multicomponenciais. No corrente ano durante o mês de Julho, houve o cadastro e registro do sítio Córrego dos Cágados (arraial de mineração colonial) efetuado pelo fotógrafo e documentarista Mário M. C. Friedländer.

Entre os sítios históricos levantados na segunda fase do PFO, encontramos: Barranco Alto, Casalvasco-I (ou Casalvasco Velho³⁹), Comunidade Morcego, Dona Maria, Fazenda Arrozal, Zeferino, Passagem do Sararé (corresponde ao sítio MT-GU-14/96 de SPVS 1997), Ruínas do Jatobá, São Miguel, Olaria Real/Porto, Santo Antonio dos Militares, São Francisco Xavier da Chapada, São Vicente (Zanettini, 2004 a). Dentro do Projeto da Nova Alça de Acesso foi efetuado o resgate do sítio Olaria Real/Porto, além de três olarias do Séc. XX, uma calha de drenagem e uma estrutura de muro de blocos lateríticos do Séc. XVIII e, uma antiga estrada do Séc. XVIII e uma linha de telégrafo do Séc. XX associada à Comissão Rondon

³⁹ Registrado anteriormente por Gleiser e Blasi (SPVS 1997 b: 86). Embora seja um pequeno núcleo urbano histórico, a presença de cerâmica indígena em suas estruturas permitiu considerá-lo como um sítio multicomponencial.

(Zanettini, 2005 c). Quanto aos sítios históricos levantados na quarta fase do PFO, encontramos: Porto Pedreira, Tapera de Lino Bispo de Oliveira, Bom Jardim, Morada dos Índios, Porto Alegre, Campinho do Cabixi, Cooperativa e Santa Cruz.

Para a feição geomorfológica do *Planalto Residual Alto Guaporé*, os sítios levantados foram identificados com o desenrolar das atividades do Programa de Resgate e Monitoramento do Projeto São Francisco, empreendimento de mineração, localizado na Serra da Borda, a cargo da empresa Serra da Borda Mineração e Metalurgia S/A (antiga Santa Elina Desenvolvimento Mineral S/A). A área conta nas adjacências com um grande complexo de mineração aurífera do Séc. XVIII, conhecido como Arraial de São Francisco Xavier da Chapada, fundado por volta de 1736, o qual vem sendo gradativamente estudado desde o final da década de 1980 (Zanettini 1989, Zanettini Arqueologia 2000, 2002 a, 2004 a-b, 2005 a-h, Zanettini e González 2000, 2002 a).

O avanço do programa de resgate no alto da Serra da Borda, no primeiro trimestre de 2005, envolvendo a cobertura sistemática dos córregos Longa Vida e Cabeceira, permitiu ampliar a visão que até então se dispunha sobre este compartimento geomorfológico em particular, aprimorando o espectro cronológico dos estudos em curso, primordialmente voltados à compreensão do cotidiano de vida no arraial colonial, sendo o horizonte representado por dois sítios líticos e um multicomponencial (Zanettini Arqueologia 2005 a, e, f, h).

Tal como na área do *Planalto Residual Alto Guaporé*, os sítios cadastrados na feição geomorfológica da *Depressão do Guaporé* foram identificados a partir de diagnósticos efetuados para áreas de servidão da Mineração, envolvendo a possível alteração do acesso e implantação de linha de suprimento elétrico auxiliar em áreas dos municípios de Vila Bela da Santíssima, Trindade e Conquista D'Oeste. Os trabalhos efetuados se deram a princípio por meio de prospecções extensivas do tipo varredura apoiadas em averiguações de subsuperfície com pequenas coletas de material diagnóstico; o cadastro efetuado em ambas as feições geomorfológicas foi considerado como a Fase 3 do Projeto Fronteira Ocidental. O conjunto de sítios levantado foi posteriormente submetido a um programa de resgate, fornecendo ricos resultados (Zanettini Arqueologia 2005 b, d, g, 2006 i-k, 2007a, Erig Lima 2007). Além dos sítios e ocorrências pré-coloniais também foi identificado um sítio histórico cadastrado como Três Meninos; neste, ocorriam estruturas de mineração, provavelmente associadas ao arraial de Boa Vista datado de 1758. (Zanettini 2005 g: 25).

Seguindo as informações de alguns auxiliares de campo, a equipe efetuou o levantamento de outros cinco sítios arqueológicos no município vizinho de Nova Lacerda, ampliando em âmbito regional o quadro de ocupação pré-colonial da unidade geomorfológica da *Depressão do Guaporé*, precisamente em *Inselbergs* do sub-compartimento dos *Relevos Residuais*. A equipe foi guiada pelo Sr. Valdemiro Frauzino da Silva, morador do município, o qual informara a existência de sítios com gravuras à equipe durante a primeira etapa de trabalho em dezembro de 2005. Entre estes sítios encontramos: Toca da Onça, Diamante, Pedra do Urubu e Cachoeira do Uirapuru (Erig Lima 2007, 2009).

9. AFILIAÇÕES CRONOLÓGICO-CULTURAIS

A partir do estudo efetuado é possível afirmar que a área abrangida pela tese engloba um longo horizonte cronológico envolvendo desde ocupações caçadores-coletoras do Holoceno Médio a ocupações ceramistas dos Sécs. V a XIV da Era Cristã, de acordo com algumas datações por termoluminescência, bem como ocupações etno-históricas tardias representadas por sítios líticos e abrigos rupestres.

Entre os vestígios mais antigos identificados, contamos com duas peças líticas lascadas procedentes do sítio Carlos Augusto, às margens do Guaporé, além de raras ocorrências líticas, as quais foram identificadas nos projetos de mineração de Pau-a-Pique e de Ernesto, municípios de Porto Espiridião e de Pontes e Lacerda. Na verdade são peças lascadas de arenito silicificado, duas correspondentes a lascas retocadas e dois artefatos formais padronizados (raspadores plano-convexos). Comparando com os estilos observados entre as indústrias líticas conhecidas para o Brasil Central, é possível afiliá-las de um modo geral às indústrias líticas do Holoceno Médio, o que nos oferece um intervalo cronológico de 9-8 mil a 2 mil anos AP (Bueno 2007: 31).

Porém, a maioria dos vestígios levantados diz respeito a sítios e ocorrências associadas a ocupações ceramistas, as quais, a partir de oito datações por termoluminescência nos oferecem um horizonte de ocupação de 500 a 1400 AD. Este horizonte cronológico é contemporâneo a um auge de elevação de temperatura e umidade proposto para o vale do Alto Médio-Guaporé entre 900 e 950 AD (Miller 1983: 254-255; 283-285), o que teria favorecido maior multiplicidade de recursos de flora e fauna, beneficiando uma expansão demográfica entre os grupos pré-coloniais locais.

Para o compartimento geomorfológico da Planície e Pantanal do Alto/ Médio Guaporé há presença de uma indústria ceramista até então inédita na área estudada, aqui denominada *Cerâmica Capão do Canga* (800-1300 AD), seus sítios ocorrem preferencialmente em terrenos lateríticos configurados por ilhas ou penínsulas nas estações das cheias, mas poderiam também ocupar planícies de baías fluviais ou terraços ribeirinhos, os dois últimos apresentando também ocupações ceramistas provavelmente associadas às Fases Corumbiara e Pimenteira (800-1700 AD). De acordo com Miller (1983: 268) ambas essas fases poderiam ser comumente englobadas à Fase Paraguá e ao *Complexo Arqueológico de Los Gomales da Bolívia*, visto algumas similaridades decorativas entre suas cerâmicas,

configurando um complexo cerâmico em comum. A presença de incisões e motivos ponteados as fez também serem inseridas na Tradição Inciso-Ponteadas.

De modo intrusivo à Cerâmica *Capão do Canga* foram identificados alguns fragmentos cerâmicos afiliados à Tradição Uru, cujas datações conhecidas para o Alto Guaporé e o Brasil Central, respectivamente variam de 700-800 AD (Wüst 2001) e de 800-1700 AD (Wüst e Barreto 1999); um sítio presente neste compartimento apresentou uma ocupação lito-cerâmica afiliada à Tradição Una, cuja datação também conhecida para o Brasil Central oscila entre 500 AC-1200 AD (Wüst e Barreto *op. cit.*). Raros fragmentos provavelmente associados à Tradição Tupiguarani ocorreram em alguns sítios multicomponenciais (históricos) localizados nas extremidades N da área pesquisada, ou seja, em direção ao Médio Guaporé; as datações conhecidas para esta tradição no Brasil Central é de 1300-1600 AD (Wüst e Barreto *op. cit.*).

Para o compartimento geomorfológico da Depressão do Guaporé há um grande número de sítios ceramistas contíguos à micro-bacia do Córrego Banhado, cujas formas e decorações dos vasilhames permitem uma afiliação às Fases Corumbiara e Pimenteira, ou ao menos uma derivação destas, cujas datações por TL ofereceram um intervalo de 500-1500 AD. De modo intrusivo a essas cerâmicas ocorreram fragmentos cerâmicos da Tradição Uru e da Cerâmica *Capão do Canga*, bem como alguns artefatos líticos possivelmente oriundos das terras baixas ou andinas da Bolívia, apontando para a existência de intensas redes de trocas na região em períodos pré-coloniais. Uma ocorrência cerâmica apresentou afiliação com a Tradição Una.

Entre ambos os compartimentos geomorfológicos descritos, há um terceiro denominado Planalto Residual Alto Guaporé, representado pelas Serras da Borda e de São Vicente. A maioria dos vestígios arqueológicos identificados está associada ao contexto dos arraiais de mineração coloniais, sendo identificados alguns sítios líticos ou multicomponenciais cujos artefatos são caracterizados por uma indústria lítica muito expediente, possivelmente associada aos grupos etno-históricos *Nambiquara* e *Cabixi*. Segundo fontes históricas esses grupos mantinham conflitos constantes com as populações luso-africanas desses arraiais durante o Séc. XVIII. A partir de meados do Séc. XIX e o início do Séc. XX com o esgotamento do minério aurífero e o conseqüente abandono dos arraiais, passaram a reocupar suas antigas áreas, expulsando as últimas famílias negras que ali se mantinham como pequenas proprietárias rurais, fato ainda presente na memória de alguns

cidadãos vilabelenses de terceira idade. Próximos aos sopés da Chapada dos Parecis, alguns sítios rupestres visitados estariam associados aos *Nambiquara-Wasusu* contemporâneos.

As tabelas abaixo resumem as datações por amostras de termoluminescência efetuadas por parte dos Drs. Márcio Yee e Sonia H. Tatum. As amostras utilizadas consistiam de fragmentos cerâmicos e dos respectivos sedimentos associados.

Tabela 13 – Datações de termoluminescência efetuadas a partir de alguns sítios da Planície e Pantanal do Alto/Médio Guaporé (Capão do Canga) e da Depressão do Guaporé (Franco do Amaral, Fazenda Conquista e Subestação Galera).

Sítio Arqueológico	Código LVD	Amostra	Dose Anual ($\mu\text{Gy/ano}$)	Dose Acumulada (Gy)	Idade (anos)
Franco de Amaral	2472	Fa- Amostra 1- UE5 (20-30 cm)	2.200 ± 110	2,70	1.200 ± 120
Franco de Amaral	2473	Fa- Amostra 2 -UE4 (30-40cm)	2.900 ± 340	2,45	800 ± 130
Fazenda Conquista	2474	Fc- Amostra 1 -UE1 (10-20cm)	3.500 ± 450	2,73	750 ± 130
Fazenda Conquista	2475	Fc- Amostra 2 -UE1 (20-30cm)	4.000 ± 290	4,80	1.100 ± 180
Capão do Canga	2476	Cc- Amostra 1 - Sup	2.900 ± 170	2,15	750 ± 80
Capão do Canga	2477	Cc- Amostra 2 - (0-20 cm)	2.750 ± 300	2,8	1.000 ± 160
Subestação Galera	2478	SG - Amostra1 - UE2 (40-50 cm)	1.600 ± 120	2,13	1.320 ± 170
Subestação Galera	2479	SG – Amostra 2- UE2 (20-30 cm)	1.550 ± 100	2,10	1.350 ± 160

Tabela 14 – Resultado das concentrações de Th (Tório), U (Urânio), K (Potássio) e dose anual a partir das amostras analisadas.

Sítio Arqueológico	Código LVD	Th (ppm)	U (ppm)	K (%)	Dose Anual (μGy/ano)
Franco de Amaral	2472	9,572 ± 0,345	3,000 ± 0,065	0,474 ± 0,069	2.200 ± 110
Franco de Amaral	2473	11,351 ± 0,409	2,932 ± 0,601	1,061 ± 0,154	2.900 ± 340
Fazenda Conquista	2474	10,315 ± 0,371	4,000 ± 0,742	1,517 ± 0,220	3.500 ± 450
Fazenda Conquista	2475	10,847 ± 0,390	4,458 ± 0,009	1,771 ± 0,257	4.000 ± 290
Capão do Canga	2476	17,302 ± 0,623	5,228 ± 0,481	0 ± 0	2.900 ± 170
Capão do Canga	2477	13,297 ± 0,479	5,521 ± 0,959	0,102 ± 0,015	2.750 ± 300
Subestação Galera	2478	6,103 ± 0,220	3,205 ± 0,558	0,219 ± 0,032	1.600 ± 120
Subestação Galera	2479	6,030 ± 0,217	3,302 ± 0,354	0 ± 0	1.550 ± 100

9.1. Identificando a Cerâmica Capão do Canga

A indústria cerâmica descrita e denominada nesta tese como *Cerâmica Capão do Canga* foi pela primeira vez observada no sítio arqueológico homônimo situado na área da Fazenda Lagoa do Encanto, município de Vila Bela da Santíssima Trindade, durante o diagnóstico da Nova Alça de Acesso na cidade de Vila Bela (Zanettini e González 2002 b). A área do entorno imediato ao sítio é rica em depósitos lateríticos, muito utilizado para aterros e pavimentações na região, e há anos era explorada como área de empréstimo em obras fortuitas ou mesmo pelo DNER quando da abertura da rodovia BR-174.

Um ponto chamativo de atenção nesta cerâmica era a presença de decoração pela técnica plástica incisa ou pintada (vermelho), conferindo um belo motivo de linhas entrecruzadas cuidadosamente executadas em algumas peças. Com o primeiro levantamento regional efetuado pelo Projeto Fronteira Ocidental esta cerâmica começou a se repetir em outros sítios da região (Zanettini Arqueologia 2004 a), porém não se associava a qualquer afiliação cronológico-cultural descrita para a bibliografia disponível para a macro-região de entorno. Cabia um então um estudo mais profundo, pois uma indústria ceramista pré-colonial até então inédita para o Alto Guaporé começava a se configurar na medida em que os achados prosseguiam ou algumas peças cerâmicas eram doadas.

Assim, a análise do material cerâmico do sítio Capão do Canga nesta tese é a coleção de referência para os aspectos gerais desta indústria, visto contar com um maior número de peças e variabilidade de técnicas decorativas.

Antes das datações de Termoluminescência (TL) efetuadas⁴⁰ para esta cerâmica, pairava uma série de dúvidas quanto a sua real origem, visto a região de Vila Bela apresentar uma ocupação luso-africana ali presente desde o Séc. XVIII, além de grande miscigenação de grupos etno-históricos indígenas, provocada pelo processo das missões espanholas na margem oposta do Guaporé, conforme algumas abordagens demonstradas por Erig Lima (2005). Sua origem seria ibero-africana ou indígena? Se indígena, seria pré-colonial ou etno-histórica? Seria o sítio Capão do Canga uma aldeia pré-colonial ou um aldeamento indígena colonial, ou quiçá um quilombo?

⁴⁰ As datações por TL do sítio Capão do Canga só estiveram disponíveis a partir da data de 18 de Fevereiro de 2010, conferindo de um modo geral um horizonte cronológico de 800-1300 AD .

A presença desta cerâmica em alguns sítios localizados no entorno de Vila Bela (Dona Maria, por exemplo) apontava para a hipótese de uma produção artesanal local de origem luso-africana, considerando que ocorria de modo associado com materiais de origem européia (vidro, faiança, faiança-fina, metais) ou cerâmicas históricas de produção local, com técnica de construção torneada ou acordelada: painéis com apêndices ou alças, moringas, às vezes escovadas e em geral com uma pasta argilosa muito fina e dura. Pesquisas efetuadas nas ruínas do arraial de São Francisco Xavier da Chapada revelaram durante a etapa de limpeza e anastilose de uma pequena estrutura construtiva (SH-01), fragmentos cerâmicos com um padrão decorativo semelhante de linhas incisadas entrecruzadas (Zanettini Arqueologia, 2004 d: Prancha 46).

A hipótese de uma origem etno-histórica foi especulada a partir de alguns fragmentos cerâmicos incisados com padrão entrecruzado, os quais foram observados entre alguns alicerces das ruínas do sítio histórico de Casalvasco Velho (ou Casalvasco-I) localizado na margem direita do rio Barbado. Um pormenor interessante é que para a fronteira ocidental do vale do Guaporé, Meireles (1989: 57, 59, 193) ao mencionar o mapa etnográfico de Montfort e Rivet, indica nesta área a presença do grupo indígena *Saraveka*⁴¹ durante o Séc. XVIII, e que após a saída dos jesuítas, grande parte desses indígenas concentrados nas missões, teriam migrado para Casalvasco, havendo também uma imigração para esta localidade de 479 índios *Chiquitos* em 1819. Tornava-se tentador considerar a contribuição do elemento indígena ali fixado em sua produção, porém, remetendo-nos a um horizonte cronológico histórico.

A hipótese de uma origem pré-colonial contou com uma série de dados comparativos.

Em um artigo escrito por Puttkamer (1979) para a revista norte-americana *National Geographic* dizia respeito às pesquisas desenvolvidas pelo arqueólogo Eurico Th. Miller no sítio Abrigo do Sol, localizado no rio Galera. Entre as ilustrações de alguns fragmentos cerâmicos, contava-se com um fragmento de parede cuja decoração incisada era semelhante à existente na coleção do sítio Capão do Canga, ou seja, motivos de linhas entrecruzadas. Porém, os níveis cerâmicos superiores do abrigo estariam associados à **Fase Aguapé**, que possui uma data de 1945 anos AP (AD 5), sendo esta também registrada em 14 sítios a céu

⁴¹ Os *Saraveka* eram um dos grupos indígenas que faziam parte do imenso mosaico de povos genericamente chamados de “Chiquitos” pelos espanhóis, gerando também o nome do território “Província de Chiquitos” (Migliaccio, 2001/2002: 227).

aberto e 5 em abrigos sob rocha⁴². Segundo informação pessoal de E. Th. Miller⁴³, esta é a ocorrência cerâmica mais comum na região, e se encontra prestes a ser considerada como uma Tradição, sendo também encontrada das nascentes do rio Juruena até a Chapada dos Parecis no lado rondoniense.

Em alguns fragmentos incisos da fase Corumbiara (900-1700 AD) estudados no alto-Médio Guaporé por Miller (1983, estampa 7: m, u) se observa um padrão de linhas entrecruzadas em espaços regulares, classificados como o tipo decorativo *Rolim Inciso*. Alguns fragmentos com decoração pintada procedentes do sítio MT-PO-02 afiliado à Tradição Descavaldos apresentam um padrão decorativo de linhas entrecruzadas (Migliacio 2006).

O resgate dos sítios Guapé 1 e 2 (Alto Guaporé) na área das Obras da Usina Hidrelétrica Guaporé (Wüst 2001) revelaram uma cerâmica também ricamente decorada com motivos incisos. No entanto, diferem daqueles presentes no Capão do Canga, apresentam-se zonados na borda, representando linhas entrecruzadas, às vezes associadas com animais estilizados (batráquios). Esta cerâmica foi denominada de **Cerâmica Guapé** e encontra-se cronologicamente situada entre 1.330 a 1.660 AD. Vale ressaltar que as incisões verificadas nesta cerâmica foram efetuadas tanto antes da queima como após a queima, enquanto na cerâmica do sítio Capão do Canga, as incisões, ao que tudo indica, foram realizadas anteriormente à queima.

Dados etnográficos auxiliaram a apontar para a hipótese de uma origem pré-colonial: o motivo de linhas entrecruzadas era um padrão de pintura corporal comum entre os índios *Huanyan* conforme registros efetuados por Erland Nordenskiöld (2001: 261, 262) no Médio Guaporé boliviano durante o início do Séc. XX. Com o genipapo produzia-se nos antebraços e panturrilhas o motivo de linhas entrecruzadas, o qual era denominado de “chiquin”, uma espécie de peixe.

Trabalhos de etnoarqueologia desenvolvidos por Moi *et alli*. (2009: 219, foto 6) entre os grupos *Halití-Paresi* e *Enawene Nawe* das bacias do rio do Sangue e Juruena, Mato Grosso, apontam também a existência deste motivo entrecruzado em algumas gravuras rupestres identificadas no teto do abrigo Véia Peia.

⁴² CNSA-IPHAN.

⁴³ Informação datada de 11 de Dezembro de 2003 via correio eletrônico.

A partir de Janeiro de 2005 com o resgate definitivo do Sítio Capão do Canga, as primeiras análises cerâmicas foram encabeçadas pelas arqueólogas Camila Azevedo Moraes e Valeria Cristina Ferreira e Silva: além de uma melhor caracterização dos padrões decorativos, os primeiros desenhos de bordas efetuados indicaram vasilhames pequenos a médios, globulares e de contorno infletido fechado – destinados à estocagem (Zanettini Arqueologia, 2002 b).

As ações de resgate vieram a indicar que o sítio em questão seria um típico assentamento indígena pré-colonial. Além de farto material cerâmico, havia presença de peças líticas (quebra-côco, lâmina de machado), bem como a ausência de material histórico em quantidade que pudesse atestar uma ocupação de período histórico. Todavia, durante as análises da etapa de doutoramento, foi identificado um fragmento de cerâmica histórica intrusiva, certamente oriundo⁴⁴ de uma reocupação posterior.

Durante os trabalhos, um tratorista prestou uma interessante informação à equipe: por volta de 1999 durante as atividades de lavra do cascalho laterítico neste sítio, o corte do maquinário no terreno revelou a presença de urnas cerâmicas contendo ossos humanos, peças líticas e contas de colar cujo material aparentava se tratar de resina, osso ou semente deteriorada, pois segundo o relato “se desmanchariam ao toque dos dedos”.

A profusão de exemplares cerâmicos decorados, somado ao fato do sítio ser superficial, além de informações quanto à presença de urnas funerárias, indicam também que o sítio em estudo poderia ter uma função especializada além da habitacional, entre as quais se destacaria a ritual funerária.

Com o prosseguimento de outros trabalhos, principalmente na área de Depressão do Guaporé (Zanettini Arqueologia 2006 a, 2007 a) a descoberta de fragmentos de *Cerâmica Capão do Canga* intrusiva em sítios associados às Fases Corumbiara e Pimenteira (800-1700 AD), bem como a presença de fragmentos de cerâmica Uru intrusivas em sítios de ocupação Capão do Canga, reforçaram ainda mais a hipótese de uma contemporaneidade pré-colonial, o que foi definitivamente atestado por análises de termoluminescência.

Apesar desta indústria cerâmica e seu sítio associado contarem com apenas duas

⁴⁴ Segundo informações prestadas em Março de 2009 pelo Sr. Elizeo Ferreira de Souza, antigo Tesoureiro da Prefeitura de Vila Bela, a área de Fazenda Lagoa do Encanto teria abrigado uma pequena comunidade rural negra, outro tema a ser futuramente estudado na área pelo Projeto Fronteira Ocidental.

datações (750 ± 80 e 1.000 ± 160 AP)⁴⁵ de TL, foi possível situar um horizonte de ocupação de 800-1300 AD, não pairando mais dúvidas quanto a ser uma ocupação cerâmica pré-colonial.

Passemos agora a uma descrição das características gerais da indústria da *Cerâmica Capão do Canga*.

9.2. Aspectos Gerais da Cerâmica Capão do Canga

É importante salientar que os aspectos gerais aqui descritos para esta indústria cerâmica, conforme já explanado, tem como coleção de referência o material procedente do sítio Capão do Canga, sendo enfatizados os pormenores principais e congruentes com as demais coleções cerâmicas afiliadas a esta ocupação pré-colonial. Nos capítulos seguintes, cada sítio contém uma análise detalhada de sua coleção cerâmica e lítica. De modo não raro será possível observar uma grande variabilidade de tratamentos de pastas, combinações de antiplásticos, tipos de queima, além de outros aspectos.

Pasta

A *Cerâmica Capão do Canga* se caracteriza por um uso predominante de pastas plásticas a muito plásticas, ou seja, apresentando respectivamente um percentual de 10- 30% e de 10% antiplástico em meio a uma matriz argilosa. O antiplástico predominante é a combinação do mineral com o cauixí, podendo estar associado com o caco moído e/ou bolota de argila. Os minerais são representados pelo quartzo (predominante), hematita (comum), mica (pouco) e feldspato (raro) sendo que seus diâmetros apresentam uma moda de 1-3 mm. O cariapé pode ocorrer em baixa porcentagem.

Técnica Construtiva e Espessura dos Vasilhames

A técnica construtiva é a de superposição de roletes, porém, as bases seriam confeccionadas pela técnica de construção modelada. As espessuras dos vasilhames variam de 2 a 25 mm, sendo predominante a espessura de 7 mm.

⁴⁵ Fragmentos cerâmicos associados a sedimentos.

Queima

A queima predominante é a oxidante do Tipo 2, com núcleos de seção uniforme variando do laranja tijolo ao amarelo. São também comuns as queimas redutoras ou insuficientes do Tipo 4 ou 7, cuja totalidade de carbono não queimou o suficiente, gerando respectivamente um núcleo uniforme de cor cinza ao preto ou, um núcleo escurecido espesso ladeado de faixas finas oxidadas bem definidas.

Superfície

Entre os tratamentos de superfície externa e interna, o mais comum é o de alisamento, em alguns exemplos é possível se observar estrias provocadas durante o seu processo. Ocorrem em menores percentuais o banho e o engobo vermelhos, bem como o enegrecimento e a brunidura. Raramente há o polimento, o engobo creme. Todos esses acabamentos podem ocorrer de forma isolada ou combinada entre si. Conforme se verá nas descrições das coleções cerâmicas a seguir, o erodido é desconsiderado nas combinações de tratamento de superfície, visto se tratar de uma consequência de fenômenos de intemperismo comuns aos processos sin e pós deposicionais na formação do sítio.

Um pormenor a se considerar é a possibilidade de alguns exemplos de enegrecimento se tratar de bruniduras submetidas a processos de intemperismo ou irradiação solar de suas superfícies, cujo resultado é a perda do brilho característico a este tipo de acabamento de superfície.

Decoração Plástica

O **inciso** é o tipo de decoração plástica predominante, seguido pelo pintado. As demais decorações como o raspado, estocado, ungulado ou digitado são quase raras, principalmente as duas últimas, cujas presenças nos vasilhames tendem a ocorrer mais como acidentes durante o processo de confecção, do que como elementos decorativos pré-concebidos.

A decoração incisa era aplicada sobre a face externa dos vasilhames, cujos principais tratamentos prévios de superfície eram o de alisamento ou de enegrecimento, sendo poucos os exemplos incisos associados a banho e engobo vermelhos ou brunidura. Incisões associadas a

polimentos são raras.

Os motivos ocorrem preferencialmente no bojo dos vasilhames, bem como em suas bordas, pouco abaixo da linha do lábio, com predomínio daquelas com morfologia extrovertida, seguidas de poucas com morfologia direta. Às vezes uma incisão poderia atingir a base do vasilhame durante sua confecção.

Provavelmente o instrumento de incisão empregado seria um espinho de palmeira de tucum (*Astrocarium spp.*), cabendo ao artesão a escolha da largura da linha a ser incisa: para um trabalho mais tênue bastaria utilizar a extremidade aguçada e, para as incisões mais grossas bastaria romper o espinho utilizando sua seção da porção mediana ou da base, formando assim uma extremidade rombuda.

Foi possível definir seis padrões principais de motivos plásticos incisos (**Figura 1**):

1) Linha unitária simples: ocorre no limite da porção superior do bojo com a da porção inferior da borda, como se tivesse uma função de “divisora” entre esses espaços específicos da superfície dos vasilhame. Pode se associar ao padrão de linhas compostas entrecruzadas.

2) Linhas compostas horizontais: é igual ao padrão da linha unitária simples, porém, apresenta duas ou mais linhas dispostas de modo sub-paralelo entre si, geralmente não obedecendo a uma regularidade de espaços.

3) Linhas compostas verticais: ocorrem geralmente no bojo do vasilhame, em alguns casos na borda, tendem a apresentar uma regularidade de espaçamentos entre si.

4) Linhas compostas diagonais: ocorrem geralmente no bojo do vasilhame, em alguns casos na borda, tendem a apresentar uma regularidade de espaçamentos entre si. Subdividem-se em:

4-a) diagonal à direita: linhas diagonais inclinadas à direita.

4-b) diagonal à esquerda: linhas diagonais inclinadas à esquerda.

5) Linhas compostas entrecruzadas: é o padrão mais recorrente nesta indústria cerâmica e ocorre geralmente no bojo do vasilhame. Subdivide-se em:

5-a) entrecruzado regular: apresenta um espaçamento regular entre as linhas, as quais estão cruzadas entre si, configurando harmonicamente múltiplos losângulos ou “escamas de peixe”.

5-b) entrecruzado aleatório: as linhas estão cruzadas entre si, mas de modo irregular, não obedecendo a um espaçamento regular.

5-c) entrecruzado regular e horizontal: há um espaçamento regular entre as linhas entrecruzadas, porém, seus pontos de interseção se encontram harmonicamente cortados por linhas horizontais, regularmente espaçadas entre si.

5-d) entrecruzado regular e vertical: há um espaçamento regular entre as linhas entrecruzadas, porém, seus pontos de interseção se encontram harmonicamente cortados por linhas verticais, regularmente espaçadas entre si.

5-e) reticulado e diagonal à direita: apresenta um espaçamento regular entre as linhas, as quais estão cruzadas entre si em ângulo reto, configurando harmonicamente múltiplos quadrados ou “jogo-da-velha”. Porém, seus pontos de interseção se encontram harmonicamente cortados por linhas diagonais inclinadas à direita, regularmente espaçadas entre si.

5-f) reticulado e diagonal à esquerda: apresenta um espaçamento regular entre as linhas, as quais estão cruzadas entre si em ângulo reto, configurando harmonicamente múltiplos quadrados ou “jogo-da-velha”. Porém, seus pontos de interseção se encontram harmonicamente cortados por linhas diagonais inclinadas à esquerda, regularmente espaçadas entre si.

6) Vestígios: quando o intemperismo afetou a superfície dos fragmentos cerâmicos, de modo que, só é possível reconhecer vestígios de decoração plástica incisa.

Como técnicas decorativas plásticas associadas, o **inciso** pode apresentar o acordelado⁴⁶, escovado, estocado, pontado, digitado e o ungulado⁴⁷. O pintado pode ocorrer na forma de uma faixa vermelha espessa sobre o lábio do vasilhame.

⁴⁶ Além de ser uma técnica construtiva, é uma forma de decoração plástica quando apenas uma face do vasilhame é alisada.

⁴⁷ Os dois últimos mais como acidentes no processo de confecção do vasilhame do que uma idéia pré-concebida.

Figura 4 – Padrões decorativos nos motivos plásticos incisos da Cerâmica Capão do Canga.

Decoração Pintada

Quanto à decoração pintada esta ocorre exclusivamente na cor vermelha, de modo que os pigmentos seriam obtidos a partir da maceração de óxidos férricos presentes nos depósitos lateríticos ou de “pedra-canga” bastante abundantes nas áreas alagadiças da região em estudo.

Os motivos pintados eram aplicados sobre a face externa dos vasilhames, cujo principal tratamento prévio de superfície era o de alisamento. Raramente foram aplicados sobre a brunidura, o engobo ou o banho vermelhos. Nos dois últimos casos, os motivos pintados envolveriam o uso de um pigmento de tonalidade mais forte que o utilizado no acabamento de superfície.

Os motivos ocorrem preferencialmente no bojo dos vasilhames, bem como em suas bordas, pouco abaixo da linha do lábio, com predomínio daquelas com morfologia direta, seguidas de poucas com morfologia extrovertida.

É possível que o instrumento utilizado para produzir a pintura fosse algum graveto ou haste de taquara com uma extremidade entalhada de forma espatulada, no caso de faixas largas, ou, de ponta triangular aguçada, no caso de faixas mais finas.

1) Faixa unitária simples: ocorre sobre o lábio, ou, na porção superior do bojo com a da porção inferior da borda, como se tivesse a função de *divisora* entre esses espaços específicos da superfície dos vasilhame. Pode se associar ao padrão de faixas compostas entrecruzadas, funcionando como uma “moldura” para o campo pintado do bojo com este motivo.

2) Faixas compostas horizontais: é igual ao padrão da linha unitária simples, porém, apresenta duas ou mais linhas dispostas de modo regular e paralelo entre si.

3) Faixas compostas verticais: ocorrem geralmente no bojo do vasilhame e, em alguns casos na borda, dispostas em fileira, neste caso, associando-se também aos padrões de faixas unitárias simples, compostas horizontais e entrecruzadas.

4) Faixas compostas diagonais: ocorrem geralmente no bojo do vasilhame, tendem a apresentar uma regularidade de espaçamentos entre si, tendo sido reconhecido apenas linhas diagonais inclinadas à direita.

5) Faixas compostas entrecruzadas: entre as peças pintadas, este é o padrão mais recorrente na coleção analisada e ocorrem geralmente no bojo do vasilhame, exibindo um espaçamento regular entre as linhas, as quais estão cruzadas entre si, configurando harmonicamente múltiplos losângulos ou “escamas de peixe”.

6) Vestígios: quando o intemperismo afetou a superfície dos fragmentos cerâmicos, de modo que, só é possível reconhecer vestígios de pintura.

Como técnica decorativa associada, bordas contendo vestígios de pintura vermelha podem exibir no lábio decoração plástica estocada.

Marcas de Usos e Pátinas

As principais marcas de uso são representadas por depósitos de carbono na face interna e/ou fuligem na face externa. Descamações e pátinas na face externa são raras. Em grande parte ocorrem sobre paredes com decorações plásticas incisas e em poucas peças pintadas ou sem decoração (porém com acabamento de enegrecimento, brunidura, engobo vermelho ou polimento).

Morfologia e Função dos Vasilhames

A partir de reconstituições de perfis de bordas há um predomínio de formas *extrovertidas* sendo estas seguidas pelas *diretas*.

As bordas com morfologia *extrovertida* em uma ordem decrescente de predomínio apresentam inclinações de bordas dos tipos *inclinada interna*, *inclinada externa* e a *vertical*. Há um predomínio de espessura *normal* do lábio em relação à borda, sendo bem poucas as de espessura *reforçada externa* ou *interna*, *expandida* ou *não identificada*. O diâmetro de seus vasilhames oscila de 6 a 26 cm, sendo mais freqüente entre 10 e 12 cm. Quanto aos tipos de lábio, em ordem decrescente predominam os *arredondados*, *planos*, *apontados*, cujas espessuras variam de 2 a 8 mm, com predomínio de 7 mm. De um modo geral os vasilhames apresentam formas *fechadas*.

As bordas com morfologia *direta* em ordem decrescente de predomínio apresentam inclinações de bordas dos tipos *inclinada interna*, *inclinada externa* e a *vertical*. Há um predomínio de espessura *normal* do lábio em relação à borda, sendo poucas as de espessura *reforçada externa* ou *não identificada*. O diâmetro de seus vasilhames oscila de 5 a 36 cm, sendo mais freqüente entre 10 e 12 cm. Quanto aos tipos de lábio, em ordem decrescente predominam os arredondados, planos, apontados, cujas espessuras variam de 3 a 10 mm, com predomínio de 3 a 5 mm. De um modo geral os vasilhames apresentam formas fechadas.

Quanto aos tipos de bases ocorrem as de morfologia *plana* com ângulos de abertura de 140° e 160°, diâmetros de 10 e 14 cm, e faces externas rugosas⁴⁸ ou com decoração plástica digitada; há também as de morfologia *convexa* com faces externas rugosas a alisadas, bem como as *anelares* com ângulos de abertura de 120° e 150° e diâmetros de 8 e 16 cm.

Entre as principais formas⁴⁹ e suas respectivas funções temos:

CG 1- Tigelas fundas de formato geral semi-esférico, com bordas diretas verticais normais, ligeiramente abertas a ligeiramente fechadas, boca circular a elíptica (rara) e contorno simples, lábios planos a arredondados, diâmetros de 10 a 36 cm. As peças de maior diâmetro

⁴⁸ Ocasionadas pelo contato direto do vasilhame com o solo ou uma superfície irregular durante sua confecção.

⁴⁹ Apresentam o prefixo “CG” para especificar a *Cerâmica Capão do Canga*.

teriam a função de serviço ou mesmo cocção de alimentos e bebidas (presença de fuligem em suas faces externas), quanto às peças de menor diâmetro estas teriam a função de serviço e consumo de alimentos ou bebidas.

CG 1A- Tigelas fundas de formato geral globular, com bordas diretas verticais reforçadas externas, ligeiramente abertas, boca circular e contorno simples, lábios planos a arredondados, diâmetros de 14 a 20 cm. Poderiam ter a função de serviço e consumo de alimentos ou bebidas, porém as presenças de fuligem em suas faces externas ou de depósitos de carbono nas faces internas apontam que poderiam ter também a função de cocção de alimentos ou bebidas.

CG 2- Tigelas predominantemente rasas, porém ocorrem algumas formas de profundidades medianas, exibem bordas diretas inclinadas externas normais a reforçadas externas (poucas); ligeiramente abertas, abertas a muito abertas. A boca é circular, embora haja possibilidade de ocorrer exemplos com boca elíptica, o contorno é simples, lábios planos, arredondados a apontados, diâmetros de 5 a 26 cm. Em um modo geral pode se pensar que teriam uma função de serviço e consumo de alimentos, mas a presença de fuligem na face externa e depósitos de carbono na face interna de algumas peças apontam um uso ao fogo. Outro ponto a se chamar a atenção é a possibilidade das peças menores terem uma função ritual ou quiçá lúdica.

CG 3- Vasilhames globulares de boca circular constricta de contorno simples a composto. As bordas são diretas inclinadas internas normais, sendo as formas fechadas, ligeiramente fechadas e ligeiramente abertas, lábios planos, arredondados a apontados. O contorno composto tende a ocorrer em vasilhames cuja forma é fechada com presença de um ponto angular em sua porção mediana⁵⁰. Diâmetros de 8 a 28 cm. Esta forma teria a função de armazenagem d'água ou bebidas alcoólicas, ou mesmo alimentos (grãos, farinha de milho, mandioca ou peixe seco), visto a boca constricta auxiliar no equilíbrio da temperatura de

⁵⁰ Detalhe também observado através de um exemplar quase completo doado ao Museu Histórico e Arqueológico de Vila Bela (ver Doação 10). Conteria restos ósseos humanos de indivíduo infantil, apontando também para uma função funerária desta forma de vasilhame.

líquidos e, mínimo contato com o ar no caso de armazenagem de alimentos. Todavia, a presença de fuligem na face externa de alguns exemplos também aponta uma utilização ao fogo.

CG 3A- É uma variação da Forma 3, porém apresenta uma diferença em que as bordas são diretas inclinadas internas reforçadas externas, fechadas, lábios arredondados a apontados, diâmetros de 10 e 18 cm. Função: como CG 3 (armazenagem).

CG 4- Vasilhames de boca circular ampliada, contorno infletido e bojo globular, apresentam bordas extrovertidas verticais a inclinadas externas, com espessuras normais, reforçadas externas ou expandidas. Lábios planos, arredondados a apontados. Diâmetros de 6 a 20 cm. Função: poucos exemplos exibiram vestígios de marca de fuligem na face externa e/ou depósito de carbono na face interna, que pudessem indicar utilização ao fogo, é provável que, as peças de maior diâmetro teriam este uso. Há peças de dimensões pequenas, com diâmetros de boca entre 6 e 8 cm, cujas funções poderiam ser rituais, lúdicas ou mesmo a armazenagem de pequenos itens. As peças com diâmetros médios de boca (10 a 12 cm) poderiam ter a função de serviço e consumo de alimentos.

CG 5- Vasilhames globulares de boca circular constricta e contorno simples. As bordas são extrovertidas inclinadas internas, com espessuras normais, expandidas ou reforçadas internas. Lábios planos a arredondados. Diâmetros de 6 a 26 cm. Função: teriam a mesma função descrita para as Formas 3 e 3A, cujas dimensões conferem aos vasilhames a armazenagem de grandes volumes de água, bebidas ou alimentos. Algumas peças apresentaram a presença de fuligem na face externa e/ou depósito de carbono na face interna, indicando também uma função de cocção ao fogo. Um pormenor a se pensar é a possibilidade de que essas grandes vasilhas globulares poderiam ser levadas ao fogo para o preparo de grandes refeições coletivas, ou mesmo em um processo de apuração de bebidas fermentadas, as quais exigiriam aquecimento durante seu fabrico, logo, esses grandes vasilhames não teriam apenas a função de armazenagem, mas também o preparo de seu conteúdo.

PRANCHA 03 - FORMAS GERAIS PARA A CERÂMICA CAPÃO DO CANGA

CG 1

CG 1A

CG 2

CG 3

CG 3A

CG 4

10cm

PRANCHA 04 - FORMAS GERAIS PARA A CERÂMICA CAPÃO DO CANGA

CG 5

10cm

Artefatos Cerâmicos Específicos

A partir de fragmentos cerâmicos reciclados⁵¹ podem ocorrer pesos de fusos, ao julgar por vestígios de perfurações, ou, pesos de redes, ao julgar por sulcos entalhados em todo o entorno do vasilhame para amarração de um cordão, neste caso, não se descartando também uma função lúdica.

9.3. Aspectos gerais das Indústrias Cerâmicas da Micro-Bacia do Córrego Banhado (Depressão do Guaporé)

O conjunto de sítios levantado neste compartimento geomorfológico está inserido na micro-bacia do Córrego Banhado, a qual está contida na Sub-bacia do rio Galera. O material cerâmico apresentou algumas características comuns às Fases Corumbiara e Pimenteira (800-1700 AD) definidas para o alto-Médio Guaporé por Miller (1983). Entre estas são possíveis reconhecer alguns perfis de bordas de vasilhames e elementos decorativos acentuados, principalmente os motivos incisos e ponteados.

Esses elementos muitas vezes ocorrem associados em um mesmo sítio, de modo que é difícil reconhecer uma diferença precisa entre ambas essas fases⁵². Assim, de um modo geral, o compartimento geomorfológico drenado pela micro-bacia do Córrego Banhado foi considerado como uma área cultural em comum, sendo suas indústrias cerâmicas denominadas *Indústrias Cerâmicas da Micro-Bacia do Córrego Banhado*.

Os materiais cerâmicos procedentes dos sítios Subestação Galera e Franco do Amaral são as coleções de referência para esta indústria, cujos aspectos principais são agora descritos, baseados nos pormenores principais e congruentes com as demais coleções cerâmicas afiliadas a esta ocupação pré-colonial.

⁵¹ Utiliza-se aqui o termo “reciclado” de acordo com a proposição de Schiffer (1972).

⁵² Miller (1983:255, 285) chama a atenção quanto à dificuldade de diferenciação entre ambas essas fases, visto que, as datações de C-14 muitas vezes eram conflitantes com a estratigrafia dos sítios e a mescla com elementos históricos e quiçá pré-ceramistas, podendo serem inseridas em um mesmo complexo.

Pasta

As *Indústrias Cerâmicas da Micro-Bacia do Córrego Banhado* se caracterizam por um uso predominante de pastas plásticas (10-30% de antiplástico) e um considerável uso de pastas muito plásticas (cerca de 10% de antiplástico) a secas (mais de 30 % de antiplástico). É uma cerâmica muito rica em antiplástico mineral cujos diâmetros gerais apresentam moda de 1-3 mm, conferindo um aspecto arenoso fino, com boa seleção dos grãos. De modo predominante o mineral ocorre isolado ou combinado com o caco moído e o cauxí, ou ainda associado à bola de argila.

Os minerais são representados pelo quartzo (predominante), podendo este medir de 1 a 13 mm, sendo mais frequentes os diâmetros de 2 a 4 mm; a hematita e a mica são mais raras, mas a segunda pode também atingir altos percentuais em alguns sítios. Antiplásticos orgânicos como o cariapé e o cauxí, tendem a ocorrer em baixa porcentagem.

Técnica Construtiva e Espessura dos Vasilhames

A técnica construtiva é a de superposição de roletes, porém, a técnica modelada era utilizada para confecção de miniaturas de vasilhames ou de alguns artefatos cerâmicos específicos (pesos e rodela de fusos, conexões de vasilhames, etc.). As espessuras dos vasilhames variam de 4 a 24 mm, sendo predominante as espessuras de 6 e de 8 mm.

Queima

As queimas predominantes são as oxidantes do Tipo 1 e 2, com núcleos de seção uniforme variando do laranja tijolo ao amarelo ou do cinza claro ao pardo. As de Tipo 4 e 7 também podem ocorrer em grandes porcentagens, respectivamente exibindo um núcleo uniforme escurecido ou ladeado por camadas finas oxidadas bem finas.

Superfície

Entre os tratamentos de superfície externa e interna, o mais comum é o de

alisamento. Ocorrem em menores percentuais o banho e o engobo vermelhos, o enegrecimento, a brunidura e o polimento. Todos esses acabamentos podem ocorrer de forma isolada ou combinada entre si. Conforme se verá nas descrições das coleções cerâmicas a seguir, o erodido é desconsiderado nas combinações de tratamento de superfície, visto se tratar de uma consequência de fenômenos de intemperismo comuns aos processos sin e pós deposicionais na formação do sítio.

Um pormenor a se considerar é a possibilidade de alguns exemplos de enegrecimento se tratar de bruniduras submetidas a processos de intemperismo ou irradiação solar de suas superfícies, cujo resultado é a perda do brilho característico a este tipo de acabamento de superfície.

Decoração Plástica

Acanalado- ocorre associado ao tratamento externo de alisamento ou enegrecimento, sendo os motivos efetuados sobre bordas ou paredes, sob a forma de faixas compostas horizontais, paralelas às bordas; como técnica associada, os intervalos entre essas faixas, apresentam como decoração plástica associada o **ponteadado** ou **estocado** no motivo de fileiras de pontos ou estoques.

Estocado- ocorre associado ao alisamento onde entalhes são executados continuamente ao longo dos lábios de vasilhames ou rodela de fuso.

Inciso- ocorre associado ao tratamento de superfície de alisamento, polimento ou banho vermelho, sendo os motivos efetuados sobre bordas ou bojos, sob a forma de linhas unitárias horizontais ou compostas em padrões geométricos: linhas concêntricas ou escalonadas duplas associadas a “quadros” de linhas compostas verticais.

Nodulado- ocorre associado ao tratamento de superfície de alisamento, o nódulo é aplicado pouco abaixo da linha do lábio sendo a este creditado mais uma aplicabilidade funcional (preensão ou apoio do vasilhame) do que um elemento decorativo; pode ocorrer perfurado para passagem de um cordão.

Ponteadado- ocorre associado ao engobo vermelho no motivo de uma única marca efetuada com um instrumento de ponta dupla em fragmento de parede.

Marcas de Usos e Pátinas

As principais marcas de uso são representadas por fuligem na face externa ou sua associação com depósitos de carbono na face interna. Descamações ou a presença exclusiva depósitos de carbono na face interna são raras.

Morfologia e Função dos Vasilhames

A partir de reconstituições de perfis de bordas há um predomínio de formas *diretas* sendo estas seguidas pelas *extrovertidas*.

As bordas com morfologia direta apresentam inclinações dos tipos *inclinada externa*, *inclinada interna* e *vertical*. Há um predomínio de espessura *normal* do lábio em relação à borda, sendo poucas as de espessura *reforçada externa* ou *interna*, e raras as *expandidas ou carenadas*. O diâmetro de seus vasilhames oscila de 4 a 46 cm, com médias de 14, 15, 18, 21 e 29 cm e moda de 14 cm. Quanto aos tipos de lábio, estes são planos, arredondados, apontados ou biselados, cujas espessuras variam de 2 a 21 mm, com predomínio de 4 ou 5 mm. Predominam formas abertas.

As bordas com morfologia extrovertida apresentam inclinação de borda do tipo *inclinada externa*. Há um predomínio de espessura normal do lábio em relação à borda, sendo poucas as de espessura *reforçada externa*. O diâmetro de seus vasilhames oscila de 8 a 34 cm, com médias de 14, 17 e 19 cm e modas de 10 e 12 cm. Quanto aos tipos de lábio, predominam os arredondados, planos, apontados, sendo pouco os biselados, suas espessuras variam de 2 a 24 mm, com médias de 4 mm e moda de 3-5 mm. Predominam formas abertas.

Há um raro caso com morfologia introvertida, apresenta uma inclinação de borda *inclinada interna*, sendo *normal* a espessura do lábio em relação à borda. Apresenta um diâmetro de 8 cm, com um lábio de tipo apontado e espessura de 4 cm. A forma do vasilhame seria ligeiramente fechada.

Quanto aos tipos de bases ocorrem as de morfologia *plana* com ângulos de abertura de 140°, 150° e 160°, diâmetros de 8 a 28 cm, há peças pertencentes a cuscuzeiros ao julgar pela presença de perfurações, um indicativo de consumo de produtos à base do milho, bem como de uma provável influência da **Tradição Uru**.

Há também as de morfologia *convexa* com diâmetro é de 32 cm, em alguns casos

com acabamento de superfície mal alisado, vagamente lembrando uma decoração corrugada.

Quanto às bases côncavas, estas apresentaram ângulos de bases de 120°, 140° e 160°, com diâmetros de 6, 14 e 34 cm.

Formas e Funções dos Vasilhames

Através da coleção analisada foi possível reconstruir 21 formas⁵³ de utensílios e/ou vasilhames cerâmicos:

CB 1-Tigela semi-esférica de boca circular e contorno simples, borda direta vertical com espessura normal, expandida ou reforçada externa, ligeiramente aberta, lábio plano, diâmetro: 10 a 14 cm. Função: serviço e consumo de alimentos ou bebidas.

CB 2-Assadeiras de contorno circular com bordas diretas inclinadas externas de espessuras normais a expandidas, muito abertas, lábios arredondados, planos ou biselados, diâmetros: 12 a 40 cm; base plana ou côncava. Função: assar ou torrar produtos à base de mandioca (beiju) ou milho.

CB 3-Pratos ou tigelas rasas de boca circular com bordas diretas inclinadas externas de espessuras normais; abertas a muito abertas; lábios arredondados, apontados a planos, diâmetros: 14 a 34 cm. Função: serviço ou consumo de alimentos.

CB 4-Tigelas rasas ou de profundidades medianas, boca circular e contorno infletido com borda direta inclinada externa de espessura normal, aberta, lábio arredondado, diâmetros: 14 a 16 cm. Função: serviço e consumo.

CB 5-Tigelas fundas de boca circular e contorno simples, bordas diretas inclinadas externas de espessuras normais, ligeiramente abertas a abertas, lábios planos a arredondados, bases planas, diâmetros: 12 a 44 cm. Função: consumo ou serviço, respectivamente envolvendo peças de diâmetros menores e maiores. Poderiam ser usadas como tampas de urnas funerárias.

⁵³ Apresentam o prefixo “CB” para especificar as *Indústrias Cerâmicas da Micro-Bacia do Córrego Banhado*.

CB 6-Tigelas com abertura intermediária entre as formas CB 3 e CB 5, apresentam boca circular e contorno simples, bordas diretas inclinadas externas com espessura de reforço externo, ligeiramente abertas a abertas, lábios planos, arredondados e apontados, diâmetros: 8 a 46 cm. Função: consumo ou serviço, respectivamente envolvendo peças de diâmetros menores e maiores.

CB 6A-Tigelas de profundidades medianas, boca circular e contorno composto, bordas diretas inclinadas externas carenadas, fechada a ligeiramente aberta, lábio apontado, diâmetros: 10 a 28 cm. Função: consumo ou serviço de alimentos ou bebidas.

CB 7-Vasilhas com boca circular ampliada, pescoço constricto, contorno infletido e bojo globular. As bordas são diretas inclinadas externas de espessura normal, ligeiramente abertas a abertas, lábios planos a arredondados, diâmetros: 14 a 34 cm. Função: cocção de alimentos ou de bebidas visto à constrição do pescoço do vasilhame tender a concentrar o calor em seu interior.

CB 8-Vasilhas globulares de boca circular constricta de contorno simples. As bordas são diretas inclinadas internas de espessura normal, ligeiramente aberta, ligeiramente fechadas a fechadas; lábios planos, arredondados, apontados e biselados, diâmetros: 4 a 32 cm. Função: armazenagem de líquidos ou alimentos (ex: grãos, derivados farináceos de milho ou mandioca), visto que, a boca constricta auxilia no equilíbrio da temperatura e em um menor contato com o ar no caso de estocagem de alimentos. Peças com diâmetros menores poderiam ter a função de armazenagem de pequenos itens, ou no caso de miniaturas, uma função lúdica. Há exemplos de utilização para práticas funerárias.

CB 8A-Vasilhas de boca circular e contorno simples, com borda direta inclinada interna de espessura normal, ligeiramente fechada, lábio plano e diâmetro de 8 cm. Função: como na forma CB 8 (armazenagem). Apresenta nódulo aplicado abaixo do lábio, podendo este exibir perfuração para passagem de um cordão, permitindo o recipiente ser suspenso em atividade doméstica, lúdica ou cerimonial.

CB 8B- Vasilhame globular de boca circular constricta e de contorno simples. A borda é direta inclinada interna de espessura reforçada externa; ligeiramente fechada, fechada ou ligeiramente aberta, lábio arredondado, diâmetro: 10 a 16 cm. Função: como na Forma CB 8,

porém, as de menores diâmetros indicam a possibilidade de armazenagem de pequenos volumes.

CB 9-Vasilhames globulares de boca circular constricta e provável contorno composto, com presença de um ponto angular em sua porção mediana. Borda direta inclinada interna de espessura normal, ligeiramente fechada a fechada, lábio plano a arredondado e diâmetro de 20 e 32 cm. Função: como na forma CB 8 (armazenagem). São semelhantes às formas CG 3 e CG 3A da *Cerâmica Capão do Canga*, não se descartando a hipótese de se tratarem de peças associadas a esta indústria obtidas por trocas.

CB 10-Vasilhas de boca circular e de pescoço constrictos, contorno infletido e bojo globular, ligeiramente aberto ou ligeiramente fechado. Borda direta inclinada interna de espessura normal, lábio plano a arredondado e diâmetros de 12 e 20 cm. Função: como na Forma CB 8 (armazenagem).

CB 11-Vasilhas globulares de boca circular constricta e de contorno simples. As bordas são diretas inclinadas internas de espessura reforçada interna a externa ou expandida, ligeiramente fechadas a ligeiramente abertas, lábios planos a arredondados, diâmetros: 8 a 24 cm. Função: serviço e consumo, porém, algumas peças apresentam vestígios de fuligem na superfície externa e depósitos de carvão na superfície interna, indicando também um uso desta peça ao fogo (cocção).

CB 12-Vasilhas de boca circular ampliada, contorno infletido e de bojo levemente globular, ligeiramente abertas. As bordas são extrovertidas inclinadas externas de espessura normal a reforçada, lábios planos, apontados ou arredondados, diâmetros: 8 a 34 cm. Função: peças com maiores diâmetros de boca teriam uma função de cocção de alimentos ou bebidas, o que é atestado por vestígios de fuligem na face externa e nódulos aplicados abaixo do lábio: além de decoração, funcionariam para prensão e manuseio do recipiente ao fogo; peças menores teriam a função de serviço e consumo de alimentos ou bebidas.

CB 13-Vasilhas de boca circular ampliada, contorno infletido e de bojo globular mais acentuado. As bordas são extrovertidas inclinadas externas de espessura normal ou reforçada externa a interna; ligeiramente abertas, abertas ou muito abertas; os lábios são planos,

arredondados, apontados e biselados; diâmetros: 8 a 28 cm. Função: peças com maiores diâmetros de boca teriam uma função de cocção de alimentos ou bebidas, o que também é atestado por vestígios de fuligem na face externa, depósitos de carbono na face interna e raros nódulos aplicados abaixo do lábio: além de decoração, funcionariam para apreensão e manuseio do vasilhame ao fogo; peças menores (diâmetro de boca de 8 a 10 cm) teriam a função de serviço e consumo de alimentos e bebidas, ou mesmo a armazenagem de pequenos itens.

CB 13 A- Vasilhames de boca circular ampliada, contorno infletido e de bojo globular mais acentuado, porém apresentam pontos angulares na porção do bojo, ou mesmo na superfície interna das bordas. Essas, por sua vez, são extrovertidas inclinadas externas de espessura normal, abertas, lábios planos ou arredondados, diâmetros: 10 a 16 cm. Função: cocção de alimentos ou bebidas.

CB 14- Jarra de boca circular constrita, levemente infletida e de bojo ampliado, a borda é extrovertida inclinada interna reforçada externa, aberta, lábio plano, diâmetro: 26 cm. Função: armazenagem de volumes líquidos.

CB 15- Jarra de boca circular constrita, contorno infletido e de bojo globular mais acentuado. A borda é introvertida inclinada interna normal, aberta, lábio apontado, diâmetro: 8 cm. Função: armazenagem de volumes líquidos, ou quiçá, lúdica.

CB 16-Vasilhas globular de boca circular constrita de contorno simples. A borda é extrovertida inclinada interna de espessura normal, ligeiramente fechada, lábio arredondado, diâmetro: 10 cm. Função: armazenagem de pequenos volumes. São semelhantes às formas CG 5 da *Cerâmica Capão do Canga*, não se descartando a hipótese de se tratarem de peças associadas a esta indústria obtidas por trocas.

CB 17-Vasilhas globulares de boca circular constrita de contorno simples. A borda é extrovertida inclinada interna de espessura reforçada externa, ligeiramente fechada, lábio apontado, diâmetro: 12 cm. Função: armazenagem de pequenos volumes.

PRANCHA 05 - FORMAS RECONSTITUÍDAS PARA AS INDÚSTRIAS CERÂMICAS
DA MICRO-BACIA DO CÓRREGO BANHADO

CB 1

CB 2

CB 3

CB 4

CB 5

CB 6

CB 6A

PRANCHA 06 - FORMAS RECONSTITUÍDAS PARA AS INDÚSTRIAS CERÂMICAS
DA MICRO-BACIA DO CÓRREGO BANHADO

CB 7

CB 8

CB 8A

CB 8B

CB 9

PRANCHA 07 - FORMAS RECONSTITUÍDAS PARA AS INDÚSTRIAS CERÂMICAS
DA MICRO-BACIA DO CÓRREGO BANHADO

CB 10

CB 11

CB 12

CB 13

PRANCHA 08 - FORMAS RECONSTITUÍDAS PARA AS INDÚSTRIAS CERÂMICAS
DA MICRO-BACIA DO CÓRREGO BANHADO

CB 13

CB 13A

CB 14

CB 15

CB 16

CB 17

Artefatos Cerâmicos Específicos

Calibradores: Conhecidos também como torneadores (Miller 1983: estampa 14), trata-se de fragmentos cerâmicos reciclados⁵⁴ utilizados para polimento em peças de seção cilíndrica, provavelmente hastes ou armações de flechas de madeira ou taquara, visto que o antiplástico da pasta funcionaria como um abrasivo. Em geral exibem uma ou mais canaletas de seção semicircular milimétrica, paralelas ou entrecruzadas umas às outras, ocupando uma ou as duas faces do fragmento cerâmico.

Paredes Perfuradas: Embora não entrem na classificação de *artefatos cerâmicos específicos*, alguns fragmentos são chamativos de atenção, visto apresentarem perfurações cônicas, tendo estas sido iniciadas na face externa. Certamente foram efetuadas para passagem de um cordão e suspensão do vasilhame em atividades domésticas ou cerimoniais⁵⁵. Não se descarta também a possibilidade de serem pesos de fuso em elaboração a partir de fragmentos cerâmicos reciclados ou mesmo uma tentativa de restauro de vasilhames danificados.

Pesos de Fusos: confeccionados a partir da técnica construtiva modelada, com pasta predominantemente mineral, ou com teores de cauxí e/ou caco moído. Em geral exibem uma seção biconvexa e são de formato estrelado com quatro, cinco ou seis pontas, contendo um furo central com diâmetro de 4 a 6 mm para passagem de uma vareta, na qual o algodão era fiado.

Rodelas de Fuso: Rodelas de fuso de formato discóide confeccionadas por técnica de polimento a partir de fragmento cerâmico reciclado.

Pingentes: Pingentes ou contas de colares confeccionados por técnica modelada.

⁵⁴ Utiliza-se aqui o termo *reciclado* de acordo com a proposição de Schiffer (1972).

⁵⁵ Vide caso do vasilhame pintado com perfurações associado ao conjunto funerário do Sítio Santa Rosa.

10. OS COMPARTIMENTOS GEOMORFOLÓGICOS E SEUS SÍTIOS

Aqui será descrito o conjunto de sítios levantados de acordo com cinco padrões de implantação, distribuídos de acordo com os três grandes domínios geomorfológicos anteriormente mencionados.

10.1. A Planície e Pantanal do Alto/Médio Guaporé

Esta feição geomorfológica divide-se em dois sub-compartimentos: *Planícies Fluviais do Alto Guaporé (Terras Baixas)* e *Planície do “Pantanal Alto Guaporé” (Pantanal)*, de modo que até o momento só foram identificados sítios no primeiro por parte do Projeto Fronteira Ocidental.

Por outro lado, quanto à Planície do “Pantanal Alto Guaporé” há registros de sete sítios levantados por Miguel Gleiser e Oldemar Blasi na porção ocidental do Rio Barbado (considerado um dos limites desta feição geomorfológica), entre estes, citamos: MT-GU-01/96 ao MT-GU-06/96 e MT-GU-11/96 (SPVS 1997 b: 86). Porém, não dispomos de maiores descrições desses sítios e de seus vestígios materiais. Uma urna funerária, pertencente ao acervo do Museu de Vila Bela (Doação 23 a/b) procedente da Ponta do Aterro, início do Pantanal alto guaporeano, possivelmente procede do sítio MT-GU-02/96. Certamente, futuros trabalhos exploratórios na Planície do “Pantanal Alto Guaporé” revelarão ainda ricos vestígios arqueológicos considerando que as pesquisas desenvolvidas no mesmo bioma das regiões vizinhas de Corumbá e Cáceres têm revelado importantes dados ⁵⁶ (Oliveira 1995, 2002; Migliacio 2000, 2001, 2001/2002).

As *Planícies Fluviais do Alto Guaporé (Terras Baixas)* tratam-se de “Áreas Tipo Igapó”, junto aos canais dos principais rios, divididas em Planícies Amplas (A.1) e Planícies Fluviais Restritas (A.2). A tabela 16 resume os sítios indígenas e multicomponenciais cadastrados neste compartimento geomorfológico.

Nas Planícies Amplas (A.1) foram observados dois padrões de implantação de sítios ceramistas ou multicomponencias:

O primeiro padrão, de grande interesse para esta tese, diz respeito a terrenos de crostas lateríticas contidos em terrenos sazonalmente inundáveis, localmente denominados

⁵⁶ Às vésperas do fechamento desta tese, recebi a informação quanto a um lote de fragmentos cerâmicos doados ao museu da cidade de Vila Bela da Ssa. Trindade, procedentes da localidade do Palmarito, na Baía Grande, fronteira Brasil/Bolívia. Imagens enviadas pelo auxiliar de curadoria Hoffman Said Dias permitiram uma afiliação com a *Cerâmica Capão do Canga*, conforme abordaremos nos capítulos seguintes.

*corixos*⁵⁷ ou *parís*, os quais assumem feições de “ilhas” nos períodos das cheias, bem destacadas na paisagem. Esses terrenos geralmente comportam matas de terra-firme com florestas estacionais. São representados pelos **Sítios Capão do Canga, Cascalheira da Manilha, Lixão, Monarelli, Morrinho e Terra Arada**. Vale ressaltar que a cerâmica desses sítios é um material ainda inédito na literatura da região, fato que os dota de elevado interesse para a arqueologia regional, principalmente com as análises efetuadas sobre o material procedente do sítio Capão do Canga, o qual constitui a coleção de referência desta indústria cerâmica pré-colonial (Zanettini Arqueologia 2002 b, 2005 d). Em um contexto regional, curiosamente correspondem à descrição de sítios arqueológicos efetuadas no rio Machupo (afluente do Guaporé em território boliviano) por Erland Nordenskiöld (2001: 259 e 260) às vésperas da I Grande Guerra:

“El paisaje es típico de Mojos: isla de bosques y pampas. Parece que en la época de lluvias grandes zonas no se inundan. El suelo es de limonita, “cascajo”, sobre el que hay una o varias capas delgadas de tierra. (...).

Aquí hubo asentamientos por todas partes. Cuando hablé de mis trabajos arqueológicos en la zona andina, resalté que en algún tiempo estas regiones deben haber sido densamente pobladas.(...).

Em todos los lugares em que había água há vivido gente. En Mojos encontramos características similares. Se allam fragmentos cerâmicos em cada isla de bosque. Em qualquer parte que se roza, uno encuentra que alguna vez la tierra fue cultivada. Vamos a ver que cada altura a lo largo del rio Guaporé estaba rodeada com um foso. Al interior de esos recintos siempre se encuentran grandes cantidades de fragmentos; sobre todo desde el rio Beni hasta el curso superior del guaporé se encuentran vestígios de movimientos de tierra, caminos, canales, montículos fossos, etc.”

⁵⁷ Segundo Calandra & Salceda (2004: 157) os “Curiche y Bajíos” são “Representados por lugares donde el água permanece casi constantemente a expensas de zonas deprimidas. Este sector desarrolla vegetación constituída por plantas flotantes y pastos altos”.

O segundo padrão se refere às planícies de baías do rio Guaporé e/ou de seus afluentes, representadas pelos *Sítios Idamar, Ilha do Espinho, Pai e Filho e Santana do Guaporé* (embora o último se encontre *sensu strictu* sobre um terreno laterítico), *Retiro I e II, Boa Esperança, Boqueirão I e II, Betânia, Calvarinho, Calvário, Campina, Canivete (ou Santa Isabel) e Dona Maria*. Migliacio (2006: 96) descreve que as baías muitas vezes corresponderiam a meandros abandonados dos rios e riachos da planície alagável, bem como cita um conceito apontado por Ponce (1995): “áreas baixas de forma circular, semicircular ou irregular, algumas vezes salinas, contendo água parada na estiagem, e com ou sem correnteza na cheia; suas dimensões variam de dezenas a centenas de metros”.

Quanto as Planícies Fluviais Restritas (A.2) estas apresentam sítios instalados sobre terraços fluviais, sendo estes os sítios *Fazenda Auxiliadora, Comunidade Porto da Manga, Fazenda Formosa, Jardim Aeroporto, Casalvasco-I e II, Carlos Augusto, Cubatão e Cachoeira do Viracopo*. Revelaram o mesmo tipo cerâmico observado nas planícies de baías do rio Guaporé e/ou de seus afluentes (Planícies Amplas A.1). Suas inserções na paisagem lembram o modelo de ocupação *Bluff Model* proposto por Denevan (1996) para a ocupação de terraços fluviais na Amazônia Central.

10.1.1. Os sítios das Planícies Amplas (A.1).

10.1.1.1. Os sítios dos Terrenos de Crostas Lateríticas

Capão do Canga

Coordenadas UTM: 21L 0211117/8329439. Datum: SAD 69.

Afiliação Cronológico-cultural: Cerâmica Capão do Canga.

Descrição: Sítio cerâmico pré-colonial localizado em um terreno de crosta laterítica (explorado como jazida de cascalho) conhecido como Lagoa do Encanto. Está situado no interior da propriedade do mesmo nome, distante 32.6 Km do núcleo urbano de Vila Bela tendo sido tomada a medida em odômetro a partir do complexo de Santo Antonio dos Militares, à margem do Guaporé até a cancela de acesso à referida propriedade (coordenadas UTM 21L 02111745/83330116).

Foi identificado a princípio durante o diagnóstico arqueológico da alça de acesso e

suas obras correlatas na cidade de Vila Bela pelos arqueólogos Paulo Zanettini, Dr.; Maria Clara Migliaccio, Ms. e, Valeria Cristina Ferreira e Silva (Zanettini e Gonzalez 2002 b). Uma das atividades envolveu a visita a uma área destinada à extração de cascalho, localizada na Fazenda Lagoa do Encanto, impactada parcialmente com a movimentação e extração de sedimentos, em virtude da retirada de cascalho para obras de pavimentação ou manutenção de vias na área do município e vizinhanças (Pontes e Lacerda). De lá saiu o material para a sub-base de trechos da BR-174 há alguns anos.

A área do sítio está implantada no intermezzo do vale do Guaporé e a Serra da Borda, apresentando altitude média de 220 m, configurando um capão de mata com vegetação mais densa e de porte, ladeadas por campos. O solo apresenta-se distinto em relação àquele observado na planície de inundação sendo composto por um pacote orgânico mais significativo sucedido por um solo arenoso de coloração marrom rico em fragmentos de quartzo e laterita (0-20 cm.) que se intensifica até conformar uma camada mais densa e estéril que ocorre em torno dos 60/70 cm. Em um único ponto observou-se a existência de uma pequena lagoa na área já alterada (coordenada UTM 21L 0211612/8329588).

Atividade: Algumas sondagens efetuadas em 2002 permitiram definir inicialmente duas áreas de concentração (Zanettini e Gonzalez 2002b), porém, a delimitação do sítio foi promovida durante o resgate em 2005, o qual consistiu na abertura de 52 sondagens de 50 x 50 cm com profundidades médias de 50 cm. De modo concomitante, foram efetuadas atividades de raspagens e escavações com devido levantamento plani-altimétrico através de Total Station, resultando na coleta de 1463 fragmentos cerâmicos e 2 peças líticas (Zanettini Arqueologia 2005).

A Etapa de Resgate no Sítio Capão do Canga

A etapa de resgate⁵⁸ foi desenvolvida em Janeiro de 2005. Procedeu-se numa extensa faixa de terreno que ladeava a área a ser submetida à intervenção, a varredura de superfície por meio de caminhamentos aleatórios e orientados da equipe de modo a efetuar o recobrimento sistemático do terreno.

⁵⁸ Contou com a participação dos arqueólogos Luiz Fernando Erig Lima, Ms; Valeria Cristina Ferreira e Silva, Ms; o arqueometrista/ topógrafo Mendell Kahan e, o fotógrafo e documentarista Mário M. C. Friedländer.

Tabela 16 – Sítios Pré-coloniais e Multicomponenciais da Planície e do Pantanal do Alto/Médio Guaporé.

Nome do Sítio	Coordenadas UTM	Categoria	Padrão de Inserção	Condição Atual da Área	Dimensões	Profundidade
Casalvasco-I (Casalvasco Velho)	20 L 0822029 / 8302754	Multicomponencial	Terraços fluviais	Ruínas de povoação luso-portuguesa datada de 1783.	197600 m ²	Superficial até 3,00 m.
Casalvasco-II	20 L 0821063 / 8302300	Cerâmico	Terraços fluviais	Área de plantio de capim braquiara.	15000 m ²	Superficial.
Cascalheira da Manilha	21 L 0189222 / 8335117	Cerâmico	Terrenos de crostas lateríticas	Área de fazendas e de uma lavra de cascalho desativada.	20000 m ²	0-40 cm.
Fazenda Auxiliadora	21 L 0179994 / 8340186	Cerâmico	Terraços fluviais	Área da Fazenda auxiliadora com plantio de pasto.	49600 m ²	0-70 cm.
Fazenda Formosa	21 L 0191199 / 8332436	Cerâmico	Terraços fluviais	Área de uma escola agrotécnica desativada. Há presença de quadras de plantio de milho.	14000 m ²	Superficial.
Idamar	21 L 0189699 / 8340306	Cerâmico	Planície de Baía	Área de plantio de capim braquiara pertencente a duas propriedades.	120000 m ²	Superficial.
Monarelli	21 L 0195204 / 8336211	Cerâmico	Terrenos de crostas lateríticas	Área de pastagem de uma fazenda.	3000 m ²	0-70 cm.
Morrinho	21 L 0179886 / 8336500	Cerâmico	Terrenos de crostas lateríticas	Área de fazenda com pastagens e lavra de cascalho de “pedra canga”.	78000 m ²	0-45 cm.
Pai e Filho	20 L 0819614 / 8373933	Cerâmico	Planície de Baía	Área de fazenda com plantio de roças e pasto.	6000 m ²	Superficial.
Santana do Guaporé	21L 0179244 / 8342149	Cerâmico	Planície de Baía	Área de roça abandonada com capoeira.	2500 m ²	Superficial.
Lixão	21 L 0194843 / 8336474	Cerâmico	Terrenos de crostas lateríticas	Área de cascalheira desativada utilizada como depósito de lixo e pastagem.	125600 m ²	Superficial.
Terra Arada	21 L 180024 / 8337476	Cerâmico	Terrenos de crostas lateríticas	Área de fazenda de plantio de arroz.	300 m ²	Superficial.
Comunidade Porto da Manga	21 L 0180480 / 8313181	Multicomponencial	Terraços fluviais	Comunidade rural ribeirinha.	152750 m ²	Superficial.
Ilha do Espinho	20 L 0819550 / 8373247	Multicomponencial	Planície de Baía	Área de um pequeno sítio sem intervenção contínua (roças antigas).	12750 m ²	0-60 cm.
Capão do Canga	21 L 0211117 / 8329439	Cerâmico	Terrenos de crostas lateríticas	Área de cascalheira desativada.	15625 m ²	0-60 cm
Retiro I	21 L 0183976 / 8332903	Multicomponencial	Planície de baía	Área de comunidade rural ribeirinha com pastos e roças de coivara	18.055 m ²	Superficial
Retiro II	21 L 0182852 / 8334239	Cerâmico	Planície de baía	Área de comunidade rural ribeirinha com pastos e roças de coivara	8.635 m ²	Superficial
Boa Esperança	21 L 0183423 / 8334189	Multicomponencial	Planície de baía	Área de comunidade rural ribeirinha com pastos e roças de coivara	31400 m ²	0-80 cm
Boqueirão I	21 L 0185049 / 8321305	Multicomponencial	Planície de baía	Área de comunidade rural ribeirinha com pastos e roças de coivara	Não mensurado	Superficial
Boqueirão II	21 L 0185044 / 8321660	Multicomponencial	Planície de baía	Área de comunidade rural ribeirinha com pastos e roças de coivara	Não mensurado	Superficial
Betânia	20 L 0788811 / 8445016	Multicomponencial	Planície de baía	Área de pastagem de uma fazenda e ancoradouro	Não mensurado	Superficial
Calvarinho	20 L 0820718 / 8363952	Multicomponencial	Planície de baía	Área de pastagem de uma fazenda e ancoradouro	Não mensurado	Superficial
Calvário	20 L 0819997 / 8363192	Multicomponencial	Planície de baía	Área de pastagem de uma fazenda e ancoradouro	Não mensurado	Superficial
Campina	20 L 0798896 / 8423722	Multicomponencial	Planície de baía	Mata em recuperação e ancoradouro	Não mensurado	Superficial
Canivete ou Santa Isabel	20 L 0821287 / 8365100	Multicomponencial	Planície de baía	Área de pastagem de uma fazenda	Não mensurado	Superficial
Carlos Augusto	21 L 0178562 / 8347109	Multicomponencial	Terraços fluviais	Área de pastagem de uma fazenda	Não mensurado	Superficial
Cubatão	20 L 0814946 / 8389993	Multicomponencial	Terraços fluviais	Área de pastagem de uma fazenda	3846,5 m ²	Superficial
Dona Maria	21 L 0179956 / 8334151	Multicomponencial	Planície de baía	Área de estrutura de fazenda	22000 m ²	Superficial
Cachoeira do Viracopo	21 L 017 8984 / 8340854	Cerâmico	Terraços fluviais	Área de pastagem de fazenda	2736 m ²	Superficial
Jardim Aeroporto	21 L 181172 / 8338132	Cerâmico	Terraços fluviais	Área de terraço fluvial pertencente a uma madeireira e um cais de pequenas embarcações.	79 m ²	Superficial

Imagem de satélite do Google Earth mostrando a inserção do Sítio Capão do Canga em uma Planície Ampla (A.1) com padrão de implantação em uma ilha de crosta laterítica circundada por lagoas e terrenos sazonalmente alagadiços.

Atividades gerais desenvolvidas no Sítio Capão do Canga: aberturas de unidades de escavação, supressão da vegetação, implantação de linhas de sondagens com apoio de estação total, amostras de fragmentos cerâmicos superficiais expostos por antigas atividades de lavra de cascalho laterítico.

Foram selecionados alguns pontos próximos à jazida, e abertas sondagens tanto na área perturbada como na borda da mata remanescente.

O conjunto de procedimentos conduziu à identificação numa das extremidades da jazida de uma área com a presença de fragmentos de cerâmica em superfície, apontando para a existência de um sítio arqueológico na área, submetido aos impactos em decorrência da atividade de extração de material laterítico.

O material arqueológico visível em superfície se distribuía por uma área aproximada de 25 mil m², apresentando baixa densidade, em decorrência das intervenções, optando-se pelo estudo de porções melhor conservadas no interior da mata.

O conjunto de atividades permitiu atestar a existência de um sítio parcialmente destruído, com alta densidade de material. No interior da mata observaram-se ainda monturos de sedimentos associados a fragmentos de cerâmica, quiçá, indicando prováveis sepultamentos, os quais foram também submetidos à escavação, revelando posteriormente se tratassem de feições naturais provocadas por bioturbações.

A primeira atividade desenvolvida no sítio foi uma delimitação da área submetida à perturbação, mascarada pela vegetação, sendo necessária uma supressão desta em alguns pontos (gramíneas e arbustos ali desenvolvidos com o abandono das atividades de lavra), passando-se aos levantamentos plani-altimétricos com o auxílio de uma *Total Station*.

Em seguida, a vegetação cortada foi removida, para que um caminhamento sistemático pudesse ser efetuado, objetivando a localização de eventuais indícios arqueológicos superficiais (fragmentos cerâmicos ou peças líticas). Estes, quando localizados eram demarcados com uma estaca e fita para registro de sua localização e posterior coleta, resultando em 11 pontos (A ao K).

Posteriormente, as atividades foram desenvolvidas no interior da área situada a N do terreno lavrado. A primeira linha de sondagens foi aberta no sentido N-S, buscando alinhá-la àquela aberta anteriormente em 2002.

A içada atingiu uma extensão de 320 m, de modo que 30 estacas foram fixadas a cada 10m, para que poços-teste padrões de 50 x 50 cm e profundidades médias de 50 cm fossem efetuados (Sondagens 1 a 30), seus perfis forneceriam dados estratigráficos, assim como sua distribuição poderia evidenciar uma maior amplitude do sítio no eixo N-S.

A quarta atividade envolveu a abertura de 6 linhas de sondagens transversais de orientação E-W, implantadas a cada 50 m na linha N-S. Nessas linhas foram abertos poços-teste padrões de 50 x 50 cm a cada 50 m (*Sondagens de 32 a 52*), com objetivo de avaliar as extensões longitudinais do sítio.

De modo concomitante, ainda foram efetuadas atividades de raspagens e escavações, além da definição de áreas de interesse para a coleta de superfície. Os pontos de coleta superficial (*K* e *L*) foram localizados quando da abertura da linha N-S, o primeiro, situado 2,60 m ao N da *Sondagem 1*, e o segundo 2,30 m a E da *Sondagem 10*, ambos exibiam fragmentos superficiais cerâmicos, todavia o ponto *L* também forneceu uma peça lítica bruta (quebra-côco).

As raspagens (polígonos de amostragem onde apenas a superfície é raspada para obtenção de material arqueológico, mas sem intervenção em subsuperfície) eram efetuadas na forma de quadrantes, de modo que o sedimento era revolvido com auxílio de enxadas, fornecendo uma considerável amostragem de material cerâmico. A *Raspagem I* envolveu um quadrante de 4 x 4 m aberto cerca de 1 m a E da *Sondagem 1*, exatamente na zona limítrofe lava/ mata, correspondendo a um monturo de cascalho laterítico acumulado por tratores no período das atividades de lava. A *Raspagem II* envolveu um quadrante de 2 x 2 m aberto cerca de 30 m a W da *sondagem 15*, o qual corresponde a um solo exposto por uma raiz de árvore tombada recentemente por ação eólica, fornecendo grande número de material cerâmico. A *Raspagem III* envolveu um quadrante de 1 x 1 m aberto no ponto de coleta *L*, todavia forneceu pouco material cerâmico.

Quanto às escavações representadas por unidades de 1 x 1 m, concentraram-se adjacentes à *Raspagem II*, ou seja, cerca de 30 a W da *Sondagem 15*, no mesmo local onde foram localizados 4 montículos formados por sedimentos e com presença de alguns fragmentos cerâmicos, os quais eram suspeitos de se tratarem de estruturas funerárias (ver Zanettini Arqueologia, 2002).

Esses montículos na verdade tratavam-se de feições naturais, em geral apresentam dimensões médias de 3 x 2 m e alturas entre 40 e 50 cm, sendo o maior eixo orientado N-S (*Montículos I e III*), E-W (*Montículo II*) e NW-SE (*Montículo IV*). Somente duas dessas feições foram escavadas (*Montículos I e III*), sendo efetuadas somente coletas superficiais nas demais. Quanto às unidades de escavação abertas e respectivas estratificações, temos:

Montículo I

Montículo com dimensões de 3 x 2 m e altura de 40 cm, com eixos respectivamente orientados N-S e E-W. É formado pelo acúmulo de solo e blocos de laterita (“pedra-canga”), o primeiro apresentando uma composição areno-argilosa de cor marrom claro. Foram abertas 4 unidades de 1 x 1 m, cuja disposição e estratigrafia descrevemos abaixo:

SONDAGENS E INTERVENÇÕES REALIZADAS NO SÍTIO CAPÃO DO CANGA

Unidade 1) Unidade de escavação de 1 x 1 m aberta na porção central do Montículo I, apresentando a seguinte estratigrafia:

Superfície: Solo de composição areno-argilosa, cor marrom escura, consistência plástica, bastante misturada com matéria vegetal em decomposição (húmus) e blocos de laterita. Ocorriam alguns fragmentos superficiais.

0-10 cm: Apresenta a mesma pedologia, a cor torna-se marrom claro, há blocos centimétricos de laterita e muita concentração de raízes e radículas, ocorrem alguns grânulos de carvão e fragmentos cerâmicos.

10-20 cm: Apresenta a mesma pedologia, foram recolhidos alguns fragmentos cerâmicos e 3 fragmentos ósseos (?) bem pequenos. Ao nível de 20 cm foi observado cinza e terra queimada.

20-60 cm: Apresenta a mesma pedologia, porém, ocorriam grandes blocos cuja disposição na parede S da unidade, sugeriu terem sido empilhados intencionalmente, lembrando um alinhamento de alicerce. Ocorreram alguns fragmentos cerâmicos nos níveis 20-30 e 30-40 cm. No nível 50 e 60 cm ocorreu uma laje natural de laterita (“pedra-canga”) interrompendo a escavação.

Unidade 2) Unidade de 1 x 1 m aberta ao S na Unidade 1, apresentando a seguinte estratigrafia:

Superfície: Mesmo comportamento da Unidade 1.

0-10 cm: Solo de composição areno-argilosa, cor marrom-escura, consistência plástica, rico em grânulos de quartzo e laterita, ocorriam raízes e radículas, além de matéria vegetal em decomposição (húmus) e pequenos fragmentos de carvões.

10-60 cm: Apresenta a mesma pedologia, sua cor tornou-se marrom clara, ainda ocorrendo raízes e radículas, ocorrem blocos de laterita centimétricos. Junto ao perfil N da unidade, foi finalizada a exposição dos blocos expostos no perfil S da Unidade 1, conformando um alinhamento de blocos, tal como um alicerce construtivo. Ocorreram alguns fragmentos cerâmicos.

Unidade 3) Unidade de 1 x 1 m aberta a W das Unidades 1 e 2, na porção de suas medianas, com objetivo de avaliar a continuidade do alinhamento de blocos.

Superfície: Mesmo comportamento da Unidade 1.

0-10 cm: Solo de composição areno-argilosa, marrom escuro, consistência plástica, rico em húmus, raízes e radículas. Ocorreram alguns fragmentos cerâmicos.

10-20 cm: Apresenta a mesma pedologia, a cor torna-se marrom claro, começam a surgir blocos centimétricos de laterita, os quais se espalham por toda a superfície da unidade, ocorrem alguns fragmentos cerâmicos sob os blocos lateríticos ou entre estes.

20-30 cm: Apresenta a mesma pedologia, todavia os blocos lateríticos tendem a aumentar de volume.

30-40 cm: Apresenta a mesma pedologia, a escavação é interrompida devido a uma grande concentração de blocos de laterita centimétricos, intercalados com blocos de dimensões menores. O alinhamento de blocos torna-se difuso, não seguindo uma regularidade.

Unidade 4) Unidade de 1 x 1 m aberta a E das Unidades 1 e 2, na porção de suas medianas, com objetivo de avaliar a continuidade do alinhamento de blocos.

Superfície: Mesmo comportamento da Unidade 1.

0-10 cm: Solo de composição areno-argilosa, cor marrom-escuro, consistência plástica, rico em raízes e radículas, bastante mesclado com grânulos de quartzo e laterita.

10-60 cm: solo de composição areno-argilosa, cor marrom-claro, mais homogêneo, há presença de raízes e radículas, ocorrem blocos centimétricos de laterita a partir dos 20 cm, concentrando-se gradativamente até 60 cm, onde se interrompe a escavação pela presença de uma laje natural de laterita junto à parede E. Junto à parede N o alinhamento de blocos lateríticos se interrompe. Ocorreram dois fragmentos cerâmicos entre 40 e 50 cm.

Montículo II

Montículo com dimensões de 3,40 x 2 m e altura de 45 cm, com eixos respectivamente orientados E-W e N-S. Distancia-se cerca 6 m a SW do Montículo I. É formado pelo acúmulo de solo e blocos de laterita (“pedra-canga”), o primeiro apresentando uma composição areno-argilosa de cor marrom claro. Em seu flanco norte apresenta uma depressão adjacente com dimensões aproximadas de 3 x 1 m, com eixos respectivamente

orientados E-W e N-S. Foram abertas 3 unidades de 1 x 1 m, cuja disposição e estratigrafia é descrita abaixo.

Unidade 1: Unidade de escavação de 1 x 1 m aberta na porção central do Montículo II, apresentando a seguinte estratigrafia:

Superfície: Solo areno-argiloso, cor marrom escuro, rico em matéria orgânica, consistência plástica, há raízes e radículas aflorando na superfície da estrutura.

0-10 cm: Apresenta o mesmo comportamento pedológico, ocorre junto à parede E uma mancha de terra queimada de cor laranja associada com carvões, na superfície deste nível ocorrem algumas manchas de cor marrom claro.

10-30 cm: Apresenta o mesmo comportamento pedológico, porém, o solo tende a ser mais homogêneo de cor marrom clara.

30-40 cm: Apresenta o mesmo comportamento pedológico, ocorre terra queimada associada a grãos de carvão junto à parede E, e grandes fragmentos de carvão neste nível da unidade. No nível de 40 cm ocorre uma boa concentração de cerâmica junto à extremidade SW da unidade, bem como pela superfície da unidade. Há blocos de laterita na extremidade NE.

40-50 cm: Apresenta o mesmo comportamento pedológico, ocorrem grandes fragmentos cerâmicos. Na extremidade W e na porção mediana deste nível há uma laje de laterita natural.

50-60 cm: Ocorrem além da laje, alguns blocos de laterita e alguns fragmentos cerâmicos.

Unidade 2: Unidade de escavação de 1 x 1 m aberta ao N da unidade 1, porém distanciada desta em um intervalo de 1 m, exatamente sobre a depressão adjacente ao montículo, apresentando a seguinte estratigrafia:

Superfície: Mesmo comportamento da Unidade 1.

0-10 cm: Solo areno-argiloso, cor marrom escuro, rico em matéria orgânica, consistência plástica, há raízes e radículas. Ocorrem alguns cacos.

10-20 cm: Apresenta o mesmo comportamento pedológico, a cor torna-se marrom clara, a 13 cm foi encontrado um talão de uma lâmina de machado fragmentada de andesito (?), a 20 cm ocorre uma laje natural de laterita.

20-40 cm: Na extremidade SW ocorria uma concavidade na laje, preenchida por sedimento de mesmo comportamento pedológico da camada superior.

Unidade 3: Unidade de escavação de 1 x 1 m aberta a E da unidade 1, apresentou o mesmo comportamento pedológico-estratigráfico da Unidade 2, com lajedo de laterita a 20 cm.

Enfim, quanto aos Montículos III e IV, estes passaram apenas por coletas superficiais, não tendo sido identificados quaisquer indícios que atestassem tratar-se de uma forma derivada da sua utilização para fins funerários.

Análise Cerâmica:

Ambas as etapas de pesquisa desenvolvidas no Sítio Capão do Canga resultaram em um acervo total de 1494 fragmentos cerâmicos, ou seja, 31 peças recolhidas durante o diagnóstico de 2002 e, 1463 peças recuperadas durante o resgate arqueológico de 2005. Visto que, grande parte da coleção consistia de fragmentos de paredes com acabamento de superfície simples (muitas vezes erodidos) ou de micro-cerâmicas, foi selecionada uma coleção diagnóstica de 587 peças para fins de execução da análise cerâmica, sendo as 907 peças restantes descartadas da análise.

Embora estas peças, a princípio descartadas, não tenham sido analisadas completamente, alguns de seus exemplares com superfícies melhores preservadas, foram submetidos à breve observação, considerando a possibilidade de se detectar eventual informação sobre a cadeia operatória cerâmica concernente a este sítio. Das 587 peças restantes, contamos com as categorias cerâmicas correspondentes a fragmentos de bordas, bases, paredes decoradas (ou contendo acabamento de superfície enegrecido ou brunido), além de paredes com ponto angular ou de inflexão, as quais foram completamente analisadas.

De acordo com o **Gráfico 1**, contamos com um grande percentual correspondente a 470 paredes decoradas (80,07%), seguidos de 98 fragmentos correspondentes a bordas (16,69%).

Gráfico 1 – Categorias cerâmicas do sítio Capão do Canga.

O restante da amostragem corresponde a poucas peças pertencentes a bases (13 fragmentos ou 2,22%), paredes com ponto angular (3 fragmentos ou 0,51%) ou de inflexão (3 fragmentos ou 0,51%).

As espessuras dos vasilhames variam de 2 a 25 mm, sendo predominante a espessura de 7 mm e as medianas mais freqüentes de 6 a 9 mm.

Aspectos Gerais da Pasta

O antiplástico predominante é a combinação do mineral, caco moído, bolota de argila e cauxí (38,05%) seguido da combinação do mineral, caco moído e cauxí (33,79%), os demais tipos de antiplástico e suas combinações ocorreram em baixa porcentagem (**Gráfico 2**). O cariapé ocorreu sob a forma de traços, apresentando aspecto esbranquiçado (em 29 fragmentos) ou acinzentado (em 2 fragmentos), grãos de carvão eram bem raros, ocorrendo em apenas 3 fragmentos.

Gráfico 2 – Tipos de antiplásticos presentes no sítio Capão do Canga.

A espessura máxima do antiplástico teve como moda o intervalo de 1 a 3 mm, representado por 67,23% da amostragem diagnóstica analisada (**Gráfico 3**).

Gráfico 3 – Espessura máxima dos antiplásticos presentes no sítio Capão do Canga.

Através de 267 fragmentos cerâmicos observados, foi possível ter uma idéia quanto aos antiplásticos predominantes concernentes à espessura máxima: o quartzo é o mais freqüente, seguido pela bola de argila e o caco moído, sendo a hematita e a mica de baixos percentuais (**Gráfico 4**).

Gráfico 4 – Antiplásticos associados à espessura máxima no sítio Capão do Canga.

Entre os antiplásticos minerais empregados no preparo da pasta cerâmica em geral, vamos encontrar o quartzo, a hematita, a mica e o feldspato. As freqüências dos três primeiros minerais atingem altos percentuais na amostragem analisada, porém, o feldspato praticamente é raro, conforme gráfico abaixo (**Gráfico 5**).

Gráfico 5 – Freqüência dos antiplásticos minerais presentes no sítio Capão do Canga.

Há um predomínio de pastas plásticas com presença mediana de antiplástico, ou seja, em torno de 10 a 30%; há também um considerável percentual (34,13%) de pastas muito plásticas com cerca de 10% de antiplástico na composição cerâmica. Pastas de composição extremamente plásticas (menos de 10% de antiplástico) ou secas (mais de 30% de antiplástico) tendem a serem poucas na coleção analisada (**Gráfico 6**).

A técnica de construção dos vasilhames é predominantemente acordelada por superposição dos roletes, porém, 3 fragmentos de bases apontam para a técnica de construção modelada. Em único exemplo observado de fragmento de borda, a superposição de roletes, teve a função ambígua de ser a técnica construtiva do vasilhame, bem como ser a decoração plástica de sua superfície externa, a qual se associava a decoração plástica incisa (**Prancha 17**).

Gráfico 6 – Porcentual de antiplásticos nas pastas cerâmicas do sítio Capão do Canga.

Há um predomínio da queima oxidante do tipo 2 (34,58%), há também alguns percentuais onde se destacam, em uma ordem decrescente, as queimas do tipo 4, 7 e 5, nas quais há um predomínio de queima em ambiente redutor ou com tempo de cozedura insuficiente, cuja totalidade do carbono presente na pasta não se desintegrou resultando em núcleos uniformes de cor cinza ao preto (Queima 4). As demais queimas (1, 3 e 6) tiveram pouca representatividade na análise (**Gráfico 7**).

Gráfico 7 – Predominância de tipos de queima nas pastas cerâmicas do sítio Capão do Canga.

Tratamento de Superfície e Decoração

O tratamento de superfície externa predominante na coleção diagnóstica analisada é o alisamento (79,22%) de modo que alguns exemplos conservam estrias provocadas durante este processo. Há um baixo percentual de enegrecimento (6,64%), banho (5,79%) e engobo (4,95%) vermelhos. A brunidura foi reconhecida em alguns fragmentos de bordas (4) e paredes (6); o polimento foi registrado em 1 borda e em 1 parede; o engobo creme⁵⁹ ocorreu apenas em 1 parede. Superfícies erodidas externas com exposição do antiplástico, foram observadas em 1 borda, 1 base e 3 paredes. Dentro da categoria “sem leitura” foram registradas duas bases com superfícies rugosas, certamente provocadas pelo contato do vasilhame com o solo ou qualquer superfície irregular no momento de sua confecção. O **Gráfico 8** resume os percentuais registrados quanto ao tratamento de superfície externo.

⁵⁹ Poderia ser um engobo branco percolado por óxidos férricos do solo. Este acabamento permite especular a presença de algum material intrusivo da **Tradição Tupiguarani**, ou seria uma rara manifestação artesanal local no contexto do sítio.

Gráfico 8 – Tratamento de superfície externa nas cerâmicas do sítio Capão do Canga.

O tratamento de superfície predominante na superfície interna dos vasilhames é o alisamento (72,41% da amostragem), de modo que em alguns exemplos se observam estrias provocadas durante o processo de alisamento. Em menor porcentagem segue-se o enegrecimento (11,07%) e a brunidura (8,01%). Um único exemplo de borda exibiu polimento. Poucos fragmentos exibiram na face interna banho (29 peças) ou engobo vermelho (7 peças, 1 com engobo vermelho também presente na face externa e lábio). 13 fragmentos exibiam a face interna erodida, expondo claramente o antiplástico (ver um exemplo de borda extrovertida na **Prancha 11**).

O **Gráfico 9** resume os percentuais registrados quanto ao tratamento de superfície interno.

Gráfico 9 – Tratamento de superfície interno nas cerâmicas do sítio Capão do Canga.

Na **Tabela 17** é possível observar a associação dos tratamentos de superfície externos e seus respectivos correspondentes de superfície internos, demonstrando para a indústria cerâmica do sítio Capão do Canga, a existência de pelo menos 26 combinações de tratamento de superfície.

A decoração plástica predominante na face externa dos vasilhames é o **inciso** (**62,86%**) seguido pelo **pintado** (**18,83 %**). Os demais tipos de decorações plásticas, conforme o **Gráfico 10** são quase raros.

Gráfico 10 – Porcentual de decoração na face externa dos vasilhames do sítio Capão do Canga.

A decoração plástica predominante é o **inciso**, englobando 367 peças, em sua maioria associadas a um tratamento de superfície externa de alisamento ou de enegrecimento conforme observado no **Gráfico 11** e nos respectivos dados arrolados na **Tabela 18**. Poucos exemplos estão associados a banho vermelho, brunidura, engobo vermelho na face externa dos vasilhames. Polimentos e superfícies erodidas são praticamente raros.

Gráfico 11 – A decoração plástica incisa na cerâmica do sítio Capão do Canga e sua associação com o tratamento de superfície externo dos vasilhames.

Alisamento

Bordas diretas

Bordas extrovertidas

Paredes

Banho Vermelho

Borda direta

Parede com ponto angular

Erodido

Borda extrovertida

Engobo Vermelho

Bordas diretas

Enegrecimento

Bordas extrovertida

Tabela 17 – Tratamento de superfície externo na cerâmica do sítio Capão do Canga e respectivas associações no tratamento de superfície interno dos vasilhames.

Superfície Externa		Superfície Interna	
Alisamento	465	Alisamento	373
		Polimento	1
		Enegrecimento	39
		Brunidura	33
		Erodido	9
		Banho Vermelho	10
Polimento	2	Alisamento	2
Enegrecimento	39	Alisamento	11
		Enegrecimento	20
		Brunidura	6
		Erodido	1
		Banho Vermelho	1
Brunidura	10	Alisamento	4
		Enegrecimento	1
		Brunidura	5
Erodido	5	Alisamento	1
		Enegrecimento	1
		Brunidura	1
		Erodido	2
Engobo Vermelho	29	Alisamento	17
		Enegrecimento	2
		Brunidura	2
		Engobo Vermelho	7
		Banho Vermelho	1
Engobo Creme	1	Alisamento	1
Banho Vermelho	34	Alisamento	14
		Enegrecimento	2
		Erodido	1
		Banho Vermelho	17
Sem Leitura	2	Alisamento	2

Tabela 18 – Decoração na face externa e suas associações com respectivos tratamentos de superfície externos e categorias cerâmicas do sítio Capão do Canga.

Decoração na Face Externa							
Decoração	Quantidade	%	Tratamento de Superfície Externa	Quantidade	%	Categoria Cerâmica	Total
Ausente	107	18,23%	Alisamento	60	10,21%	Borda	32
						Parede	18
						Base	8
						Parede com ponto angular	1
						Parede com ponto de inflexão	1
			Enegrecimento	4	0,68%	Borda	1
						Parede	2
						Base	1
			Brunidura	1	0,17%	Borda	1
			Erodido	2	0,34%	Borda	1
						Parede	1
			Engobo Vermelho	19	3,25%	Borda	3
						Parede	16
			Engobo Creme	1	0,17%	Parede	1
			Banho Vermelho	18	3,07%	Borda	2
						Parede	15
						Parede com ponto angular	1
			Sem Leitura	2	0,34%	Base	2

Inciso	367	62,52%	Alisamento	299	50,94%	Borda	24
						Parede	273
						Base	1
						Parede com Ponto de Inflexão	1
			Polimento	2	0,34%	Borda	1
						Parede	1
			Enegrecimento	36	6,13%	Borda	1
						Parede	35
			Brunidura	8	1,36%	Borda	2
						Parede	6
			Erodido	2	0,34%	Parede	2
			Engobo Vermelho	6	1,02%	Borda	1
						Parede	5
Raspado	2	0,34%	Engobo Vermelho	2	0,34%	Borda	1
						Parede	12
Ungulado	1	0,17%	Alisamento	1	0,17%	Parede com Ponto de Inflexão	1
Estocado	2	0,34%	Engobo Vermelho	1	0,17%	Borda	1
Digitado	1	0,17%	Erodido	1	0,17%	Borda	1
Pintado	107	18,23%	Alisamento	103	17,55%	Base	1
						Borda	22
						Parede	79
			Brunidura	2	0,34%	Parede com Ponto Angular	1
			Engobo Vermelho	1	0,17%	Borda	3
			Banho Vermelho	1	0,17%	Parede	1
TOTAL		100%		587	100 %		587

A partir dessas 367 peças incisas, observa-se a partir da **Tabela 19** que, os motivos eram aplicados preferencialmente no bojo dos vasilhames (91,02 %) bem como às suas bordas, pouco abaixo da linha do lábio, com predomínio daquelas com morfologia extrovertida (7,63%) seguidas de poucas com morfologia direta (0,54%). Às vezes uma incisão poderia atingir a base do vasilhame durante sua confecção.

Tabela 19 – Decoração incisa de acordo com as categorias cerâmicas do Sítio Capão do Canga.

Peças Incisas	Categorias		Totais	%
	Bordas	Diretas	2	0,54
		Extrovertidas	28	7,63
	Parede		334	91,02
	Base		1	0,27
	Parede com ponto de inflexão		2	0,54
Totais			367	100

Entre os motivos plásticos incisos há um predomínio do padrão reticulado de linhas compostas entrecruzadas (86,76%), podendo haver em menor proporção um padrão de linhas compostas diagonais (4,60%) ou de linhas unitárias simples (4,05%). Linhas compostas horizontais (0,54%) ou vestígios (1,35%) ocorreram em poucos exemplos (**Gráfico 12**).

Gráfico 12 – Motivos plásticos incisos registrados na coleção cerâmica do Sítio Capão do Canga.

Há um raro exemplo em que o padrão reticulado foi produzido empregando-se instrumentos de larguras diferentes, sendo as linhas também produzidas em profundidades diferentes de acordo com a direção da incisão, oferecendo à primeira vista, uma decoração “pseudo-estocada” (**Prancha 15**).

Como técnica associada, a decoração incisa ocorreu associada com as seguintes decorações plásticas:

Acordelado: 7 paredes com decoração incisa em padrão entrecruzado aleatório efetuado sobre superfície externa acordelada (**Prancha 17**).

Corrugado: 2 paredes indicam que os vasilhames teriam recebido um acabamento de superfície corrugado antes de receberem uma decoração incisa no motivo de linhas compostas entrecruzadas regulares. (**Prancha 18**).

Digitado: 1 parede com uma marca digitada na superfície interna, antes provocada por acidente do que um fim decorativo (**Prancha 18**).

Escovado: 1 parede escovada associada à linhas compostas entrecruzadas (**Prancha 18**).

Estocado: 2 paredes. Uma exibe motivos estocados no centro de alguns losângulos ou “escamas de peixe”, formados pelo cruzamento das incisões. A segunda exibe duas linhas horizontais tracejadas, paralelas entre si (**Prancha 18**).

Ponteadado: 5 paredes com motivos de linhas compostas entrecruzadas exibem um motivo ponteadado isolado, cuidadosamente efetuado no centro de um losângulo ou “escama de peixe” formado pelo cruzamento das incisões. A repetição deste curioso detalhe permite avaliar a possibilidade de se tratar de uma “assinatura” por parte de uma mesma pessoa dedicada à confecção de vasilhames, ou, se apenas seria uma avaliação da dureza do vasilhame antes de ser cozido ao fogo. (**Prancha 19**).

Ungulado: 1 parede com marcas de unhas associadas a um padrão de linhas compostas entrecruzadas aleatórias (**Prancha 18**).

Pintado: 1 borda com motivos de linhas compostas entrecruzadas regulares exibe uma faixa unitária grossa sobre o lábio (**Prancha 13**).

Entre as demais decorações plásticas de menor frequência na coleção temos:

Digitado (0,17%): 1 base com múltiplas marcas aleatoriamente distribuídas na face externa a qual, se encontrava suavemente erodida. (**Prancha 23: c**).

Estocado (0,34%): 2 bordas. Em um exemplo, a decoração ocorre no motivo de uma faixa unitária paralela ao lábio com as marcas de estoques verticais e enfileiradas; ao longo da linha do lábio, de modo associado, há uma decoração ungulada, cujas marcas encontram-se enfileiradas. O outro exemplo, associado ao engobo vermelho, exibe uma decoração na forma de duas faixas tracejadas perpendiculares ao alinhamento do lábio (**Prancha 20**).

Raspado (0,34%): 2 paredes com motivos raspados associados ao engobo vermelho (**Prancha 20**).

Ungulado (0,17 %): 1 borda com marca ungulada isolada junto ao lábio associada a um acabamento de superfície simples, porém, antes provocada por acidente do que um fim decorativo. (**Prancha 20**).

Quanto às peças com decoração pintada contamos com 107 fragmentos, 23 correspondentes a bordas e 84 a paredes, em sua maioria associadas a um tratamento de superfície alisado (96,26%) conforme observado no **Gráfico 13** e nos respectivos dados arrolados na **Tabela 18**. Raros exemplos estão associados a banho vermelho (0,96%), brunidura (1,86%) e engobo vermelho (0,96%) na face externa dos vasilhames (**Prancha 21 e 22**).

Gráfico 13 – A decoração pintada na cerâmica do sítio Capão do Canga e sua associação com o tratamento de superfície externo dos vasilhames.

A partir dessas 107 peças pintadas, observa-se a partir da **Tabela 20** que, os motivos eram aplicados preferencialmente no bojo dos vasilhames (75,71 %) bem como às suas bordas, com predomínio daquelas com morfologia direta (17,75%) seguidas de poucas com morfologia extrovertida (4,68%). Uma borda ficou sem identificação de morfologia, devido à condição fragmentária de seu lábio (0,93 %).

Entre os motivos pintados, de acordo com o **Gráfico 14**, há um predomínio do padrão reticulado de faixas compostas entrecruzadas (47,67%), seguido de fragmentos submetidos à processos de intemperismo, contendo apenas vestígios de pinturas (30,85%). Em menor proporção há um padrão de faixas compostas horizontais (10,28%), verticais (5,60%) e diagonais (2,80%) ou de faixas unitárias simples (2,80%).

Tabela 20 – Decoração pintada de acordo com as categorias cerâmicas do Sítio Capão do Canga.

Peças Pintadas	Categorias		Totais	%
	Bordas	Diretas	19	17,75
		Extrovertidas	5	4,68
		Não identificada	1	0,93
	Paredes		81	75,71
	Parede com ponto Angular		1	0,93
Totais			107	100%

Gráfico 14 – Motivos pintados registrados na coleção cerâmica do Sítio Capão do Canga.

Como técnica decorativa associada, 1 borda contendo vestígios de pintura vermelha, exibiu no lábio decoração plástica estocada. (**Prancha 20**).

Marcas de Uso e Pátinas

Entre as 587 peças estudadas, apenas 41,74% exibiram marcas de uso: 12,78% exibiram depósitos de carbono na face interna; 15,17% fuligem na face externa e, 13,62% exibiram ambas as marcas no mesmo fragmento. Uma única peça, correspondendo a 0,17% da amostragem, exibiu descamação na face interna (**Gráfico 15**).

A presença de fuligem na face externa (15,17%) ocorria sobre 60 peças com decoração plástica, 9 com pintura, e 20 sem decoração. Entre as peças com decoração plástica, predomina a decoração incisa composta no motivo de linhas entrecruzadas, sendo raras as unitárias simples ou compostas verticais e diagonais. As peças com pintura apresentam de modo predominante motivos de faixas entrecruzadas ou apenas vestígios de pintura, com raros exemplos de faixas unitárias simples ou compostas horizontais. Quanto aos exemplares sem decoração, predominam peças com alisamento em ambas as faces, seguidas de poucos exemplos com enegrecimento, brunidura ou banho vermelho.

Gráfico 15 – Marcas de uso na cerâmica do Sítio Capão do Canga.

A presença de depósitos de carbono na face interna (12,78%) ocorre sobre 53 peças com decoração plástica, 9 com pintura e 13 sem decoração. Entre as peças com decoração plástica, predomina a decoração incisa composta no motivo de linhas entrecruzadas, sendo raras as unitárias simples ou compostas verticais, horizontais e diagonais; 1 peça exibiu decoração plástica estocada no motivo de uma linha unitária simples. As peças com pintura apresentam de modo predominante motivo de faixas entrecruzadas, com raros exemplos de faixas compostas horizontais ou com vestígios de pintura. Quanto aos exemplares sem decoração, há uma maior frequência de peças contendo enegrecimento, brunidura, engobo vermelho ou polimento, sendo poucas as peças com alisamento em ambas as faces.

Ambos os tipos de uso (13,62%) ocorrem sobre 61 peças contendo decoração plástica, 10 com pintura e 8 sem decoração. Entre as peças com decoração plástica predomina a decoração incisa composta no motivo de linhas entrecruzadas, sendo raras as unitárias simples ou compostas verticais e diagonais, ou mesmo vestígios de incisões. As peças com pintura apresentam de modo predominante motivo de faixas entrecruzadas, com raros exemplos de faixas compostas horizontais ou com vestígios de pintura. Quanto aos exemplos sem decoração, predominam peças com alisamento em ambas as faces, seguidas de poucos exemplos com enegrecimento ou engobo vermelho e, caso único com esta marca de uso: 1 fragmento com brunidura na face externa e, engobo vermelho na face interna.

Descamação na parte interna do vasilhame só foi registrada em um fragmento, o qual, possivelmente poderia ter recebido alisamento em ambas as faces, a despeito de sua face externa se encontrar erodida.

Engobo creme

Parede

Brunidura

Bordas extrovertidas

Fragmento de borda extrovertida de vasilhame com motivo decorativo de linhas compostas entrecruzadas na face externa. Há vestígios de brunidura na face externa, sendo bem acentuada na interna. (ampliada)

Fragmento de borda extrovertida de vasilhame com motivo decorativo de linhas compostas entrecruzadas na face externa, há vestígios de enegrecimento associado na face interna.

Fragmento de borda direta de tigela com motivo decorativo de linhas compostas verticais a levemente diagonais.

Bordas extrovertidas no motivo de linhas entrecruzadas, as quais obedecem a um padrão entrecruzado aleatório, ou seja, cuja disposição e ângulos das linhas incisas não obedece a um espaçamento regular entre si.

Pintura vermelha sobre o lábio.

Linhas compostas entrecruzadas associadas à linhas compostas verticais na borda, além de possível vestígio de pintura vermelha sobre o lábio.

Vestígios de banho vermelho na face interna (ampliada).

Linhas compostas entrecruzadas associadas à um motivo plástico digitado abaixo do lábio.

Bordas extrovertidas no motivo de linhas entrecruzadas, as quais obedecem a um padrão entrecruzado regular, ou seja, cuja disposição e ângulos das linhas incisas obedece a um espaçamento relativamente regular entre si. Alguns exemplos encontram-se cortados por linhas verticais ou horizontais nos pontos de intersecção do cruzamento das linhas.

Linhas compostas diagonais dispostas abaixo do pescoço e ao longo do bojo dos vasilhames.

Linhas compostas horizontais dispostas ao longo do pescoço dos vasilhames. Este exemplar exibe engobo vermelho em ambas as faces.

Linhas compostas entrecruzadas regulares

Linhas compostas entrecruzadas regulares: incisões finas inclinadas à direita, sobrepostas por incisões grossas inclinadas à esquerda.

Linhas compostas entrecruzadas regulares em Limite do bojo com a base, a qual apresenta superfície irregular, mal alisada.

Linhas compostas entrecruzadas em padrão aleatório, configurando um "pseudo-estocado".

Linhas compostas entrecruzadas em padrão aleatório.

Linhas compostas entrecruzadas regulares, as quais apresentam linhas horizontais entrecruzando os pontos de intersecção no cruzamento das linhas.

Linhas compostas entrecruzadas em padrão aleatório, com alisamento na face externa e enegrecimento na face interna.

Linhas compostas entrecruzadas regulares associadas a brunidura na superfície externa.

Linhas compostas entrecruzadas em padrão aleatório, com alisamento na face externa e enegrecimento na face interna.

Linhas compostas entrecruzadas em padrão entrecruzado associadas a banho vermelho na superfície externa.

Linhas compostas entrecruzadas regulares associadas a banho vermelho na superfície externa.

Linhas compostas verticais dispostas ao longo do bojo dos vasilhames.

Linhas compostas inclinadas dispostas abaixo do pescoço e ao longo do bojo dos vasilhames.

Exemplos de paredes incisas com motivos compostos diagonais associados à técnica decorativa acordelada, esta resultante do processo construtivo dos vasilhames.

Linhas compostas entrecruzadas associadas à tênue banho vermelho na face externa

Linhas compostas entrecruzadas associadas à um motivo plástico ungulado.

Linhas compostas entrecruzadas associadas à um motivo plástico corrugado.

Linhas compostas entrecruzadas sobre fragmento da porção bojo/base cuja superfície externa encontra-se mal alisada.

Linhas compostas entrecruzadas associadas à técnica estocada

Linhas compostas entrecruzadas associadas à técnica escovada

Linhas compostas entrecruzadas regulares associadas à um motivo digitado isolado na face interna, certamente acidental, ocasionado durante a confecção do vasilhame.

Exemplos de paredes com decoração plástica incisa no motivo de linhas compostas entrecruzadas. Todavia, curiosamente apresentam como técnica associada, um motivo pontado, certamente efetuado com auxílio de um espinho de palmeira de tucum (*Astrocaryum spp.*), o qual sempre se encontra em um gomo formado pelo cruzamento das incisões, sugerindo a possibilidade de ser uma espécie de “assinatura” por parte de uma mesma pessoa ao confeccionar vasilhames.

Bordas diretas com decoração plástica estocada no motivo de linhas compostas diagonais tracejadas (engobo vermelho associado) ou de estoques enfileirados abaixo do lábio, o qual apresenta técnica unzulada associada

Borda extrovertida com marca acidental unzulada

Decoração plástica raspada na face externa associada à engobo vermelho em ambas as faces.

Decoração plástica estocada ao longo do lábio. Há vestígios de pintura vermelha na face externa

Pintura monocroma vermelha sobre bordas diretas

Faixa unitária simples abaixo do lábio.

Vestígios de faixas compostas horizontais.

Faixas compostas entrecruzadas na porção do bojo. Junto ao lábio se observa faixas verticais enfileiradas

Pintura monocroma vermelha sobre bordas extrovertidas

Vestígios de pintura

Faixas compostas entrecruzadas

Pintura monocroma vermelha sobre paredes

Faixas compostas verticais.

Faixas compostas verticais sobre parede com ponto angular.

Pintura monocroma vermelha sobre paredes

Faixas compostas diagonais.

Faixas compostas horizontais.

Faixas compostas entrecruzadas, ora limitadas por faixa unitária ou dupla horizontal.

A presença de pátina foi reconhecida em apenas 5 fragmentos de paredes: 4 continham decoração plástica incisa no motivo de linhas compostas entrecruzadas e, 1 continha vestígio de pintura vermelha. A pátina em geral se comportava como uma finíssima película esbranquiçada, possivelmente formada por dissolução e percolação de carbonato de cálcio no solo do sítio.

A pouca frequência de peças pintadas com marcas de fuligem ou de depósitos de carbono, permite imaginar que a cerâmica pintada do Sítio Capão do Canga, antes teria uma maior função de servir ou armazenar alimento, do que realmente efetuar sua cocção ao fogo. Com o uso cotidiano, seria comum a pintura se tornar danificada ou desbotada, de modo que, ao vasilhame pintado era destinada uma função posterior ou mesmo seu descarte⁶⁰.

Morfologia de Vasilhames

A partir de 98 fragmentos correspondentes a bordas foi possível estudar dados relativos à morfologia e função dos vasilhames no contexto do sítio. Destes, 97 fragmentos de bordas são de origem indígena, uma única peça foi estudada separadamente, visto ser de origem histórica. Entre os primeiros, considerando sua morfologia, predominam as extrovertidas (51,55%), seguidas pelas diretas (47,42%) e não identificada (1,03%), esta última foi logo descartada, visto sua condição fragmentária, porém, foi útil para análise de pasta e acabamento de superfície.

Os fragmentos de borda com morfologia *extrovertida* (51,55%) são representados por 50 peças, cuja inclinação de borda predominante é a inclinada interna (29), seguida pela inclinada externa (19) e a vertical (2); há um predomínio de espessura normal do lábio em relação à borda, sendo bem poucas as de espessura reforçada externa ou interna, expandida ou não identificada (**Gráfico 16**). Baseando-se em um percentual de conservação de linha de borda de 3 a 16%, o diâmetro de seus vasilhames oscila de 6 a 26 cm, com médias de 11 a 14 cm, sendo mais frequentes os diâmetros entre 10 e 12 cm. Quanto aos tipos de lábio, predominam os arredondados (36) seguidos dos de tipo plano (5), os apontados (4) ou não identificados (5) são raros, suas espessuras variam de 2 a 8 mm, com uma média de 6 mm e predomínio de 7 mm. Maiores detalhes quanto às bordas extrovertidas podem ser vistas na **Tabela 21**.

⁶⁰ Um exemplo etnográfico corrobora esta idéia: entre os *Shipibo-Conibo* do alto rio Ucayalli (Amazônia Peruana) há uma etiqueta de às vésperas de festas, confeccionarem novos vasilhames para servir aos convidados, ao passo que, os vasilhames usados são descartados ou utilizados em atividades secundárias (De Boer & Latharp 1979).

Gráfico 16 – Formas de Vasilhas obtidas a partir de bordas com morfologia extrovertida na coleção do Sítio Capão do Canga.

Tabela 21 – Bordas Extrovertidas do Sítio Capão do Canga e respectivas mensurações e percentuais.

		Inclinação da Borda		Espessura do lábio em relação à borda.		Diâmetro da borda (cm).	% existente da borda	Tipo de lábio		Espessura do lábio (mm).
Bordas Extrovertidas	50 peças (51,55%)	Vertical	2	Normal	1	18.	3	Apontado	1	5.
				Não Identificada	1	?	?	?	1	?
		Inclinada Externa	19	Normal	13	6 a 20; média: 13,76; moda: 10.	3 a 11; média: 6; moda: 4 e 5.	Plano	2	6.
								Arredondado	8	3 a 7; média: 5,5; moda: 7.
								Apontado	3	5.
				Reforçada Externa	3	10 e 14; média: 11,33; moda: 10.	3 a 6; média: 4.	Arredondado	2	5 e 7
								Plano	1	2.
				Expandida	1	8	7	Arredondado	1	2.
				Não Identificada	2	?	?	?	2	?

								Plano	2	3 e 5.
				Normal	25	6 a 24; média: 12; moda: 12.	3 a 16; média: 9, moda: 9.	Arredondado	22	4 a 8; média: 5,85; moda: 7.
								Não identificado	1	
		Inclinada Interna	29	Reforçada Interna	1	8.	11	Arredondado	1	?
				Expandida	2	14 e 26	2 e 4.	Arredondado	2	3 e 8.
				Não Identificada	1	?	?	?	1	8.

Para as bordas extrovertidas há um predomínio, em geral, de formas de vasilhas fechadas, de acordo com as três primeiras colunas no Gráfico 16. Todavia, quase se equilibram em termos percentuais com o emprego de vasilhas de formas abertas.

A Tabela 22 abaixo especifica com maiores detalhes as formas de vasilhames a partir das bordas extrovertidas, suas inclinações e suas espessuras em relação aos lábios:

Tabela 22 – Bordas extrovertidas do Sítio Capão do Canga e respectivas formas de vasilhas.

Morfologia da Borda	Inclinação da Borda	Espessura do lábio em relação à borda.	Forma do Vasilhame	
Extrovertida	Vertical	Normal	Ligeiramente aberta	1
		Não Identificada	Desconhecido	1
	Inclinada Externa	Normal	Fechada	1
			Ligeiramente fechada	1
			Ligeiramente aberta	6
			Aberta	5
		Reforçada Externa	Ligeiramente aberta	2
			Aberta	1
		Expandida	Ligeiramente fechada	1
		Não Identificada	Desconhecido	2

	Inclinada Interna	Normal	Muito Fechada	2
			Fechada	8
			Ligeiramente Fechada	9
			Ligeiramente Aberta	4
			Aberta	2
		Reforçada Interna	Ligeiramente fechada	1
		Expandida	Fechada	1
			Ligeiramente Fechada	1
		Não Identificada	Ligeiramente Fechada	1

Os fragmentos de borda com morfologia *direta* (47,42%) são representados por 46 peças, cuja inclinação de borda predominante é a inclinada interna (26), seguida pela inclinada externa (11) e a vertical (9); há um predomínio de espessura normal do lábio em relação à borda, sendo poucas as de espessura reforçada externa ou não identificada. Baseando-se em um percentual de conservação de linha de borda de 2 a 11%, o diâmetro de seus vasilhames oscila de 5 a 36 cm, com médias de 14, 15 a 18 cm, sendo mais freqüentes os diâmetros de 10 e 12 cm. Quanto aos tipos de lábio, predominam os arredondados (25) seguidos dos de tipo plano (15) e, poucos apontados (4) ou não identificados (2), suas espessuras variam de 3 a 10 mm, com média de 5 mm e, predomínio de uma faixa de 3 a 5 mm.

Maiores detalhes quanto às bordas diretas podem ser vistas na **Tabela 23** a seguir. Para as bordas diretas há um predomínio de formas de vasilhas fechadas, de acordo com as três primeiras colunas no **Gráfico 17**.

Tabela 23 – Bordas Diretas do Sítio Capão do Canga e respectivas mensurações e percentuais

Bordas Diretas	46 peças (47,42%)	Inclinação da Borda		Espessura do lábio em relação à borda.		Diâmetro da borda (cm).	% existente da borda	Tipo de lábio		Espessura do lábio (mm).
		Vertical	9	Normal	7	10 a 36 ; média : 17,43 ; moda: 10 e 12.	2 a 7; média: 4; moda: 3 .	Plano	5	3 a 9 ; média: 5,2; moda: 3.
								Arredondado	2	6 e 8.
				Reforçada Externa	2	14 e 20.	4 e 8.	Plano	1	5.
								Arredondado	1	7.

		Inclinada Externa	11	Normal	11	5 a 26; média: 15,10; moda: 10,12 e 18.	3 a 11; média: 6; moda: 3 e 6.	Plano	3	3 a 10; média: 5,3; moda: 3.
								Arredondado	7	4 a 6; média: 4,8; moda: 4.
								Apontado	1	4.
		Inclinada Interna	26	Normal	23	8 a 28; média: 14,27; moda: 12.	3 a 11; média: 6; moda: 3, 4, 6 e 7.	Plano	6	4 a 8; média: 5,3; moda: 4 e 5.
								Arredondado	14	3 a 7; média: 4,5; moda: 5.
								Apontado	2	3.
								Não Identificado	1	?
				Reforçada Externa	2	10 e 18.	2 e 6.	Arredondado	1	7.
								Apontado	1	5.
				Não Identificada	1	?	?	?	1	6.

Gráfico 17 – Formas de Vasilhas obtidas a partir de bordas com morfologia direta na coleção do Sítio Capão do Canga.

A **Tabela 24** especifica com maiores detalhes as formas de vasilhames a partir das bordas diretas, suas inclinações e suas espessuras em relação aos lábios.

Tabela 24 – Bordas diretas do Sítio Capão do Canga e respectivas formas de vasilhas.

Morfologia da Borda	Inclinação da Borda	Espessura do lábio em relação à borda	Forma do Vasilhame	
Direta	Vertical	Normal	Fechada	1
			Ligeiramente fechada	1
			Ligeiramente aberta	6
		Reforçada Externa	Ligeiramente aberta	2
	Inclinada Externa	Normal	Fechada	1
			Ligeiramente aberta	5
			Aberta	2
			Muito Aberta	3
	Inclinada Interna	Normal	Fechada	9
			Ligeiramente fechada	12
			Ligeiramente aberta	1
		Reforçada Externa	Fechada	1
			Ligeiramente fechada	1
		Não Identificada	Desconhecido	1

Quanto ao estudo de bases, este foi efetuado a partir de 13 peças: 7 planas, 3 convexas, 2 anelares e 1 fragmento pertencente à porção de base (quicá plana) e bojo.

Entre as bases planas, três apresentaram ângulos de base de 140° (1) e 160° (2), dessas, apenas duas apresentaram porcentual de existência de base de 4 e de 7%, respectivamente oferecendo um diâmetro de 10 e de 14 cm. Duas peças exibiram a face externa rugosa, certamente ocasionada pelo contato direto do vasilhame com o solo ou uma superfície irregular durante sua confecção (**Prancha 23: d, e**), uma terceira peça exibiu na face externa uma decoração plástica digitada (**Prancha 23: c**).

Entre as três bases convexas, apenas uma peça exibiu a face externa rugosa (ou mal alisada?), ocasionada durante a confecção do vasilhame por contato com o solo ou com outra superfície irregular, porém, ambas as faces exibiam enegrecimento (**Prancha 23: g**). Uma segunda peça exibiu brunidura na face externa (**Prancha 23: h**). Uma terceira peça, modelada, exibiu alisamento na face externa (**Prancha 23: f**).

As duas únicas bases anelares (modeladas) apresentaram porcentual de existência de base de 6 e de 100%, respectivamente oferecendo um diâmetro de 8 e de 16 cm, bem como ângulos de base de 140° e entre 120° e 150°.(**Prancha 23: i**).

Uma peça corresponde a um fragmento do contato da base com o bojo, porém, a porção preservada da primeira é muito pequena, permitindo no máximo estimar que a base do vasilhame fosse plana. A porção do bojo exhibe decoração incisa composta, cujo padrão é de linhas entrecruzadas irregulares, sendo as incisões verticais mais grossas, cortadas por incisões diagonais mais finas inclinada à direita.

Entre as formas identificadas a partir dos perfis de bordas contamos:

CG 1: 8 bordas com diâmetros de 10 a 36 cm, sendo mais freqüentes os diâmetros de 10 e de 12 cm.

CG 1A: 2 bordas com diâmetros de 14 e 20 cm.

CG 2: 11 bordas com diâmetros de 5 a 26 cm, sendo mais freqüentes os diâmetros de 10, 12 e 18 cm.

CG 3: 28 bordas com diâmetros de 8 a 28 cm, sendo mais freqüente o diâmetro de 12 cm.

CG 3A: 2 bordas com diâmetros de 10 e 18 cm.

CG 4: 21 bordas com diâmetros de 6 a 20 cm, sendo mais freqüente o diâmetro de 10 cm. 5 peças exibiram vestígios de marca de fuligem na face externa e/ou depósito de carbono na face interna.

CG 5: 29 bordas com diâmetros de 6 a 28 cm, sendo mais freqüente o diâmetro de 18 cm. No caso da coleção deste sítio, apresentaram grande quantidade de decoração plástica incisa de linhas compostas, bem como grandes dimensões em alguns exemplos, algumas peças exibiram a presença de fuligem na face externa e/ou depósito de carbono na face interna.

Cerâmica Histórica

Uma única peça de origem histórica ocorreu na coleção do sítio. Trata-se de um fragmento de borda com espessura de 7 mm, pertencente a um vasilhame construído por técnica acordelada (ver **Prancha 23**). Exibe uma pasta cuja composição consiste de minerais de quartzo (predominante e com diâmetro máximo de 2 mm) e de mica, além de caco moído. O percentual de antiplástico é superior a 30%, conferindo então, uma pasta seca. Seu núcleo apresenta uma faixa clara externa e escura interna (Queima 5) decorrente de um resfriamento rápido ao ar durante uma queima redutora. Ambas as faces receberam alisamento, na porção do bojo, na face externa, há vestígio de um aplique acordelado com a extremidade espiralada, traço comum às cerâmicas históricas estudadas no Projeto Fronteira Ocidental (ex: São Francisco Xavier da Chapada, Zanettini Arqueologia 2005 e, f). A borda apresenta morfologia direta com inclinação externa, lábio arredondado e expandido (com espessura de 6 mm). A partir de 10 % de linha de borda conservada, foi possível calcular para o vasilhame um diâmetro de 10 cm, sua forma seria globular, ligeiramente fechada. Foi observada também a presença de vestígios de fuligem na face externa, bem como depósitos de carbono na face interna deste fragmento.

A presença deste tipo de material na área do Sítio Capão do Canga permite especular a possibilidade de reocupação do local em período histórico, a qual deve ter ocorrido de modo efêmero, visto que nenhum outro vestígio histórico foi detectado em superfície ou sub-superfície.

Artefatos Cerâmicos Específicos

Foi reconhecido a partir de um fragmento inciso (linhas composta em padrão entrecruzado aleatório associado à engobo vermelho na face externa) um provável caso de reciclagem de artefato: a peça exibe uma reentrância lateral sugestiva de ter sido perfurada para confecção de um peso de fuso, porém, pode ter sido executada para amarração de fragmentos em reparo de vasilhame danificado (ver **Prancha 23**).

Artefato cerâmico específico: Fragmento inciso com engobo vermelho associado, o qual apresenta uma reentrância lateral sugestiva de a peça ter sido perfurada para confecção de uma rodela de fuso ou para amarração de fragmentos em reparo de vasilhame danificado.

Peça cerâmica histórica: borda extrovertida com acabamento de superfície alisado e aplique modelado no bojo.

Fragmentos de bases: planas com alisamento (a,b); plana com decoração digitada na face externa (c); plana com a face externa rugosa (d, e); convexa com alisamento (f); convexa com enegrecimento nas duas faces (g); convexa com brunidura na face externa (h); anelar (i).

PRANCHA 24 - SÍTIO CAPÃO DO CANGA (FORMAS RECONSTITUÍDAS DE VASILHAMES)

DIRETA VERTICAL NORMAL

DIRETA INCLINADA INTERNA NORMAL

DIRETA VERTICAL REFORÇADA EXTERNA

DIRETA INCLINADA EXTERNA NORMAL

EXTROVERTIDA INCLINADA INTERNA EXPANDIDA

DIRETA INCLINADA REFORÇADA EXTERNA

PRANCHA 25 - SÍTIO CAPÃO DO CANGA (FORMAS RECONSTITUÍDAS DE VASILHAMES)

EXTROVERTIDA VERTICAL NORMAL

EXTROVERTIDA INCLINADA EXTERNA NORMAL

EXTROVERTIDA INCLINADA EXTERNA REFORÇADA EXTERNA

EXTROVERTIDA INCLINADA EXTERNA EXPANDIDA

EXTROVERTIDA INCLINADA INTERNA REFORÇADA INTERNA

EXTROVERTIDA INCLINADA INTERNA NORMAL

5cm

Análise Lítica:

A coleção lítica do Sítio Capão do Canga consiste de apenas 3 peças (**Prancha 26**). Duas peças são classificadas na categoria de *brutas*, e consistem de um quebra-côco e de um fragmento de bigorna: a primeira peça trata-se de um seixo rolado utilizado de arenito silicificado, o qual, contém uma face plana e em seu centro uma depressão semi-circular, suave ao toque dos dedos, ocasionada pelo rompimento constante de pequenos cocos ou outros frutos coriáceos; a segunda peça é um fragmento de bloco poliédrico de arenito silicificado, o qual exibe em uma das faces uma depressão contendo múltiplos pontos de esmagamentos, ocasionados por impactos constantes durante o processo de rompimentos de frutos coriáceos ou mesmo para lascamento de artefatos líticos por técnica bipolar.

Uma terceira peça, classificada na categoria de polidas, é representada por um fragmento de lâmina de machado de granito, pertencente à porção do talão, o qual exibe uma seção elíptica e um estrangulamento para melhor fixação da lâmina a um cabo de madeira.

Peça Bruta: Quebra-côco de arenito silicificado.

Peça polida: fragmento de lâmina de machado de granito. Corresponde à porção mediana e talão, apresenta estrangulamento.

Peça bruta: Fragmento de bigorna de arenito silicificado.

Cascalheira da Manilha

Coordenadas UTM: 21L 0189222/8335117 e 21L 0189358/8335057. Datum: SAD 69.

Afiliação Cronológico-cultural: Cerâmica Capão do Canga (?)

Descrição: Sítio cerâmico pré-colonial, situado em um terraço elevado adjacente a uma extensa planície de inundação sazonal conhecido na região como *Corrixo* ou *Pari*, ocupando uma área elíptica de 200 x 100 m, com eixos respectivamente orientados NW-SE e NE-SW. A vegetação é do tipo transicional entre cerrado, floresta e o pantanal.

Os vestígios arqueológicos eram caracterizados por fragmentos de cerâmica simples, os quais ocorriam de modo esparsos pela superfície em uma área circular de 2,50 m de diâmetro e, a uma profundidade máxima de 0,40 m. Foram observados nas extremidades NW e SW do sítio, respectivamente ocupadas por uma lavra de cascalho desativada e um mandiocal adjacente à sede de uma das três pequenas propriedades ali observadas (Sítio Nossa Senhora Aparecida), sendo estas voltadas ao plantio de pasto, milho, mandioca e outras culturas.

A área da cascalheira, localmente conhecida como “Cascalheira da Manilha”, possui uma área de 23 x 150 m, seu perfil de barranco com desnível de 3,0 m em relação ao topo do terreno forneceu a seguinte estratigrafia:

0-40 cm: solo de composição areno-argilosa com matéria orgânica (húmus) compacta, cor marrom claro, com grânulos de quartzo e nódulos de hematita; há presença de fragmentos cerâmicos, raízes e radículas;

40-200 cm: solo de composição siltico-argilosa, compacto, cor marrom avermelhado, bastante mesclado com nódulos milimétricos de hematita; há presença de radículas;

200-300 cm: camada de solo laterítico, uniformemente composto de nódulos centimétricos a milimétricos de hematita, quartzo e quartzito, cimentados com sedimento de igual composição da camada superior.

Segundo o professor Benildes do Carmo da Silva, durante as atividades desta lavra entre 1984 e 1986, foram encontradas seis urnas de cerâmica completas (funerárias?), as quais

teriam levadas para a sede da prefeitura de Vila Bela. Por outro lado, na extremidade oposta do sítio, os moradores locais informaram terem encontrado uma lâmina de machado polida e um cano de espingarda antiga, além de numerosos fragmentos cerâmicos.

Atividade: coleta superficial de cerca de 10 fragmentos cerâmicos.

Observação: Apesar de não se contar com materiais arqueológicos mais diagnósticos, o compartimento geomorfológico permite levantar suspeita de se tratar de uma ocupação afiliada à Cerâmica Capão do Canga.

Lixão

Coordenadas UTM (GPS): 21L 0194843/ 8336474 e 21L 0195181/8336692. Datum: SAD 69.

Afiliação Cronológico-cultural: Cerâmica Capão do Canga.

Descrição: Sítio cerâmico pré-colonial situado em um terreno plano associado a uma feição geomorfológica local denominada Campo do Encanto; ocupa uma área circular de 400 m de diâmetro aproximadamente. O sítio encontra-se em avançado estado de destruição, visto o local ser uma imensa lavra desativada de cascalho, hoje utilizada como depósito de lixo e áreas de pastagens, popularmente conhecido como “Lixão” ou “Lagoa Funda”. Nas porções periféricas da lavra foram registrados cinco pontos distintos com presença de fragmentos cerâmicos na superfície, lisos ou incisos no motivo de linhas entrecruzadas, temperados com quartzo e mica.

Em um perfil de barranco foi possível descrever a seguinte estratigrafia:

0-20 cm: solo de composição areno-argilosa mesclado com grânulos milimétricos de quartzo e hematita e presença de matéria orgânica (húmus), cor marrom escuro, granulação fina, consistência pulverulenta. Há fragmentos de cerâmica arqueológica e entulhos modernos (latas, tijolos, vidro, etc...);

20-90 cm: solo de composição siltico-argilosa com grânulos de hematita e presença de radículas. É de consistência mais compacta;

90-200 cm: solo de laterítico de cor marrom avermelhado, uniformemente composto por cascalhos formados de nódulos milimétricos a centimétricos de hematita, mesclado com seixos e blocos centimétricos de quartzo, quartzito e gnaiss.

Segundo informações locais, uma grande quantidade de urnas funerárias foi destruída pela abertura e retirada de sedimentos. Este local já foi oportunamente vistoriado pelo IPHAN. (Zanettini 2005 c: 107).

Atividade: coleta superficial de 7 fragmentos cerâmicos.

Análise Cerâmica:

Durante a segunda fase de pesquisas do Projeto Fronteira Ocidental (dezembro de 2003) uma breve visita a este sítio consistiu na coleta seletiva de apenas 4 fragmentos cerâmicos, correspondentes a paredes (2 decoradas, uma destas correspondia a 5 fragmentos antes da atividade de curadoria). As espessuras dos vasilhames variam de 10 a 16 mm.

Aspectos Gerais da Pasta

O antiplástico registrado na cerâmica deste sítio é a combinação do mineral, caco moído e cauxí. A espessura máxima do antiplástico teve como moda os intervalos de 1 a 3 e de 3 a 5 mm.

No que diz respeito à espessura máxima dos antiplásticos, observada através de 4 fragmentos cerâmicos, o quartzo e o caco moído tendem a se destacar, exibindo respectivas dimensões de 4 e 5 mm. Quanto ao preparo da pasta em geral, entre os antiplásticos minerais, há uma maior frequência do quartzo em relação à hematita e a mica.

Há um predomínio de pastas muito plásticas, ou seja, com cerca de 10% de antiplástico na composição cerâmica. Um fragmento apresentou pasta plástica, ou seja, com um percentual de 10-30% de antiplástico.

A técnica de construção dos vasilhames é a acordelada por superposição dos roletes. Quanto ao tipo de queima, há um predomínio das queimas redutoras dos tipos 4 (2 peças) e 5 (1 peça), apenas 1 peça apresentou queima oxidante do tipo 1.

Tratamento de Superfície e Decoração

O tratamento de superfície externa é representado pelo alisamento (uma peça apresenta estrias que quase lembra uma decoração plástica escovada), com presença do enegrecimento e do engobo vermelho. A superfície interna apresenta também o alisamento, o banho vermelho e o erodido. Através da **Tabela 25** é possível avaliar a existência de pelo menos duas combinações de tratamento de superfície.

Tabela 25 – Tratamento de superfície externo na cerâmica do sítio Lixão e suas respectivas associações no tratamento de superfície interno dos vasilhames.

Superfície Externa		Superfície Interna	
Alisamento	2	Alisamento	2
Engobo Vermelho	1	Erodido	1
Enegrecimento	1	Banho Vermelho	1

As únicas formas de decoração, dizem respeito a dois fragmentos de paredes com decoração plástica incisa no motivo de linhas compostas de padrão entrecruzado aleatório. Um desses fragmentos apresentou tratamento por alisamento em ambas as superfícies, embora a face externa apresente estrias de alisamento, lembrando uma decoração plástica escovada. O segundo fragmento apresentou enegrecimento na superfície externa e banho vermelho na interna.

Marcas de Uso e Pátinas

Um fragmento apresentou depósitos de fuligem na superfície externa, estando associado a tratamento de superfície por enegrecimento e a decoração plástica incisa acima descrita. Um segundo fragmento também apresentou depósitos de fuligem na superfície externa, bem como depósitos de carbono na superfície interna, apresentando tratamento de alisamento em ambas as superfícies.

Monarelli

Coordenadas UTM: 21L 0195204/8336211 e 21L 0195293/8336175. Datum SAD 69.

Afiliação Cronológico-cultural: Cerâmica Capão do Canga.

Descrição: Sítio cerâmico pré-colonial, situado em um terreno plano associado a uma feição geomorfológica local denominada “Campo do Encanto”, próximo à sede da Fazenda Monarelli. Ocupa uma área retangular de 100 x 30 m com eixos respectivamente orientados NE-NW. A área medida do sítio corresponde a um açude escavado por tratores, em cujos perfis afloravam fragmentos cerâmicos, alguns depositados em camadas com cinzas. Na parede sul do açude ocorreu vestígios de uma urna parcialmente preservada em uma profundidade entre 45 cm a 90 cm, sendo registrada a seguinte estratigrafia:

0-15 cm: solo de composição areno fino siltico-argiloso, marrom escuro, com grânulos milimétricos de hematita e quartzo; há presença de raízes, radículas do pasto e húmus;

15-100 cm: solo areno fino siltico-argiloso, com maior concentração de grânulos de quartzo e hematita; há concentração de fragmentos cerâmica em uma profundidade média de 70 cm;

100-400 cm: solo areno fino siltico-argiloso, mesclado com grânulos milimétricos de hematita, cor marrom alaranjado, a partir de 100 cm grada para um horizonte laterítico com blocos e seixos centimétricos de hematita, quartzo e quartzito.

Informações prestadas pelo Sr. Raimundo Limeira de Oliveira (vide sítio Cascalheira da Manilha) diziam respeito ao sítio Monarelli, onde o filho do proprietário teria encontrado restos de uma espingarda e “outras coisas antigas”.

Atividade: coleta superficial de 5 fragmentos cerâmicos.

Análise Cerâmica:

Durante a segunda fase de pesquisas do Projeto Fronteira Ocidental (dezembro de

2003) uma breve visita a este sítio consistiu na coleta seletiva de 6 fragmentos cerâmicos, correspondentes a 2 fragmentos de borda, 3 de paredes (2 com decoração) e 1 de parede com ponto de inflexão.

As espessuras dos vasilhames variam de 7 a 18 mm, sendo predominante a de 7 mm.

Aspectos Gerais da Pasta

Os tipos de antiplásticos e suas combinações são variados na coleção analisada: o antiplástico mineral ou sua combinação com o caco moído e o cauxí, foram todos os quais observados em quatro fragmentos (dois fragmentos por tipo de antiplástico). Um fragmento apresentou a combinação do mineral com o caco moído e o cauxí; um segundo fragmento apresentou a combinação do mineral com a bola de argila e o cauxí.

A espessura máxima do antiplástico teve como moda o intervalo de 1 a 3 mm, representado por 4 fragmentos; 2 fragmentos apresentaram intervalo de 3 a 5 mm.

No que diz respeito à espessura máxima dos antiplásticos, observada através dos 6 fragmentos cerâmicos, o quartzo tende a se destacar. Quanto ao preparo da pasta em geral, entre os antiplásticos minerais, embora haja uma frequência uniforme do quartzo, da hematita e da mica, o primeiro tende a se destacar em relação aos demais.

De modo igualado ocorrem pastas muito plásticas (cerca de 10% de antiplástico na composição cerâmica) e pastas plásticas (10-30% de antiplástico na composição cerâmica).

A técnica de construção dos vasilhames é a acordelada por superposição dos roletes. Quanto ao tipo de queima, de modo igualado ocorrem as queimas oxidantes do Tipo 1 e do Tipo 2.

Tratamento de Superfície e Decoração

O tratamento de superfície externa é predominantemente representado pelo alisamento, de modo que dois fragmentos apresentam o engobo vermelho e, 1 fragmento a fuligem. Quanto à superfície interna, predomina o tratamento por alisamento, 1 fragmento apresentou o engobo vermelho. Na **Tabela 26** é possível observar a existência de pelo menos 4 combinações de tratamento de superfície.

Tabela 26 – Tratamento de superfície externo na cerâmica do sítio Monarelli e suas respectivas associações no tratamento de superfície interno dos vasilhames.

Superfície Externa		Superfície Interna	
Alisamento	3	Alisamento	2
Engobo Vermelho	2	Alisamento	1
		Erodido	1
Fuligem	1	Banho Vermelho	1

As únicas formas de decoração, dizem respeito a dois fragmentos de paredes com decoração plástica incisa, no motivo de linhas compostas de padrão entrecruzado aleatório.

Marcas de Uso e Pátinas

Depósitos de carbono na superfície interna foram observados em 4 fragmentos, destes, 2 apresentaram de modo associado a presença de fuligem na superfície externa.

Os fragmentos com presença exclusiva de depósitos de carbono na superfície interna são representados por um fragmento de borda e um de parede; todos em geral apresentam tratamento por alisamento, de modo que, o de parede apresenta engobo vermelho na superfície externa.

Quanto aos fragmentos com fuligem externa associada, são representados por fragmentos de paredes, todos em geral apresentam tratamento por alisamento, porém, um apresenta engobo vermelho na superfície externa.

Morfologia e Função de Vasilhames

A partir de dois fragmentos de borda é possível ter alguma idéia da morfologia e função dos seus vasilhames.

Um dos fragmentos apresenta uma morfologia de borda *direta*, com uma inclinação de borda *inclinada externa* e, uma espessura do lábio em relação à borda *normal*, apontando para uma forma aberta. De acordo com um percentual de 4% de conservação de linha de borda, o diâmetro calculado da boca do vasilhame foi de 30 cm. O lábio é plano com uma

espessura de 4 mm. Corresponde à forma CG 2. Os depósitos de carbono observados na sua superfície interna também podem apontar para um uso ao fogo.

O segundo fragmentos apresenta uma morfologia de borda *extrovertida*, com uma inclinação de borda *inclinada externa* e, uma espessura do lábio em relação à borda *normal*, apontando também para uma forma aberta. De acordo com um percentual de 5% de conservação de linha de borda, o diâmetro calculado da boca do vasilhame foi de 10 cm. O lábio é arredondado com uma espessura de 4 mm. Corresponde à forma CG 4.

Imagem de satélite do Google Earth mostrando a inserção do Sítio Monarelli ao sul da BR-174 em uma Planície Ampla (A.1) com padrão de implantação em um terreno laterítico ocupado por pastagens, circundado por lagoas e terrenos sazonalmente alagadiços.

Sítio associado à ocupação da Cerâmica Capão do Canga, o qual foi evidenciado pela escavação de um açude em meio a uma área de pasto. No perfil ocorreu vestígios de uma urna cerâmica e outros fragmentos cerâmicos, evidenciados pelo Prof. de História Benildes do Carmo da Silva (VBST/MT).

Fragmento de borda direta inclinada externa com tratamento de superfície em ambas as superfícies.

Fragmento de borda extrovertida inclinada externa com tratamento de engobo vermelho em ambas as superfícies.

Fragmento de parede com ponto angular. Apresenta tratamento de alisamento em ambas as superfícies.

Fragmento de parede com tratamento de engobo vermelho na superfície externa.

Fragmentos de paredes com decoração plástica incisa, no motivo de linhas entrecruzadas em padrão aleatório.

Morrinho

Coordenadas UTM (GPS): 21L 0179886/ 8336500. Datum SAD 69.

Afiliação Cronológico-cultural: Cerâmica Capão do Canga, Tradição Uru.

Descrição: Sítio cerâmico pré-colonial situado em uma fazenda localizada em uma planície, cerca de 800 m a W da confluência do rio Guaporé com o rio Alegre. Ocupa uma área retangular de 300 x 260 m, com eixos respectivamente orientados NW-SE e NE-SW. A vegetação era representada por pastagens, em geral concentradas nos flancos NE e E do sítio.

Os vestígios arqueológicos foram observados de modo esparso e superficial pelo sítio, caracterizados por fragmentos de cerâmica, bem como por artefatos líticos (lascas e bigornas). Nos perfis de barranco da extremidade NE e E do sítio ocorriam fragmentos de cerâmica a 45 cm de profundidade.

Grande parte de sua área foi destruída para extração de cascalho laterítico (“pedra canga”). Na porção mediana do terreno há uma cerca cortando o sítio em um sentido NW-SE; no seu flanco SW há presença de um aterro, certamente formado pelas atividades de extração de cascalho.

Atividade: coleta superficial geral de peças cerâmicas e líticas.

Análise Cerâmica:

Durante a segunda fase de pesquisas do Projeto Fronteira Ocidental (dezembro de 2003) a visita a este sítio permitiu realizar uma coleta geral de superfície de material lito-cerâmico, consistindo de 94 fragmentos cerâmicos, 14 micro-cerâmicas e 4 peças líticas, dos quais foi separada uma coleção diagnóstica de 22 fragmentos cerâmicos e de 4 peças líticas para a análise.

De acordo com o **Gráfico 18**, contamos com um percentual correspondente a 10 paredes decoradas (45,46%), seguidos de 6 fragmentos correspondentes a bases (27,28%), 2 bordas (9,09%), 2 bordas e bases (9,09%), 1 parede com ponto de inflexão (4,54%) e 1 bolota (4,54%).

Gráfico 18 – Categorias cerâmicas do sítio Morrinho.

As espessuras dos vasilhames variam de 5 a 18 mm, sendo predominante a espessura de 9 mm e as medianas mais freqüentes de 11 e 13 mm.

O antiplástico predominante é a combinação do mineral, caco moído e cauxí (27,28%) bem como a combinação deste com a bola de argila (27,28%), ambos são seguidos da combinação do mineral, cauxí e cariapé (13,64%). Os demais tipos de antiplástico e suas combinações ocorreram em baixa porcentagem, sendo representados por apenas 2 ou 1 fragmentos (**Gráfico 19**). O cariapé ocorreu sob baixa freqüência, tendo sido identificado em apenas 6 fragmentos cerâmicos, onde, em um destes, destacou-se bastante na pasta.⁶¹ O cauxí embora recorrente na coleção apresentou-se sob a forma de traços em 2 fragmentos cerâmicos.

⁶¹ Cerâmica de origem da Tradição Uru, certamente obtida por redes de trocas.

Gráfico 19 – Tipos de antiplásticos presentes no sítio Morrinho.

A espessura máxima do antiplástico teve como moda o intervalo de 1 a 3 mm, representado por 50,01% da amostragem diagnóstica analisada, sendo seguido pelo intervalo de 3-5 mm, representado por 40,91% (**Gráfico 20**).

Gráfico 20 – Espessura máxima dos antiplásticos presentes no sítio Morrinho.

O antiplástico dominante concernente à espessura máxima envolveu o quartzo, a bola de argila e o caco-moído.

Entre os antiplásticos minerais empregados no preparo da pasta cerâmica em geral, vamos encontrar o quartzo, a hematita e a mica. Embora esses minerais apresentem boa frequência na amostragem analisada, o quartzo tende a se destacar em relação aos demais (**Gráfico 21**).

Gráfico 21 – Frequência dos antiplásticos minerais presentes no sítio Morrinho.

Há um predomínio de pastas plásticas (63,64%) com presença mediana de antiplástico, ou seja, em torno de 10 a 30%; seguido de porcentuais equiparados de pastas muito plásticas (18,18%) com cerca de 10% de antiplástico e, de pastas secas (18,18%) com mais de 30% de antiplástico na composição cerâmica da coleção analisada (**Gráfico 22**).

A técnica de construção dos vasilhames é a acordelada por superposição dos roletes, a técnica modelada diz respeito a duas peças representadas por uma bolota de pasta cerâmica e um fragmento de base.

Gráfico 22 – Porcentual de antiplásticos nas pastas cerâmicas do sítio Morrinho.

Predomina a queima oxidante, sendo estas representadas pelo Tipo 2 (50,01%) e o Tipo 7 (22,73%). As demais queimas são oxidantes a redutoras, tal como a de Tipo 1 (9,09%);3 (4,54%), 4 (9,09%) e 5 (4,54%) (**Gráfico 23**).

Gráfico 23: Predomínio dos tipos de queima nas pastas cerâmicas do sítio Morrinho.

Tratamento de Superfície e Decoração

O tratamento de superfície externa predominante na coleção diagnóstica analisada é

o alisamento (40,91%), embora a maioria dos fragmentos da coleção se encontre com suas superfícies externas erodidas (45,46%). Em menores porcentuais há superfícies externas com banho (9,09%) ou engobo (4,54%) vermelhos (**Gráfico 24**).

O tratamento de superfície interna predominante também é o de alisamento (31,82%), a despeito de 50% da coleção se encontrar com a superfície interna erodida, enquanto 18,18% apresentam o tratamento de banho vermelho (**Gráfico 25**).

Gráfico 24 – Tratamento de superfície externo nas cerâmicas do sítio Morrinho.

Gráfico 25 – Tratamento de superfície interno nas cerâmicas do sítio Morrinho.

Na **Tabela 27** é possível observar a associação dos tratamentos de superfície externos e seus respectivos correspondentes de superfície internos, demonstrando para a indústria cerâmica do sítio, a existência de pelo menos 3 combinações de tratamento de superfície.

Tabela 27 – Tratamento de superfície externo na cerâmica do sítio Morrinho e suas respectivas associações no tratamento de superfície interno dos vasilhames.

Superfície Externa		Superfície Interna	
Alisamento	9	Alisamento	7
		Banho Vermelho	2
Erodido	10	Erodido	10
Engobo Vermelho	1	Erodido	1
Banho Vermelho	2	Banho Vermelho	2

A decoração predominante na face externa dos vasilhames é a decoração plástica incisa (63,64% da amostragem) representada por 7 fragmentos, seguida por um único fragmento com decoração pintada, correspondendo a 4,54 % da amostragem (**Gráfico 26**).

O **inciso** se associa a um tratamento de superfície externa de alisamento, com exceção de 1 fragmento o qual, se associa a um tratamento de banho vermelho. Quanto à única peça com decoração pintada, esta apresenta um tratamento de superfície externa de alisamento. Essas decorações, sejam incisas ou pintadas, foram aplicadas preferencialmente no bojo dos vasilhames, conforme observado nos respectivos dados arrolados na **Tabela 28**.

Gráfico 26 – Porcentual de decoração na face externa dos vasilhames do sítio Morrinho.

Os motivos plásticos incisos envolvem padrões de linhas compostas entrecruzadas obedecendo preferencialmente a um padrão aleatório, sendo que 1 fragmento exibiu um padrão entrecruzado regular. O único exemplo com decoração pintada é um fragmento de parede contendo faixas vermelhas finas obedecendo a um espaçamento regular entrecruzado, configurando harmonicamente múltiplos losângulos ou “escamas de peixe”.

Tabela 28 – Decoração na face externa e suas associações com respectivos tratamentos de superfície externos e categorias cerâmicas do sítio Morrinho.

Decoração na Face Externa							
Decoração	Quantidade	%	Tratamento de Superfície Externa	Quantidade	%	Categoria Cerâmica	Total
Ausente	14	63,64%	Alisamento	2	9,10%	Borda	1
						Parede	1
			Banho Vermelho	1	4,54%	Parede	1
			Engobo Vermelho	1	4,54%	Base	1
			Erodido	10	45,46%	Borda	1
						Base	5
						Parede com ponto de inflexão	1
						Borda e Base	2
						Bolota	1
Inciso	7	31,82%	Alisamento	6	27,28%	Parede	6
			Banho Vermelho	1	4,54%	Parede	1
Pintado	1	4,54%	Alisamento	1	4,54%	Parede	1
Total	22	100%		22	100%		22

Marcas de Uso e Pátinas

Entre as 22 peças estudadas, apenas 27,27% exibiram marcas de uso: 9,09% exibiram depósitos de carbono na face interna e, 18,18% exibiram esta marca associada à fuligem na face externa (**Gráfico 27**).

Gráfico 27 – Marcas de uso na cerâmica do Sítio Morrinho.

A presença de depósitos de carbono na face interna (9,09%) ocorria sobre 2 peças: 1 com decoração plástica incisa e 1 sem decoração. A primeira é uma parede com tratamento de superfície por alisamento; a segunda é uma base com ambas as superfícies erodidas.

A presença de depósitos de carbono na face interna associado à fuligem na face externa (18,18%) ocorria sobre 4 peças pertencentes à paredes: 2 com decoração plástica incisa, 1 pintada e, 1 com engobo vermelho. As peças incisadas receberam em geral um tratamento por alisamento, sendo que, uma destas recebeu um banho vermelho na superfície interna. A peça pintada, além de um alisamento externo, também recebeu um banho vermelho na superfície interna. A peça com engobo vermelho o recebeu em ambas as superfícies.

Morfologia e Função dos Vasilhames

Apenas 4 fragmentos de bordas (2 englobando bases) e 6 de bases ocorreram na

coleção deste sítio, permitindo ter alguma noção da morfologia e função dos seus vasilhames.

Os fragmentos de borda de morfologia *direta* apresentam inclinações de borda *inclinada externa* (2) ou *inclinada interna* (1), sendo a espessura do lábio em relação à borda *normal*. Baseando-se em um percentual de 5 a 12% de conservação de linha de borda, os diâmetros medidos das bocas dos vasilhames variam de 14 ou 24 cm, sendo os lábios apontados (2) ou planos (1) com espessuras de 4 a 5 mm, oferecendo formas abertas (2) a ligeiramente fechadas (1).

As bordas *diretas inclinadas externas* correspondem a tigelas rasas ou pratos com boca circular quase calibradas harmonicamente com o diâmetro do corpo das peças, cujo contorno é simples e as bases são planas, um ponto chamativo de atenção são suas pastas porosas, de baixa densidade (uma com alto teor de cariapé). Esses pormenores permitem uma afiliação com a **Tradição Uru**. Suas funções estariam associadas ao consumo e serviço de alimentos. A presença de cerâmica desta tradição aponta para a existência de redes de troca.

Quanto à borda *direta inclinada interna*, esta é representada por um vasilhame globular correspondente à forma CG 3.

Há um fragmento de borda de morfologia *extrovertida* com inclinação de borda *inclinada externa*, sendo a espessura do lábio em relação à borda *reforçada externa*. Baseando-se em um percentual de 7% de conservação de linha de borda, o diâmetro medido da boca do vasilhame foi de 14 cm, sendo seu lábio arredondado e com espessura de 8 mm, oferecendo uma forma de vasilhame aberta. Corresponde à forma CG 4.

Ocorrem bases *convexas* (4) e *planas* (4). Quanto as segundas, estas conservaram um percentual de 6 a 18 % de linha de base, cujos diâmetros variam de 10 a 14 cm, além de ângulos de 90°-120° (1) e 120°-150°(2).

Análise Lítica:

A coleção lítica deste sítio consiste de 1 peça bruta e de 3 peças lascadas, sendo a matéria prima utilizada o arenito silicificado.

A primeira consiste de bloco em formato de placa com ambas as faces alisadas onde é possível observar estrias de abrasão, indicando uma função de abrasador plano passivo; por outro lado, em ambas as faces há pontos de esmagamento associados indicando que, o artefato poderia também ter sido utilizado como uma mó para maceração de grãos e corantes.

Entre as peças lascadas contamos com 1 lasca de retoque e 2 lascas utilizadas.

A lasca de retoque foi obtida por técnica unipolar, com ponto de percussão puntiforme, talão plano, cornija e bulbos bem destacados. Exibe menos de 50% de córtex (patinado), além de duas retiradas anteriores com direções paralelas.

Uma lasca utilizada é cortical (mais de 50% de córtex) obtida por percussão unipolar sobre bloco, exibe ponto de percussão puntiforme com bulbo bem destacado. Há sinais de uso no lado direito, com micro-lascamentos provocados por provável função de raspagem (Ângulo: 40°).

A segunda lasca utilizada é de descorticação (menos de 50% de córtex) obtida por percussão unipolar sobre seixo, exibe ponto de percussão puntiforme e talão plano. Na extremidade distal há um desgaste do gume indicando possível função de corte (Ângulo: 30°). Na face de córtex, junto à extremidade proximal há esmagamentos indicando a possibilidade de a peça ter antes pertencido a um batedor/percutor.

Terra Arada

Coordenadas UTM: 21L 180024/8337476. Datum: SAD 69.

Afiliação Cronológico-cultural: Cerâmica Capão do Canga, Tradição Uru.

Descrição: Sítio cerâmico pré-colonial localizado em uma planície, a qual apresentava uma área recém arada e gradeada, com solo bastante exposto, o que conferiu uma melhor visibilidade aos vestígios arqueológicos ali existentes, os quais se caracterizavam por grande quantidade de fragmentos cerâmicos e líticos (um fragmento de lâmina de machado polido) associados a blocos lateríticos esparsos em uma área de 300 m². Ocorriam manchas de solo mais escuro contendo fragmentos cerâmicos, com uma área média de 5 m² aproximadamente, pouco distanciadas entre si. Foi observada também uma depressão ocupada por um solo acinzentado, o qual também exibia material cerâmico com características semelhantes às das manchas, embora em menor quantidade.

Atividade: coleta superficial geral lito-cerâmica.

Análise Cerâmica:

Durante a segunda fase de pesquisas do Projeto Fronteira Ocidental (dezembro de 2003) a visita a este sítio consistiu de uma coleta geral de superfície de material lito-cerâmico, bem como de fragmentos de vidro de período histórico⁶². Deste material foi separada uma coleção diagnóstica de 38 fragmentos cerâmicos e de 2 peças líticas para a análise.

De acordo com o **Gráfico 28**, contamos com um percentual correspondente a 33 paredes decoradas (86,84%), seguidos de 3 fragmentos correspondentes a bordas (7,90%), 1 base (2,63%) e 1 bolota (2,63%).

As espessuras dos vasilhames variam de 5 a 18 mm, sendo predominante a espessura de 7 mm e as medianas mais freqüentes de 6 a 9 mm.

⁶² Os fragmentos de vidro históricos eram pouquíssimos, provavelmente pertencentes a um mesmo frasco, de modo que foi dada preferência em se classificar este sítio como de ocupação pré-colonial.

Gráfico 28 – Categorias cerâmicas do sítio Terra Arada.

Aspectos Gerais da Pasta

O antiplástico predominante é a combinação do mineral, caco moído e cauxí (42,11%) seguido da combinação do mineral, caco moído e bola de argila (13,16%) e do mineral e cauxí (10,52%). Os demais tipos de antiplástico e suas combinações ocorreram em baixa porcentagem (**Gráfico 29**). O cariapé ocorreu sob baixa frequência, porém, e um fragmento analisado destacou-se bastante na pasta, conferindo ao fragmento um peso bem leve, indicando a presença de uma cerâmica de **Tradição Uru** obtida por redes de trocas. O cauxí embora recorrente apresentou-se como traço em três fragmentos; curiosamente foi observado cauxí no interior do caco moído em outro fragmento analisado.

Gráfico 29 – Tipos de antiplásticos presentes no sítio Terra Arada.

A espessura máxima do antiplástico teve como moda o intervalo de 0 a 1 mm, representado por 60,53% da amostragem diagnóstica analisada (**Gráfico 30**).

O antiplástico dominante concernente à espessura máxima envolveu a bola de argila e o caco-moído, o primeiro envolvendo espessuras de 4 a 5 mm e, o segundo, uma espessura de 5 mm.

Gráfico 30: Espessura máxima dos antiplásticos presentes no sítio Terra Arada.

Entre os antiplásticos minerais empregados no preparo da pasta cerâmica em geral, vamos encontrar o quartzo, a hematita, a mica e o feldspato. Embora os três primeiros minerais apresentem frequência total na amostragem analisada, o quartzo tende a se destacar em relação aos demais. Por outro lado, o feldspato praticamente é raro, tendo sido observado em apenas 5 fragmentos cerâmicos.

Há um predomínio de pastas plásticas (52,63%) com presença mediana de antiplástico, ou seja, em torno de 10 a 30%; seguido de consideráveis percentuais de pastas muito plásticas (26,32%) com cerca de 10% de antiplástico e, de pastas secas (21,05%) com mais de 30% de antiplástico na composição cerâmica da coleção analisada (**Gráfico 31**).

Gráfico 31 – Porcentual de antiplásticos nas pastas cerâmicas do sítio Terra Arada.

A técnica de construção dos vasilhames é a acordelada por superposição dos roletes, a técnica modelada diz respeito a uma única peça representada por uma bolota de pasta cerâmica.

Predominam as queimas oxidantes (**Gráfico 32**), sendo estas representadas pelos tipos 1 e 2, respectivamente exibindo percentuais de 23,68% e 31,58%. As demais queimas são redutoras, tal como a de tipo 4 (26,32%); as de tipo 5 (7,90%) e 7 (10,52%).

Gráfico 32 – Predomínio dos tipos de queima nas pastas cerâmicas do sítio Terra Arada.

Tratamento de Superfície e Decoração

O tratamento de superfície externa (**Gráfico 33**) predominante na coleção é o alisamento (63,16%). Em menor proporção há o erodido (18,42%), o banho vermelho (7,90%) e o enegrecimento (5,26%). Em baixíssimos percentuais ocorreu o engobo vermelho e a fuligem, ambos exibindo valores de 2,63% da amostragem.

Gráfico 33 – Tratamento de superfície externo nas cerâmicas do sítio Terra Arada.

Por outro lado, o tratamento de superfície interna (**Gráfico 7**) predominante na coleção diagnóstica analisada é o alisamento (65,78%), seguido de um maior percentual de enegrecimento e do erodido, ambos com valores de 10,53%. Em menor proporção há o banho vermelho (7,90%), engobo vermelho e a brunidura, estes com apenas 2,63%.

Na **Tabela 29** é possível observar a associação dos tratamentos de superfície externos e seus respectivos correspondentes de superfície internos, demonstrando para a indústria cerâmica do sítio Terra Arada, a existência de pelo menos 8 combinações de tratamento de superfície.

Gráfico 34 – Tratamento de superfície interno nas cerâmicas do sítio Terra Arada.

Tabela 29 – Tratamento de superfície externo na cerâmica do sítio Terra Arada e suas respectivas associações no tratamento de superfície interno dos vasilhames.

Superfície Externa		Superfície Interna	
Alisamento	24	Alisamento	21
		Enegrecimento	2
		Brunidura	1
Enegrecimento	2	Alisamento	1
		Enegrecimento	1

Fuligem	1	Alisamento	1
Erodido	7	Alisamento	2
		Enegrecimento	1
		Erodido	4
Engobo Vermelho	1	Engobo Vermelho	1
Banho Vermelho	3	Banho Vermelho	3

Gráfico 35 – Porcentual de decoração na face externa dos vasilhames do sítio Terra Arada.

A decoração predominante na face externa dos vasilhames é a decoração plástica do tipo inciso (65,79% da amostragem) seguida por um único fragmento com decoração pintada, correspondendo a 2,63 % da amostragem (**Gráfico 35**).

O **inciso** engloba 25 peças, em sua maioria associadas a um tratamento de superfície externa de alisamento conforme observado no **Gráfico 36** e nos respectivos dados arrolados na **Tabela 30**.

A partir dessas 25 peças incisas, observa-se a partir da **Tabela 30** que, os motivos eram aplicados preferencialmente no bojo dos vasilhames (63,15 %) bem como em bordas de morfologia extrovertida, conforme um único exemplo (2,63%) observado na coleção.

Gráfico 36 – A decoração plástica incisa na cerâmica do sítio Terra Arada e sua associação com o tratamento de superfície externo dos vasilhames.

Tabela 30 – Decoração na face externa e suas associações com respectivos tratamentos de superfície externos e categorias cerâmicas do sítio Terra Arada.

Decoração na Face Externa							
Decoração	Quantidade	%	Tratamento de Superfície Externa	Quantidade	%	Categoria Cerâmica	Total
Ausente	12	31,58%	Alisamento	4	10,53%	Borda	2
						Parede	2
			Banho Vermelho	3	7,90%	Parede	3
			Engobo Vermelho	1	2,63%	Parede	1
			Erodido	4	10,53%	Borda	2
						Base	1
						Bolota	1
Inciso	25	65,79%	Alisamento	19	50,00%	Borda	1
						Parede	18
			Enegrecimento	2	5,25%	Parede	2
			Erodido	3	7,90%	Parede	3
			Fuligem	1	2,63%	Parede	1
Pintado	1	2,63%	Alisamento	1	2,63%	Parede	1
Total	38	100%		38	100%		38

Os motivos plásticos incisos (**Gráfico 37**) envolvem padrões de linhas compostas entrecruzadas (76%) obedecendo preferencialmente a um padrão aleatório, sendo que 1 fragmento exibiu um padrão entrecruzado regular e vertical. Há um menor percentual de linhas diagonais (20%) obedecendo a um padrão inclinado à direita ou esquerda, todas essas executadas na porção do bojo dos vasilhames. Há também um padrão de linhas compostas verticais efetuadas em bordas, abaixo da linha do lábio (4%).

Gráfico 37 - Motivos plásticos incisos registrados na coleção cerâmica do sítio Terra Arada.

O único exemplo com decoração pintada é um fragmento de parede contendo linhas vermelhas finas obedecendo a um espaçamento regular entrecruzado, configurando harmonicamente múltiplos losângulos ou “escamas de peixe”.

Marcas de Uso e Pátinas

Entre as 38 peças estudadas, apenas 55,26% exibiram marcas de uso: 18,42% exibiram depósitos de carbono na face interna; 18,42% fuligem na face externa e, 18,42% exibiram descamação na face interna (**Gráfico 38**).

A presença de depósitos de carbono na face interna (18,42%) ocorria sobre 6 peças com decoração plástica e 1 sem decoração. Entre as peças com decoração plástica, predomina a decoração incisa composta no motivo de linhas entrecruzadas, sendo poucas as compostas verticais e diagonais; o tratamento de superfície é o de alisamento, com poucos exemplos de

enegrecimento. Quanto ao exemplar sem decoração, este apresenta a superfície externa erodida e a interna com enegrecimento.

A presença de fuligem na face externa (18,42%) ocorria sobre 4 peças com decoração plástica e 3 sem decoração. Entre as peças com decoração plástica, predomina a decoração incisa composta no motivo de linhas entrecruzadas ou diagonais; o tratamento de superfície envolve o alisamento e alguns exemplos erodidos. As peças sem decoração apresentam alisamento, banho e engobo vermelho em ambas as superfícies.

Ambos os tipos de uso (18,42%) ocorrem sobre 7 peças contendo decoração plástica incisa no motivo de linhas entrecruzadas, sendo seus tratamentos de superfície em grande parte representados pelo alisamento, sendo poucos exemplos com enegrecimento, brunidura ou superfície erodida.

Gráfico 38 – Marcas de uso na cerâmica do Sítio Terra Arada.

Morfologia e Função dos Vasilhames

Apenas 3 fragmentos de bordas e 1 de base ocorreram na coleção deste sítio, permitindo ter alguma noção da morfologia e função dos seus vasilhames.

Os fragmentos de bordas são de morfologia *extrovertida* com inclinação de borda *inclinada interna* sendo a espessura do lábio em relação à borda *normal* (2) ou *reforçada externa* (1). Baseando-se em um percentual de 1 a 8% de conservação de linha de borda, o

único diâmetro medido da boca dos vasilhames foi de 14 cm. Os lábios são de tipo arredondado (2) ou apontado (1) com espessuras de 4 a 7 mm. As formas dos vasilhames são ligeiramente fechadas (2) ou ligeiramente abertas (1). Correspondem a grandes vasilhames globulares associados à forma CG 4. O único fragmento de base é em pedestal com um ângulo de 150°, na sua superfície interna foram observados depósitos de carbono.

Análise Lítica:

A coleção lítica deste sítio consiste de apenas de uma peça *bruta* e de um fragmento de peça *polida*.

A primeira consiste de um seixo de arenito silicificado o qual apresenta algumas retiradas provocadas por ação natural ou térmica; porém, apresenta claros sinais de esmagamentos em duas faces opostas: uma côncava e outra plano-convexa, lisos ao toque, indicando ser um instrumento de esmagamento passivo, ou seja, uma pequena bigorna.

A peça polida consiste de um provável fragmento de lâmina de machado de riódacito, pertencente a sua porção mediana. Na superfície é possível observar pontos de picoteamento os quais, não foram obliterados pelo polimento. Este fragmento foi originado por ação térmica, visto que sua face oposta à polida apresenta uma cúpula comumente formada em rochas submetidas a choques térmicos.

10.1.1.2. Os Sítios das Planícies de Baías do Rio Guaporé e/ou de Seus Afluentes

Idamar

Afiliação Cronológico-cultural: Cerâmica Capão do Canga.

Coordenadas UTM: 21L 0189699/8340306 e 21L 0189603/8340323. Datum: SAD 69.

Descrição: Sítio cerâmico pré-colonial situado em um terraço plano 400 m ao sul de uma feição geomorfológica local denominada “córrego ou baía do Arrozal”. Ocupa uma área retangular de 400 x 300 m, com eixos respectivamente orientados NE-SW e NW-SE.

Os indícios caracterizavam-se por numerosos fragmentos cerâmicos espalhados na superfície do terreno com plantio de capim e em leitos de estradas e trilhas adjacentes às propriedades. A cerâmica em geral apresentava um acabamento de superfície liso ou com incisões em linhas inclinadas entrecruzadas, com tempero de quartzo e mica.

O local é ocupado por duas fazendas (sítios Idamar e Pai e Filho) com plantio de capim braquiara, associado com capoeiras e vestígios de cerrado, destacando-se palmeiras de bociúva e babaçu. Um dos proprietários (Sr. Deusdedito Ribeiro Antônio, sítio Idamar) doou à equipe um vasilhame cerâmico encontrado em uma raiz de árvore derrubada por ação eólica, na coordenada UTM: 21L 0189699/8340306. O proprietário vizinho (Sr. Benedito Arnaldo Santana, sítio Pai e Filho⁶³), informou que entre 1989/1990, encontrou uma grande urna de cerâmica contendo ossos e cinzas, coberta por outra vasilha emborcada a guisa de tampa, sendo o local do achado registrado por coordenada de GPS: 21L 0189603/ 8340323.

Atividades: coleta superficial de 11 fragmentos cerâmicos além do vasilhame doado.

Análise Cerâmica:

Durante a segunda fase de pesquisas do Projeto Fronteira Ocidental (dezembro de 2003) uma breve visita a este sítio consistiu em uma coleta de superfície de 11 fragmentos

⁶³ Não confundir a propriedade rural sítio/fazenda Pai e Filho com o sítio arqueológico Pai e Filho estudado nesta tese.

cerâmicos e de 1 vasilhame cerâmico completo, o qual foi doado pelo proprietário local. Além deste vasilhame, foram separadas quatro peças diagnósticas para fins de análise, sendo estas representadas por 1 fragmento de base e 3 de paredes (1 destes, a princípio eram 8, antes da atividade de curadoria).

As espessuras dos vasilhames variam de 6 a 13 mm, sendo predominante a espessura de 8 mm.

Aspectos Gerais da Pasta

Os tipos de antiplásticos e suas combinações são variados na coleção analisada: dois fragmentos exibiram a combinação do mineral e a bola de argila. O antiplástico mineral ou sua combinação com o caco moído e o cauixí, ou, mesmo destes com a bola de argila, ocorreram cada qual em um único fragmento.

A espessura máxima do antiplástico teve como moda o intervalo de 3 a 5 mm, representado por 2 fragmentos; 3 fragmentos apresentaram intervalo de 1 a 3 mm.

No que diz respeito à espessura máxima dos antiplásticos, observada através dos 6 fragmentos cerâmicos, o quartzo tende a se destacar. Quanto ao preparo da pasta em geral, entre os antiplásticos minerais, há uma frequência uniforme do quartzo, da hematita e da mica, a despeito do quartzo se destacar em relação aos demais.

Três fragmentos exibem pastas plásticas (10-30% de antiplástico na composição cerâmica), enquanto dois exibem pastas muito plásticas (cerca de 10% de antiplástico na composição cerâmica).

A técnica de construção dos vasilhames é a acordelada por superposição dos roletes. Quanto ao tipo de queima, predominam as oxidantes do Tipo 2 (3 peças) e do Tipo 1 (1 peça). 1 fragmento exibiu queima redutora do Tipo 4. O vasilhame completo exhibe manchas negras ocasionadas pelas achas de lenha durante a queima.

Tratamento de Superfície e Decoração

2 peças com alisamento e 2 peças com banho vermelho em ambas as superfícies. Quanto ao vasilhame completo, este apresentou alisamento na superfície externa, sendo possível observar as estrias ocasionadas durante este processo; há brunidura na superfície

interna. Assim, temos para o sítio a existência de pelo menos, 3 combinações de tratamento de superfície.

As únicas formas de decoração, dizem respeito a 2 paredes com decoração plástica incisa, no motivo de linhas compostas entrecruzadas regulares a aleatórias.

Marcas de Uso e Pátinas

2 fragmentos de paredes exibiram depósitos de carbono na superfície interna e a presença de fuligem na superfície externa. Ambos exibem tratamento por alisamento em ambas as superfícies e, um destes, decoração plástica incisa no motivo de linhas incisas entrecruzadas.

Morfologia e Função de Vasilhames

A partir de um vasilhame completo e de um fragmento de base é possível ter alguma idéia da morfologia e função dos seus vasilhames.

O vasilhame completo possui uma morfologia de borda *direta*, com uma inclinação de borda *vertical* e, uma espessura do lábio em relação à borda *normal*, apontando para uma forma ligeiramente aberta. Exibe contorno simples e boa simetria. Apresenta um percentual de 95% de conservação de linha de borda, de modo que, a boca do vasilhame é elíptica, com eixos medindo 188 x 175 mm; sua altura é de 120 mm. O lábio é arredondado com uma espessura de 6 mm. Apresenta base convexa. Corresponde a forma **CG 1**, ou seja, uma tigela funda com boca elíptica e contorno simples.

O fragmento de base apresenta uma morfologia *convexa*, ângulo de abertura entre 90°-120°, além de um percentual de 10% de conservação de linha de borda, indicando um diâmetro de base de 16 cm.

Imagem de satélite do Google Earth mostrando a inserção do Sítio Idamar em uma Planície Ampla (A.1) de baías do Guaporé e seus afluentes. O sítio se situa a SE da Baía do Arrozal. No detalhe, vista geral do sítio no período de seu registro. À esquerda, o proprietário, Sr. Deusdedite Ribeiro Antônio (Tio Dedé) exhibe à equipe um vasilhame por este encontrado em uma raiz de árvore tombada por ação eólica. A peça hoje encontra-se incorporada ao acervo do Museu Histórico e Arqueológico de Vila Bela Joaquim Marcelo Profeta da Cruz. Maiores detalhes deste artefato ver a Prancha 30 .

Fragmento de parede com tratamento de alisamento em ambas as faces.

Fragmentos de paredes com decoração plástica incisa no motivo de linhas entrecruzadas regulares (à esq.) e aleatório (à dir.). O exemplar à esquerda apresenta banho vermelho.

PRANCHA 30 - SÍTIO IDAMAR (MATERIAL CERÂMICO)

DIRETA VERTICAL NORMAL

BASE CONVEXA

Vasilhame em forma de tigela funda recuperada em uma raiz de árvore tombada por ação eólica.

Ilha do Espinho

Coordenadas UTM : 20L 0819550/8373247 e 20L 0819649/8373365. Datum: SAD 69.

Afiliação Cronológico-cultural: Tradição Una, Histórico (Séc. XVIII ao XX).

Descrição: Sítio multicomponencial contendo vestígios cerâmicos pré-coloniais, além de materiais de ocupação histórica. Encontra-se situado à margem esquerda do rio Guaporé, 2.200 m a SE de sua confluência com o rio Capivari, associado a feições geomorfológicas locais, como as baías do Espinho e do Raçajá, ocupando uma área elíptica de 85x150 m, com os respectivos eixos orientados N-S e E-W. A vegetação é de mata ciliar associada com campos de cerrado e palmáceas (tucum, bocaiúva, babaçu e bacuri), hoje mesclados com pastagens e capoeiras. O local é ocupado por pequenas casas de madeira e adobe, paióis de armazenagem de milho e galinheiros, além de um amplo terreiro destituído de vegetação, o que facilitou a observação dos vestígios arqueológicos, representados por fragmentos cerâmicos históricos, superficiais e esparsos, além de vestígios de construção antigas, representados por pilastras e pisos de adobe, bem como esteios e batentes de aroeira⁶⁴.

Atividade: O procedimento inicial foi a execução de um croqui e de uma coleta superficial geral de fragmentos cerâmicos (17 fragmentos e 2 fragmentos de lajota), além da abertura de duas quadras de raspagem de 2 x 2 m nos flancos E e W do sítio, sendo aberta na quadra do último uma sondagem (*Sondagem A*) de 50 x 50 cm na sua extremidade NW, a qual revelou em subsuperfície materiais cerâmicos e líticos pré-coloniais, conforme veremos nas descrições das intervenções.

Quadra de Raspagem I / Sondagem A: quadra de raspagem superficial de 2 x 2 m aberta no flanco W do sítio

0-10 cm: neste nível todo o conteúdo do espaço de 2 x 2 m foi raspado, incluindo uma espessa camada superficial de húmus (folhas e galhos de árvore em decomposição, além de lixo

⁶⁴ Meireles (1989: 106) menciona em uma cópia da Carta do Estado do Mato Grosso datada de 1952 a existência de um povoamento fundado no Séc. XVIII denominado “Ilha dos Espinhos”.

moderno), revelando um solo de composição areno fino-argiloso, cor marrom claro com presença de raízes e radículas, baixa plasticidade, presença de grãos milimétricos de carvão. Ocorreram fragmentos de cerâmica histórica (13 coletados), cacos de vidro (2 coletados), ossos (1 fragmento coletado) de animais domésticos ou de caça pertencentes a galinhas, gado (mocotós serrados), anta e jacaré;

10-20 cm: a partir deste nível foi aberta a Sondagem A de 50 x 50 cm no flanco NW desta quadra de raspagem, revelando um solo areno fino-argiloso, compacto, com presença de raízes e radículas, cor marrom amarelado mesclado com manchas de cor marrom escuro, há uma maior concentração de grãos de carvão. No flanco NE há um bolsão de 30 cm de diâmetro, com um sedimento areno fino-argiloso, marrom escuro, consistência mais pulverulenta, com grãos de carvão;

20-30 cm: solo de composição siltico-argilosa, cor marrom amarelado, homogêneo, pulverulento com maior teor de umidade, presença de grânulos de hematita, ocorreu um pequeno fragmento irregular de quartzo. O bolsão do flanco NE permanece neste nível;

30-40 cm: permanece o mesmo tipo de solo. A 36 cm ocorreu um fragmento irregular e uma lasca de quartzo, a 37 cm ocorre no flanco SW uma grossa raiz de árvore de 10 x 30 cm. O bolsão do flanco NE permanece neste nível, porém tende a diminuir em seu diâmetro. Ocorreu uma pelota de resina ressequida (jatobá?);

40-50 cm: permanece o mesmo tipo de solo. A 46 cm ocorreram 8 fragmentos de cerâmica pré-colonial simples de cor marrom claro e pasta bem fina e dois fragmentos irregulares de quartzo. O bolsão do flanco NE permanece neste nível, porém tende a diminuir mais em seu diâmetro;

50-60 cm: permanece o mesmo tipo de solo. A 52 cm ocorreu uma pequena lasca de sílex com marcas de uso e 3 fragmentos irregulares de quartzo, a 55 cm ocorreram 16 fragmentos de cerâmica pré-colonial com pasta de cor preta e tempero de cariapé. O bolsão do flanco NE permanece neste nível, porém tende a diminuir mais em seu diâmetro;

60-70 cm: solo de composição mais argilosa, cor marrom amarelado, mosqueado com manchas de cor cinza clara e pontos milimétricos de grânulos decompostos de hematita. Cessa a presença de material arqueológico bem como o bolsão do flanco NE;

70-100 cm: no flanco NE da sondagem foi efetuada uma perfuração com boca-de-lobo, revelando o mesmo tipo de solo do nível anterior.

Quadra de Raspagem II: quadra de raspagem superficial de 2 x 2 m aberta no flanco E do sítio

0-10 cm: solo de composição areno fino-argiloso, cor marrom claro com presença de raízes e radículas e matéria orgânica em decomposição (húmus). Ocorreram numerosos fragmentos de cerâmica histórica (25 fragmentos) de acabamento simples, enegrecido, escovado ou com alças modeladas aplicadas, além de blocos centimétricos de barro queimado (7 fragmentos) indicando a presença de uma provável estrutura de forno.

Análise Cerâmica:

Durante a segunda fase de pesquisas do Projeto Fronteira Ocidental (dezembro de 2003) a visita a este sítio consistiu na coleta de 24 fragmentos cerâmicos e 9 peças líticas de origem indígena pré-colonial, procedentes de um *shovel-test* de 50 x 50 cm, evidenciados em profundidades de 46 e 53 cm.

Excluindo o material histórico e após curadoria o material cerâmico diagnóstico pré-colonial consistiu de 5 fragmentos de paredes com ambas as superfícies bastante erodidas.

Dois fragmentos (oito antes da curadoria) procedentes do nível de 46 cm apresentam um antiplástico mineral combinado com caco moído e cauixí (este preponderante na pasta), cujas espessuras são de 5 a 7 mm. O antiplástico mineral é representado pelo quartzo, hematita e mica, porém, tendem a apresentar uma frequência harmônica entre si, embora o quartzo se destaque em relação aos demais. A espessura máxima do antiplástico é de 1 a 3 mm. A pasta é plástica com presença mediana de antiplástico (em torno de 10 a 30%) sendo a queima oxidante do tipo 1 com cor alaranjada. A técnica de construção é acordelada por superposição dos roletes.

Três fragmentos (quiçá pertencentes a um mesmo vasilhame) procedentes do nível de 53 cm apresentam um antiplástico mineral combinado com cauixí e cariapé (este predominante na pasta), cujas espessuras variam de 7 a 8 mm. O antiplástico mineral é representado pelo quartzo, hematita e a mica, porém, tendem a apresentar uma frequência harmônica entre si. A espessura máxima do antiplástico é de 1 a 3 mm, ocorrendo também de 3 a 5 mm. A pasta é plástica a muito plástica, respectivamente com presença mediana em torno de 10 a 30% ou, com cerca de 10% de antiplástico na pasta cerâmica. A queima é

reduzidora do Tipo 4 decorrente de um resfriamento lento oferecendo uma cor enegrecida. A técnica de construção é acordelada por superposição dos roletes. Apesar da alta condição erodida dos fragmentos cerâmicos, dois exemplos exibem vestígios de enegrecimento na superfície interna, de modo que, um destes apresenta também vestígios de fuligem na superfície externa. O aspecto geral desta cerâmica de cor enegrecida e espessuras de paredes finas permite uma afiliação com a tecnologia cerâmica associada à **Tradição Una** (Robrahn-González 1996, Wüst e Barreto 1999).

Análise Lítica:

O material lítico procedente do *shovel test* de 50 x 50 cm ocorreu entre os níveis de 20 a 60 cm, consiste de duas pequenas peças lascadas de quartzo policristalino e de sílexito. Ocorreram também sete fragmentos naturais de seixos rolados de quartzo policristalino, os quais tendem a preservar menos de 50% de córtex.

A peça de quartzo policristalino é uma lasca de retoque negativa ou secundária, preparada, a qual exibe ponto de percussão espatifado e bulbo, o talão aparenta ser linear. Na face externa exibe sinais de duas retiradas anteriores de direções ortogonais.

A peça de sílexito consiste de uma lasca negativa ou secundária com ponto de percussão quebrado ou ausente, há presença de bulbo. Nos lados direito (faces interna e externa) e esquerdo (face interna) ocorrem pequenos retoques escamados com sinais de micro-lascamentos, ocasionados por reavivagem e uso do gume. A peça lembra um pequeno raspador duplo-convergente (Ângulo: 80° no lado direito e 60° no lado esquerdo), o qual poderia ser fixado em uma haste de madeira, taquara ou osso para manuseio.

Ainda que pudéssemos considerar a hipótese de intrusão de material histórico, o que é pouco provável dado à integridade do nível arqueológico pré-colonial, o artefato poderia se tratar de uma pederneira para arma de fogo improvisada com uma lasca retocada em ambos os lados.

Imagem de satélite do Google Earth mostrando a inserção do Sítio Ilha do Espinho à margem esquerda do rio Guaporé em uma Planície Ampla (A.1) de baías do Guaporé e seus afluentes. No detalhe acima à esquerda, vista geral do sítio no período de seu registro.

Fragmentos de paredes com ambas as superfícies erodidas, com muito caixi em sua pasta.

Fragmentos de paredes com ambas as superfícies erodida, com muito cariapé em sua pasta. Possivelmente se associam a uma ocupação da Tradição Una.

Peça Lascada: Lasca de retoque negativa ou secundária de quartzo policristalino. Comprimento: 23 mm; Largura: 17 mm; Espessura: 3mm.

Peça Lascada: Lasca negativa ou secundária de silexito. Apresenta retoques e micro-lascamentos provocados pelo uso. Possivelmente seria um pequeno raspador duplo fixado em uma haste. Não se descarta também a hipótese de ser uma pederneira de arma de fogo improvisada com uma lasca retocada. Comprimento: 30 mm; Largura: 19 mm; Espessura: 9 mm.

Pai e Filho

Coordenadas UTM: 20L 0819614/ 8373933 e 20L 0819532/8373950. Datum: SAD 69.

Afiliação Cronológico-cultural: Cerâmica Capão do Canga, Tradição Uru.

Descrição: Sítio cerâmico pré-colonial situado à margem esquerda do rio Guaporé, cerca de 1800 m a SE de sua confluência com o rio Capivari, associado a feições geomorfológicas locais, como a baías do Espinho e do Raçajá, ocupando uma área elíptica de 300 x 200 m, com eixos respectivamente orientados NW-SE e NE-SW. A vegetação é de mata ciliar associada com áreas de queimadas de cerrado, roças de toco, bananais e diversas palmáceas (tucum, bocaiúva, bacuri, babaçu), associada a bananais e roças de tocos, o solo é de consistência argilo-arenosa de cor marrom escuro.

Os vestígios eram representados por fragmentos cerâmicos com acabamento de superfície simples temperados com quartzo e mica, superficiais e esparsos pelo terreno e, ao longo das trilhas e carreadores locais. Embora não possuam traços diagnósticos que permitam maior proximidade com a Cerâmica Capão do Canga (elementos decorativos, por exemplo), o tipo de antiplástico e os tratamentos de pasta e de superfície, bem como a proximidade geográfica com o Sítio Idamar⁶⁵ permitem inferir esta afiliação.

Atividade: coleta superficial de 12 fragmentos cerâmicos e 1 peça lítica.

Análise Cerâmica:

Durante a segunda fase de pesquisas do Projeto Fronteira Ocidental (dezembro de 2003) a visita a este sítio consistiu de uma coleta geral de superfície de material lito-cerâmico, consistindo de 12 fragmentos cerâmicos e 1 peça lítica.

De acordo com o **Gráfico 39**, contamos com um porcentual correspondente a 7

⁶⁵ De modo comum dividem as baías do Espinho e do Raçajá, apontando a possibilidade de existência de um complexo de múltiplos sítios neste espaço.

paredes (58,34%), seguidos de 4 fragmentos correspondentes a bases (33,33%) e 1 fragmento de borda (8,33%).

As espessuras dos vasilhames variam de 8 a 22 mm, sendo predominante a espessura de 8 mm e as medianas mais freqüentes de 10 e 11 mm.

O antiplástico predominante é a combinação do mineral e cauxí (33,34%) seguido do mineral (25,00%) bem como, pela combinação deste com o caco moído e o cauxí (16,67%). Há menores percentuais de antiplásticos representados pela combinação do mineral, cauxí e cariapé, ou, desta com a bola de argila ou o caco moído, nestes casos, atingindo baixos percentuais de 8,33% (**Gráfico 40**). O cariapé ocorreu sob baixa freqüência, tendo sido identificado em apenas 5 fragmentos cerâmicos, onde, em uma base destacou-se bastante na pasta, atingindo dimensões de até 2,5 mm, podendo indicar um contato com a **Tradição Uru**. O cauxí embora recorrente na coleção apresentou-se sob a forma de traços em 1 fragmento cerâmicos.

Gráfico 39 – Categorias cerâmicas do sítio Pai e Filho.

Gráfico 40 – Tipos de antiplásticos presentes no sítio Pai e Filho.

A espessura máxima do antiplástico (**Gráfico 41**) teve como moda o intervalo de 1 a 3 mm, representado por 58,33% da amostragem diagnóstica analisada, sendo seguido pelo intervalo de 3-5 mm, representado por 33,34% da amostragem. Um único fragmento apresentou um intervalo de 0-1 mm (8,33%).

O antiplástico dominante concernente à espessura máxima envolveu o quartzo, o cariapé e o caco-moído.

Gráfico 41 – Espessura máxima dos antiplásticos presentes no sítio Pai e Filho.

Entre os antiplásticos minerais empregados no preparo da pasta cerâmica em geral, vamos encontrar o quartzo, a hematita e a mica. Embora esses minerais apresentem boa frequência na amostragem analisada, o quartzo tende a se destacar em relação aos demais, tendo se destacado bastante em um fragmento, conferindo a este elevada densidade. Um segundo fragmento demonstrou um elevado porcentual de mica na pasta. Conforme já explanado, outro fragmento exibiu elevado porcentual de cariapé.

Há um predomínio de pastas plásticas (58,33%) com presença mediana de antiplástico (10-30%), seguido de 41,67% de pastas secas, ou seja, com mais de 30% de antiplástico na pasta. Um pormenor chamativo de atenção é que, de um modo geral, a cerâmica deste sítio mostrou uma textura porosa e uma densidade baixa.

A técnica de construção dos vasilhames é a acordelada por superposição dos roletes. Quanto ao tipo de queima há um predomínio quase total de queima oxidante com seções de cor cinza claro ao pardo, 1 fragmento exibiu seção de cor alaranjada. Por outro lado, um fragmento exibiu queima redutora, cuja seção consistia de uma camada clara na parte externa e uma camada escura na parte interna.

Tratamento de Superfície e Decoração

O tratamento de superfície externa predominante na coleção diagnóstica analisada é o alisamento (66,66%), seguido do engobo vermelho e do erodido, ambos com percentuais de 16,67% (**Gráfico 42**).

Gráfico 42 – Tratamento de superfície externa nas cerâmicas do sítio Pai e Filho.

O tratamento de superfície interna (**Gráfico 43**) predominante também é o de alisamento (41,67%), seguido de um bom percentual de exemplos erodidos (33,33%). Há baixos percentuais com engobo vermelho (16,67%) e brunidura (8,33%).

Gráfico 43 – Tratamento de superfície interno nas cerâmicas do sítio Pai e Filho.

Na **Tabela 31** é possível observar a associação dos tratamentos de superfície externos e seus respectivos correspondentes de superfície internos, demonstrando para a indústria cerâmica do sítio Pai e Filho, a existência de pelo menos 3 combinações de tratamento de superfície.

Tabela 31 – Tratamento de superfície externo na cerâmica do sítio Pai e Filho e suas respectivas associações no tratamento de superfície interno dos vasilhames.

Superfície Externa		Superfície Interna	
Alisamento	8	Alisamento	5
		Brunidura	1
		Erodido	2
Erodido	2	Erodido	2
Engobo Vermelho	2	Engobo Vermelho	2

Não foram registradas quaisquer decorações plásticas ou pintadas na coleção analisada.

Marcas de Uso e Pátinas

Marcas de uso só foram identificadas em três peças: depósitos de carbono na superfície interna de 2 fragmentos de paredes, os quais exibiam tratamento de alisamento na superfície externa, e na superfície interna, brunidura ou superfície erodida; um fragmento de base apresentou fuligem na superfície interna, sendo a superfície externa alisada e a interna erodida.

Morfologia e Função dos Vasilhames

Na coleção analisada ocorreu um único fragmento de borda com morfologia *direta*, inclinação de borda do tipo *inclinada externa*, sendo a espessura do lábio em relação à borda *reforçada externa*. Baseando-se em um percentual de 7% de conservação de linha de borda, o diâmetro medido da boca do vasilhame foi de 22 cm, sendo o lábio arredondado com espessura de 9 mm, conferindo uma forma de vasilhame ligeiramente aberta. Corresponde a uma variação da forma **CG 2**, ao julgar pela presença de reforço externo no lábio.

Ocorreram quatro fragmentos de base: duas convexas e duas planas, entre as últimas, uma destas apresentou um percentual de 13% de conservação de linha de base, conferindo a esta um diâmetro de 22 cm, sendo seu ângulo de 120-150°, apresentando também vestígios de engobo vermelho em ambas as faces.

A morfologia plana desta base, somada ao seu tipo de antiplástico, ou seja, cariapé em elevado percentual combinado ao mineral, cauixí e o caco moído, permite uma afiliação à indústria cerâmica da **Tradição Uru**. Quanto à tigela representada pela única borda da coleção, apresenta uma morfologia e reforço externo do lábio, os quais são também característicos desta tradição, a despeito de seu antiplástico ser uma combinação de mineral, cauixí e caco moído, traço comum à indústria da *Cerâmica Capão do Canga*.

Isto nos aponta a possibilidade de existência de interação tecnológica entre ambas as indústrias, o que seria reforçado por redes de trocas. Tal situação é muito bem estudada para os sítios ceramistas da bacia do Rio Vermelho, Mato Grosso, estudado por Wüst (1990, 1998).

Análise Lítica:

A coleção lítica do sítio Pai e Filho consiste de uma peça bruta, representada por uma plaqueta de hematita sub-retangular, a qual exhibe sinais de polimento e estrias em uma das faces, bem como em suas arestas, provocadas por ação de fricção para obtenção de corante.

Santana do Guaporé

Coordenadas UTM: 21L 0179244/8342149 e 21L 0179197/8342276. Datum: SAD 69.

Afiliação Cronológico-cultural: Cerâmica Capão do Canga.

Descrição: Sítio cerâmico pré-colonial situado em um terreno plano elevado adjacente a uma feição geomorfológica local, denominada baía do Barranco Alto, localizada à margem esquerda do rio Guaporé, ocupando um quadrante de 50 x 50 m, com eixos orientados NE-SW e NW-SE, flanqueado pela estrada MT-174 (Ricardo Franco) a NW, por uma cascalheira de laterita e uma trilha de roça a SW, e por capões de matas mesclados com capoeiras, palmeiras de bacuri e roças de milho nos flancos NE e SE. O solo é de composição areno fino-argilosa, textura pulverulenta, cor marrom escuro; ocorrem alguns níveis com grânulos lateríticos, sendo observados blocos métricos do mesmo material nos perfis escavados da cascalheira.

Os vestígios caracterizam-se por fragmentos superficiais e esparsos com acabamento de superfície simples, temperados com quartzo e mica.

Atividade: coleta superficial de 14 fragmentos cerâmicos e de 1 peça lítica.

Análise Cerâmica:

Durante a segunda fase de pesquisas do Projeto Fronteira Ocidental (dezembro de 2003) a visita a este sítio consistiu de uma coleta seletiva de superfície de material lito-cerâmico, consistindo de 14 fragmentos cerâmicos e de 1 peça lítica.

As peças cerâmicas pertencem à categoria de paredes, em grande parte com tratamento de superfície por alisamento, sendo raras as peças com decoração ou tratamento de superfície diferenciado.

As espessuras dos vasilhames variam de 5 a 13 mm, sendo predominante a espessura de 9 mm e as medianas mais freqüentes de 6 a 8 mm.

O antiplástico predominante é o mineral (50,00%) seguido em menor porcentual de sua combinação como o caco moído ou, da combinação do caco moído, bola de argila e do

cauxí, ambas estas com percentuais de 14,29%. Ocorrem fragmentos cerâmicos com combinações únicas do mineral com o cariapé ou, caco moído e cauxí ou, bola de argila, os quais atingem 7,14%. O fragmento contendo a combinação do mineral e do cariapé, apresentou este último com alto percentual na pasta (**Gráfico 44**).

Gráfico 44 – Tipos de antiplásticos presentes no sítio Santana do Guaporé.

A espessura do antiplástico teve como moda o intervalo de 1-3 mm (78,57%) e poucas peças com espessura de 3-5 mm (21,43%). O antiplástico dominante concernente à espessura máxima envolveu o quartzo e o caco-moído.

Entre os antiplásticos minerais empregados no preparo da pasta cerâmica, vamos encontrar o quartzo, a hematita e a mica. Embora esses minerais apresentem boa frequência na amostragem analisada, o quartzo tende a se destacar em relação aos demais. Em um fragmento a mica atingiu elevado percentual, destacando-se bem na pasta.

Há um predomínio de pastas plásticas (57,15%) com presença mediana de antiplástico, ou seja, em torno de 10 a 30%; seguido de percentuais de pastas muito plásticas (35,71%) com cerca de 10% de antiplástico e, de pastas secas (7,14%) com mais de 30% de antiplástico na composição cerâmica da coleção analisada (**Gráfico 45**).

A técnica de construção dos vasilhames é a acordelada por superposição dos roletes.

Predominam as queimas oxidantes, sendo estas representadas pelo tipo 1 (28,57%) e o tipo 2 (35,71%). Estas são seguidas pelas queimas redutoras do tipo 7 (21,43%) e do tipo 4 (14,29%) (**Gráfico 46**).

Gráfico 45 – Porcentual de antiplásticos nas pastas cerâmicas do sítio Santana do Guaporé.

Gráfico 46 – Predominância dos tipos de queima nas pastas cerâmicas do sítio Santana do Guaporé.

Tratamento de Superfície e Decoração

O tratamento de superfície externa (**Gráfico 47**) predominante na coleção diagnóstica analisada é o alisamento (78,57%), seguido pelo enegrecimento (14,29%) e pelo engobo vermelho (7,14%).

Por outro lado, o tratamento de superfície interno (**Gráfico 48**) é representado em

grande parte pelo alisamento (78,57%) e pelo engobo vermelho (21,43%).

Gráfico 47 – Tratamento de superfície externo nas cerâmicas do sítio Santana do Guaporé.

Gráfico 48 – Tratamento de superfície interno nas cerâmicas do sítio Santana do Guaporé.

Na **Tabela 32** é possível observar a associação dos tratamentos de superfície externos e seus respectivos correspondentes de superfície internos, demonstrando para a indústria cerâmica do sítio Terra Arada, a existência de pelo menos 4 combinações de tratamento de superfície.

Tabela 32 – Tratamento de superfície externo na cerâmica do sítio Santana do Guaporé e suas respectivas associações no tratamento de superfície interno dos vasilhames.

Superfície Externa		Superfície Interna	
Alisamento	11	Alisamento	10
		Enegrecimento	1
Enegrecimento	2	Alisamento	2
Engobo Vermelho	1	Alisamento	1

A decoração registrada diz respeito a dois fragmentos de parede com decoração plástica incisa, associadas a um tratamento de superfície por alisamento ou enegrecimento. Os motivos plásticos incisos envolvem padrões de linhas compostas entrecruzadas obedecendo a um padrão aleatório.

Marcas de Uso e Pátinas

Entre a coleção estudada, apenas 5 fragmentos exibiram marcas de uso. Um fragmento exibiu depósitos de carbono na superfície externa, esta associada a um tratamento de alisamento e a um enegrecimento na superfície interna. Quatro fragmentos exibiram fuligem na superfície externa: dois com tratamento de alisamento em ambas as superfícies e, dois com tratamento de alisamento na superfície externa e enegrecimento na interna, sendo que um destes apresentou decoração incisa plástica associada na face externa.

Análise Lítica:

A única peça lítica presente na coleção diz respeito a uma lasca de retoque de quartzo hialino. Apresenta duas retiradas com direções paralelas em relação ao eixo de debitagem, conformando uma crista, cujo ponto de percussão (quebrado/ausente) foi batido atrás desta.

Dona Maria

Coordenadas UTM: 21 L 0179956/ 8334151. Datum: SAD 69.

Afiliação Cronológico-cultural: Cerâmica Capão do Canga; Histórico (Séc. XVIII ao XX).

Descrição: Sítio multicomponencial localizado na Fazenda Nova Esperança (Mugusta), nos arredores de Vila Bela da Ssa. Trindade, em uma planície de vertente suave adjacente a uma baía do rio Alegre. A princípio, foi registrado na Fase 2 do Projeto Fronteira Ocidental como histórico, ao julgar pela presença de estruturas construtivas de blocos lateríticos (“pedra-canga”), tais como um forno e outros vestígios de habitação, bem como a presença de material histórico associado: fragmentos de cerâmica, porcelana, metal, vidro (contas de colar, inclusive), etc. (Zanettini Arqueologia 2004). Por outro lado, durante a Expedição Guaporé promovida em 2007, uma segunda visita a este sítio envolveu uma rápida coleta de fragmentos cerâmicos superficiais, entre estes, alguns se associavam à indústria da Cerâmica Capão do Canga, atestados durante a fase de análise, levando a uma reavaliação da ocupação deste sítio .

Análise Cerâmica:

A coleção cerâmica do Sítio Dona Maria é procedente de uma coleta seletiva de superfície efetuada em abril de 2007 no âmbito da Expedição Guaporé, resultando na coleta de 21 fragmentos cerâmicos pré-coloniais, os quais, após restauro e curadoria configuraram 19. Duas micro-cerâmicas foram descartadas da análise, restando uma coleção diagnóstica de 17 peças.

Entre essas peças, contamos apenas com as categorias cerâmicas correspondentes a fragmentos de 16 paredes e 1 base. As espessuras dos vasilhames variam de 6 a 13 mm, sendo predominante a espessura de 8 mm, as espessuras de 7-8, 10 e de 12 mm também são recorrentes.

Aspectos Gerais da Pasta

O antiplástico predominante é o mineral (6 peças), seguido de sua combinação com o caco moído (5 peças), ou com a cauxí e bola de argila (3 peças). Há raras peças em que o antiplástico seja a combinação do mineral com caco moído e cariapé (1 peça) ou com o caco moído e cauxí (1 peça), ou apenas com a bola de argila (1 peça). O quartzo é mineral preponderante, a mica e a hematita ocorrem na mesma frequência, mas quando presentes na pasta apresentam baixos percentuais. Entre os antiplásticos orgânicos, o cariapé tende a ocorrer como traços e, o cauxí em considerável percentual.

As espessuras máximas predominantes dos antiplásticos são representadas por intervalos de 3 a 5 mm (7 peças), sendo estas seguidas por intervalos com espessuras superiores a 5 mm (6 peças); há quatro peças com antiplásticos de espessuras de 1 a 3 mm. O quartzo atingiu espessura de até 4 mm; hematita até 3 mm; a mica até 13 mm e a bola de argila até 4 mm.

Há um predomínio de pastas muito plásticas com cerca de 10% de antiplástico (6 peças), o qual é seguido de um equilíbrio entre pastas plásticas com presença mediana de antiplástico (10 a 30%) e pastas secas com mais de 30% de antiplástico, cada qual com 5 fragmentos. Apenas um fragmento apresentou pasta extremamente plástica com menos de 10% de antiplástico.

A técnica de construção dos vasilhames é a acordelada por superposição dos roletes, um fragmento apresentou reforço de parede. Quanto ao tipo de queima há predomínio de queimas oxidantes dos tipos 1 e 2, cujas seções transversais exibem cores variando do laranja tijolo ao amarelo ou do cinza claro ao pardo, respectivamente representadas por 3 e 6 fragmentos. Há um fragmento com queima redutora do tipo 4, cuja seção transversal exibe uma cor uniforme variando do cinza ao preto. Há as queimas de tipo 3 e 7, as quais exibem na seção transversal núcleos escurecidos com faixas laterais oxidadas, respectivamente espessas e finas, bem como representadas por 1 e por 6 fragmentos.

Tratamento de Superfície e Decoração

Os fragmentos receberam um tratamento de alisamento em ambas as superfícies, a despeito de se encontrarem erodidos em uma ou ambas as faces; de modo associado na

superfície interna uma peça exibiu brunidura, e uma segunda fuligem. Em ambas as superfícies uma peça exibiu enegrecimento, enquanto uma segunda, brunidura. Uma terceira peça apresentou engobo branco na superfície externa associado a alisamento na superfície interna.

Cinco fragmentos exibiram decoração plástica incisa, enquanto quatro exibiram decoração pintada. Entre as peças incisadas, os motivos variam de uma linha unitária simples (1 peça) a linhas compostas diagonais à direita (1 peça) ou entrecruzadas (3 peças); entre as últimas, contamos com padrões do tipo aleatório (1) e regular (2). Entre as peças pintadas, há uso da cor vermelha, os motivos variam de uma linha unitária simples (1 peça) a linhas compostas entrecruzadas (3 peças) ou horizontais paralelas entre si: as entrecruzadas obedecem a um padrão regular, as horizontais foram pintadas sobre engobo branco, apontando para a possibilidade de existência de elementos cerâmicos da **Tradição Tupiguarani** no sítio.

Marcas de Uso

Foram observadas marcas de uso em três fragmentos de parede: um fragmento apresentou depósitos de carbono na superfície interna, outro, fuligem na superfície externa e, um terceiro, descamação na superfície interna.

Morfologia de Vasilhames

Apenas um fragmento de base ocorreu na coleção cerâmica do sítio. A peça apresenta morfologia plana, com conservação de 8% de existência de base, configurando um diâmetro de 16 cm, bem como um ângulo de base de 160°.

Decoração plástica incisa com motivo de linhas compostas entrecruzadas em um padrão regular.

Decoração plástica incisa no motivo de linhas compostas entrecruzadas em um padrão aleatório.

Decoração plástica incisa com motivo de linhas compostas diagonais à direita.

Decoração pintada com motivo de linhas compostas entrecruzadas em um padrão regular.

Fragmento de parede com superfícies erodidas e clara exposição do antiplástico.

Decoração pintada no motivo de duas faixas vermelhas compostas horizontais sobre engobo branco. Esta peça aponta para a possibilidade de existência de elementos cerâmicos intrusivos da Tradição Tupiguarani no sítio.

Retiro I

Coordenadas UTM: 21L 0183976/ 8332903. Datum: SAD 69.

Afiliação Cronológico-cultural: O pouco número de peças e a falta de elementos diagnósticos não permitem maior inferência quanto à afiliação cronológico-cultural, mas é possível que pertença a uma indústria cerâmica de algum grupo indígena etno-histórico, o qual já se encontraria integrado à população luso-africana local.

Por outro lado, o forte porcentual de mica na pasta cerâmica lembra as indústrias dos sítios cerâmicos da micro-bacia do Córrego Banhado (Depressão do Guaporé), os quais apresentam elementos em comum com as fases Corumbiara e Pimenteira (Tradição Incisa-Ponteadá).

Descrição: Sítio multicomponencial contendo vestígios cerâmicos pré-coloniais, além de materiais de ocupação histórica. Foi evidenciado por um corte de estrada secundária, o qual expôs por uma extensão de 230 m, fragmentos esparsos de cerâmica. A indústria cerâmica deste sítio é de acabamento de superfície simples com tempero de mica. Embora aparente ser histórica, exibe traços das demais cerâmicas pré-coloniais observadas na área.

Atividade: coleta superficial de 4 fragmentos cerâmicos.

Análise Cerâmica:

A coleção cerâmica do Sítio Retiro I é procedente de uma coleta seletiva de superfície efetuada em abril de 2007 no âmbito da Expedição Guaporé, resultando na coleta de 4 fragmentos cerâmicos pré-coloniais.

Entre essas peças, contamos apenas com fragmentos pertencentes à categoria de paredes com espessuras de 8 a 12 mm, com predomínio de 8 mm.

Aspectos Gerais da Pasta

O antiplástico predominante é a combinação do mineral com o cauixí (3 peças),

apenas uma peça apresentou antiplástico mineral. O quartzo é mineral predominante, a hematita e a mica ocorrem na mesma frequência, mas quando presentes na pasta apresentam baixos percentuais, sendo a mica quase na forma de traços. Entre os antiplásticos orgânicos o cauxí ocorre em um percentual pouco abaixo do quartzo.

As espessuras máximas predominantes dos antiplásticos são representadas por intervalos de 1 a 3 mm (3 peças); há uma peça com antiplástico de espessura de 0 a 1 mm. Há pastas plásticas com presença mediana de antiplástico (10 a 30%) representadas por 2 fragmentos; há 1 fragmento com pasta extremamente plástica (menos de 10% de antiplástico) e, um segundo com pasta muito plástica (cerca de 10% de antiplástico).

A técnica de construção dos vasilhames é a acordelada por superposição dos roletes, um fragmento apresentou reforço de parede. Quanto ao tipo de queima há predomínio do tipo 3 (2 peças); há 1 peça com queima do tipo 7 e, 1 peça com queima redutora do tipo 4.

Tratamento de Superfície e Decoração

Os fragmentos receberam um tratamento de alisamento em ambas as superfícies, a despeito de se encontrarem erodidos, apenas um fragmento exibiu o alisamento preservado.

Marcas de Uso

Um fragmento apresentou depósitos de carbono na superfície interna.

Retiro II

Coordenadas UTM: 21L 0182852/ 8334239. Datum: SAD 69.

Afiliação Cronológico-cultural: Cerâmica Capão do Canga, ao julgar pelo antiplástico predominante na coleção diagnóstica, bem como a reconstituição da forma de uma vasilhame.

Por outro lado, o destaque da mica na pasta cerâmica de diversos fragmentos observados em campo, lembra as indústrias dos sítios cerâmicos da micro-bacia do Córrego Banhado (Depressão do Guaporé), os quais apresentam elementos em comum com as fases Corumbiara e Pimenteira (Tradição Incisa-Ponteadas).

Descrição: Sítio cerâmico indígena pré-colonial ou etno-histórico. Foi evidenciado por um corte de estrada secundária (localmente conhecida como “Estrada do Dirley”), a qual expôs por uma extensão de 110 m, fragmentos esparsos de cerâmica com acabamento de superfície simples e tempero de mica e quartzo em proporções variadas. A área é caracterizada por pastagens com predomínio de palmáceas de babaçu.

Atividade: coleta superficial de 15 fragmentos cerâmicos.

Análise Cerâmica:

A coleção cerâmica do Sítio Retiro II é procedente de uma coleta seletiva de superfície efetuada em abril de 2007 no âmbito da Expedição Guaporé, resultando na coleta de peças históricas e pré-coloniais (14 fragmentos cerâmicos após curadoria).

Entre essas peças, contamos com as categorias cerâmicas correspondentes a 1 borda, 2 bases e 11 paredes, embora a maioria não contenha qualquer decoração ou tratamento de enegrecimento ou brunidura, foram consideradas visto a amostragem ser pequena. As espessuras dos vasilhames variam de 5 a 20 mm, sendo predominante a espessura de 8 mm, as espessuras de 5 e 7 mm também são recorrentes.

Aspectos Gerais da Pasta

O antiplástico predominante é a combinação do mineral, caco moído e cauxí (5 peças); seguida do antiplástico mineral (4 peças) ou de sua combinação com o cauxí (3 peças) ou o caco moído (2 peças). O quartzo é mineral preponderante, a hematita e a mica ocorrem na mesma frequência, mas quando presentes na pasta apresentam baixos percentuais. Entre os antiplásticos orgânicos o cauxí ocorre em baixos percentuais, em apenas um fragmento é preponderante. Em suma, é uma cerâmica rica em antiplásticos minerais.

As espessuras máximas predominantes dos antiplásticos são representadas por intervalos de 1 a 3 mm (6 peças) e superiores a 5 mm (6 peças). Há poucas peças com antiplásticos apresentando intervalos de 0 a 1 mm (1 peça) e de 3 a 5 mm (3 peças). O quartzo apresentou dimensões de 1 a 8 mm; a hematita até 4 mm, e o caco moído de 2 a 4 mm.

Há um predomínio de pastas muito plásticas (cerca de 10% de antiplástico) representadas por 7 peças, sendo seguidas por pastas plásticas com presença mediana de antiplástico (10 a 30%) representadas por 5 fragmentos. Apenas 2 fragmentos apresentam pasta seca (mais de 30% de antiplástico).

A técnica de construção dos vasilhames é a acordelada por superposição dos roletes, um fragmento apresentou reforço de parede. Quanto ao tipo de queima há predomínio de do tipo 5 (5 peças). Há um equilíbrio percentual entre as queimas dos tipos 3 e 7, cada qual com 3 peças. Há 1 peça com queima oxidante (**Gráfico 49**).

Gráfico 49 – Predomínio dos tipos de queima nas pastas cerâmicas do sítio Retiro II.

Tratamento de Superfície e Decoração

Os fragmentos receberam um tratamento de alisamento em ambas as superfícies, a despeito de se encontrarem erodidos em uma ou ambas as faces. De modo associado cinco peças exibiram enegrecimento (1) ou brunidura (4) na superfície interna. Uma peça exibiu polimento em ambas as superfícies.

Marcas de Uso

Três fragmentos de parede apresentaram marcas de uso na forma de depósitos de carbono na superfície interna (1 peça) ou na forma de fuligem na superfície externa (2 peças).

Morfologia e Função dos Vasilhames

A partir de um fragmento de borda e duas bases foi possível reconstituir a morfologia e função de um vasilhame cerâmico presente na coleção. A peça exhibe morfologia *extrovertida* com inclinação externa, cuja espessura do lábio em relação à borda é do tipo *normal*; o lábio é arredondado com espessura de 3 mm, com percentual de conservação de linhas de bordas de 8% e diâmetro de 10 cm, sendo a forma aberta. Corresponde à forma **CG 4**: uma tigela rasa com boca circular ampliada, contorno infletido e de bojo levemente a fortemente globular.

Quanto aos fragmentos de bases, estes apresentam morfologia convexa (1) e plana (1), a segunda apresenta um ângulo de base de 160°, mas um percentual de conservação de base muito ínfimo que permitisse a mensuração de seu diâmetro.

Boa Esperança

Coordenadas UTM: 21L 0183423/ 8334189. Datum: SAD 69.

Afiliação Cronológico-cultural: O destaque da mica na pasta e a reconstituição de uma forma de vasilhame lembram as indústrias dos sítios cerâmicos da micro-bacia do Córrego Banhado (Depressão do Guaporé), os quais apresentam elementos em comum com as fases Corumbiara e Pimenteira (Tradição Incisa-Ponteadá). Um único fragmento com engobo creme⁶⁶ levanta suspeita de contato com a **Tradição Tupiguarani**.

Descrição: Sítio multicomponencial contendo vestígios cerâmicos pré-coloniais e materiais de ocupação histórica. Foi evidenciado por um corte de estrada secundária, a qual expôs por uma extensão de 400 m, fragmentos esparsos de cerâmica com acabamento de superfície simples e tempero de mica e quartzo. A área é caracterizada por uma área de pastagem predominantemente ocupada por palmáceas de babaçus e bacuris, sendo delimitada, em sua porção leste, por uma área pantanosa. O material histórico é representado por telhas, fragmentos de garrafas quadrangulares verdes (*case bottles*) e fragmentos de faianças portuguesas do Séc. XVIII e, tende a concentrar-se em uma área de 20 x 30 metros.

Atividade: foi efetuada uma linha de cinco tradagens na área de concentração do material histórico a uma profundidade de 80 cm, seguindo uma orientação E-W, fornecendo fragmentos 14 cerâmicos como os acima descritos, 1 fragmento cerâmico com tempero indeterminado e, 1 fragmento de garrafa quadrangular verde-oliva.

Análise Cerâmica:

A coleção cerâmica do Sítio Boa Esperança é procedente de uma coleta seletiva de superfície e da abertura de cinco tradagens efetuadas em maio de 2007 no âmbito da Expedição Guaporé, resultando na coleta de peças históricas e pré-coloniais (12 fragmentos cerâmicos após curadoria).

Entre essas peças, contamos com as categorias cerâmicas correspondentes a 2

⁶⁶ Poderia ser um engobo branco percolado com óxidos férricos do solo do sítio.

fragmentos de bordas e 10 paredes, embora a maioria não contenha qualquer decoração ou tratamento de enegrecimento ou brunidura, foram consideradas visto a amostragem ser pequena. As espessuras dos vasilhames variam de 3 a 11 mm, sendo predominante a espessura de 8 mm, as espessuras de 6-7 e de 9 mm também são recorrentes.

Aspectos Gerais da Pasta

O antiplástico predominante é o mineral (9 peças), há poucos exemplos em que o antiplástico é uma combinação do mineral com o cauxí (2 peças) ou o cariapé (1 peça). O quartzo e a mica são bem preponderantes, conferindo uma textura bem cintilante à pasta devido aos cristais de muscovita. A hematita ocorre na mesma frequência, mas quando presente na pasta apresenta baixo percentual. Entre os antiplásticos orgânicos o cariapé e o cauxí ocorrem em baixos percentuais, quase na forma de traços.

As espessuras máximas predominantes dos antiplásticos são representadas por intervalos de 3 a 5 mm (7 peças), sendo estas seguidas por intervalos com espessuras superiores a 5 mm (4 peças); há uma peça com antiplásticos de espessuras de 1 a 3 mm.

Há quase uma hegemonia de pastas plásticas com presença mediana de antiplástico (10 a 30%) representadas por 11 fragmentos. Apenas 1 fragmento apresenta pasta seca (mais de 30% de antiplástico).

A técnica de construção dos vasilhames é a acordelada por superposição dos roletes, um fragmento apresentou reforço de parede. Quanto ao tipo de queima há predomínio de queimas oxidantes dos tipos 1 e 2. Há dois fragmentos com queima redutora do tipo 4. Há apenas uma peça com queima do tipo 5.

Tratamento de Superfície e Decoração

Os fragmentos receberam um tratamento de alisamento em ambas as superfícies, a despeito de se encontrarem erodidos em uma ou ambas as faces. De modo associado uma peça exibiu enegrecimento na superfície interna, enquanto uma segunda exibiu engobo creme (ou branco percolado com óxidos férricos) na superfície externa, apontando para a possibilidade de contato com a **Tradição Tupiguarani**, seja por intrusão de algum artefato cerâmico ou influencia tecnológica, novamente apontando para existência de redes de trocas.

Porém, uma manifestação artesanal independente poderia também ter sido desenvolvida na cerâmica deste sítio.

Marcas de Uso

Um fragmento de parede apresentou depósitos de carbono na superfície interna e fuligem na superfície externa.

Morfologia e Função de Vasilhames

A partir de dois fragmentos de borda foi possível reconstituir a morfologia e função dos vasilhames cerâmicos presentes na coleção cerâmica do sítio. As peças exibem morfologia *extrovertida* com inclinação externa, cujas espessuras do lábio em relação à borda são do tipo *normal* (2); porém, o lábio de uma peça se encontra bem erodido, de modo que a peça restante apresenta um lábio biselado, espessura de 4 mm, com porcentual de conservação de linhas de bordas de 10% e diâmetro de 12 cm, sendo a forma muito aberta. Os vasilhames possuiriam boca circular ampliada, contorno infletido e de bojo levemente a fortemente globular. Função: cocção de alimentos ou bebidas.

Boqueirão I

Coordenadas UTM: 21L 0185049/ 8321305. Datum: SAD 69.

Afiliação Cronológico-cultural: A pequena amostragem e a falta de pormenores diagnósticos, como a presença de decoração ou formas de vasilhames, não permite uma afiliação cronológico-cultural segura.

Descrição: Sítio multicomponencial contendo vestígios cerâmicos pré-coloniais ou etno-históricos, além de materiais de ocupação histórica. Encontra-se em uma planície ocupada por pastagens altas e palmáceas de babaçus, no limite das terras da comunidade Boqueirão com a Fazenda Santa Cruz.

Atividade: coleta seletiva de 3 fragmentos de cerâmica com acabamento de superfície simples e tempero de mica e quartzo.

Análise Cerâmica:

A coleção cerâmica do Sítio Boqueirão I é procedente de uma coleta seletiva de superfície efetuada em abril de 2007 no âmbito da Expedição Guaporé, resultando na coleta de 3 fragmentos cerâmicos pré-coloniais.

Entre essas peças, contamos apenas com fragmentos pertencentes à categoria de paredes com espessuras de 8 a 13 mm.

Aspectos Gerais da Pasta

O antiplástico predominante é a combinação do mineral com o cauxí (2 peças), apenas uma peça apresentou antiplástico mineral. O quartzo é mineral predominante, a hematita e a mica ocorrem na mesma frequência, mas quando presentes na pasta apresentam baixos percentuais, em um fragmento a mica apresentou elevado percentual. Entre os antiplásticos orgânicos o cauxí atinge altos percentuais, ocorrendo um pouco abaixo do quartzo.

As espessuras máximas predominantes dos antiplásticos são representadas por intervalos de 3 a 5 mm (2 peças); há uma peça com antiplástico de espessura superior a 5 mm. Há apenas pastas plásticas com presença mediana de antiplástico (10 a 30%).

A técnica de construção dos vasilhames é a acordelada por superposição dos roletes, um fragmento apresentou reforço de parede. Quanto ao tipo de queima há predomínio do tipo 7 (2 peças); há 1 peça com queima oxidante do tipo 2.

Tratamento de Superfície e Decoração

Os fragmentos receberam um tratamento de alisamento em ambas as superfícies, a despeito de se encontrarem erodidos em uma ou ambas as superfícies.

Boqueirão II

Coordenadas UTM: 21L 0185044/ 8321660. Datum: SAD 69.

Descrição: Sítio multicomponencial contendo vestígios cerâmicos indígenas pré-coloniais ou etno-históricos, além de materiais de ocupação histórica. É caracterizado por uma dispersão de material arqueológico superficial no entorno de uma habitação rural.

Afiliação Cronológico-cultural: A pequena amostragem e a falta de pormenores diagnósticos, como a presença de decoração ou formas de vasilhames, não permite uma afiliação cronológico-cultural segura.

Atividade: coleta seletiva de 2 fragmentos cerâmicos com acabamento de superfície simples, sendo um com tempero de mica e quartzo e, o segundo, com tempero indefinido.

Análise Cerâmica:

A coleção cerâmica do Sítio Boqueirão I é procedente de uma coleta seletiva de superfície efetuada em abril de 2007 no âmbito da Expedição Guaporé, resultando na coleta de 2 fragmentos cerâmicos pré-coloniais.

Entre essas peças, contamos apenas com fragmentos pertencentes à categoria de paredes com espessuras de 9 a 17 mm.

Aspectos Gerais da Pasta

O antiplástico presente é o mineral (1) ou sua combinação com o cauixí (1 peça). O quartzo e mica ocorrem em elevados percentuais, a hematita ocorre na mesma frequência, mas quando presente exibe baixo percentual. Entre os antiplásticos orgânicos o cauixí atinge altos percentuais, ocorrendo um pouco abaixo do quartzo.

As espessuras máximas dos antiplásticos são representadas apenas por intervalos de 3 a 5 mm. Um fragmento exibe pasta muito plástica com cerca de 10% de antiplástico, um segundo, pastas plástica com presença mediana de antiplástico (10 a 30%).

A técnica de construção dos vasilhames é a acordelada por superposição dos roletes, um fragmento apresentou reforço de parede. Quanto ao tipo de queima há a do Tipo 2.

Tratamento de Superfície e Decoração

Os fragmentos receberam um tratamento de alisamento em ambas as superfícies, a despeito de se encontrarem erodidos nas superfícies internas.

Betânia

Coordenadas UTM: 20L 0788811/ 8445016. Datum: SAD 69.

Afiliação Cronológico-cultural: A reconstituição dos formatos de vasilhames a partir de alguns perfis de bordas permite uma afiliação às indústrias dos sítios cerâmicos da micro-bacia do Córrego Banhado (Depressão do Guaporé), os quais apresentam elementos em comum com as fases Corumbiara e Pimenteira (Tradição Incisa-Ponteadas).

Descrição: Sítio multicomponencial contendo vestígios cerâmicos pré-coloniais ou etno-históricos, além de materiais de ocupação histórica. Encontra-se na margem esquerda da Baía de Betânia, a qual é caracterizada por terraços elevados, configurando um amplo terreno plano; quanto à margem direita, é configurada por uma ilha ou meandros abandonados, conforme a oscilação das cheias do rio Guaporé. O local é utilizado como pastagens, bem como há presença de um ancoradouro, ali teria existido uma comunidade rural entre as décadas de 1950 a 1970. Os vestígios arqueológicos se caracterizam por fragmentos cerâmicos de espessuras e formas variadas, com predomínio de formas mais espessas e, tamanho médio a grande com acabamento de superfície simples e raros exemplos incisos. Há uma concentração cerâmica correspondente a uma urna funerária associada a fragmentos ósseos em decomposição.

Atividade: registro e coleta de superfície.

Análise Cerâmica:

A coleção cerâmica do Sítio Betânia é procedente de uma coleta seletiva de superfície efetuada em maio de 2007 no âmbito da Expedição Guaporé, resultando na coleta de peças históricas e pré-coloniais (22 fragmentos cerâmicos, os quais resultaram ser 21 após curadoria e restauro).

Entre essas peças diagnósticas, contamos com as categorias correspondentes a fragmentos de bordas, paredes decoradas (ou contendo acabamento de superfície enegrecido ou brunido) e um artefato cerâmico específico (calibrador reciclado a partir de fragmento

cerâmico). De acordo com o **Gráfico 50**, há um maior percentual de 11 fragmentos de bordas (52,38%), seguidos de 9 fragmentos de parede (42,86%) e 1 peça (4,76%) pertencente a um artefato cerâmico específico (calibrador de fragmento cerâmico reciclado). Embora os fragmentos de paredes não exibam decoração plástica ou pintada, ou tratamentos de superfícies específicos (brunidura, enegrecimento, polimento) foram considerados, visto que foram poucas as peças coletadas.

Gráfico 50 – Categorias cerâmicas do sítio Betânia.

As espessuras dos vasilhames variam de 7 a 20 mm, sendo predominante a espessura de 15 mm, sendo também freqüente as espessuras de 9 mm.

Aspectos Gerais da Pasta

O antiplástico predominante é a combinação do mineral, caco moído e cauixí (42,86%) seguido das combinações do mineral e cauixí (28,75%) e do mineral, cauixí, cariapé e caco moído e (14,29%), os demais tipos de antiplástico e suas combinações ocorreram em baixa porcentagem (**Gráfico 51**). O quartzo é o mineral predominante, a hematita e a mica tendem a ocorrer com a mesma freqüência, porém o primeiro em menor percentual e a segunda como traços. O cauixí quando presente na pasta tende a ser preponderante e, o cariapé ocorre como traços. Um fragmento exibiu raro traço de concha moída.

A espessura máxima do antiplástico teve como moda o intervalo de 0 a 1 mm, representado por 42,86% da amostragem diagnóstica analisada (**Gráfico 50**), seguida do intervalo de 1 a 3 mm (ex: o caco moído apresentou espessuras de 2,5 a 3,0 mm). Poucos fragmentos exibiram espessuras de 3 a 5 mm (19,05%).

Gráfico 51 – Tipos de antiplásticos presentes no sítio Betânia.

Há um predomínio de pastas plásticas com presença mediana de antiplástico (10 a 30%) representada por 66,67% da amostragem, sendo seguida por pastas muito plásticas (cerca de 10% de antiplástico) por um percentual de 28,57%. Há poucos fragmentos com pastas secas (4,76%), ou seja, com mais de 30% de antiplástico na composição cerâmica (**Gráfico 53**).

Gráfico 52: Espessura máxima dos antiplásticos presentes no sítio Betânia.

Gráfico 53: Porcentual de antiplásticos nas pastas cerâmicas do sítio Betânia.

A técnica de construção dos vasilhames é a acordelada por superposição dos roletes, um fragmento apresentou reforço de parede. Quanto ao tipo de queima (**Gráfico 54**) há um predomínio na coleção da queima oxidante do tipo 2 (52,39%), sendo seguida pela queima do tipo 3 (23,81%). Há baixos percentuais de 4,76% para a queima do tipo 1, além de percentuais de 9,52% para as queimas de tipo 4 e 5.

Gráfico 54 – Predomínio dos tipos de queima nas pastas cerâmicas do sítio Betânia.

Tratamento de Superfície e Decoração

O tratamento de superfície externa predominante é o de alisamento presente em ambas as superfícies, nove fragmentos exibiram ambas as superfícies erodidas. Não foram observadas quaisquer decorações plásticas ou pintadas.

Marcas de Uso e Pátinas

Dois fragmentos de paredes exibiram depósitos de carbono na superfície interna; dois fragmentos de bordas exibiram fuligem na superfície externa.

Morfologia de Vasilhames

A partir de onze fragmentos de bordas foi possível reconstituir a morfologia e função dos tipos de vasilhames cerâmicos presentes na coleção cerâmica do sítio. Os fragmentos de borda exibem morfologia *direta* (9) ou *extrovertida* (2).

As bordas *diretas* exibem inclinação da borda vertical (1), inclinada externa (4) ou interna (4); por outro lado, as bordas *extrovertidas* exibem inclinação da borda do tipo inclinada externa (2).

A borda direta vertical apresenta uma espessura normal do lábio em relação à borda, com um percentual de conservação de linha de borda de 6 % fornecendo um diâmetro de 14 cm, e, uma forma aberta. O lábio é arredondado com espessura de 7 mm. O vasilhame seria uma tigela semi-esférica de boca circular e contorno simples. Função: serviço ou consumo de alimentos.

As bordas diretas inclinadas externas apresentam espessuras normais (3) ou reforçada interna (1) do lábio em relação à borda, com percentuais de conservação de linhas de bordas de 3 a 7% fornecendo diâmetros de 18 a 28 cm e, formas abertas (3) a ligeiramente abertas (1). O formato do lábio é variado, podendo ser plano (1), arredondado (1), apontado (1) e biselado (1), suas espessuras variam de 8 a 13 mm. Esses vasilhames correspondem a tigelas com profundidades medianas, boca circular e contorno simples. A peça com reforço interno apresentaria forma mais profunda. Função: consumo ou serviço de alimentos ou bebidas, respectivamente envolvendo peças de diâmetros menores a maiores. Uma peça com

fuligem na superfície externa.

As bordas diretas inclinadas internas apresentam espessuras normais (4) do lábio em relação à borda, com percentuais de conservação de linhas de bordas de 3 a 6% fornecendo diâmetros de 10 a 34 cm e, formas ligeiramente fechada (1), ligeiramente aberta (2) ou aberta (1).

Entre as duas primeiras os lábios são planos (2) ou apontados (1) com espessuras de 4 a 10 mm. Os vasilhames seriam globulares com bocas circulares constrictas de contornos simples. Função: armazenagem de líquidos ou alimentos.

Quanto à segunda, com forma aberta, o lábio é plano com espessura de 13 mm. O vasilhame seria uma tigela semi-esférica globular de boca circular e contorno simples. Função: consumo ou serviço de alimentos ou bebidas.

As bordas *extrovertidas* exibem inclinação externa, sendo a espessura do lábio em relação à borda do tipo normal, há um percentual de conservação de sua linha de 3 a 7 %, sendo os seus diâmetros de 14 e 30 cm, sendo suas formas aberta a muita aberta. O lábio é arredondado (1) ou apontado (1) com espessura de 10 a 12 mm. Suas formas seriam vasilhames de boca circular ampliada, contorno infletido e de bojo levemente a fortemente globular. Função: cocção de alimentos ou bebidas, um dos fragmentos continha vestígios de fuligem na superfície externa.

Artefatos Cerâmicos Específicos

Calibrador: Conhecido também como torneador (Miller 1983: estampa 14), trata-se de um fragmento cerâmico reciclado⁶⁷ utilizado para polimento em peças se seção cilíndrica, provavelmente hastes ou armações de flechas de madeira ou taquara, visto que o antiplástico da pasta funcionaria como um abrasivo.

Na coleção cerâmica deste sítio, há um fragmento de parede ou base com 15 mm de espessura, onde em uma face se observam três canaletas de seção semicircular, sendo duas diagonais inclinadas à direita e, uma horizontal, cujas dimensões são: 35 a 66 mm de comprimento, 4 a 8 mm de largura e, 1 a 4 mm de profundidade.

⁶⁷ Utiliza-se aqui o termo “reciclado” de acordo com a proposição de Schiffer (1972).

Calvarinho

Coordenadas UTM: 20L 0820718/ 8363952. Datum: SAD 69.

Afiliação Cronológico-cultural: Possivelmente associa-se à Cerâmica Capão do Canga, ao julgar pelo tipo de antiplástico e a reconstituição de uma perfil de borda de vasilhame. Apresenta duas peças que permitem afiliação à **Tradição Tupiguarani**.

Descrição: Sítio multicomponencial contendo vestígios cerâmicos pré-coloniais, além de materiais de ocupação histórica. Situa-se em um terraço na margem esquerda do Guaporé. O local é dominado por pastagens e ancoradouros. O material se caracteriza por fragmentos cerâmicos associados a blocos lateríticos (“pedra-canga”). Há possíveis vestígios de lavra de blocos lateríticos em período histórico.

Atividade: coleta seletiva de peças históricas e lito-cerâmicas pré-coloniais.

Análise Cerâmica:

A coleção cerâmica do Sítio Calvário é procedente de uma coleta seletiva de superfície efetuada em maio de 2007 no âmbito da Expedição Guaporé, resultando na coleta de peças históricas e pré-coloniais (12 fragmentos cerâmicos, após curadoria configuraram 11).

Entre essas peças diagnósticas, contamos com as categorias cerâmicas correspondentes a 1 fragmento de borda, 9 paredes (embora alguns não contenham qualquer decoração ou tratamento de enegrecimento ou brunidura, foram considerados visto a amostragem ser pequena) e 1 parede com vestígio de aplique ou apêndice. As espessuras dos vasilhames variam de 5 a 21 mm, sendo predominante a espessura de 16 mm.

Aspectos Gerais da Pasta

O antiplástico predominante é a combinação do mineral e o cauixí (4 peças). Há poucos exemplos cujo antiplástico é apenas mineral (2 peças) ou uma combinação do mineral

e cauxí com outros tipos de antiplástico: bola de argila (1 peças); cariapé (1 peça); caco moído (2 peças). Ocorreu 1 peça com combinação do mineral e do cariapé.

O quartzo é mineral predominante, a mica e a hematita ocorrem na mesma frequência, mas em baixos percentuais, apenas um fragmento apresentou elevado percentual de mica. Entre os antiplásticos orgânicos o cauxí quando presente é preponderante, o cariapé é de baixa frequência; um fragmento apresentou cariapé em grande quantidade, em geral de cor clara, mas associado a alguns exemplos de cariapé enegrecido, bem como a raras espículas de cauxí.

As espessuras máximas predominantes são representadas por intervalos de 1 a 3 mm (5 peças); ocorrem 4 peças com espessuras de 3 a 5 mm, e, 2 peças com espessuras superiores a 5 mm. O caco moído atingiu diâmetro máximo de 3 mm e, o caco moído atingiu diâmetro máximo de 4 mm.

Há um predomínio de pastas plásticas com presença mediana de antiplástico (10 a 30%) representadas por 7 fragmentos, pastas muito plásticas (cerca de 10% de antiplástico) representadas por 2 fragmentos, bem como por pastas secas (mais de 30% de antiplástico) representadas por 2 fragmentos.

A técnica de construção dos vasilhames é a acordelada por superposição dos roletes, um fragmento apresentou vestígio de aplique ou apêndice modelado. Quanto ao tipo de queima há um predomínio na coleção dos tipos 4 e 5, cada qual representada por 3 peças. Há poucas peças com queimas oxidantes dos tipos 1 e 2, representadas cada uma por 2 peças. A queima do tipo 3 é representada por apenas 1 fragmento (**Gráfico 55**).

Gráfico 55 – Predomínio dos tipos de queima nas pastas cerâmicas do sítio Calvarinho.

Tratamento de Superfície e Decoração

O tratamento predominante seria o de alisamento em ambas as superfícies, a despeito de haver muitas peças erodidas. Porém, a **Tabela 33** aponta a presença de pelo menos 3 combinações de tratamento, onde além do alisamento, há o enegrecimento, o engobo vermelho e o engobo branco, apontando para a possibilidade de existência de elementos cerâmicos intrusivos da **Tradição Tupiguarani** no sítio, idéia também corroborada pela presença de um fragmento de parede com decoração plástica corrugada na superfície externa.

Tabela 33 – Tratamento de superfície externo na cerâmica do sítio Calvarinho e suas respectivas associações no tratamento de superfície interno dos vasilhames.

Superfície Externa		Superfície Interna	
Alisamento	3	Alisamento	1
		Erodido	2
Erodido	5	Alisamento	1
		Enegrecimento	2
		Erodido	2
Engobo Branco	1	Enegrecimento	1
Engobo Vermelho	2	Erodido	2

Morfologia de Vasilhames

A partir de uma borda foi possível reconstituir a morfologia e função de um tipo de vasilhame, o qual exhibe morfologia *direta* com inclinação externa, a espessura do lábio em relação à borda é *normal*. Apresenta 3% de conservação de linha de borda, fornecendo um diâmetro de 18 cm, bem como uma forma aberta. O lábio é arredondado com espessura de 8 mm. Corresponde à forma CG 2, uma tigela de profundidade mediana de boca circular e contorno simples. Função: serviço ou consumo de alimentos.

Análise Lítica:

A coleção lítica do sítio em questão consiste de duas peças lascadas unipolares de sílexito, correspondentes a uma lasca fragmentada e a um fragmento de lasca, respectivamente exibindo córtex ausente ou inferior a 50%, no segundo caso, correspondendo a um seixo como suporte. Apresentam pelo menos uma retirada anterior, mas as direções das cicatrizes são indefinidas. A lasca fragmentada é também uma lasca de retoque a qual, exhibe ponto de percussão puntiforme, bulbo cornija e talão em asa de pássaro. Quanto ao fragmento de lasca, este pertence à porção distal de uma lasca secundária ou negativa, possivelmente associada a retoque. Certamente associam-se a alguma cadeia operatória de produção de artefatos formais padronizados. Dimensões: 16 a 23 mm de comprimento; 19 a 23 mm largura; 5 a 6 mm de espessura.

Imagem de satélite do Google Earth mostrando a inserção do Sítio Calvarinho em uma Planície Ampla (A.1) de baías do Guaporé e seus afluentes em sua margem esquerda, com presença de amplas áreas alagadiças em sua margem direita.

Fragmento de parede com vestígio de aplique ou apêndice.

Fragmentos de paredes com vestígios de engobo vermelho.

Fragmento de parede com decoração plástica corrugada.

Fragmento de parede com engobo branco.

Peças líticas: lasca fragmentada e fragmento de lasca unipolares de sílexito.

Calvário

Coordenadas UTM: 20L 0819997/ 8363192. Datum: SAD 69.

Afiliação Cronológico-cultural: A reconstituição dos formatos de vasilhames a partir de alguns perfis de bordas permite uma afiliação às indústrias dos sítios cerâmicos da micro-bacia do Córrego Banhado (Depressão do Guaporé), os quais apresentam elementos em comum com as fases Corumbiara e Pimenteira (Tradição Incisa-Ponteadas). A presença de uma peça apresenta intrusão da **Tradição Tupiguarani** no sítio.

Descrição: Sítio multicomponencial contendo vestígios cerâmicos indígenas pré-coloniais, além de materiais de ocupação histórica. Situa-se em um terraço na margem esquerda do Guaporé. O local é dominado por pastagens e ancoradouros. Ocorrem vestígios construtivos de caráter recentes, porém, abaixo destes, ocorrem fragmentos cerâmicos pré-coloniais.

Atividade: coleta seletiva de peças históricas e cerâmicas pré-coloniais.

Análise Cerâmica:

A coleção cerâmica do Sítio Calvário é procedente de uma coleta seletiva de superfície efetuada em maio de 2007 no âmbito da Expedição Guaporé, resultando na coleta de peças históricas e pré-coloniais (15 fragmentos cerâmicos os quais, após curadoria configuraram serem 13).

Entre essas peças diagnósticas, contamos com as categorias cerâmicas correspondentes a 2 fragmentos de bordas, 9 paredes (embora a maioria não contenha qualquer decoração ou tratamento de enegrecimento ou brunidura, foram considerados visto a amostragem ser pequena), 1 parede com ponto angular e 1 fragmento de base. As espessuras dos vasilhames variam de 5 a 18 mm, sendo predominantes as espessuras de 8 e 14 mm.

Aspectos Gerais da Pasta

De acordo com o **Gráfico 56** o antiplástico predominante é a combinação do mineral e o cauxí (7 peças). Há poucos exemplos cujo antiplástico é apenas mineral (2 peças) ou uma combinação do mineral e cauxí com outros tipos de antiplástico: bola de argila (2 peças); cariapé (1 peça); cariapé e caco moído (1 peça).

Gráfico 56 – Tipos de antiplásticos presentes no sítio Calvário.

O quartzo é o mineral predominante, a mica ocorre na mesma frequência, a hematita em uma pouco menor, porém, quando presentes na pasta apresentam baixos percentuais. O feldspato ocorre na forma de traços. Entre os antiplásticos orgânicos o cauixí quando presente é preponderante, o cariapé é de baixa frequência ou na forma de traços.

As espessuras máximas predominantes são representadas por intervalos de 1 a 3 mm (5 peças) ou maiores que 5 mm (5 peças); ocorrem apenas 3 peças com espessuras de 3 a 5 mm. O quartzo atingiu dimensões de 2 a 7 mm; a hematita de 4 a 5 mm; a mica de 2 a 4 mm.

Há um predomínio de pastas plásticas com presença mediana de antiplástico (10 a 30%) representadas por 7 fragmentos, seguida por pastas muito plásticas (cerca de 10% de antiplástico) representadas por 6 fragmentos.

A técnica de construção dos vasilhames é a acordelada por superposição dos roletes, um fragmento apresentou reforço de parede. Quanto ao tipo de queima há um predomínio na coleção da queima oxidante do tipo 2, representada por 5 peças. É seguida pela queima do tipo 5, representada por 4 peças. Há poucas peças com queimas dos tipos 1 e 3, respectivamente representadas por 1 e por 3 peças (**Gráfico 55**).

Tratamento de Superfície e Decoração

O tratamento predominante é o de alisamento presente em ambas as superfícies. Porém, um fragmento exibiu enegrecimento na superfície interna e, um segundo, engobo

creme⁶⁸ na superfície externa, apontando para a possibilidade de existência de elementos cerâmicos da **Tradição Tupiguarani** no sítio. Em um fragmento de parede com ponto de inflexão, foi observada uma decoração plástica estocada ao longo da linha de inflexão, no motivo de estoques enfileirados, a despeito de se encontrarem um pouco obliterados por ação erosiva.

Gráfico 57 – Predominância dos tipos de queima nas pastas cerâmicas do sítio Calvário.

Morfologia de Vasilhames

A partir de dois fragmentos de bordas e de uma base foi possível reconstituir a morfologia e função dos tipos de vasilhames cerâmicos presentes na coleção cerâmica do sítio. Todos os fragmentos de borda exibem morfologia *extrovertida* com inclinações *externas*, cujas espessuras dos lábios em relação à borda são do tipo *normal* (1) ou *reforçado externa* (1), com percentuais de conservação de linhas de bordas de 7 a 10% e diâmetros de 8 a 20 cm, sendo as formas abertas. O formato do lábio é apontado com espessuras de 4 a 6 mm. Os vasilhames possuiriam boca circular ampliada, contorno infletido e de bojo levemente a fortemente globular. Função: cocção de alimentos ou bebidas.

O único fragmento de base apresentou morfologia do tipo plano o qual, apresentou um ângulo de abertura de 150°, bem como um percentual de 15% de linha preservada de base, fornecendo um diâmetro de 16 cm.

⁶⁸ Ou engobo branco percolado com óxidos férricos do solo do sítio.

Imagem de satélite do Google Earth mostrando a inserção do Sítio Calvário em uma Planície Ampla (A.1) de baías do Guaporé e seus afluentes em sua margem esquerda, com presença de amplas áreas alagadiças em sua margem direita.

Bordas extrovertidas inclinadas externa normal

Base plana

Fragmento de parede com ponto angular com presença de decoração plástica entalhada.

Fragmento de parede com engobo creme na superfície externa.

Campina

Coordenadas UTM: 20L 0798896/ 8423722. Datum: SAD 69.

Afiliação Cronológico-cultural: A reconstituição do formato de um vasilhame a partir de um perfil de borda lembra a indústria da Cerâmica Capão do Canga, porém a presença de alto teor de cariapé na coleção deste sítio aponta alguma contribuição da **Tradição Uru**.

Descrição: Sítio multicomponencial contendo vestígios cerâmicos pré-coloniais, além de materiais de ocupação histórica. Encontra-se instalado em uma planície de caráter peninsular da margem esquerda do Guaporé, de modo que na margem oposta há baías e meandros abandonados. Atualmente o local é um acampamento pesqueiro utilizado esporadicamente, mas antigamente parece ter servido de base de apoio a acampamentos de seringueiros. Outras intervenções foram feitas, como a construção de uma estrada adjacente o rio, em cujo leito há fragmentos cerâmicos, vidro e louça, além de materiais mais recentes, como telhas e tijolos de barro fraturados, pedaços de argamassa de cimento, plásticos, latas de cerveja, etc.

Atividade: coleta seletiva de peças históricas e lito-cerâmicas pré-coloniais.

Análise Cerâmica:

A coleção cerâmica do Sítio Campina é procedente de uma coleta seletiva de superfície efetuada em maio de 2007 no âmbito da Expedição Guaporé, resultando na coleta de peças históricas e pré-coloniais (6 fragmentos cerâmicos e 1 peça lítica).

Entre essas peças, contamos com as categorias cerâmicas correspondentes a 1 fragmento de borda e 5 paredes, embora alguns não contenham qualquer decoração ou tratamento de enegrecimento ou brunidura, foram consideradas visto a amostragem ser pequena. As espessuras dos vasilhames variam de 7 a 13 mm, sendo predominante a espessura de 11 mm.

Aspectos Gerais da Pasta

O antiplástico predominante é a combinação do mineral, cauxí e cariapé (3 peças). Há poucos exemplos cujo antiplástico é apenas a combinação do mineral e cauxí (1 peça), ou este com a bola de argila (1 peça) ou com o cariapé e a bola de argila (1 peça).

O quartzo é mineral predominante, a mica e a hematita ocorrem na mesma frequência, mas quando presentes na pasta apresentam baixos percentuais. Entre os antiplásticos orgânicos o cariapé quando presente atinge grande percentual, senão preponderante, algumas de suas fibras são enegrecidas; já o cauxí, a despeito de ser de frequência inferior não deixa de se destacar na composição da pasta.

As espessuras máximas predominantes dos antiplásticos são representadas por intervalos superiores a 5 mm (4 peças); há uma peça com antiplásticos de espessura de 1 a 3 mm e, uma segunda com espessura de 3 a 5 mm. O quartzo atingiu dimensões de até 4 mm; o cariapé de até 4 mm e a mica de até 5 mm.

Há quase uma hegemonia de pastas plásticas com presença mediana de antiplástico (10 a 30%) representadas por 6 fragmentos. Apenas 1 fragmento apresenta pasta seca (mais de 30% de antiplástico).

A técnica de construção dos vasilhames é a acordelada por superposição dos roletes, um fragmento apresentou reforço de parede. Quanto ao tipo de queima há quase uma hegemonia (6 peças) da queima redutora do tipo 4. Há apenas uma peça com queima oxidante do tipo 2.

Tratamento de Superfície e Decoração

O tratamento predominante é o de alisamento presente em ambas as superfícies, alguns exemplos encontram-se erodidos em uma ou outra face; de modo associado uma peça apresentou enegrecimento na face interna. Há um fragmento com tratamento de engobo vermelho em ambas as superfícies.

Morfologia de Vasilhames

A partir de um fragmento de borda foi possível reconstituir a morfologia e função de

um tipo de vasilhame cerâmico presente na coleção cerâmica do sítio. A peça exhibe morfologia *direta* com inclinação interna, cuja espessura do lábio em relação à borda é do tipo *normal* (1), com percentuais de conservação de linhas de bordas de 3% e diâmetros de 18 cm, sendo a forma ligeiramente aberta. O formato do lábio é arredondado com espessura de 8 mm. O vasilhame seria uma tigela funda de formato semi-esférico com função de serviço e consumo de alimentos e bebidas, lembrando a forma CG1 da Cerâmica Capão do Canga, mas o alto teor de cariapé aponta para alguma influência da **Tradição Uru**.

Análise Lítica:

A coleção lítica do sítio consiste de um artefato polido bifacial caracterizado por uma plaqueta de hematita. Uma de suas faces encontra-se um pouco côncava, e uma de suas arestas encontra-se entalhada na forma de múltiplas cúspides, configurando uma serra, lembrando às existentes entre a Cultura Tapajônica de Santarém, Pará (Palmatary 1960: 229, b, d; Banco Safra 1986: 166). Observam-se múltiplas estrias de polimento em ambas as faces da peça. Dimensões: 68 mm de comprimento; 44 mm de largura; 7 mm de espessura.

Imagem de satélite do Google Earth mostrando a inserção do Sítio Campina em uma Planície Ampla (A.1) de baías do Guaporé e seus afluentes em sua margem esquerda, com presença de amplas áreas alagadiças.

Artefato polido bifacial caracterizado por uma plaqueta de hematita. Uma de suas faces encontra-se um pouco côncava e, a oposta convexa. Uma de suas arestas encontra-se entalhada na forma de múltiplas cúspides, configurando uma serra, lembrando às existentes entre a cultura Tapajônica do Pará (Palmatary 1960).

Amostras de fragmentos cerâmicos, alguns com superfícies erodidas.

Canivete (ou Santa Isabel)

Coordenadas UTM: 20L 0821287/ 8365100. Datum: SAD 69.

Afiliação Cronológico-cultural: A reconstituição dos formatos de vasilhames a partir de alguns perfis de bordas permite uma afiliação às indústrias dos sítios cerâmicos da micro-bacia do Córrego Banhado (Depressão do Guaporé), os quais apresentam elementos em comum com as fases Corumbiara e Pimenteira (Tradição Incisa-Ponteadas). A presença de elevado teor de cariapé quando presente, além de uma forma de vasilhame reconstruído por perfil de borda, indica também contato com a **Tradição Uru** no sítio.

Descrição: Sítio multicomponencial contendo vestígios cerâmicos pré-coloniais, além de materiais de ocupação histórica. O local é dominado por pastagens e ancoradouros. Encontra-se instalado sobre terraço baixo confrontante de modo suave ao rio, erodido por ação fluvial e constante pisoteio de gado, expondo o solo do ancoradouro, bem como vestígios arqueológicos. Ocorrem possíveis vestígios construtivos históricos associados a antigas mangueiras, porém, também ocorrem fragmentos cerâmicos mais antigos.

Atividade: coleta seletiva de peças históricas e lito-cerâmicas pré-coloniais.

Análise Cerâmica:

A coleção cerâmica do Sítio Canivete é procedente de uma coleta seletiva de superfície efetuada em maio de 2007 no âmbito da Expedição Guaporé, resultando na coleta de peças históricas e pré-coloniais (11 fragmentos cerâmicos e 1 peça lítica).

Entre essas peças diagnósticas, contamos com as categorias cerâmicas correspondentes a 3 fragmentos de bordas, 7 paredes (embora não contenham qualquer decoração ou tratamento de enegrecimento ou brunidura, foram considerados visto a amostragem ser pequena) e 1 artefato cerâmico específico (calibrador reciclado a partir de fragmento cerâmico). As espessuras dos vasilhames variam de 6 a 22 mm, sendo predominante a espessura de 8 mm.

Aspectos Gerais da Pasta

Os antiplásticos predominantes são as combinações do mineral e cauxí (4 peças) ou,

do mineral, cauxí e cariapé (4 peças). Outras combinações de antiplásticos foram mais raras: mineral, cauxí, cariapé e bola de argila (2 peças); mineral, caco moído e cauxí (1 peça). O quartzo é mineral predominante, a hematita e a mica tendem a ocorrer com uma frequência um pouco menor, porém, quando presentes na pasta apresentam baixos percentuais. Entre os antiplásticos orgânicos o cauxí demonstrou baixa frequência; por outro lado, o cariapé atingiu elevada frequência quando presente na pasta.

Suas espessuras máximas predominantes são representadas por intervalos de 1 a 3 mm; as demais espessuras (0-1 mm; 3-5 mm; maior que 5 mm) são representadas cada qual por 2 peças. Em um fragmento a bola de argila atingiu diâmetro de até 3 mm, já o cariapé atingiu dimensões de até 5 mm.

Há um predomínio de pastas plásticas com presença mediana de antiplástico (10 a 30%) representadas por 7 fragmentos, sendo seguida por pastas secas (mais de 30% de antiplástico) representadas por 3 fragmentos. 1 fragmento exibiu na composição cerâmica pasta muito plástica (cerca de 10% de antiplástico).

A técnica de construção dos vasilhames é a acordelada por superposição dos roletes, um fragmento apresentou reforço de parede. Quanto ao tipo de queima há um predomínio na coleção da queima oxidante dos tipos 1 e 2, respectivamente representadas por 3 e por 4 peças. Há uma peça com queima do tipo 3 e 2 peças com queima redutora do tipo 4.

Tratamento de Superfície e Decoração

O tratamento de superfície predominante é o de alisamento presente em ambas as superfícies, três fragmentos exibiram ambas as superfícies erodidas e, um fragmento exibiu ambas as superfícies enegrecidas. Não foram observadas quaisquer decorações plásticas ou pintadas.

Marcas de Uso e Pátinas

Um fragmento de borda e dois fragmentos de paredes exibiram depósitos de carbono na superfície interna; um fragmento de parede exibiu fuligem na superfície externa.

Morfologia de Vasilhames

A partir de três fragmentos de bordas foi possível reconstituir a morfologia e função dos tipos de vasilhames cerâmicos presentes na coleção cerâmica do sítio. Todos os

fragmentos de borda exibem morfologia *direta*, cujas inclinações podem ser externas (2) ou internas (1).

As bordas diretas inclinadas externas apresentam espessura normal (1) ou reforçada interna (1) do lábio em relação à borda, com percentuais de conservação de linhas de bordas de 6 a 8% fornecendo diâmetros de 20 a 32 cm, e, formas muito aberta (1) a aberta (1). O formato do lábio é plano com espessuras de 4 a 13 mm. A forma muito aberta corresponderia a uma tigela funda provavelmente afiliada à **Tradição Uru**; por outro lado a forma aberta a uma tigela com profundidade mediana (exibiu fuligem na superfície externa). Função: consumo ou serviço de alimentos e bebidas.

As bordas diretas inclinadas internas apresentam espessuras normais (4) do lábio em relação à borda, com percentuais de conservação de linhas de bordas de 8% fornecendo diâmetro de 20 cm e forma ligeiramente aberta (1). O lábio é plano com espessura de 7 mm. O vasilhame seria globular com boca circular constricta de contorno simples. Função: armazenagem de líquidos e de alimentos.

Artefatos Cerâmicos Específicos

Calibrador: Na coleção cerâmica deste sítio, há um fragmento de borda reciclado⁶⁹, sem lábio e muito erodido com 22 mm de espessura. Em uma face se observa uma canaleta de seção semicircular, cujas dimensões são: 23 mm de comprimento, 11 mm de largura e, 3 mm de profundidade.

Análise Lítica:

A única peça lítica da coleção consiste de uma lasca de sílexito unipolar preparada (ausência de córtex) de adelgaçamento ou façonagem, cujo talão é plano com contorno em meia lua. Apresenta duas retiradas anteriores, cujas cicatrizes das retiradas são paralelas. O ponto de percussão é puntiforme com bulbo e cornija. Embora faça parte de uma cadeia operatória de produção de artefatos formais padronizados, esta lasca exhibe micro-lascamentos decorrentes do uso no lado direito e limitados à face interna, em um ângulo de uso de 20° a 30° apontando para uma função de corte. Dimensões: 38 mm de comprimento; 30 mm de largura; 9 mm de espessura.

⁶⁹ Utiliza-se aqui o termo reciclado de acordo com a proposição de Schiffer (1972).

Imagem de satélite do Google Earth mostrando a inserção do Sítio Canivete em uma Planície Ampla (A.1) de baías do Guaporé e seus afluentes em sua margem esquerda, com presença de muitos terrenos alagadiços em sua margem direita.

Bordas Diretas

Inclinada externa normal

Inclinada externa reforçada interna

Inclinada Interna Normal

Calibrador de cerâmica obtido a partir de fragmento cerâmico reciclado.

Lasca de adelgaçamento ou façonnagem utilizada como artefato informal. Embora faça parte de uma cadeia operatória de produção de artefatos formais padronizados, esta lasca exhibe micro-lascamentos decorrentes do uso no lado direito e limitados à face interna, em um ângulo de uso de 20° a 30° apontando para uma função de corte.

10.1.2. Os sítios das Planícies Fluviais Restritas (A.2)

*Casalvasco I (Casalvasco Velho)*⁷⁰

Afiliação Cronológico-cultural: Cerâmica Capão do Canga, Histórico (Séc. XVIII ao XX).

Coordenadas UTM: 20L 0822029/8302754. Datum: SAD 69.

Descrição: Sítio multicomponencial pré-colonial associado a vestígios da malha urbana da antiga povoação de Casalvasco Velho datada de 1783, situada em um terraço elevado na margem direita (ou E) do rio Barbado, ocupando uma área de 197.600 m² com vestígios de arruamentos e alicerces construtivos de uma igreja, destacamento militar, muros e casas, oportunamente topografados e documentados na segunda fase do Projeto Fronteira Ocidental (Zanettini Arqueologia 2004 a). O solo é de composição areno-fino argilosa de cor marrom claro. O local era ocupado por uma mata secundária de palmáceas (tucum).

Atividade: mapeamento dos vestígios construtivos e respectivos arruamentos, porém, não foram efetuadas coletas de superfície, salvo o material recuperado nas intervenções, o qual era histórico. Os vestígios de Cerâmica Capão do Canga foram localizados próximos a alguns alicerces coloniais no início de atividade de supressão da vegetação para leituras topográficas; exibiam a característica decoração incisa no motivo de linhas entrecruzadas. Porém, ao final das atividades a equipe encontrou dificuldade em localizar novamente esses fragmentos, impossibilitando uma amostragem.

Observação: A presença desta cerâmica pré-colonial em meio a um contexto colonial urbano é que a construção de Casalvasco teria se dado um antigo assentamento indígena, de modo que, a abertura dos arruamentos, recortes para as bases de casas e escavações para encaixe de seus alicerces de “pedra-canga”, certamente expuseram este material mais antigo de subsuperfície. Fenômenos de bioturbação, bem como intervenções no solo efetuadas por ocupações mais recentes, certamente intensificaram este processo.

⁷⁰ Também registrado por Oldemar Blasi e Miguel Gleiser (SPVS 1997 b: 86) como MT-GU-12 e 15/96.

Casalvasco-II

Coordenadas UTM: 20L 0821063/8302300 e 20L 0821241/ 8302357. Datum: SAD 69.

Afiliação Cronológico-cultural: Cerâmica Capão do Canga.

Descrição: Sítio cerâmico pré-colonial situado em um terraço elevado a 300 m de margem esquerda (ou W) do rio Barbado, ocupando uma área retangular de 150 x 100 m com eixos respectivamente orientados E-W e N-S. O solo é de composição areno-fino argilosa de cor marrom claro. Os vestígios caracterizavam-se por numerosos fragmentos cerâmicos superficiais e esparsos pela área de plantio e no leito das trilhas e da estrada local. O local é ocupado por uma fazenda de plantio de capim braquiara.

Atividade: coleta superficial de 76 fragmentos cerâmicos e 1 dobradiça de ferro (colonial?). Visto que foi encontrada apenas 1 peça histórica, optou-se por classificar o sítio como pré-colonial.

Análise Cerâmica:

Durante a segunda fase de pesquisas do Projeto Fronteira Ocidental (dezembro de 2003) a visita a este sítio consistiu na coleta do material em epígrafe. Visto que, grande parte da coleção consistia de fragmentos de paredes com acabamento de superfície simples, foi selecionada uma coleção diagnóstica de 27 peças para fins de execução da análise cerâmica, sendo as 49 peças restantes descartadas da análise. Entre as peças diagnósticas contamos com fragmentos de bordas ou paredes decoradas (ou apenas contendo engobo creme).

De acordo com o **Gráfico 56**, contamos com um percentual correspondente a 19 paredes decoradas (70,37%), seguidos de 8 fragmentos correspondentes a bordas (29,63%). As espessuras dos vasilhames variam de 6 a 23 mm, sendo predominante a espessura de 12 mm e as medianas mais freqüentes de 6, 7 e 11 mm.

Aspectos Gerais da Pasta

O antiplástico predominante é a combinação do mineral, caco moído e cauxí (59,25%) seguido da combinação do mineral, caco moído, bola de argila e cauxí (18,51%) ou

da combinação do mineral, caco moído, bola de argila e cauixí (7,40%), os demais tipos de antiplástico e suas combinações ocorreram em baixa porcentagem, neste caso, sendo estes representados por um único fragmento na amostragem (**Gráfico 59**).

O cariapé ocorreu sob a forma de traços, apresentando aspecto esbranquiçado em 7 fragmentos, sendo que, em apenas um destes, apresentou-se sob grande percentual associado com traços de carvões. Um único fragmento apresentou um percentual muito elevado de cauixí.

Gráfico 58 – Categorias cerâmicas do Sítio Casalvasco II.

Gráfico 59 – Tipos de antiplásticos presentes no sítio Casalvasco II.

Gráfico 60 – Espessura máxima do antiplástico presente no sítio Casalvasco II.

A espessura máxima do antiplástico teve como moda o intervalo de 1 a 3 mm, representado por 66,67% da amostragem diagnóstica analisada (**Gráfico 60**).

Através de 27 fragmentos cerâmicos observados, foi possível ter uma idéia quanto aos antiplásticos predominantes concernentes à espessura máxima: o quartzo é praticamente hegemônico (um grão medido chegou a atingir 8 mm) seguido de raros exemplos de bola de argila ou caco moído, cujos exemplos medidos, atingiram respectivamente dimensões de 5 e 6 mm.

Gráfico 61 – Freqüência dos antiplásticos minerais presentes no sítio Casalvasco II.

Entre os antiplásticos minerais empregados no preparo da pasta cerâmica em geral, vamos encontrar o quartzo, a hematita, a mica e o feldspato. As frequências dos três primeiros minerais atingem percentuais máximos na amostragem analisada, porém, o feldspato praticamente é raro, conforme o gráfico acima (**Gráfico 61**). Porém, em termos percentuais, o quartzo tende a se destacar em relação aos demais minerais.

Gráfico 62 – Predomínio dos tipos de queima nas pastas cerâmicas do sítio Casalvasco II.

A técnica de construção dos vasilhames é predominantemente acordelada por superposição dos roletes. Um fragmento apresentou reforço de parede externo e, um segundo, reforço de parede interno.

A queima predominante é a redutora de tipo 4 (59,25%). Abaixo deste percentual, há as queimas 2 e 3, ambas com percentuais de 14,82%; as queimas de tipo 1 e 7 atingiram baixos percentuais, conforme o **Gráfico 62**.

Tratamento de Superfície e Decoração

O tratamento de superfície externa predominante na coleção diagnóstica analisada é o alisamento (59,25%) de modo que, alguns exemplos se encontram com a superfície externa erodida (18,51%) envolvendo 2 bordas e 3 paredes, expondo claramente o antiplástico. O enegrecimento e o banho vermelho atingiram percentuais de 7,41%, enquanto que o engobo creme e a brunidura atingiram baixíssimos percentuais de 3,71% (**Gráfico 63**).

Por outro lado, o tratamento de superfície interna engloba 59,25% de alisamento, sendo que 22,22% se encontram com a superfície interna erodida, neste caso, envolvendo 3 bordas e 3 paredes, expondo claramente o antiplástico. O enegrecimento englobou um percentual de 11,11%, enquanto que, a brunidura e o banho vermelho atingiram baixíssimos percentuais de 3,71% (**Gráfico 64**).

Gráfico 63 – Tratamento de superfície externo nas cerâmicas do sítio Casalvasco II.

Gráfico 64 – Tratamento de superfície interno nas cerâmicas do sítio Casalvasco II.

Na **Tabela 34** é possível observar a associação dos tratamentos de superfície externos e seus respectivos correspondentes de superfície internos, demonstrando para a indústria cerâmica do sítio Casalvasco II, a existência de pelo menos 8 combinações de tratamento de superfície.

A decoração predominante na face externa dos vasilhames é a decoração plástica incisa (51,85% da amostragem) seguida por um baixo percentual de decoração pintada (3,71 % da amostragem). 44,44 % da amostragem estudada não exibiram qualquer decoração (**Gráfico 65**).

A decoração plástica predominante é o **inciso**, englobando 14 peças, em sua maioria associadas a um tratamento de superfície externa de alisamento, de enegrecimento ou de banho vermelho conforme observado no **Gráfico 66** e nos respectivos dados arrolados na **Tabela 35**. Poucos exemplos estão associados a enegrecimento ou banho vermelho na face externa dos vasilhames.

Tabela 34 – Tratamento de superfície externo na cerâmica do sítio Casalvasco II e suas respectivas associações no tratamento de superfície interno dos vasilhames.

Superfície Externa		Superfície Interna	
Alisamento	16	Alisamento	14
		Enegrecimento	1
		Erodido	1
Enegrecimento	2	Enegrecimento	2
Brunidura	1	Brunidura	1
Erodido	5	Alisamento	1
		Erodido	4
Engobo Creme	1	Erodido	1
Banho Vermelho	2	Alisamento	1
		Banho Vermelho	1

Gráfico 65 – Porcentual de decoração na face externa dos vasilhames do sítio Casalvasco II.

A partir dessas 14 peças incisadas, observa-se que, os motivos eram executados preferencialmente no bojo dos vasilhames, sendo que, treze peças obedecem a um padrão de linhas compostas entrecruzadas aleatórias e, um único exemplo apresentou um padrão de linhas compostas diagonais inclinadas à direita.

Contamos com um único exemplo de peça com decoração pintada: um fragmento de parede com acabamento de brunidura na superfície externa, sobre a qual há vestígios de um padrão de linhas vermelhas finas entrecruzadas, regularmente espaçadas entre si.

Gráfico 66 – A decoração plástica incisa na cerâmica do sítio Casalvasco II e sua associação com o tratamento de superfície externo dos vasilhames.

Tabela 35 – Decoração na face externa e suas associações com respectivos tratamentos de superfície externos e categorias cerâmicas do sítio Casalvasco II.

Decoração na Face Externa							
Decoração	Quantidade	%	Tratamento de Superfície Externa	Quantidade	%	Categoria Cerâmica	Total
Ausente	12	44,44%	Alisamento	6	22,22%	Borda	6
			Erodido	5	18,51%	Borda	2
						Parede	3
			Engobo Creme	1	3,71%	Parede	1
Inciso	14	51,85%	Alisamento	10	37,03%	Parede	10
			Enegrecimento	2	7,41%	Parede	2
			Banho Vermelho	2	7,41%	Parede	2
Pintado	1	3,71%	Brunidura	1	3,71%	Parede	1
Total	27	100%		27	100%		27

Marcas de Uso

Entre as 27 peças estudadas, apenas 33,34% exibiram marcas de uso: 3,71% exibiram marcas abrasivas, 7,41% exibiram depósitos de carbono na face interna; 7,41% fuligem na face externa e, 14,81% exibiram ambas as marcas no mesmo fragmento (**Gráfico 67**).

Gráfico 67 – Marcas de uso na cerâmica do Sítio Casalvasco II.

A presença de marcas abrasivas (3,71%) ocorreu no único fragmento de parede com brunidura e pintura na superfície externa. É possível que estas marcas tenham sido provocadas por processos de atritos constantes sobre a superfície interna do vasilhame, durante as atividades de lavagem e limpeza do vasilhame após sua utilização.

A presença de depósitos de carbono na face interna (7,41%) ocorreu sobre dois fragmentos de paredes com decoração incisa de linhas compostas entrecruzadas na superfície externa, cujos tratamentos de suas superfícies foram por técnica de alisamento; quanto à superfície interna, um desses fragmentos exibia enegrecimento, enquanto o segundo, apenas alisamento.

A presença de fuligem na face externa (7,41%) ocorreu sobre dois fragmentos de paredes com decoração incisa de linhas compostas entrecruzadas ou diagonais à direta na superfície externa, cujos tratamentos de ambas as superfícies foram por técnica de alisamento.

Peças contendo ambos os tipos de uso (14,81%) ocorrem sobre 4 peças: uma pertencente a uma borda com ambas as superfícies exibindo tratamento de superfície por alisamento e, três pertencentes a paredes com decoração incisa no motivo de linhas entrecruzadas na superfície externa, sendo o tratamento de superfície por enegrecimento (2 peças) ou alisamento (1 peça) em ambas as faces.

Tanto os depósitos de carbono na superfície interna, como os de fuligem na face externa desses fragmentos, são sugestivos de utilização dos vasilhames em atividades de cocção de alimentos ou bebidas.

Morfologia e Função de Vasilhames

A partir de 8 fragmentos correspondentes a bordas foi possível estudar alguns dados relativos à morfologia e função dos vasilhames no contexto do sítio. Considerando sua morfologia, predominam as diretas (62,50%), seguidas por duas extrovertidas (25%) e uma segunda não identificada (12,50%), esta última foi logo descartada, visto sua condição fragmentária, porém, foi útil para análise de pasta e acabamento de superfície.

Os fragmentos de borda com morfologia *direta* (62,50%) são representados por 5 peças, cuja inclinação de borda predominante é a inclinada externa (3), seguida pela vertical (1) e a inclinada interna (1); há um predomínio de espessura normal do lábio em relação à borda, sendo apenas duas peças que apresentam espessura reforçada externa. Baseando-se em um porcentual de conservação de linha de borda de 2 a 8%, o diâmetro de seus vasilhames oscila de 14 a 24 cm, com médias de 18 cm, sendo mais frequentes os diâmetros de 14 e 20

cm. Quanto aos tipos de lábio, há os planos (2) e os arredondados (3), cujas espessuras variam de 6 a 11 mm, com uma média de 9 mm e predomínio de 8 mm.

Os fragmentos de borda com morfologia extrovertida (25%) são representados por duas peças. Apresentam inclinação de borda inclinada externa (1) ou interna (1), com espessura normal do lábio em relação à borda, sendo seu percentual de conservação de linha de borda de 5 e 7% e o diâmetro de 16 e 20 cm. Os lábios são planos e com espessuras de 3 e 11 mm.

Maiores detalhes quanto a essas bordas podem ser vistas na **Tabela 36** adiante. De acordo com a **Tabela 37**, há para as bordas diretas um predomínio de formas de vasilhas abertas (2 peças), ligeiramente abertas (2 peças) e muito abertas (1 peça). As bordas extrovertidas envolvem formas de vasilhames ligeiramente fechadas (1 peça) ou ligeiramente abertas (1 peça).

Quanto a forma e função dos vasilhames temos: a borda direta vertical corresponde à forma CG 1A com diâmetro de 24 cm; as diretas inclinadas externas à forma CG 2 com diâmetros de 14 a 20 cm; a direta inclinada interna à forma CG 3 com diâmetro de 14 cm; a extrovertida inclinada interna à forma CG 4 com diâmetro de 16 cm e, a extrovertida inclinada externa à Forma 5 com diâmetro de 20 cm.

Tabela 36 – Bordas do Sítio Casalvasco II e respectivas mensurações e percentuais

Bordas Diretas	5 peças (62,50%)	Inclinação da Borda	Espessura do lábio em relação à borda.		Diâmetro da borda (cm).	% existente da borda	Tipo de lábio		Espessura do lábio (mm).
		Vertical	Reforçada Externa	1	24	2	Arredondado	1	8
		Inclinada Externa	Normal	2	20 e 14	3, 7 e 8	Plano	1	11
			Arredondado				Arredondado	1	10
			Reforçada Externa	1	18	5	Arredondado	1	8
		Inclinada Interna	Normal	1	14	6	Plano	1	6

Bordas Extrovertidas	2 peças (25%)	Inclinada Interna	Normal	1	16	5	Plano	1	3
		Inclinada Externa	Normal	1	20	7	Plano	1	11

Tabela 37 – Bordas do Sítio Casalvasco II e respectivas formas de vasilhas.

Bordas Diretas	Inclinação da Borda	Espessura do lábio em relação à borda	Forma do Vasilhame	
Bordas Diretas	Vertical	Reforçada Externa	Aberta	1
	Inclinada Externa	Normal	Ligeiramente Aberta	1
			Muito Aberta	1
		Reforçada Externa	Ligeiramente Aberta	1
	Inclinada Interna	Normal	Aberta	1
Bordas Extrovertidas	Inclinada Interna	Normal	Ligeiramente Fechada	1
	Inclinada Externa	Normal	Ligeiramente Aberta	1

Imagem de satélite do Google Earth mostrando a inserção do Sítio Casalvasco II em uma Planície Fluvial Restrita (A.2) com padrão de inserção em terraço fluvial na margem esquerda do rio Guaporé. No detalhe, atividade de coleta de superfície de material arqueológico.

Bordas e seus tratamentos de superfície

Bordas diretas inclinada externa normal com tratamento de superfície por alisamento em ambas as superfícies.

Borda direta inclinada interna normal com tratamento por alisamento em ambas as superfícies.

Borda direta inclinada externa reforçada com tratamento de alisamento em ambas as superfícies.

Borda extrovertida inclinada externa normal com ambas as superfícies erodidas.

Borda direta vertical reforçada externa com tratamento de superfície externa por alisamento.

Borda extrovertida inclinada interna normal com tratamento de alisamento em ambas as superfícies.

Fragmento de parede com decoração plástica incisa no motivo de linhas compostas diagonais à direita.

Fragmento de parede com engobo creme na superfície externa.

Fragmentos de paredes com decoração plástica incisa no motivo de linhas compostas entrecruzadas irregulares, o exemplo ao meio apresenta tratamento de superfície por enegrecimento.

Fragmento de parede com pintura vermelha no motivo de linhas finas entrecruzadas regulares, sobre superfície externa com tratamento de brunidura.

Fazenda Auxiliadora

Coordenadas UTM: 21L 0179994/8340186 e 21L 0179825/8339588. Datum: SAD 69.

Afiliação Cronológico-cultural: A reconstituição dos formatos de vasilhames a partir de alguns perfis de bordas permite uma afiliação às indústrias dos sítios cerâmicos da micro-bacia do Córrego Banhado (Depressão do Guaporé), os quais apresentam elementos em comum com as fases Corumbiara e Pimenteira (Tradição Incisa-Ponteadá).

Descrição: Sítio cerâmico pré-colonial, localizado em propriedade da Fazenda Auxiliadora, com predomínio de pastagens e áreas de plantio de cítricos e seringueiras, além da faixa de matas ciliares adjacentes ao rio Guaporé. Situa-se em um terraço elevado adjacente à margem esquerda do rio Guaporé, ocupando uma área elíptica de 620 x 80 m com eixos respectivamente orientados N-S e E-W. O solo é de composição areno-médio argiloso, cor marrom avermelhada, mesclado com grânulos de quartzo e hematita.

Os vestígios caracterizavam-se por numerosos fragmentos cerâmicos e líticos espalhados pelos leitos de estradas e trilhas locais, além de dois vasilhames cerâmicos expostos no perfil de uma canaleta de escoamento d'água (formada por erosão) localizada no pátio da sede da fazenda.

Uma peça tratava-se de uma urna com 62 cm de diâmetro, localizada a 25 cm de profundidade em relação ao topo do barranco, exibia tratamentos de engobo vermelho externo e enegrecimento interno, tempero de quartzo e mica, queima oxidante, a porção da borda já se encontrava destruída. Quanto à segunda peça, tratava-se de uma vasilha de 35 cm de diâmetro já destruída parcialmente, localizada a 70 cm de profundidade em relação ao topo do barranco; apresentava tratamento de enegrecimento em ambas as superfícies, além de tempero de quartzo e, queima oxidante externa e redutora interna.

Os sitiantes informaram existir uma vala localizada próxima à estrada, a qual “teria sido construída pelos escravos”, mediria cerca de 100 m de comprimento, com uma extremidade saindo perpendicularmente do rio e a extremidade oposta no pasto⁷¹.

⁷¹ É mais provável se tratar de uma vala defensiva pré-colonial de acordo com os exemplos de Miller (1983) e Heckenberger (1998).

Atividade: coleta superficial de 17 fragmentos cerâmicos e de 7 peças líticas.

Análise Cerâmica:

Durante a segunda fase de pesquisas do Projeto Fronteira Ocidental (dezembro de 2003) a visita a este sítio consistiu na coleta do material em epígrafe, dos quais, foram separados 11 fragmentos cerâmicos diagnósticos, além das peças líticas para análise.

De acordo com o **Gráfico 68**, contamos com um percentual correspondente a 7 paredes com acabamento de superfície simples (63,64%), seguidos de 3 fragmentos correspondentes a bordas (27,27%) e de 1 fragmento correspondente à parede angular (9,09%).

Gráfico 68 – Categorias cerâmicas do Sítio Fazenda Auxiliadora.

As espessuras dos vasilhames variam de 7 a 16 mm, sendo predominantes as espessuras de 10 e 11 mm.

Aspectos Gerais da Pasta

O antiplástico predominante é o mineral (54,55%) seguido da sua combinação com o caco moído (18,18%), outras combinações com o cauxí e a bola de argila, ou de todos esses elementos descritos ocorreram em baixos percentuais de 9,09% (**Gráfico 69**). O cauxí ocorreu como raro traço em dois fragmentos.

Gráfico 69 – Tipos de antiplásticos presentes no sítio Fazenda Auxiliadora.

A espessura máxima do antiplástico teve como moda o intervalo de 3 a 5 mm, representado por 54,55% da amostragem diagnóstica analisada (**Gráfico 70**).

Gráfico 70 – Espessura máxima dos antiplásticos presentes no sítio Fazenda Auxiliadora.

No que diz respeito à espessura máxima dos antiplásticos, observada analisada em 6 fragmentos cerâmicos, não foi notada qualquer predominância de algum de seus tipos, sendo observada uma frequência uniforme do quartzo, da hematita e da mica, a despeito de em uma

primeira observação a olho nu, a mica aparentar ser preponderante, conferindo aos fragmentos uma textura muito mosqueada de pontos brilhantes em meio a uma matriz argilosa mais fina. Mesmo no preparo da pasta cerâmica em geral, excetuando os antiplásticos de espessura máxima, esta uniformidade se manteve.

Há um predomínio de pastas secas (mais de 30% de antiplástico), seguidas de pastas plásticas com presença mediana de antiplástico (em torno de 10 a 30%) e também de um percentual de 18,18% de pastas muito plásticas com cerca de 10% de antiplástico na composição cerâmica (**Gráfico 71**).

Gráfico 71 – Porcentual de antiplásticos nas pastas cerâmicas do sítio Fazenda Auxiliadora.

A técnica de construção dos vasilhames é a acordelada por superposição dos roletes. Quanto ao tipo de queima, há um predomínio na coleção do tipo 2 (72,73%) correspondente a uma queima oxidante. Outro tipo de queima oxidante observada foi a de tipo 1 (9,09%). As queimas do tipo 5 e 7 ofereceram também percentuais de 9,09 %. Um pormenor a salientar, é que não pode se descartar a possibilidade do fragmento cerâmico com queima do tipo 7 ser uma peça de origem histórica (**Gráfico 72**).

Gráfico 72 – Tipos de queima nas pastas cerâmicas do sítio Fazenda Auxiliadora.

Tratamento de Superfície e Decoração

O tratamento de superfície externa (Gráfico 6) é predominantemente representado pelo alisamento (90,91%), sendo o enegrecimento representado por uma única peça cerâmica (9,09%). Por outro lado, o tratamento de superfície Interna (Gráfico 7) predominante na coleção diagnóstica analisada é o alisamento (81,82%), seguido de um baixo percentual de enegrecimento (9,09%) e de banho vermelho (9,09%).

Na **Tabela 38** é possível observar a associação dos tratamentos de superfície externos e seus respectivos correspondentes de superfície internos, demonstrando para a indústria cerâmica do sítio Fazenda Auxiliadora, a existência de pelo menos 3 combinações de tratamento de superfície, lembrando sempre a possibilidade do tratamento de enegrecimento se tratar de bruniduras submetidas a alterações provocadas pelo solo ou pela irradiação solar.

Gráfico 73 – Tratamento de superfície Externo nas cerâmicas do sítio Fazenda Auxiliadora.

Gráfico 74 – Tratamento de superfície Interno nas cerâmicas do sítio Fazenda Auxiliadora.

Tabela 38 – Tratamento de superfície externo na cerâmica do sítio Fazenda Auxiliadora e suas respectivas associações no tratamento de superfície interno dos vasilhames.

Superfície Externa		Superfície Interna	
Alisamento	10	Alisamento	9
		Banho Vermelho	1
Enegrecimento	1	Enegrecimento	1

Na cerâmica deste sítio, até a presente data, não foi observada a presença de qualquer tipo de decoração plástica ou pintada. Apenas 5 peças exibiram marcas de fuligem na superfície externa e, 1 peça (com possibilidade de ser histórica) apresentou na superfície interna a presença de pátina.

Morfologia e Função dos Vasilhames

Os dois únicos fragmentos de bordas apresentam morfologia extrovertida com inclinação externa, sendo a espessura do lábio em relação à borda do tipo normal. As bordas apresentaram um percentual de conservação de suas linhas em torno de 2 a 3 %, sendo os seus diâmetros de 16 e 18 cm. Os lábios são apontados, mas a erodibilidade desses não permitiu mensurar seguramente suas espessuras.

As formas dos recipientes correspondem a vasos de boca circular ampliada, ligeiramente abertos a muito abertos contorno infletido e bojo globular, cujas funções estariam associadas a atividades de cocção de alimentos. É chamativa de atenção a curvatura bem acentuada de suas bordas extrovertidas, bem como o estrangulamento acentuado no limite do pescoço com o bojo, configurando uma quebra no delineamento do seu perfil (em 1 exemplo). Esses pormenores são comuns às cerâmicas das indústrias ceramistas da micro-bacia do Córrego Banhado (Depressão do Guaporé), conforme veremos a seguir.

Análise Lítica:

A coleção lítica do sítio Fazenda Auxiliadora consiste de apenas 7 peças. Entre estas, 5 pertencem à categoria de peças *lascadas*, 1 à categoria *brutas* e, 1 à categoria *polidas*.

Entre as peças *lascadas* a matéria prima utilizada foi o arenito silicificado obtido de seixos ou blocos. Ocorrem na coleção três lascas obtidas por percussão unipolar (2) ou bipolar (1, cortical), com ausência ou presença de córtex superior a 50%. Exibem marcas ou cicatrizes de retiradas anteriores, unitárias ou em número maior que quatro, sendo as direções destas paralelas, opostas ou não identificáveis. Duas peças exibiam de modo associado retiradas por lascamento térmico na face externa. Uma peça trata-se de uma lasca secundária com presença de cornija na face interna, bulbo e ponto de percussão puntiforme, por outro lado, ambas as retiradas anteriores na face externa apresentam pontos de percussão espatifados associados à contrabulbos.

Há um fragmento de lasca obtido por percussão bipolar, com ausência de córtex exibindo marcas ou cicatrizes de retiradas anteriores em número igual ou superior a quatro, com direção não identificada.

Outra peça consiste de um núcleo térmico, o qual também recebeu cinco retiradas por percussão unipolar, sendo a direção dessas retiradas opostas, o suporte inicial seria um seixo rolado, apresentando menos de 50% de córtex.

A peça classificada na categoria de *brutas* consiste de um abrasador plano manual ou ativo, representado por um pequeno bloco poliédrico de arenito silicificado, com marcas de abrasão em uma face.

A peça classificada na categoria de *polidas* é representada por um fragmento (porção mediana) de lâmina de machado de granito, ou mesmo uma mão-de-mó. Exibe uma seção circular e na superfície é possível ver pontos de picoteamento, os quais não foram totalmente obliterados por ação do polimento.

Imagem de satélite do Google Earth mostrando a inserção do Sítio Fazenda Auxiliadora em uma Planície Fluvial Restrita (A.2) com padrão de inserção em terraço fluvial na margem esquerda do rio Guaporé, o qual se encontra com boa porção de mata ciliar preservada, bem como plantio de seringueiras.

Presença de vasilhames de provável função funerária aflorando na área sede da Fazenda Auxiliadora, em função de antigos recortes de maquinários para aberturas de acessos. Uma destas indicada à equipe pelo administrador da propriedade.

Fragmentos de bordas extrovertidas com tratamento de superfície por alisamento em ambas as faces e respectivas reconstruções de perfis de bordas.

Paredes com tratamento de superfície por alisamento em ambas as superfícies.

Parede com vestígios de tratamento de superfície por enegrecimento em ambas as superfícies.

Parede com vestígios de tratamento de superfície por banho vermelho na face interna.

Peça Bruta: bloco de arenito silicificado utilizado como abrasador plano manual ou ativo, com uso unifacial.

Peça polida: Fragmento de lâmina de machado ou de mão-de-mó de granito.

Peça lascada: núcleo de arenito silicificado, o qual exibe retiradas por ação térmica, bem como retiradas por percussão direta.

Peça lascada: lasca bipolar cortical obtida a partir de seixo rolado de arenito silicificado. Na face externa se observa retiradas por ação térmica.

Peça lascada: Lasca secundária ou negativa, obtida por percussão direta unipolar sobre bloco de arenito silicificado. Apresenta cornija na face interna, bulbo e ponto de percussão puntiforme (direita). Por outro lado, ambas as retiradas anteriores na face externa apresentam pontos de percussão espatifados associados a contrabulbos (esquerda).

Fazenda Formosa

Coordenadas UTM: 21L 0191199/8332436 e 21L 0191173/8332781. Datum: SAD 69.

Afiliação Cronológico-cultural: Cerâmica Capão do Canga, Tradição Uru.

Descrição: Sítio cerâmico pré-colonial situado em um terraço elevado na margem direita do rio Guaporé, ocupando uma área retangular de 350 x 40 m, com eixos orientados respectivamente N-S e W-E. A vegetação é de mata ciliar com árvores de grande porte e palmáceas, capoeiras secundárias e áreas de plantio de milho e pastos. O solo é de composição siltico-argilosa de cor marrom avermelhado.

Os vestígios caracterizavam-se por numerosos fragmentos cerâmicos simples, com engobo vermelho ou pintura vermelha no motivo de linhas inclinadas entrecruzadas, temperados com quartzo e mica; afloram no leito das trilhas e nas superfícies das roças de milho.

O local é ocupado pelas instalações da Escola Agrotécnica Formosa do Guaporé, hoje desativada, onde há também a antiga sede da fazenda Formosa, quase em ruínas, estando associada a estruturas de antigos muros de alvenaria. Há construções mais recentes pertencentes a alojamentos, refeitórios, quadra de esportes, barracões e viveiros.

A equipe teve a indicação de dois locais onde ocorreriam urnas de cerâmica, uma delas adjacente ao refeitório com diâmetro aproximado de 80 cm (21L 0191215/ 8332514), e outra adjacente à quadra de basquete (21L 0191243/ 8332598) e, na época da descoberta conteria ossos humanos (informações prestadas pelo Sr. Amilton Benedito da Silva, capataz da propriedade).

Atividade: coleta superficial de 5 fragmentos cerâmicos.

Análise Cerâmica:

Durante a segunda fase de pesquisas do Projeto Fronteira Ocidental (dezembro de 2003) uma breve visita a este sítio consistiu de uma coleta seletiva de material cerâmico em superfície, consistindo de cinco fragmentos cerâmicos.

As peças cerâmicas pertencem à categoria de bordas (3), paredes (2) e de um provável peso de rede (1) confeccionado em um fragmento de parede reciclado, cujas espessuras variam de 2 a 13 mm.

O antiplástico é bem variado, de modo que, cada fragmento tem uma combinação específica, conforme o **Gráfico 75**.

Gráfico 75 – Tipos de antiplásticos presentes no sítio Fazenda Formosa.

Três fragmentos exibem espessura máxima de antiplástico em um intervalo entre 1-3 mm, enquanto dois fragmentos a exibem em um intervalo entre 3-5 mm. O antiplástico dominante concernente à espessura máxima envolveu o quartzo (até 4,0 mm) e a mica (até 3,5 mm).

Entre os antiplásticos minerais empregados no preparo da pasta cerâmica em geral, vamos encontrar o quartzo, a hematita e a mica. Embora esses minerais apresentem boa frequência na amostragem analisada, o quartzo tende a se destacar em relação aos demais. Em um fragmento a mica atingiu elevado percentual, destacando-se bem na pasta. Outro fragmento pertencente a uma assadeira mostrou elevado percentual de cariapé, indicando contatos coma **Tradição Uru**, ao julgar pelo tratamento de pasta e o formato do utensílio em si.

Há dois fragmentos com pastas muito plásticas com cerca de 10% de antiplástico, 1 fragmento com pasta extremamente plástica (menos de 10% de antiplástico), 1 fragmento com

pasta plástica (10-30% de antiplástico) e, 1 fragmento com pasta seca (mais de 30% de antiplástico).

A técnica de construção dos vasilhames é a acordelada por superposição dos roletes. Predominam as queimas oxidantes do Tipo 2. Há dois fragmentos com queima redutora do tipo 4 ou do Tipo 7.

Tratamento de Superfície e Decoração

O tratamento de superfície externa é o de alisamento, enquanto que na superfície interna é o de alisamento (2), brunidura (2) e engobo vermelho (1), conferindo três combinações possíveis de tratamento de superfície.

A decoração envolve um fragmento de borda com decoração plástica incisa no motivo de uma linha unitária paralela ao lábio e, um fragmento pintado no motivo de linhas finas entrecruzadas em um padrão regular, configurando harmonicamente múltiplos losângulos ou “escamas de peixe”.

Marcas de Uso e Pátinas

A presença de depósitos de carbono na superfície interna só foi observada em dois fragmentos de borda: um com alisamento na superfície externa e brunidura na interna, tendo uma decoração de linha unitária simples paralela ao lábio; quanto ao segundo, este apenas apresentou alisamento em ambas as faces, onde se destacam bem as estrias formadas durante este processo de tratamento de superfície.

Morfologia de Vasilhames

A partir de 3 fragmentos correspondentes a bordas foi possível estudar alguns dados relativos à morfologia e função dos vasilhames no contexto do sítio.

Uma peça com morfologia *direta* apresenta inclinação de borda do tipo *inclinada interna* e espessura do lábio em relação à borda *normal*, baseando-se em um percentual de conservação de linha de borda de 5% o seu diâmetro é de 14 cm, lábio arredondado com espessura de 7 mm. Suas formas é fechadas correspondendo à forma CG 3.

A segunda peça exibe morfologia *direta*, inclinação de borda do tipo *inclinada externa* exibindo uma espessura do lábio em relação à borda *expandida*. Sua forma é muito aberta. Apesar de seu lábio erodido não permitir mensuração da borda, sua base plana com percentual de 4% de conservação de linha de base, forneceu um diâmetro de 36 cm, bem como um ângulo de abertura de 90°-120°. Esta peça seria uma assadeira circular utilizada no preparo de alimentos a base de farinha de mandioca, como por exemplo, o *beiju* (Brochado 1977). Apresentou depósitos de carbono na superfície interna. O formato da peça associado ao seu alto teor de cariapé permite uma afiliação à **Tradição Uru**.

O fragmento de borda com morfologia *extrovertida* é representada por uma peça, cuja inclinação de borda é a *inclinada externa*, sendo sua espessura do lábio em relação à borda *normal*. Baseando-se em um percentual de conservação de linha de borda de 4% o diâmetro de seu vasilhame é de 14 cm, o lábio é arredondado com espessura de 7 mm. Sua forma é aberta. Corresponde a um vasilhame de boca circular ampliada, contorno infletido e bojo globular, o qual, poderia ter a função de cocção, bem como a de servir e consumir alimentos. Seu alto percentual de mica na pasta, associado a sua forma em si, lembra a cerâmica registrada para as indústrias ceramistas da micro-bacia do Córrego Banhado (Depressão do Guaporé).

Artefatos Cerâmicos Específicos

Há um provável peso de rede reciclado a partir de um fragmento de parede de vasilhame com tratamento de superfície por alisamento. Na sua porção superior exibe um sulco com largura de 3,5 mm e, profundidade de 1,5 mm, por onde seria amarrado um cordame, ao julgar pelos desgastes em ambos os lados do fragmento. Não se descarta também a hipótese de ser uma peça de função lúdica.

Imagem de satélite do Google Earth mostrando a inserção do Sítio Fazenda Formosa em uma Planície Fluvial Restrita (A.2) com padrão de inserção em terraço fluvial na margem direita do rio Guaporé. Abaixo, destaque da área nuclear do sítio ocupada por antigas estruturas da Escola Técnica Agrícola com inúmeros fragmentos cerâmicos em superfície.

Artefato cerâmico específico, correspondendo a um provável peso de rede reciclado a partir de um fragmento de vasilhame. Observar o sulco na porção superior para amarração do cordame. Não se descarta também a possibilidade de a peça ser de função lúdica.

Fragmento de borda de assadeira de beiju indicando a existência de contatos com grupos ceramistas de Tradição Uru.

Fragmento de borda direta inclinada interna, exibe abaixo do lábio uma linha incisa unitária simples.

Fragmento de borda extrovertida inclinada externa.

Fragmentos de paredes com pintura vermelha no motivo de linhas compostas entrecruzadas.

Comunidade Porto da Manga

Coordenadas UTM: 20L 822049 e 21L 180480/8313181. Datum: SAD 69.

Afiliação Cronológico-cultural: Não é possível definir uma afiliação segura, dado à baixa amostragem e a falta de elementos diagnósticos.

Descrição: Sítio multicomponencial contendo vestígios cerâmicos indígenas pré-coloniais, além de materiais de ocupação histórica. O local é uma comunidade rural ribeirinha dedicada a práticas agro-pecuárias e produção cerâmica para consumo próprio e venda. Seus moradores informaram possuírem registros de ocupação da “época da escravidão”. As edificações são recentes, com cerca de 20 anos, mas em grande parte mantém a técnica empregada desde tempos remotos, ou seja, pau-a-pique ou barreado com cobertura feita de madeira e capim. Há que se observar também uma mescla desta técnica com alvenaria de tijolo e madeira plana. Estão localizadas a uma distância média de 300 m entre si.

Havia grande presença de material cerâmico do ancoradouro aos pátios das casas, além de fragmentos de faiança, lajotas (semelhantes às das ruínas da matriz de Vila Bela), tijolos e telhas.

Um dos moradores, Sr. Selvino Melo, informou que, há algum tempo encontrara um “machado daqueles de índio, feito de pedra”; informou também que, utensílios antigos, como tachos de cobre e machados de ferro, também costumam ser encontrados.

Atividade: coleta superficial geral lito-cerâmica.

Análise Cerâmica:

Durante a segunda fase de pesquisas do Projeto Fronteira Ocidental (dezembro de 2003) uma breve visita a este sítio consistiu na coleta seletiva de apenas 14 fragmentos cerâmicos. Porém, 12 fragmentos são de origem histórica tendo sido descartados da análise, restando então, apenas dois fragmentos de paredes para fins de análise.

As espessuras dos vasilhames são de 6 e 7 mm.

Aspectos Gerais da Pasta

O antiplástico registrado em um fragmento deste sítio é uma combinação do mineral, caco moído e cauixí. O segundo fragmento apresentou uma combinação do primeiro com a bola de argila e o cariapé. A espessura máxima do antiplástico teve como moda os intervalos de 1 a 3 mm.

No que diz respeito à espessura máxima dos antiplásticos, observada através de 2 fragmentos cerâmicos, o quartzo tende a se destacar. Quanto ao preparo da pasta em geral, entre os antiplásticos minerais, há uma maior frequência do quartzo em relação à hematita, mica e o feldspato; este último só ocorreu em um fragmento. A pasta é seca, ou seja, com um percentual superior a 30% de antiplástico.

A técnica de construção dos vasilhames é a acordelada por superposição dos roletes. A queima é oxidante do tipo 2.

Tratamento de Superfície e Decoração

Não foram identificadas quaisquer formas de decoração plástica ou pintada.

Marcas de Uso e Pátinas

Não foram identificadas quaisquer marcas de uso ou pátinas.

Jardim Aeroporto

Coordenadas UTM: 21L 181172/ 8338132. Datum: SAD 69.

Afiliação Cronológico-cultural: Não é possível definir uma afiliação segura, dado à baixa amostragem e a falta de elementos diagnósticos (perfis de bordas, decorações).

Descrição: Sítio multicomponencial contendo vestígios lito-cerâmicos pré-coloniais, além de materiais de ocupação histórica (fragmentos de cerâmica, tijolos, telhas goiva). Encontra-se em um terraço de substrato laterítico, na margem esquerda do rio Guaporé, na malha urbana periférica de Vila Bela da Santíssima Trindade, onde hoje há uma empresa madeireira em funcionamento. Foi evidenciado durante a primeira fase do Projeto Fronteira Ocidental (2002), sendo que os vestígios arqueológicos se encontravam por uma área de dispersão de uns 5 m de diâmetro, ao longo de um leito e perfis de barranco de um acesso secundário adjacente ao rio Guaporé. Pelo processo de abertura do acesso em si e os fenômenos de erosão pluvial e solifluxão, este sítio pode ser considerado em adiantado processo de destruição, com um percentual de integridade igual ou inferior a 25%.

Atividade: coleta seletiva de peças históricas e lito-cerâmicas pré-coloniais.

Análise Cerâmica:

Durante a primeira fase de pesquisas do Projeto Fronteira Ocidental (dezembro de 2002) uma breve visita a este sítio consistiu na coleta de 7 fragmentos cerâmicos e 3 peças líticas de origem indígena pré-colonial ou etno-histórica. Ocorreram de modo associado fragmentos de cerâmica, telhas goiva e tijolos de origem histórica, os quais foram descartados da análise.

A amostragem cerâmica consiste de 7 fragmentos pertencentes a paredes com acabamento de superfície simples, cujas espessuras variam de 7 a 18 mm, sendo mais freqüentes as espessuras de 7 e 12 mm.

Aspectos Gerais da Pasta

O antiplástico predominante é a combinação do mineral, caco moído e o cauixí (42,84%) seguido de quatro combinações diferenciadas, estas representadas por um único fragmento de modo que temos: mineral e cauixí (14,29%); mineral, caco moído e bola de argila (14,29%); mineral, caco moído, cauixí e cariapé (14,29%) e; mineral, cauixí e cariapé (14,29%) (**Gráfico 76**).

Gráfico 76 – Tipos de antiplásticos presentes no sítio Jardim Aeroporto.

A espessura máxima do antiplástico teve como moda dimensões superiores a 5 mm. O antiplástico mineral é representado pelo quartzo, hematita e mica, sua combinação com os demais tipos de antiplásticos tende a ser harmônica, a despeito do quartzo se destacar em relação aos demais. Por outro lado, dois fragmentos apresentaram alto índice de cauixí e, um terceiro fragmento apresentou alto índice de cariapé.

Há um predomínio de pastas plásticas com presença mediana de antiplástico (em torno de 10 a 30%), seguidas por pastas muito plásticas e muito secas, as quais ambas se equilibram exibindo percentuais de 28,57% (**Gráfico 77**).

Gráfico 77 – Porcentual de antiplásticos nas pastas cerâmicas do sítio Jardim Aeroporto.

Gráfico 78 – Tipos de queima nas pastas cerâmicas do sítio Jardim Aeroporto.

A técnica de construção dos vasilhames é a acordelada por superposição dos roletes. Há um maior predomínio da queima oxidante do Tipo 2 (42,86%) e da redutora do Tipo 4 (42,86%) e poucas peças com queima do Tipo 7 (14,28%), de acordo com o **Gráfico 78**.

O tratamento de superfície externa (**Gráfico 79**) é predominantemente representado pelo alisamento (42,85%), seguido pelo erodido (28,57%), a brunidura (14,29%) e o engobo vermelho (14,29%).

Gráfico 79 – Tratamento de superfície Externo nas cerâmicas do sítio Jardim Aeroporto.

Por outro lado, o tratamento de superfície interna (**Gráfico 80**), em termos de predominância, se equilibra entre o alisamento, o enegrecimento e o erodido, todos estes exibindo porcentual de 28,57%. O engobo vermelho ocorreu em apenas 14,29%.

Na **Tabela 39** é possível observar a associação dos tratamentos de superfície externos e seus respectivos correspondentes de superfície internos, demonstrando para a indústria cerâmica do sítio Jardim aeroporto, a existência de pelo menos 3 combinações de tratamento de superfície.

Gráfico 80 – Tratamento de superfície Interno nas cerâmicas do sítio Jardim Aeroporto.

Tabela 39: Tratamento de superfície externo na cerâmica do sítio Jardim Aeroporto e suas respectivas associações no tratamento de superfície interno dos vasilhames.

Superfície Externa		Superfície Interna	
Alisamento	3	Alisamento	2
		Enegrecimento	1
Brunidura	1	Erodido	1
Erodido	2	Enegrecimento	1
		Erodido	1
Engobo vermelho	1	Engobo vermelho	1

Visto que, não é possível tecer grandes considerações sobre as formas e funções dos vasilhames deste sítio, resta a informação de que 2 fragmentos cerâmicos deste sítio apresentaram depósitos de carbono na superfície interna e, 1 fragmento apresentou vestígios de fuligem na superfície externa.

Análise Lítica:

A coleção lítica do sítio Jardim Aeroporto consiste de apenas 3 peças. Entre estas, 2 pertencem à categoria de peças *brutas* e 1 à categoria *polidas*.

Entre as peças *brutas* há um seixo rolado de quartzito com algumas retiradas naturais, as quais oferecem à peça uma estrutura geométrica de tronco de pirâmide; ambos os pólos da peça encontram-se aplanados e com pontos de esmagamento, indicando uma função de maceração/trituração ao artefato, permitindo considerá-lo como um triturador. A segunda peça *bruta* é um fragmento de seixo rolado de arenito silicificado com uma face côncava, alisada e com pontos de esmagamento, indicando ser uma mó, ou seja, peça de função passiva de trituração ou maceração para sementes, grãos e corantes.

A peça *polida* trata-se de uma mão-de-mó de diorito com superfície intemperizada, áspera ao toque. Sua seção é elíptica. Sua extremidade distal ou ativa é convexa, enquanto a extremidade oposta é terminada em um pólo quase plano, também exibindo sinais de esmagamento. O polimento deve ter sido incipiente, pois ainda é possível observar pontos de picoteamento em toda a superfície da peça.

Carlos Augusto

Coordenadas UTM: 21L 0178562/ 8347109. Datum: SAD 69.

Afiliação Cronológico-cultural: A reconstituição dos formatos de vasilhames a partir de alguns perfis de bordas permite uma afiliação às indústrias dos sítios cerâmicos da micro-bacia do Córrego Banhado (Depressão do Guaporé), os quais apresentam elementos em comum com as fases Corumbiara e Pimenteira (Tradição Incisa-Ponteadada). A presença de algumas peças sugere uma intrusão da **Tradição Tupiguarani** no sítio.

Descrição: Sítio multicomponencial contendo vestígios cerâmicos pré-coloniais, além de materiais de ocupação histórica. Situa-se em um barranco alto na margem esquerda do rio Guaporé, sendo limitado a W pelas faldas da Serra de Ricardo Franco; na margem oposta, há meandros e pequenas lagoas de conexão temporária, associados a uma mata densa de porte médio. O local é dominado por benfeitorias de sede de fazenda e pastagens. Em algumas frentes erosivas, bem como no perfil de barranco, foram observados vestígios lito-cerâmicos: fragmentos cerâmicos, peças líticas lascadas e polidas (fragmento de lâmina de machado) e, peças históricas: vidro, louça, material construtivo (tijolos, telhas, lajotas, ladrilhos).

Atividade: coleta seletiva de peças históricas e lito-cerâmicas pré-coloniais.

Análise Cerâmica:

A coleção cerâmica do Sítio Carlos Augusto é procedente de uma coleta seletiva de superfície efetuada em maio de 2007 no âmbito da Expedição Guaporé, resultando na coleta de peças históricas e pré-coloniais (17 fragmentos cerâmicos e 5 peças líticas).

Entre essas peças diagnósticas, contamos com as categorias cerâmicas correspondentes a 3 fragmentos de bordas, 13 paredes (algumas contendo tratamento de enegrecimento, brunidura, bem como vestígios de banho vermelho e engobo branco) e 1 parede com ponto angular. As espessuras dos vasilhames variam de 4 a 25 mm, sendo predominantes as espessuras de 7 e 10 mm.

Aspectos Gerais da Pasta

O antiplástico predominante é a combinações do mineral e cauxí (11 peças). Poucas peças exibem antiplástico mineral (4 peças) ou, combinações do mineral com o caco moído (1 peça) ou cm a bola de argila (1 peça). O quartzo é mineral predominante, a hematita e a mica tendem a ocorrer com uma freqüência um pouco menor, porém, quando presentes na pasta apresentam baixos percentuais. O feldspato ocorre como traço.

As espessuras máximas predominantes são representadas por intervalos de 1 a 3 mm (6 peças); outros intervalos de espessuras (0-1 mm; 3-5 mm) são representados por 4 peças cada um. Apenas 3 fragmentos atingiram dimensões de até 5 mm.

Há um predomínio de 9 fragmentos de pastas plásticas com presença mediana de antiplástico (10 a 30%), sendo seguidos de 4 fragmentos de pastas muito plásticas (cerca de 10% de antiplástico) e, de 4 fragmentos de pastas secas (mais de 30% de antiplástico).

A técnica de construção dos vasilhames é a acordelada por superposição dos roletes, um fragmento apresentou reforço de parede. Quanto ao tipo de queima há um predomínio na coleção da queima do tipo 3 (35,30%) (**Gráfico 81**). Há um equilíbrio das queimas dos tipos 2 (oxidante) e 4 (redutora) , com percentuais são de 23,53%; há raros exemplos de queimas do tipo 1, 5 e 6 sendo estas representadas por fragmentos únicos.

Gráfico 81 – Predominância dos tipos de queima nas pastas cerâmicas do sítio Carlos Augusto.

Tratamento de Superfície e Decoração

O tratamento de superfície externa predominante é o de alisamento (9), seguido pelo engobo branco (3), erodido (3), enegrecimento (1) e o engobo vermelho (1). Por outro lado, na face interna, o alisamento também é predominante (8), seguido pelo erodido (3), polimento (1), enegrecimento (1), banho vermelho (1) e o engobo vermelho (1). De acordo com a **Tabela 40** há seis combinações possíveis de tratamentos de superfícies externas e internas. Não foram observadas quaisquer decorações plásticas ou pintadas.

Tabela 40 – Tratamento de superfície externo na cerâmica do sítio Carlos Augusto e suas respectivas associações no tratamento de superfície interno dos vasilhames.

Superfície Externa		Superfície Interna	
Alisamento	9	Alisamento	7
		Brunidura	2
Enegrecimento	1	Polimento	1
Erodido	3	Alisamento	1
		Enegrecimento	1
		Erodido	1
Engobo Branco	3	Erodido	2
		Banho Vermelho	1
Engobo Vermelho	1	Engobo Vermelho	1

A presença do engobo branco em alguns fragmentos cerâmicos, um destes com grande espessura (25 mm) e elevado percentual de antiplástico mineral em relação ao cauxí, bem como um segundo fragmento com bojo carenado, apontam para a presença de elementos cerâmicos da **Tradição Tupiguarani**.

Marcas de Uso e Pátinas

Dois fragmentos de paredes exibiram depósitos de carbono na superfície interna. Um

destes apresentou de modo associado vestígios de fuligem na superfície externa; há possibilidade de se tratar de uma peça de origem histórica.

Morfologia de Vasilhames

A partir de três fragmentos de bordas foi possível reconstituir a morfologia e função dos tipos de vasilhames cerâmicos presentes na coleção cerâmica do sítio. Os fragmentos de borda exibem morfologia *direta* (2) ou *extrovertida* (1).

As bordas *diretas* apresentam inclinação de borda *inclinada interna* sendo normal (2) a espessura do lábio em relação à borda, com percentuais de conservação de linhas de bordas de 2 a 5% fornecendo diâmetros de 16 a 24 cm, e, formas ligeiramente fechada (2). O formato do lábio é plano com espessuras de 5 a 6 mm. Os vasilhames seriam globulares com boca circular constricta de contorno simples. Função: armazenagem de líquidos e alimentos.

A borda *extrovertida* exhibe inclinação externa, sendo a espessura do lábio em relação à borda *normal*, há um percentual de conservação de sua linha de 3 %, sendo os seus diâmetros de 16 cm, sendo sua forma aberta. O lábio é arredondado (1) com espessura de 8 mm. Sua forma seria um vasilhame de boca circular ampliada, contorno infletido e de bojo levemente a fortemente globular. Função: cocção de alimentos ou bebidas.

Análise Lítica:

A coleção lítica do sítio em estudo envolveu a coleta seletiva de 5 peças: 1 bruta, 1 picoteada e 3 lascadas.

A peça *bruta* é um seixo utilizado de arenito silicificado, com quantidade de córtex superior a 50%, o qual consiste de um triturador ou pequena mão-de-mó. O pólo principal ou ativo é convexo, encontra-se bem alisado, muito suave ao toque, abrindo a possibilidade de a peça também se tratar de um alisador de cerâmica. O pólo oposto, de menor dimensão apresenta sinais de esmagamentos provocados por função de triturar ou bater. Dimensões: 60 mm de comprimento; 61 mm de largura; 42 mm de espessura.

A peça *picoteada* é um fragmento de artefato discóide de granito de seção plano-convexa. O diâmetro seria de 8 cm e o gume teria um ângulo de abertura de 100°. A princípio se considerou fazer parte de um gume de lâmina de machado, porém, a assimetria acentuada

de ambas as faces preservadas e a porção preservada da circunferência da peça, indicam ser uma provável rodela de fuso.

Entre as peças *lascadas* contamos com uma lasca e dois artefatos (1 informal e 1 formal padronizado).

A lasca é de descorticamento, tendo sido obtida a partir de bloco de sílexito por técnica unipolar. Apresenta quatro ou mais retiradas anteriores cujas direções das cicatrizes são ortogonais. O talão é plano com córtex, ponto de percussão puntiforme com cornija e bico, apontando que esta lasca foi retirada por uma técnica acuidada, certamente associada a uma cadeia operatória de produção de artefatos. Dimensões: 31 mm de comprimento; 19 mm de largura; 11 mm de espessura.

O artefato informal consiste de uma lasca de arenito silicificado preparada (ausência de córtex) obtida por técnica bipolar. Apresenta quatro ou mais retiradas anteriores cujas direções das cicatrizes são paralelas. Os vestígios de utilização limitam-se à face externa. No lado direito há retoques escamados invasivos associados a micro-lascamentos provocados pelo uso configurando um gume de 50°; o lado esquerdo apenas exhibe micro-lascamentos em um gume de 60°. A função deste artefato seria a de raspagem. Dimensões: 100 mm de comprimento; 58 mm de largura; 22 mm de espessura.

O segundo artefato é uma peça plano-convexa confeccionada por técnica unipolar a partir de núcleo retocado, cujo suporte inicial seria um bloco de arenito silicificado. Apresenta uma quantidade de córtex inferior a 50%, bem como duas retiradas anteriores, cujas direções das cicatrizes são paralelas. A face interna da peça é curvilínea, configurando um bulbo. Quanto à face externa, há retoques abruptos em ambos os lados, o esquerdo é escalariforme e o direito paralelo, os quais convergem em ponta na extremidade distal. Ambos os lados exibem reavivagem periférica: o esquerdo é escalariforme e o direito escamado, cujos gumes apresentam abertura de 50-60°. A função deste artefato seria a de raspagem. Dimensões: 114 mm de comprimento; 67 mm de largura; 38 mm de espessura.

Ambas as peças *lascadas* podem estar associadas a uma ocupação mais antiga do sítio durante o Holoceno Médio, o que nos oferece um intervalo cronológico de 9-8 mil a 2 mil anos AP (Bueno 2007:31), principalmente a peça plano-convexa, a qual lembra os estilos comumente conhecidos para as indústrias líticas do Brasil Central deste período.

Cubatão

Coordenadas UTM: 20L 0814946/ 8389993. Datum: SAD 69.

Afiliação Cronológico-cultural: A reconstituição dos formatos de vasilhames a partir de alguns perfis de bordas, além da presença de um apêndice modelado, permitem uma afiliação às indústrias dos sítios cerâmicos da micro-bacia do Córrego Banhado (Depressão do Guaporé), os quais apresentam elementos em comum com as fases Corumbiara e Pimenteira (Tradição Incisa-Ponteadas).

Descrição: Sítio multicomponencial contendo vestígios cerâmicos pré-coloniais, além de materiais de ocupação histórica. Encontra-se em um terraço na margem esquerda do rio Guaporé, com presença de baías e meandros esporádicos. O local é dominado por pastagens. Os vestígios são representados por vestígios construtivos de “casa dos portugueses”, segundo informações locais, restando alicerces de blocos lateríticos, tijolos, telhas, lajotas, mourões de aroeira e fragmentos cerâmicos diversos. Em outros dois pontos, afastados cerca de 70 m entre si ocorreu uma concentração cerâmica e uma lítica de peças lascadas. Ocorriam peças nos perfis dos barrancos também.

Atividade: coleta seletiva de peças históricas e lito-cerâmicas pré-coloniais.

Análise Cerâmica:

A coleção cerâmica e lítica do Sítio Cubatão é procedente de uma coleta seletiva de superfície efetuada em maio de 2007 no âmbito da Expedição Guaporé, resultando na coleta de peças históricas e pré-coloniais (22 fragmentos cerâmicos e 1 peça lítica).

Entre essas peças diagnósticas, contamos com as categorias cerâmicas correspondentes a fragmentos de bordas, paredes (incluindo uma com inflexão, e uma com apêndice) e bases.

De acordo com o **Gráfico 82**, contamos com um maior percentual correspondente a 14 fragmentos de paredes (63,63%), seguidos de poucos fragmentos de bordas (4) e bases (2). Há peças únicas representadas por paredes com ponto de inflexão e uma parede com aplique.

Embora os fragmentos de parede não exibam decoração plástica ou pintada, ou tratamentos de superfícies específicos (brunidura, enegrecimento, polimento), foram considerados na análise visto a amostragem cerâmica ser relativamente pequena.

As espessuras dos vasilhames variam de 6 a 27 mm, sendo predominante a espessura de 8 mm, sendo também freqüentes as espessuras de 7, 9 e 10 mm.

Gráfico 82 – Categorias cerâmicas do sítio Cubatão.

Aspectos Gerais da Pasta

O antiplástico predominante é a combinação do mineral e cauxí (50,00%), seguido das combinações do mineral, cauxí e cariapé (13,63%) e do mineral (13,63%); os demais tipos de antiplástico e suas combinações ocorreram em baixa porcentagem (**Gráfico 83**). O quartzo é mineral predominante (atinge diâmetro de até 6 mm), a hematita e a mica tendem a ocorrer com uma freqüência pouco menor, porém, com baixo porcentual quando presentes na pasta. O cauxí quando presente na pasta tende a ser preponderante e, o cariapé ocorre como traços, em geral com diâmetro de 2 mm. A bola de argila atingiu até 4 mm de diâmetro e o caco moído de 4 a 5 mm.

A espessura máxima do antiplástico teve como moda o intervalo de 1 a 3 mm, representado por 36,36% da amostragem diagnóstica analisada (**Gráfico 84**), seguida de

espessuras superiores a 5 mm (ex: o quartzo apresentou espessuras de 6,0 mm). Poucos fragmentos exibiram espessuras de 0 a 1 e de 3 a 5 mm.

Há um predomínio de pastas plásticas com presença mediana de antiplástico (10 a 30%) representada por 45,45% da amostragem (**Gráfico 85**), sendo estas seguidas por 27,28% de pastas secas (mais de 30% de antiplástico) e 22,72% de pastas muito plásticas (cerca de 10% de antiplástico). Há um pequeno percentual de 4,55% de pastas extremamente plásticas quase um equilíbrio de pastas muito plásticas (menos de 10% de antiplástico).

Gráfico 83 – Tipos de antiplásticos presentes no sítio Cubatão.

Gráfico 84 – Espessura máxima dos antiplásticos presentes no sítio Cubatão.

Gráfico 85 – Porcentual de antiplásticos nas pastas cerâmicas do sítio Cubatão.

A técnica de construção dos vasilhames é a acordelada por superposição dos roletes, um fragmento apresentou reforço de parede; um fragmento apresentou um apêndice construído pela técnica modelada. Quanto ao tipo de queima (**Gráfico 86**) há um predomínio na coleção da queima oxidante do tipo 2 (50,00%), sendo seguida pela queima do tipo 4 (27,27%). Há baixos percentuais de 9,09% para as queima do tipo 1 e 3, além de percentuais de 4,55% para a queima de tipo 5.

Gráfico 86 – Predominância dos tipos de queima nas pastas cerâmicas do sítio Cubatão.

Tratamento de Superfície e Decoração

O tratamento de superfície externa predominante é o de alisamento presente em ambas as superfícies, apenas dois fragmentos exibiram enegrecimento na superfície interna e, um terceiro fragmento apresentou ambas as superfícies erodidas. Não foram observadas quaisquer decorações plásticas ou pintadas.

Marcas de Uso e Pátinas

Um fragmento de parede exibiu depósitos de fuligem na superfície externa.

Morfologia de Vasilhames

A partir de quatro fragmentos de bordas e dois de bases foi possível reconstituir a morfologia e função dos tipos de vasilhames cerâmicos presentes na coleção cerâmica do sítio. Os fragmentos de borda exibem morfologia *direta* (3) ou *extrovertida* (1).

As bordas *diretas* exibem inclinação da borda do tipo inclinada externa (1) ou inclinada interna (2); por outro lado, a borda *extrovertida* exibe inclinação da borda do tipo inclinada externa (1).

A borda direta inclinada externa apresenta espessura normal (1) com porcentual de conservação de linhas de bordas de 8% fornecendo diâmetro de 30 cm e, forma muito aberta (1). O formato do lábio é arredondado (1) com espessura de 11 mm. O vasilhame corresponde a uma tigela rasa de boca circular. Função: serviço ou consumo de alimentos.

As bordas diretas inclinadas internas apresentam espessuras normais (2) do lábio em relação à borda, com percentuais de conservação de linhas de bordas de 6 a 10% fornecendo diâmetros de 18 a 24 cm e, formas *ligeiramente aberta* (1) ou *aberta* (1). Os lábios são planos com espessuras de 7 e 14 mm.

A forma *ligeiramente aberta* corresponde a um vasilhame globular com bocas circulares constrictas de contornos simples; função: armazenagem de líquidos e alimentos. Quanto à forma *aberta*, o vasilhame seria uma tigela semi-esférica globular de boca circular e contorno simples; função: consumo ou serviço de alimentos ou bebidas.

A borda *extrovertida* exibe inclinação externa, sendo a espessura do lábio em relação

à borda do tipo normal, há um percentual de conservação de sua linha de 5 %, sendo os seus diâmetros de 12 cm, sendo sua forma aberta. O lábio é arredondado (1) com espessura de 5 mm. Sua forma corresponderia um vasilhame de boca circular ampliada, contorno infletido e de bojo levemente a fortemente globular. Função: cocção de alimentos ou bebidas.

Os dois fragmentos de base apresentam morfologias plana (1) e em pedestal (1) com respectivos ângulos de base de 160° e 150°.

Análise Lítica:

A única peça lítica da coleção consiste de um artefato informal, uma lasca utilizada de sílex obtida por percussão direta. Consiste também em ser uma lasca secundária ou negativa, com ponto de percussão puntiforme e talão em asa de pássaro; é possível observar a presença de três retiradas anteriores, cujas cicatrizes das retiradas tendem a ser paralelas. Exibe no lado esquerdo, limitados à face externa, micro-lascamentos decorrentes do uso, os quais oferecem um ângulo de uso de 40°, apontando para uma função de corte ou raspagem. Dimensões: 25 mm de comprimento, 6 mm de largura e 8 mm de espessura.

Imagem de satélite do Google Earth mostrando a inserção do Sítio Carlos Augusto em uma Planície Fluvial Restrita (A.2) com padrão de inserção em terraço fluvial na margem esquerda do rio Guaporé, hoje ocupado por uma sede de fazenda.

Borda direta inclinada interna normal com acabamento de superfície simples

Borda extrovertida inclinada externa normal com acabamento de superfície simples

Fragmento de parede com vestígios de brunidura na superfície interna.

Parede com inflexão de grande espessura (25 mm) e vestígios de engobo branco, a qual lembra os grandes vasilhames carenados da **Tradição Tupiguarani**.

Parede com inflexão, cuja forma lembra os vasilhames carenados da **Tradição Tupiguarani**.

Artefato bruto: seixo rolado de arenito silicificado utilizado como triturador/batedor. Sua superfície convexa encontra-se bem alisada, apontando a possibilidade de também ser um alisador de cerâmica.

Artefato picoteado: peça discoidal de granito com seção plano-convexa e ângulo de 100°. Seu diâmetro seria de 8 cm. Provavelmente seria uma rodela de fuso.

Artefato lascado informal: lasca de arenito silicificado preparada, obtida por técnica bipolar. Os vestígios de utilização limitam-se à face externa. No lado direito há retoques escamados invasivos associados a micro-lascamentos provocados pelo uso configurando um gume de 50°; o lado esquerdo apenas exhibe micro-lascamentos em um gume de 60°. Função: raspagem.

Artefato lascado formal padronizado: peça plano-convexa confeccionada por técnica unipolar a partir de núcleo retocado, cujo suporte seria um bloco de arenito silicificado. A face interna é curvilínea, configurando um bulbo. Quanto à face externa, há retoques abruptos em ambos os lados: o esquerdo é escalariforme e o direito paralelo, os quais convergem em ponta na extremidade distal. Ambos os lados exibem reavivagem periférica, o esquerdo escalariforme e o direito escamado, cujos gumes apresentam abertura de 50-60°. Função: raspagem.

Cachoeira do Vira Copo

Coordenadas UTM: 21L 017 8984/ 8340854. Datum: SAD 69.

Afiliação Cronológico-cultural: Não é possível definir uma afiliação segura, dado à baixa amostragem e a falta de elementos diagnósticos (perfis de bordas, decorações), mas o alto teor de cariapé lembra os tratamentos de pasta comuns às indústrias cerâmicas da **Tradição Uru**.

Descrição: Sítio cerâmico pré-colonial localizado em área de pastagens. Foi evidenciado por um corte de estrada secundária, a qual conduz até a Cachoeira do Vira Copo, um local de atração turística na região vilabelense, bem como por uma área de lavra de cascalho laterítico. A abertura dessas duas intervenções expôs por uma área de 180 x 20 m alguns fragmentos esparsos de cerâmica.

Segundo informações prestadas por Divino Altair Villas-Boas da Silva, os vestígios eram bem mais evidentes e numerosos por volta de 2005, logo após a abertura dessa estrada, o que lhe permitiu reconhecer o sítio enquanto guiava um grupo de turistas à Cachoeira Vira Copo por este acesso.

Não se pode descartar a possibilidade de que os vestígios arqueológicos expostos venham sendo gradativamente coletados por visitantes em trânsito à cachoeira, como objetos de curiosidade, restando muito pouco para ser coletado durante a atividade de pesquisa.

Há também informações quanto à existência de um vasilhame (funerário?) próximo à porteira desta estrada.

Atividade: Efetuou-se uma breve visita em 2009 para fins de registros gerais, onde se procedeu a uma coleta superficial de 3 fragmentos cerâmicos, registro fotográfico e de coordenadas UTM.

Análise Cerâmica:

Embora se conte com uma ínfima amostragem de 3 fragmentos cerâmicos oriundos de uma breve visita a este sítio é possível extrair algumas informações sobre sua indústria cerâmica, sendo principalmente chamativo a alto porcentual de cariapé em sua pasta.

A amostragem consiste de 1 fragmento de borda e de 2 fragmentos pertencentes a paredes com acabamento de superfície simples, cujas espessuras variam de 9 a 17 mm.

Aspectos Gerais da Pasta

O antiplástico predominante é uma combinação de mineral, bola de argila, caco moído, cariapé e cauixí; um fragmento exibiu na pasta apenas uma combinação de mineral, caco moído e cauixí. As espessuras do antiplástico variam de 2 a 4 mm. Há uma grande frequência do uso do cariapé e da bola de argila, entre os antiplásticos minerais há maior frequência do quartzo em relação à hematita e a mica. O cauixí ocorreu como raro traço. Há um predomínio de pastas plásticas com presença mediana de antiplástico (em torno de 10 a 30%), seguidas de pastas secas (mais de 30% de antiplástico).

A técnica de construção dos vasilhames é a acordelada por superposição dos roletes. Não há um predomínio ou uniformidade quanto ao tipo de queima, visto que são bem variadas, tendo sido registradas as de tipo 2, 4 e 5, indicando o emprego de desde queimas oxidantes à queimas redutoras de resfriamento rápido em exposição ao ar.

Tratamento de Superfície e Decoração

A princípio os fragmentos estudados receberam em ambas as faces um tratamento de alisamento a despeito de sua condição erodida. Um fragmento de parede apresentou vestígios de engobo vermelho na superfície interna. Não foi observada a presença de qualquer tipo de decoração plástica ou pintada.

Morfologia e Função dos Vasilhames

O único fragmento de borda apresenta morfologia direta com inclinação vertical, sendo a espessura do lábio em relação à borda do tipo normal; apresenta um percentual de conservação de sua linha em 4 %, sendo o seu diâmetro de 30 cm. O lábio é plano com espessura de 6 mm. A forma do recipiente corresponde a uma tigela funda ligeiramente aberta, em meia calota e de contorno simples. Os depósitos de carbono em sua superfície interna indicam uma atividade de cocção de alimentos. Em suma, o principal pormenor observado neste sítio é o emprego acentuado de cariapé e de bola de argila na composição da pasta cerâmica.

10. 1. 3. Doações Procedentes da Planície de Inundação do Alto/ Médio Guaporé

No âmbito das análises do corpo desta tese, houve uma preocupação em se efetuar uma análise cerâmica e lítica de peças presentes no acervo do Museu Histórico e Arqueológico de Vila Bela Joaquim Marcelo Profeta da Cruz. São peças cerâmicas ou líticas que nos últimos anos vêm sendo fortuitamente encontradas pela população vilabelense em suas atividades cotidianas de lavoura, construções, aberturas de estradas. Embora até o momento estejam desprovidas de contexto, não deixam de ter significado valor museológico e didático em projetos e exposições concernentes a projetos de educação patrimonial.

Tem-se por objetivo futuro, entrevistar aos respectivos doadores, quando identificados nas fichas de doação, no intuito de que guiem os pesquisadores até o local do achado, permitindo um georreferenciamento e, se possível, concretizar uma contextualização e caracterização de um sítio arqueológico a ser cadastrado no CNSA-IPHAN.

Doação 1-a (D 1-a)

Descrição: Fragmento de base de vasilhame procedente do Sítio Três Paus (Barata).

Doador e data de coleta/doação: Mário Mendes. 15/08/2009.

Análise: Fragmento de base com espessura de 19 mm, cuja pasta apresenta um antiplástico mineral com cauxí, estes apresentando uma espessura entre 1-3 mm. Os antiplásticos minerais são representados pelo quartzo, hematita e a mica, porém, o primeiro se destaca em relação aos demais. A pasta é seca, ou seja, apresenta mais de 30% de antiplástico em sua composição. A técnica de construção é a acordelada com superposição dos roletes. A queima é oxidante do tipo 3, onde há uma seção transversal com um núcleo enegrecido ladeado por camadas claras. A superfície externa exhibe marca de folha na base, provavelmente embaúba (*Cecropia spp.*); por outro lado, a superfície interna encontra-se alisada. Apresenta decoração plástica escovada na superfície externa, na porção do bojo. A base é em pedestal e apresenta um ângulo de abertura de 80°. Não se descarta a hipótese de a peça ser de origem histórica.

Figura 5 – Doação 1-a (D 1-a): fragmento de base/bojo, onde se observa decoração escovada e marcas de folhas de embaúba na base.

Doação 1-b (D 1-b)

Descrição: Fragmento de base de vasilhame procedente do Sítio Três Paus (Barata).

Doador e data de coleta/doação: Mário Mendes. 15/08/2009.

Análise: Fragmento de base com espessura de 13 mm, cuja pasta apresenta um antiplástico mineral com caco moído e cauxí, estes apresentando uma espessura entre 1-3 mm. Os antiplásticos minerais são representados pelo quartzo, hematita e a mica, porém, o primeiro se destaca em relação aos demais. A pasta é muito plástica, ou seja, apresenta cerca de 10% de antiplástico em sua composição. A técnica de construção é a acordelada com superposição dos roletes. A queima é redutora do tipo 4, onde há uma seção transversal com um núcleo enegrecido uniforme. A superfície externa exhibe um engobo creme; por outro lado, a superfície interna encontra-se alisada. Apesar de a base ser em pedestal apresenta uma superfície côncava, bem como um ângulo de abertura de 80°.

Figura 6 – Doação 1-b (D 1-b): base em pedestal.

Doação 1-c (D 1-c)

Descrição: Fragmento de lâmina de machado procedente do Sítio Três Paus (Barata).

Doador e data de coleta/doação: Mário Mendes. 15/08/2009.

Análise: Fragmento de lâmina de machado polido de andesito, pertencente à porção do gume, ângulo do gume: 70°. As superfícies polidas encontram-se ásperas ao toque, devido à superfície intemperizada do artefato. Seção elíptica.

Dimensões: Comprimento: 50 mm, Largura: 47 mm, Espessura: 21 mm.

Figura 7 – Doação 1-c (D 1-c): fragmento de lâmina de machado

Doação 2-a (D 2-a)

Descrição: Rodela de fuso de cerâmica procedente do Sítio Três Paus (Barata).

Doador e data de coleta/doação: Mário Mendes. 09/11/2007.

Análise: Rodela de fuso modelada de seção bi-convexa. Apresenta um diâmetro de 46 mm, espessura de 11 mm e um furo central com diâmetro de 4 mm. A pasta apresenta um antiplástico mineral e caco moído, estes apresentando uma espessura entre 1-3 mm. Os antiplásticos minerais são representados pelo quartzo, hematita e a mica, porém, o primeiro se destaca em relação aos demais. A pasta é muito plástica, ou seja, apresenta cerca de 10% de antiplástico em sua composição. A técnica de construção é a modelada. A queima é redutora do tipo 4, onde há uma seção transversal com um núcleo enegrecido uniforme. O lábio é arredondado com 6 mm de espessura e, ao longo de sua linha, há uma decoração plástica entalhada no motivo de uma linha unitária simples com múltiplos entalhes verticais, eqüidistantes 2,5 mm entre si.

Figura 8 – Doação 2-a (D 2-a): rodela de fuso.

Doação 2-b (D 2-b)

Descrição: Fragmento de lâmina de machado procedente do Sítio Três Paus (Barata).

Doador e data de coleta/doação: Mário Mendes. 09/11/2007.

Análise: Fragmento de lâmina de machado polido de riodacito, pertencente à porção do talão, o qual exibe contorno convexo e seção elíptica, a superfície encontra-se bem polida, suave ao toque dos dedos. Na extremidade distal a peça exibe um estrangulamento, evidenciado por uma faixa de superfície picoteada com dimensões de 66 x 8 mm. Em uma das faces há um vestígio de negativo de lascamento, o qual o artesão procurou obliterar, sem muito sucesso, com a técnica do picoteamento. Provavelmente o esboço desta lâmina de machado era iniciado com a técnica de lascamento.

Dimensões: Comprimento: 47 mm, Largura: 71 mm, Espessura: 31 mm.

Figura 9 – Doação 2-b (D 2-b): fragmento de lâmina de machado.

Doação 4 (D 4)

Descrição: lâmina de machado.

Doador e data de coleta/doação: José Bento Vergílio Ventura. 09/10/2007.

Análise: Lâmina de machado polido de riodacito. Apresenta contorno retangular, superfície bem polida com lustro, a porção do talão tem a superfície picoteada, certamente para facilitar a aderência do encabamento, a seção da peça é elíptica, ângulo do gume: 80°.

Dimensões: Comprimento: 69 mm, Largura: 44 mm, Espessura: 28 mm.

Figura 10 – Doação 4 (D 4): lâmina de machado.

Doação 5 (D 5)

Descrição: Fragmento de borda de vasilhame.

Doador e data de coleta/doação: Sebastião Queirós Carneiro. 15/10/2007.

Análise: Fragmento de borda com espessura de 11 mm, cuja pasta apresenta um antiplástico mineral com caco moído e cauxí, estes apresentando uma espessura entre 1-3 mm. Os antiplásticos minerais são representados pelo quartzo, hematita e a mica, porém, o primeiro se destaca em relação aos demais. A pasta é muito plástica, ou seja, apresenta cerca de 10% de minerais em sua composição. A técnica de construção é a acordelada com superposição dos roletes. A queima é oxidante do tipo 2, com seção transversal uniforme exibindo cor cinza claro. A superfície externa exibe um tratamento de polimento; todavia, durante este processo, o artesão não o fez de forma regular, visto que, há algumas depressões e elevações. A superfície interna encontra-se alisada. A borda apresenta morfologia *direta*, com uma inclinação de borda do tipo *inclinada externa*, sendo a espessura do lábio em relação à borda *normal*, indicando uma forma de vasilhame aberta.

Através de um percentual de 25% conservação de linha de borda o vasilhame teria um diâmetro de boca de 40 cm, o seu lábio é arredondado com uma espessura de 6 mm. A forma aponta para uma tigela rasa de boca ampliada e contorno simples; sua função seria a de servir alimentos, não se descartando a possibilidade de uso ao fogo para sua cocção.

Figura 11 – Doação 5 (D 5): Fragmento de borda.

Doação 8a-e (D 8a-e)

Descrição: Cinco fragmentos cerâmicos coletados na localidade da cascalheira da Vila Ricardo Franco, cerca de 120 km da cidade de Vila Bela.

Doador e data de coleta/doação: Antônio Carlos Bastiani. 30/03/2009.

Análise: Cinco fragmentos pertencentes à borda (1), base (1) e paredes (1), cujas espessuras variam de 8 a 19 mm, com predomínio da primeira. O antiplástico é o mineral combinado com o caco moído e cauixí (preponderante) com espessura máxima de 1-3 mm; apenas 1 fragmento apresentou esta combinação associada à bola de argila (diâmetro de 2,5 mm), com uma espessura máxima de 3-5 mm. Os antiplásticos minerais são representados pelo quartzo, hematita e a mica, porém, o primeiro se destaca em relação aos demais. Há um predomínio de pastas plásticas com um percentual de 10-30% de antiplástico, apenas um fragmento apresenta uma pasta muito plástica com um percentual de cerca de 10% de antiplástico. A técnica de construção é a acordelada com superposição dos roletes. Há um predomínio de queima oxidante do tipo 1 exibindo seções uniformes alaranjadas a amareladas, 1 fragmento exibiu queima oxidante do tipo 3, com um núcleo enegrecido ladeado de faixas oxidadas e, outro fragmento, uma queima redutora do tipo 4 com núcleo uniforme enegrecido. O tratamento de superfície em geral é o de alisamento, porém, um fragmento apresentou engobo vermelho na superfície interna, sendo a superfície externa erodida.

O fragmento de borda apresenta morfologia *direta*, com uma inclinação de borda do tipo *inclinada externa*, sendo a espessura do lábio em relação à borda *reforçada externa*, indicando uma forma de vasilhame ligeiramente aberta. Através de um percentual de 8% conservação de linha de borda o vasilhame teria um diâmetro de boca de 14 cm, o seu lábio é plano com uma espessura de 4 mm. A forma aponta para uma tigela funda de boca ampliada e contorno simples; sua função seria a de servir e consumir alimentos ou bebidas, ao passo que, a presença de depósitos de carbono em sua superfície interna, também aponta uma utilização ao fogo.

O fragmento de base apresenta morfologia *convexa*, bem como, a superfície externa erodida, ocasionada pelo contato direto do vasilhame com o chão.

Figura 12 – Doação 8a (D 8a): Fragmento de borda direta inclinada externa com tratamento de superfície por alisamento em ambas as superfícies.

Figura 13 – Doação 8c (D 8c): Fragmento de base convexa. Exibe erosão na superfície externa ocasionada pelo contato do fundo do vasilhame com o chão.

Figura 14 – Doação 8d (D 8d): Fragmento de parede com tratamento de alisamento em ambas as superfícies.

Doação 10 (D 10)

Descrição: Vasilhame cerâmico encontrado em frente a uma escola durante implantação de cerca. Continha um esqueleto de feto, segundo um operário que a retirou. O achado foi efetuado na escola estadual da localidade de Bocaina, 20 km depois de São Sebastião, distrito localizado 63 km de Vila Bela. Associa-se a indústria *Cerâmica Capão do Canga*.

Doador e data de coleta/doação: Odenil Paulo França. 18/07/2008.

Análise: vasilhame com mais de 50% de integridade, apresenta uma espessura de 9 mm. O antiplástico é uma combinação do mineral, caco moído, bola de argila (até 4 mm) e cauxí (preponderante), com uma espessura máxima de 3-5 mm. Os antiplásticos minerais são representados pelo quartzo, hematita e a mica, porém, o primeiro se destaca em relação aos demais. A pasta é plástica com um percentual de 10-30% de antiplástico. A técnica de construção é a acordelada com superposição dos roletes. A queima é redutora do tipo 5, em cuja seção transversal há uma camada clara externa e uma camada escura interna.

A superfície externa apresenta um tratamento de engobo creme, enquanto a interna um tratamento por polimento. A decoração é pintada, cujo motivo da pintura é bem interessante e complexo: disposto ao longo do bojo, há vestígios de 9 faixas verticais reticuladas de cor vermelha, a largura das faixas é de 60 mm em média, e a largura das linhas pintadas é de 2 a 3 mm. A distância entre essas faixas verticais é irregular, oscilando de 43, a 59 ou 70 mm. Todo este conjunto é limitado por uma faixa horizontal, também reticulada, de cor vermelha, com largura média de 55 mm, cuja largura das linhas em si é de 2 a 3 mm; esta faixa está paralela ao contorno da borda, na porção superior do bojo e abaixo da borda. Acima desta faixa horizontal se observa vestígios de uma segunda faixa vermelha, localizada paralelamente 5 mm em média, possui uma largura de 9 mm, e possivelmente conteria um motivo reticulado (linhas diagonais cruzadas), mas com linhas mais grossas, variando de 2 a 3 ou 5 mm de largura.

A borda apresenta morfologia *direta* com uma inclinação de borda do tipo *inclinada interna*, o lábio encontra-se fragmentado. O vasilhame é circular e apresenta boa simetria, com uma inflexão na porção do bojo, conferindo-lhe um contorno composto, de modo que, a partir desta linha a parede inclina-se internamente. Sua base é convexa e apresenta uma

perfuração. Diâmetro máximo da peça: 350 mm; altura máxima da peça: 270 mm; circunferência máxima da peça: 1099 mm; altura da base à inflexão: 130 cm. Corresponde à forma CG 3.

Figura 15 – Doação 10 (D 10): o mesmo vasilhame visto sob três ângulos e a reconstituição de seu perfil. À direita e ao centro: reprodução por decalque dos motivos pintados em seu bojo.

Doação 11 (D 11)

Descrição: lâmina de machado polido de andesito procedente do córrego Mata-Chuva, Gleba Guaporé, Vila Bela da Santíssima Trindade-MT.

Doador e data de coleta/doação: Ideulauge Serafim Cavalcante/ Licínio de França. 13/10/2008.

Análise: Lâmina de machado polido de andesito tipo “âncora”. Apresenta superfície levemente intemperizada, áspera ao toque. Na porção do estrangulamento e aletas se observa superfícies picoteadas. O estrangulamento possui 78 mm de largura. O talão é de contorno convexo conformando duas aletas. A seção da peça é elíptica. O formato da porção mediana é também é elíptico cujos eixos medem 150 x 130 mm. O gume acompanha todo o contorno da peça, apresentando um ângulo de 70°.

Dimensões: Comprimento: 240 mm, Largura: 132 mm, Espessura: 26 mm.

Figura 16 – Doação 11 (D 11): Lâmina de machado polido.

Doação 12 (D 12)

Descrição: lâmina de machado polido.

Doador e data de coleta/doação: Tito Profeta da Cruz.

Análise: Lâmina de machado polido de diorito tipo petaliforme. Apresenta uma seção elíptica e, seu talão possui um formato de linha côncava e, abaixo da porção mediana há uma cinta picoteada de estrangulamento, quase imperceptível, medindo 108 x 14 mm, conferindo também 2 reentrâncias laterais na peça. O gume é presente na extremidade distal apresentando um ângulo de 80°.

Dimensões: Comprimento: 199 mm, Largura: 108 mm, Espessura: 39 mm.

Figura 17 – Doação 12 (D 12): Lâmina de machado polido.

Doação 13 (D 13)

Descrição: quebra-côco multifacetado.

Doador e data de coleta/doação: Zeferino Profeta da Cruz.

Análise: seixo rolado sub-arredondado de arenito silicificado, exibindo 6 faces convexas, conferindo ao artefato uma estrutura cúbica. Em 5 faces há uma depressão semi-esférica central com diâmetros médio de 18 mm e profundidades médias de 7 mm. Uma face restante, embora convexa, apresenta pontos de esmagamento iniciais centralizados. Essas características apontam para um artefato bruto com função de esmagamento/rompimento passivo, ou seja, um quebra-côco multifacetado.

Dimensões: Comprimento: 56 mm, Largura: 53 mm, Espessura: 58 mm.

Figura 18 – Doação 13 (D 13): Quebra-coco multifacetado.

Doação 14 (D 14)

Descrição: lâmina de machado polido.

Doador e data de coleta/doação: Neto Ribeiro.

Análise: Lâmina de machado polido de diabásio, variante do tipo "âncora", tende a ter uma forma básica elíptica, mas com um estrangulamento próximo ao talão, o qual mede 73 x 10 mm, conferindo duas reentrâncias laterais à peça. O talão apresenta um contorno convexo. A seção é elíptica. O formato da porção mediana ao gume é elíptico e mede 82 x 94 mm. O gume acompanha o contorno da peça da extremidade distal ao estrangulamento. A peça apresenta um lascamento junto ao gume distal, o qual foi posteriormente polido, em um processo de reavivamento do gume da peça, cujo ângulo é de 80°.

Dimensões: Comprimento: 154 mm, Largura: 98 mm, Espessura: 33 mm.

Figura 19 – Doação 14 (D 14): Lâmina de machado polido.

Doação 15 (D 15)

Descrição: lâmina de machado polido.

Doador e data de coleta/doação: Neto Ribeiro.

Análise: Lâmina de machado polido de andesito, com forma básica retangular, porém, na porção do talão apresenta um estrangulamento e adelgaçamento da peça, para melhor fixação do cabo. A cinta de estrangulamento mede 49 x 13 mm. A seção da peça é elíptica. O gume concentra-se exclusivamente na porção distal e se encontra intensamente desgastado, conformando a este um ângulo obtuso de 110°.

Dimensões: Comprimento: 132 mm, Largura: 59 mm, Espessura: 50 mm.

Figura 20 – Doação 15 (D 15): Lâmina de machado polido.

Doação 16 (D 16)

Descrição: lâmina de machado polido.

Doador e data de coleta/doação: Desconhecidos.

Análise: Lâmina de machado polido de riodacito, variante do tipo "âncora", tende a ter uma forma trapezoidal, mas com um estrangulamento próximo ao talão, o qual mede 71 x 16 mm, conferindo duas reentrâncias laterais à peça. O talão apresenta um contorno convexo. A seção é elíptica. A superfície encontra-se bem polida, exibindo lustro. O formato da porção mediana ao gume é trapezoidal e mede 69 x 99 mm. O gume concentra-se apenas na extremidade distal, com um ângulo de 90°. Próximo ao gume, a superfície da peça sofre uma queda angular, porém, não sabemos se este traço é uma característica do acabamento final dado pelo artesão ou, se foi provocado por um processo de reavivamento do gume.

Dimensões: Comprimento: 131 mm, Largura: 100 mm, Espessura: 34 mm.

Figura 21 – Doação 16 (D 16): Lâmina de machado polido.

Doação 17 (D 17)

Descrição: lâmina de machado polido.

Doador e data de coleta/doação: Desconhecidos.

Análise: Lâmina de machado polido de riodacito tipo petaliforme. As superfícies encontram-se bem polidas, conferindo um lustro à peça, do gume à porção mediana; por outro lado, do talão à porção mediana a superfície é picoteada, certamente um indicativo de que a peça era encaixada em um cabo escavado. A extremidade proximal ou do talão apresenta um contorno convexo, quase plano. O gume da peça se encontra na porção distal, com um ângulo de 80°.

Dimensões: Comprimento: 150 mm, Largura: 56 mm, Espessura: 40 mm.

Figura 22 – Doação 17 (D 17): Lâmina de machado polido.

Doação 18 (D 18)

Descrição: Rodela de fuso de cerâmica.

Doador e data de coleta/doação: Mário Mendes?

Análise: Rodela de fuso modelada de seção bi-convexa. Apresenta um diâmetro de 47 mm, espessura de 10 mm e um furo central com diâmetro de 4 mm. O antiplástico da pasta é mineral combinado com o caco moído e o cauixí, estes apresentando uma espessura entre 1-3 mm. Os antiplásticos minerais são representados pelo quartzo, hematita e a mica, porém, o primeiro se destaca em relação aos demais. A pasta é plástica, ou seja, apresenta de 10 a 30 % de antiplástico em sua composição. A técnica de construção é a modelada. A queima é oxidante do tipo 3, com um núcleo enegrecido ladeado de faixas oxidadas. A peça exibe tratamento de alisamento em ambas as faces, além de manchas de queima escurecidas pelo contato dos tições de lenha durante o processo de queima. O lábio é apontado com 4 mm de espessura e, ao longo de sua linha, há uma decoração plástica entalhada no motivo de uma linha unitária simples com múltiplos entalhes verticais, eqüidistantes 2,5 mm entre si

Figura 23 – Doação 18 (D 18): rodela de fuso.

Doação 19 (D 19)

Descrição: Rodela de fuso de cerâmica.

Doador e data de coleta/doação: Desconhecidos.

Análise: Rodela de fuso modelada de seção bi-convexa. Apresenta um diâmetro de 48 mm, espessura de 27 mm e um furo central com diâmetro de 4 mm.

O antiplástico da pasta é mineral combinado com o caco moído e o cauxí (preponderante), estes apresentando uma espessura entre 0-1 mm. Os antiplásticos minerais são representados pelo quartzo, hematita e a mica, porém, o primeiro se destaca em relação aos demais. A pasta é plástica, ou seja, apresenta de 10 a 30 % de antiplástico em sua composição. A técnica de construção é a modelada. A queima é oxidante do tipo 1, com um núcleo amarelado. A peça exibe tratamento de alisamento em ambas as faces, as quais se encontram com pátina. O lábio é apontado com 6 mm de espessura.

Figura 24 – Doação 19 (D 19): rodela de fuso.

Doação 20 (D 20)

Descrição: lâmina de machado polido.

Doador e data de coleta/doação: Neto Ribeiro.

Análise: Lâmina de machado polido de diorito, fragmentada, pertencente à porção do gume à mediana. Sua forma básica é retangular, mas apresenta um estrangulamento central, conformando uma cinta picoteada de 67 x 16 mm, bem como duas reentrâncias laterais à peça. A seção da peça é elíptica e o polimento de sua superfície é quase com lustro. A porção do gume ao estrangulamento apresenta uma forma semi-elíptica e mede 70 x 73 mm. O contorno do gume é convexo e acompanha todo o contorno da peça, exibindo um ângulo de 110°.

Dimensões: Comprimento: 152 mm, Largura: 74 mm, Espessura: 44 mm.

Figura 25 – Doação 20 (D 20): lâmina de machado polido.

Doação 21 (D 21)

Descrição: mão de mó polida.

Doador e data de coleta/doação: Elielcio Pereira Bueno.

Análise: Mão de mó polida de diorito, porém, apresenta uma superfície intemperizada, áspera ao toque. Sua seção é levemente elíptica, quase circular. A superfície da extremidade distal ou ativa é convexa; enquanto a extremidade proximal é terminada em ponta ou cone. Provavelmente recebeu um polimento incipiente, visto que em toda sua superfície se observa pontos de picoteamento.

Dimensões: Comprimento: 200 mm, Largura: 67 mm, Espessura: 62 mm.

Figura 26 – Doação 21 (D 21): mão-de-mó polida.

Doação 22 (D 22)

Descrição: mão de mó picoteada.

Doador e data de coleta/doação: Desconhecidos.

Análise: Mão de mó picoteada de andesito, porém, apresenta uma superfície intemperizada, áspera ao toque. Sua seção é elíptica. A superfície da extremidade distal ou ativa é convexa; enquanto a extremidade distal é terminada em ponta ou cone.

Dimensões: Comprimento: 132 mm, Largura: 58 mm, Espessura: 44 mm.

Figura 27 – Doação 22 (D 22): mão-de-mó picoteada.

Doação 23-a (D 23-a)

Descrição: Urna funerária proveniente da localidade da Ponta do Aterro, Vila Bela da Santíssima Trindade. Possivelmente associa-se a indústria da *Cerâmica Capão do Canga*. É possível que esteja relacionada ao contexto do sítio MT-GU-02/96 (21K 0183295/8217896) registrado por Oldemar Blasi e Miguel Gleiser (SPVS 1997 b: 86).

Doador e data de coleta/doação: doada ao museu por intermédio do fotógrafo e documentarista Mário M. C. Friedlander. 2005

Análise: grande vasilhame com mais de 50% de integridade, apresenta uma espessura de 10 mm. O antiplástico é uma combinação do mineral, caco moído (até 4 mm) e cauixí (preponderante), com uma espessura máxima de 3-5 mm. Os antiplásticos minerais são representados pelo quartzo, hematita e a mica, porém, o primeiro se destaca em relação aos demais e, o último ocorre sob a forma de traços. A pasta é plástica com um percentual de 10-30% de antiplástico. A técnica de construção é a acordelada com superposição dos roletes. A queima é redutora do tipo 7, em cuja seção transversal há um núcleo espesso enegrecido ladeado de finas camadas oxidadas, decorrente de um resfriamento rápido ao ar durante a queima redutora. A superfície externa apresenta um tratamento de banho vermelho, enquanto a interna encontra-se erodida. A borda apresenta morfologia *direta* com uma inclinação de borda do tipo *inclinada interna*, o lábio encontra-se fragmentado. O vasilhame é circular e apresenta boa simetria, com uma inflexão na porção do bojo, conferindo-lhe um contorno composto, de modo que, a partir desta linha a parede inclina-se internamente (Forma CG 3). Sua base é convexa. Diâmetro máximo da peça: 1420 mm; altura máxima da peça: 1400 mm; circunferência máxima da peça: 4459 mm; altura da base à inflexão: 800 mm.

Doação 23-a (D 23-a)

Figura 28 – Doação 23-a (D 23-a): Urna funerária proveniente da localidade da Ponta do Aterro, Vila Bela da Santíssima Trindade

Doação 23-b (D 23-b)

Descrição: fragmento de vasilhame utilizado como a tampa da urna funerária proveniente da localidade da Ponta do Aterro (Doação 23-a), Vila Bela da Santíssima Trindade. Possivelmente associa-se à indústria da Cerâmica Capão do Canga.

Doador e data de coleta/doação: doada ao museu por intermédio do fotógrafo e documentarista Mário M. C. Friedlander. 2005

Análise: fragmento pertencente à porção do fundo de um vasilhame, possivelmente uma tigela funda. Apresenta uma espessura de 11 mm. O antiplástico é uma combinação do mineral, caco moído e cauixí (quase como traço), com uma espessura máxima de 1-3 mm. Os antiplásticos minerais são representados pelo quartzo, hematita e a mica, porém, o primeiro se destaca em relação aos demais e, o último ocorre sob a forma de traços. A pasta é plástica com um percentual de 10-30% de antiplástico. A técnica de construção é a acordelada com superposição dos roletes. A queima é redutora do tipo 7, em cuja seção transversal há um núcleo espesso enegrecido ladeado de finas camadas oxidadas, decorrente de um resfriamento rápido ao ar durante a queima redutora. A face externa encontra-se erodida, a interna muito bem alisada, mas apresenta pontos isolados de descamação e, manchas de fuligem nas porções alisadas. Segundo Henrickson e McDonald (1983: 639), vasilhames com formatos de tigelas fundas poderiam ter a função de tampas para grandes vasilhames de função de armazenagem. Seus fragmentos encontravam-se dentro da urna, mesclada com fragmentos ósseos e sedimentos, quando esta foi escavada e removida por curiosos.

Doação 23-b (D 23-b)

Figura 29 – Doação 23-b (D 23-b): Tijela componente como tampa da urna funerária proveniente da localidade da Ponta do Aterro, Vila Bela da Santíssima Trindade.